O FENÓMENO INTERNACIONAL

A família perfeita tem apenas uma regra:
Nunca espreitar por trás das portas.



O SEGREDO DA CRIADA

FREIDA McFADDEN

alma dos livros

Dear Portuguese readers,
Thank you so much to everyone
who read The Housemaid!
Please enjoy the continuation
of Millie's adventures in
The Housemaid's Secret!

Best wishes,
Freida McFadden

Dear Portuguese readers,
Thank you so much to everyone
who read The Housemaid!
Please enjoy the continuation
of Millie's adventures in
The Housemaid's Secret!

Best wishes,
Freida McFadden

FREIDA McFADDEN

O SEGREDO DA CRIADA

Tradução de
Carla Ribeiro

alma dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2023 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
Copyright © Freida McFadden, 2023
Primeiramente publicado na Grã-Bretanha em 2023 por Storyfire Ltd,
comercializado como Bookouture.
Título: *O Segredo da Criada*
Título original: *The Housemaid's Secret*
Autora: Freida McFadden
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: André Carvalho
Paginação: Maria João Gomes
Design de capa: Lisa Horton
Arranjo de capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Depósito legal: 519654/23
1.ª edição: Setembro de 2023

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.
Este livro é uma obra de ficção.
Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Prólogo

Esta noite, serei assassinada.

Os relâmpagos fulguram à minha volta, iluminando a sala de estar da pequena cabana onde vim passar a noite, e onde a minha vida em breve alcançará um fim abrupto. Mal consigo distinguir as tábuas do soalho sob os meus pés e, por uma fração de segundo, imagino o meu corpo estendido sobre essas tábuas, uma poça vermelha a alastrar debaixo de mim num círculo irregular, infiltrando-se na madeira. Os meus olhos abertos, a olhar para o nada. A minha boca ligeiramente entreaberta, um fio de sangue a escorrer-me pelo queixo.

Não. *Não*.

Esta noite não.

Assim que a cabana volta a ficar às escuras, tateio às cegas diante de mim, afastando-me do conforto do sofá. A tempestade é forte, mas não o suficiente para deitar a luz abaixo. Não, outra pessoa é responsável por isso. Alguém que já tirou uma vida esta noite e espera que eu seja a próxima.

Tudo começou com um simples trabalho de limpeza. E agora pode acabar com o meu sangue a ser esfregado do chão da cabana.

Espero que outro relâmpago me mostre o caminho e avanço cautelosamente em direção à cozinha. Não tenho um plano em mente, mas a cozinha contém possíveis armas. Há um bloco inteiro de facas lá dentro – e, à falta disso, até um garfo pode ser útil. Só com as minhas mãos estou perdida. Com uma faca talvez as minhas hipóteses possam ser ligeiramente melhores.

A cozinha tem umas grandes janelas fixas que deixam entrar um pouco mais de luz do que no resto da cabana. As minhas pupilas dilatam-se, esforçando-se por absorver o máximo possível. Cambaleio em direção à bancada da cozinha, mas, ao fim de três passos no linóleo, os meus pés escorregam debaixo de mim e caio violentamente ao chão, batendo com o cotovelo com tanta força que me vêm as lágrimas aos olhos.

Ainda que, para ser justa, já as tivesse antes.

Ao tentar levantar-me, percebo que o chão da cozinha está molhado. Surge um

novo relâmpago e olho para as minhas mãos. Estão ambas manchadas de carmesim. Não escorreguei numa poça de água ou em leite derramado.

Escorreguei em sangue.

Por um momento, fico ali sentada, a fazer um inventário do meu corpo. Nada me dói. Continuo intacta. O que significa que o sangue não é meu.

Ainda não, pelo menos.

Mexe-te. Já. É a tua única hipótese.

Desta vez, tenho mais sucesso na minha tentativa de me levantar. Chego à bancada da cozinha, soltando um suspiro de alívio no momento em que os meus dedos estabelecem contacto com a superfície fria e dura. Tateio em busca do bloco de facas, mas não o consigo encontrar. *Onde está*?

E, então, oiço os passos a aproximarem-se. É difícil ajuizar, sobretudo por estar tudo tão escuro, mas tenho quase a certeza de que agora está mais alguém na cozinha comigo. Todos os pelos do meu pescoço se eriçam quando um par de olhos me trespassa.

Já não estou sozinha.

O meu coração cai-me aos pés. Cometi um erro de discernimento incrivelmente grave. Subestimei uma pessoa extremamente perigosa.

E agora vou pagar o derradeiro preço.

PRIMEIRA PARTE

1

MILLIE

Três meses antes

Ao fim de uma hora a esfregar, a cozinha de Amber Degraw está praticamente imaculada.

Tendo em conta que, tanto quanto consigo perceber, Amber parece fazer quase todas as suas refeições em restaurantes da zona, não parece que seja propriamente um esforço necessário. Se tivesse de apostar dinheiro, diria que nem sequer sabe como ligar o seu sofisticado forno. Tem uma bela e enorme cozinha cheia de eletrodomésticos, que estou bastante certa de que não usou nem uma vez. Tem um robô de cozinha, uma arrozeira, uma fritadeira sem óleo e até uma coisa chamada *desidratador*. Parece algo contraditório que alguém com oito tipos diferentes de hidratante na sua casa de banho tenha também um desidratador, mas quem sou eu para julgar?

Pronto, está bem, julgo um *bocadinho*.

Mas esfreguei cuidadosamente cada um desses eletrodomésticos não utilizados, limpei o frigorífico, guardei várias dúzias de pratos e esfreguei o chão até ficar suficientemente brilhante para quase ver nele o meu reflexo. Agora, só me falta arrumar a última pilha de roupa lavada e o apartamento *penthouse* dos Degraw ficará oficialmente impecável.

– Millie! – A voz ofegante de Amber faz-se ouvir na cozinha, e eu limpo um pouco de suor da testa com as costas da mão. – Millie, onde *está*?

– Aqui! – grito, apesar de ser bastante óbvio onde estou. O mega apartamento, que fundiu dois apartamentos contíguos num só, é grande, mas não é assim *tão* grande. Se não estou na sala de estar, é quase certo que estou na cozinha.

Amber entra na divisão, com o seu habitual aspeto impecavelmente elegante, num dos seus muitos, *muitos*, vestidos de marca. Este é estampado em zebra, com um profundo decote em V e mangas a afunilar junto aos seus pulsos esguios.

Combinou o vestido com umas botas de zebra a condizer e, embora esteja tão dolorosamente linda como sempre, parte de mim não sabe ao certo se a deva elogiar pelo visual ou caçá-la num safari.

– Aí está! – diz, com um laivo de acusação na voz, como se eu não estivesse exatamente onde devia estar.

– Estou mesmo a acabar – respondo. – Vou só buscar a roupa lavada e…

– Na verdade – interrompe-me Amber –, quero que fique.

Encolho-me por dentro. Faço limpezas para Amber duas vezes por semana, mas também faço outros trabalhos, incluindo tomar conta da sua filha de nove meses, a Olive. Tento ser flexível porque o salário é fantástico, mas ela não é muito boa a pedir com antecedência. Parece que todos os meus trabalhos como ama nesta casa são na base da informação estritamente necessária. E, aparentemente, não preciso de saber nada até cerca de vinte minutos antes de acontecer.

– Tenho uma pedicura – diz, com toda a gravidade com que alguém me poderia informar de que vai para o hospital ser operado ao coração. – Preciso que fique de olho na Olive na minha ausência.

A Olive é uma menina doce. Não me importo minimamente de tomar conta dela – geralmente. Na verdade, há alturas em que de bom grado aproveitaria a oportunidade de ganhar algum dinheiro ao exorbitante preço por hora que Amber me paga, e que me permite manter um teto sobre a minha cabeça e comer algo que não tenha sido pescado de um caixote do lixo. Mas, neste momento, não posso.

– Tenho aulas daqui a uma hora.

– Oh! – Amber franze o sobrolho, voltando depois rapidamente a adotar uma expressão neutra. Da última vez que cá estive, disse-me que tinha lido um artigo sobre como sorrir e franzir o sobrolho são as principais causas de rugas, pelo que tenta manter-se sempre o mais inexpressiva possível. – Não pode faltar? Não têm as palestras gravadas? Ou alguma transcrição que possa pedir?

Não, não têm. Além do mais, já faltei a duas aulas nas duas últimas semanas devido a pedidos de última hora de Amber para tomar conta da bebé. Estou a tentar tirar a minha licenciatura, e preciso de uma nota decente nesta disciplina. E, seja como for, gosto da cadeira. Psicologia Social é divertido e interessante. E uma avaliação positiva é crucial para o meu curso.

– Não lhe pediria – diz Amber –, se não fosse importante.

A sua definição de importante deve divergir da minha. Para mim, «importante» é acabar a faculdade e obter aquele diploma de Serviço Social. Não sei muito bem como pode uma pedicura ser assim tão importante. Quer dizer, ainda esta-

mos no fim do inverno. Quem lhe vai sequer *ver* os pés?

– Amber – começo a dizer.

Como que seguindo a deixa, um choro agudo emerge da sala de estar. Embora não esteja oficialmente a tomar conta da Olive neste momento, costumo manter-me de olho nela sempre que estou aqui. Amber leva a Olive três vezes por semana a um grupo de brincadeira com as amigas e parece passar o resto do tempo a planear maneiras em como se ver livre dela. Queixou-se a mim que o Sr. Degraw não a deixa contratar uma ama a tempo inteiro porque ela própria não trabalha, daí ir organizando o cuidado da filha através de uma série de amas temporárias – maioritariamente eu. Em todo o caso, a Olive estava no seu parque quando comecei a limpar e fiquei com ela na sala de estar até o aspirador a adormecer.

– Millie – diz vincadamente Amber.

Com um suspiro, pouso a esponja que segurava; nos últimos tempos, parece ter-se fundido com a minha mão. Lavo as mãos no lava-loiça e limpo-as às minhas calças de ganga.

– Já vou, Olive! – grito.

Quando regresso à sala de estar, a Olive conseguiu erguer-se na beira do parque e chora tão desesperadamente que o seu rostinho redondo ficou vermelho-vivo. A Olive é o tipo de bebé que poderíamos ver na capa de uma revista de puericultura.

É tão perfeitamente querubínica e bela, até aos suaves caracóis louros que estão agora colados ao lado esquerdo da sua cabeça devido à sesta. De momento, não parece assim tão querubínica, mas, ao ver-me, ergue imediatamente os braços e os seus soluços diminuem.

Estendo as mãos para o parque e puxo-a para os meus braços. Ela enterra o seu rostinho molhado no meu ombro, e eu já não me sinto tão mal por faltar às aulas, se tiver de ser. Não sei o que se passa, mas, assim que fiz trinta anos, foi como se um interruptor se tivesse ligado dentro de mim, fazendo-me pensar que os bebés são a coisa mais adorável em todo o universo. Adoro passar tempo com a Olive, apesar de não ser a *minha* bebé.

– Fico-lhe grata, Millie – a Amber está já a vestir o seu casaco e a tirar a sua bolsa *Gucci* do bengaleiro junto à porta. – E acredite, os dedos dos meus pés agradecem-lhe.

Sim, sim.

– Quando volta?

– Não vou demorar – assegura-me, o que ambas sabemos ser uma mentira descarada. – Afinal, sei que a minha princesinha vai sentir a minha falta!

– É claro – murmuro.

Enquanto Amber vasculha a sua bolsa em busca das chaves, do telemóvel ou do pó compacto, a Olive encosta-se mais a mim. Ergue o seu rostinho redondo e sorri-me com os seus quatro minúsculos dentes brancos.

– Ma-mã – diz.

Amber paralisa, a mão ainda dentro da bolsa. Todo o tempo parece parar.

– *O que* foi que ela disse?

Oh, não.

– Disse… Millie?

A Olive, alheia aos problemas que está a causar, sorri-me novamente e volta a balbuciar, desta vez mais alto:

– Mamã!

O rosto de Amber cora sob a base.

– Ela acabou de lhe chamar *mamã*?

– Não…

– Mamã! – exclama alegremente a Olive. *Oh, meu Deus, queres parar com isso, miúda?*

Amber atira a sua bolsa para cima da mesa de café, o rosto torcido numa máscara de raiva que quase de certeza irá causar rugas.

– Anda a dizer à Olive que é mãe dela?

– Não! – exclamo. – Digo-lhe que sou a Millie. *Millie*. De certeza que fica apenas confusa, sobretudo porque sou eu quem…

Ela arregala os olhos.

– Porque passa mais tempo com ela do que eu? Era isso que ia dizer?

– Não! É claro que não!

– Está a dizer que eu sou *má mãe*? – Amber dá um passo na minha direção e a Olive parece alarmada. – Acha que é mais mãe da minha menina do que eu?

– Não! Nunca…

– *Então por que lhe anda a dizer que é mãe dela*?

– Não ando! – O meu exorbitante salário de ama está a ir pelo cano abaixo. – Juro. *Millie*. É só isso que eu digo. Soa como mamã, mais nada. Tem a mesma primeira letra.

Amber respira fundo para se acalmar. Depois dá outro passo na minha direção.

– Dê-me a minha bebé.

– Com certeza…

Mas a Olive não está a facilitar as coisas. Ao ver a mãe avançar para ela de braços estendidos, agarra-se com mais força ao meu pescoço.

– Mamã! – soluça contra a minha garganta.

– Olive – murmuro. – Eu não sou a tua mamã. *Aquela* é a tua mamã – *e está prestes a despedir-me se não me largares.*

– É tão injusto! – exclama Amber. – Amamentei-a durante mais de uma semana! Isso não vale nada?

– Lamento imenso…

Finalmente, Amber arranca a Olive dos meus braços, enquanto a bebé chora desalmadamente.

– Mamã! – grita, estendendo para mim os seus braços gorduchos.

– Ela não é a tua mamã! – diz Amber, repreendendo a bebé. – Eu é que sou. Queres ver as estrias? Essa mulher *não* é tua mãe.

– Mamã! – chora.

– Millie – corrijo eu. – *Millie*.

Mas que diferença faz? Ela não precisa de saber o meu nome. Porque, depois de hoje, nunca mais me deixarão voltar a entrar nesta casa. Estou *tão* despedida.

2

Durante a minha caminhada da estação de comboios para o meu T1 no sul do Bronx, mantenho um braço firmemente apertado sobre a minha bolsa e o outro agarrado à lata de gás-pimenta que tenho enfiada no bolso, mesmo estando em plena luz do dia. Todo o cuidado é pouco neste bairro.

Hoje, sinto-me sortuda por sequer ter o meu pequeno apartamento no meio de um dos bairros mais perigosos de Nova Iorque. Se não conseguir outro emprego em breve para substituir os rendimentos que acabo de perder depois de Amber Degraw me ter dispensado (sem qualquer oferta de uma referência), o melhor que poderei esperar será uma caixa de cartão na rua à porta do decrépito edifício de tijolo onde atualmente vivo.

Se não tivesse decidido ir para a universidade, já poderia ter poupado algum dinheiro por esta altura. Mas, estúpida que sou, decidi tentar melhorar-me.

Enquanto percorro o último quarteirão até ao meu prédio, os meus ténis a chiar contra a lama do passeio, tenho a sensação que está alguém atrás de mim, a seguir-me. Claro que estou sempre em alerta máximo por aqui. Mas há alturas em que sinto com muita força que atraí o tipo errado de atenção.

Neste momento, por exemplo, além de sentir um formigueiro na nuca, oiço passos nas minhas costas. Passos que parecem ir ficando mais altos à medida que caminho. Quem quer que esteja atrás de mim está a aproximar-se.

Mas não me viro. Limito-me a apertar mais o meu sensato casaco preto contra o corpo e a andar mais depressa, passando por um *Mazda* preto com o farol direito rachado, por uma boca-de-incêndio vermelha a verter água por toda a rua e subindo os cinco degraus irregulares de betão até à porta do meu prédio.

Tenho as minhas chaves a postos. Contrariamente ao que acontece no ostentoso prédio de apartamentos dos Degraw no Upper West Side, aqui não há porteiro. Há um intercomunicador e uma chave para abrir a porta. Quando a senhoria, a Sra. Randall, me arrendou o apartamento, deu-me um severo sermão sobre não deixar entrar ninguém atrás de mim. É uma boa maneira de ser assaltada ou

violada.

Enquanto enfio a chave na fechadura, que parece sempre prender, os passos tornam-se novamente mais altos. Passado um segundo, surge sobre mim uma sombra que não posso ignorar. Ergo o olhar e identifico um homem em meados da casa dos vinte, com uma gabardina preta e o cabelo escuro ligeiramente húmido. Parece-me vagamente familiar – sobretudo a cicatriz sobre a sobrancelha esquerda.

– Vivo no segundo andar – relembra-me, ao ver a hesitação no meu rosto. – Segundo C.

– Oh! – respondo, apesar de continuar a não me sentir lá muito entusiasmada com a ideia de o deixar entrar.

O homem tira um molho de chaves do bolso e sacode-as diante do meu rosto. Uma delas tem os mesmos entalhes que a minha.

– Segundo C – repete. – Mesmo por baixo de si.

Acabo por ceder e entrar para deixar que o homem com a cicatriz sobre a sobrancelha esquerda também entre no meu prédio, atendendo a que facilmente o poderia fazer à força se quisesse. Vou à frente, subindo pesadamente os degraus um a um enquanto me interrogo sobre como raios vou pagar a renda do próximo mês.

Preciso de um novo emprego – e já. Durante algum tempo, tive um trabalho a tempo parcial como empregada de bar, do qual estupidamente desisti porque tomar conta da Olive pagava muito melhor e o planeamento de última hora dificultava a conciliação com o segundo emprego. E não é como se fosse fácil para alguém como eu arranjar outro trabalho. Não com o meu historial.

– Belo tempo que temos tido – comenta o homem com a cicatriz sobre a sobrancelha esquerda, seguindo um passo atrás de mim nos degraus.

– Ahã – respondo. A última coisa que me apetece neste momento é falar sobre o tempo.

– Ouvi dizer que vai nevar outra vez na próxima semana – acrescenta.

– Oh?

– Sim. Estão previstos vinte centímetros. Um último viva antes da primavera.

Já nem consigo tentar fingir interesse. Ao chegarmos ao segundo andar, o homem sorri.

– Tenha um bom dia, então – diz.

– Igualmente – murmuro.

Enquanto desce o corredor rumo ao seu próprio apartamento, não posso deixar de pensar no que me disse quando o deixei entrar. *Segundo C. Mesmo por baixo de si*.

Como sabia que eu moro no Terceiro C?

Faço um esgar e subo um pouco mais depressa os degraus até ao meu apartamento. Mais uma vez, tenho as chaves a postos e, mal entro, fecho a porta atrás de mim, rodo a chave na fechadura e corro o ferrolho. Provavelmente, estou a dar demasiada importância ao comentário do homem, mas todo o cuidado é pouco. Sobretudo quando se vive no sul do Bronx.

O meu estômago ronca, mas, mais ainda do que por comida, anseio por um banho quente. Certifico-me de que as persianas estão corridas antes de me despir e saltar para o duche. Sei por experiência própria que há um minúsculo intervalo entre a água sair a ferver ou gelada. Desde que vivo aqui, tornei-me especialista em ajustar a temperatura. Mas pode subir ou descer vinte graus numa fração de segundo, por isso não demoro muito tempo. Preciso só de lavar alguma da sujidade do meu corpo. Ao fim de um dia a andar pela cidade, fica sempre coberto por uma camada de pó preto. Odeio pensar no aspecto que os meus pulmões terão.

Não posso acreditar que perdi aquele emprego. Amber apoiava-se tanto em mim que pensava estar segura pelo menos até a Olive ir para o jardim de infância, talvez mais tempo. Quase começava a sentir-me confortável, como se tivesse um emprego estável e um rendimento com que podia contar.

Agora, tenho de procurar outra coisa. Talvez múltiplos outros empregos para substituir aquele. E não é tão fácil para mim como para a maioria das pessoas. Não posso propriamente pôr um anúncio nas aplicações populares de cuidados infantis, pois todas exigem uma verificação de antecedentes. E, assim que isso acontecesse, quaisquer perspetivas de emprego deixariam de estar em cima da mesa. Ninguém quer alguém como eu a trabalhar em sua casa.

De momento, tenho uma certa falta de referências. Porque, durante algum tempo, os trabalhos de limpeza que eu fazia não eram propriamente só de limpeza. Costumava fazer outro serviço para várias das famílias para quem limpava. Mas já não faço isso. Há anos que não o faço.

Bem, não adianta remoer no passado. Não quando o futuro parece tão sombrio.

Para de ter pena de ti mesma, Millie. Já estiveste em situações piores do que esta e saíste delas.

A temperatura do duche desce bruscamente e eu solto um grito involuntário. Estendo a mão para a torneira e fecho a água. Consegui uns bons dez minutos. Melhor do que estava à espera.

Embrulho-me no meu roupão de felpa, sem me dar ao trabalho de calçar uns chinelos. Deixo um rasto de pequenas pegadas molhadas até à cozinha, que é

apenas uma continuação da sala de estar. No mega apartamento dos Degraw, a cozinha, a sala de estar e a sala de jantar eram todas divisões separadas. Neste apartamento, porém, fundiram-se numa única divisão polivalente que, ironicamente, é muito mais pequena do que qualquer das salas da casa dos Degraw. Até a casa de banho de lá é maior do que todo o meu espaço de habitação.

Ponho uma panela de água ao lume para ferver. Não sei o que vou fazer para o jantar, mas provavelmente será algum tipo de massa cozida, seja *ramen*, esparguete ou espirais. Estou a estudar as minhas opções quando oiço bater à porta.

Hesito, apertando o cinto do meu roupão à volta da cintura. Tiro uma caixa de esparguete do armário.

– Millie! – a voz soa abafada atrás da porta. – Deixa-me entrar, Millie!

Estremeço. Oh, não!

E então…

– Eu sei que estás aí!

3

Não posso ignorar o homem aos murros à minha porta.

Os meus pés deixam atrás de si um rasto de pegadas molhadas enquanto atravesso os poucos metros até à porta. Aproximo a minha vista ao óculo. Está um homem parado do outro lado, de braços cruzados sobre os bolsos do peito do seu fato de trabalho da *Brooks Brothers*.

– Millie – a voz tornou-se um rosnido grave. – Deixa-me entrar. *Já*.

Afasto-me um passo da porta. Por um momento, levo as pontas dos dedos às têmporas. Mas isto é inevitável – tenho de o deixar entrar. Assim, estendo a mão, abro o ferrolho, rodo a chave na fechadura e entreabro cuidadosamente a porta.

– Millie. – Abre o resto da porta e desliza para dentro de minha casa. Os seus dedos rodeiam-me o braço. – Que raio?

Deixo descair os ombros.

– Desculpa, Brock.

Brock Cunningham, com quem tenho andado a sair desde há seis meses, lança-me um olhar.

– Tínhamos planos para jantar esta noite. Não apareceste. E não respondes às mensagens nem atendes o teu telemóvel.

Tem razão em todos os aspetos. Sou basicamente a pior namorada de sempre. Era suposto eu e o Brock encontrarmo-nos num restaurante em Chelsea depois de eu terminar as minhas aulas por hoje, mas, depois de Amber me ter despedido, mal me conseguia concentrar nas aulas – e não me apetecia certamente jantar fora – pelo que vim simplesmente direita a casa. Ainda assim, sabia que se ligasse ao Brock a dizer que não queria ir, sentir-se-ia obrigado a convencer-me – e, enquanto advogado, é superconvincente. Por isso, tinha o plano de lhe enviar uma mensagem de texto a desmarcar, mas fui adiando, e depois estava tão ocupada a sentir pena de mim mesma que me esqueci por completo.

Como disse, pior namorada de sempre.

– Desculpa – repito.

– Estava *preocupado* contigo – diz. – Pensei que talvez algo terrível te tivesse

acontecido.

– Porquê?

Uma sirene ensurdecedora faz-se ouvir do lado de fora da janela, e o Brock olha para mim como se eu tivesse feito uma pergunta muito estúpida. Sinto uma pontada de culpa. Provavelmente, o Brock tinha montes de coisas para fazer esta noite, e eu não só o fiz esperar por mim no restaurante como um idiota, como também o fiz desperdiçar o resto da noite a vir até ao sul do Bronx para se certificar de que eu estava bem.

No mínimo dos mínimos, devo-lhe uma explicação.

– A Amber Degraw despediu-me – digo. – Portanto, estou basicamente lixada.

– A sério? – arqueia as sobrancelhas. O Brock tem as sobrancelhas mais perfeitas que eu alguma vez vi num homem, e estou convencida de que as deve arranjar profissionalmente, ainda que jamais admita tal coisa. – Por que te despediu? Pensava que tinhas dito que não podia funcionar sem ti. Disseste que estavas basicamente a criar-lhe a filha.

– Exato – respondo. – A miúda não parava de me chamar mamã e a Amber passou-se.

O Brock fita-me por um momento. Depois, inesperadamente, desata a rir. De início, fico ofendida. Acabo de perder o meu emprego. Será que não percebe o quanto isso é uma treta?

Mas então, passado um segundo, dou por mim a juntar-me ao riso. Atiro a cabeça para trás e rio-me do ridículo de toda a situação. Lembro-me da Olive a estender os braços para mim e a soluçar «mamã» enquanto a Amber ficava cada vez mais furiosa. Pensei seriamente que lhe ia rebentar um aneurisma no cérebro.

Passado um minuto, estamos ambos a limpar as lágrimas dos olhos. O Brock envolve-me nos seus braços e puxa-me para si, não mais zangado por o ter deixado pendurado. Não se zanga facilmente. A maioria das pessoas contaria isso entre as suas qualidades, embora haja alturas em que eu gostaria que mostrasse um pouco mais de paixão.

De modo geral, porém, estamos no ponto ideal do nosso relacionamento. Seis meses. Haverá melhor altura numa relação do que os seis meses? Sinceramente, não sei, porque é apenas a segunda vez que atinjo esse marco. Mas parece-me que os seis meses são aquela fase perfeita em que largamos o constrangimento do início da relação, mas ainda estamos a mostrar um ao outro o nosso melhor lado.

O Brock, por exemplo, é um atraente advogado de trinta e dois anos de uma fa-

mília abastada. Parece basicamente perfeito. Estou certa de que tem maus hábitos, mas não faço ideia de quais são. Talvez limpe a cera do canal auditivo com o dedo e depois o limpe à bancada da cozinha ou ao sofá. Ou talvez *coma* a cera. Apenas quero dizer que pode ter muitos maus hábitos que eu desconheço, alguns deles não envolvendo sequer a cera dos ouvidos.

Bem, tem *uma* imperfeição. Apesar de ser um jovem robusto, com o rosto corado de saúde, sofre, na verdade, de um problema cardíaco que desenvolveu em criança. Mas não parece afetá-lo minimamente. Toma um comprimido todos os dias e parece não passar daí. Ainda assim, é suficientemente importante para manter um frasco de reserva no meu armário dos medicamentos. E a sua doença e a incerteza quanto à sua esperança de vida deixaram-no um pouco mais ávido de assentar do que a maioria dos homens.

– Deixa-me levar-te a jantar fora – pede o Brock. – Quero animar-te.

Abano a cabeça.

– Só quero ficar em casa a sentir pena de mim mesma. E depois talvez procurar empregos na Internet.

– Agora? Ainda há poucas horas perdeste o teu emprego. Não podes esperar pelo menos até amanhã?

Ergo o olhar para o fulminar.

– Alguns de nós precisam de dinheiro para pagar a renda.

Lentamente, assente.

– Está bem, mas e se não tivesses de te preocupar com a renda?

Tenho um mau pressentimento de que sei onde isto vai dar.

– Brock…

– Vá lá, por que não queres viver comigo, Millie? – pergunta, franzindo o sobrolho. – Tenho um T2 com vista para o Central Park, num prédio onde ninguém te vai cortar a garganta durante a noite. E, seja como for, vais tantas vezes lá a casa…

Não é a primeira vez que me sugere que vá viver com ele, e não posso dizer que os seus argumentos não sejam persuasivos. Se me mudasse para casa do Brock, estaria a viver no colo do luxo e não teria de pagar nem um cêntimo por isso. Não me deixaria contribuir mesmo que eu quisesse. Podia focar-me em obter a minha licenciatura para poder tornar-me assistente social e fazer algum bem no mundo. Parece uma decisão simples.

Sempre que pondero dizer-lhe que sim, contudo, uma voz ao fundo da minha cabeça grita: *Não o faças!*

A voz na minha cabeça é tão persuasiva quanto a do Brock. Há muitos bons

motivos para irmos viver juntos. Mas há uma boa razão para não o fazer. Não faz ideia de quem eu realmente sou. Ainda que ande mesmo a comer a cera dos próprios ouvidos, os meus segredos são muito piores.

Portanto, eis-me aqui, na relação mais normal e saudável da minha vida adulta, e aparentemente decidida a estragar tudo. Mas estou a modos que num dilema. Se lhe contar a verdade sobre o meu passado, pode deixar-me, e eu não quero isso. Mas se não lhe contar…

De uma maneira ou de outra, vai descobrir tudo. Simplesmente não estou preparada para isso.

– Desculpa – digo-lhe. – Como disse, preciso do meu próprio espaço neste momento.

O Brock abre a boca para protestar, mas depois muda de ideias. Conhece-me o suficiente para saber quão teimosa posso ser. Veem? Já está a descobrir alguns dos meus maiores defeitos.

– Diz-me ao menos que vais pensar no assunto.

– Vou pensar no assunto – minto.

4

Vou para a minha décima entrevista de emprego nas últimas três semanas, e começo a ficar nervosa.

Não tenho dinheiro suficiente na conta bancária para cobrir sequer um mês de renda. Sei que é suposto termos uma reserva de seis meses no banco, por via das dúvidas, mas isso funciona melhor na teoria do que na prática. Adoraria ter
uma reserva de seis meses no banco. Raios, adoraria ter uma reserva de *dois* meses. Em vez disso, tenho menos de duzentos dólares.

Não sei o que fiz de errado nas outras nove entrevistas para vagas de empregada de limpeza ou ama. Uma das mulheres garantiu-me abertamente que planeava contratar-me, mas passou uma semana e não ouvi um pio da parte dela. Ou de qualquer uma das outras. Presumo que tenha feito uma verificação de antecedentes e tudo acabou por aí.

Se eu fosse qualquer outra pessoa, podia simplesmente juntar-me a algum tipo de serviço de limpezas e não teria de passar por este processo. Mas todos se recusam a contratar-me. Eu tentei. As verificações de antecedentes tornam isso impossível – ninguém quer alguém com registo criminal em sua casa. É por isso que ponho anúncios na Internet e espero o melhor.

Também não tenho grandes esperanças para a entrevista de hoje. Vou encontrar-me com um homem chamado Douglas Garrick, que vive num prédio de apartamentos no Upper West Side, logo a oeste do Central Park. É um daqueles edifícios góticos com pequenas torres a erguer-se da linha do horizonte. Dá a vaga impressão de que devia estar cercado por um fosso e guardado por um dragão, em vez de ser um local onde se pode simplesmente entrar da rua.

Um porteiro de cabelos brancos abre-me a porta da frente com um inclinar do seu boné preto. Enquanto lhe sorrio, tenho uma vez mais aquela sensação de formigueiro na nuca. Como se alguém me estivesse a observar.

Desde aquela noite em que regressei a casa após ter sido despedida, tive várias vezes essa sensação. Fazia sentido no meu bairro do sul do Bronx, onde prova-

velmente há assaltantes em cada esquina, prontos a atacar se eu aparentasse ter algum dinheiro, mas não aqui. Não num dos bairros mais elegantes de Manhattan.

Antes de entrar no prédio de apartamentos, viro-me para olhar para trás. Há dúzias de pessoas a circular na rua, mas nenhuma me presta atenção. Existem muitas pessoas singulares e interessantes a caminhar pelas ruas de Manhattan, e eu não sou uma delas. Não há razões para alguém estar a olhar para mim.

Então vejo o carro.

É um *Mazda* preto familiar. Provavelmente, há milhares de carros iguais na cidade, mas, ao observá-lo, tenho uma estranha sensação de *déjà vu*. Demoro um segundo a perceber porquê.

O carro tem o farol direito rachado. Tenho a certeza de que vi um *Mazda* preto com o farol direito rachado estacionado perto do meu prédio de apartamentos no sul do Bronx.

Não vi?

Espreito pelo para-brisas. O carro está vazio. Baixo o olhar para ver a matrícula. É de Nova Iorque – nada de entusiasmante aí. Tiro um momento para a memorizar: 58F321. A matrícula não me diz nada, mas, se o voltar a ver, lembrar-me-ei.

– Menina? – chama o porteiro, arrancando-me do meu transe. – Vai entrar?

– Oh! – tusso para a mão. – Sim. Sim, desculpe lá.

Entro no átrio do edifício. Em vez de ter luzes no teto, o vestíbulo é iluminado por candelabros e candeeiros nas laterais das paredes que pretendem assemelhar-se a tochas. O teto baixo curva-se numa cúpula, o que me dá a ligeira sensação de estar a entrar num túnel. Obras de arte adornam as paredes, todas provavelmente de valor incalculável.

– Quem vem visitar, menina? – pergunta-me o porteiro.

– Os Garrick. Vinte A.

– Ah! – pisca-me o olho. – A *penthouse*.

Oh, fantástico – uma família *penthouse*. Por que me dou sequer ao trabalho?

Depois de ligar para cima para confirmar a minha entrevista, o porteiro tem de entrar no elevador e introduzir uma chave especial para eu poder subir à *penthouse*. Depois de as portas do elevador se fecharem, faço um rápido inventário à minha aparência. Aliso o meu cabelo louro, que prendi atrás num puxo simples. Trago o meu melhor par de calças pretas e um colete de malha. Começo a ajeitar o peito, mas então reparo que há uma câmara no elevador e prefiro não proporcionar um espetáculo ao porteiro.

As portas do elevador abrem diretamente para o átrio da *penthouse* dos Garrick. Ao sair, respiro fundo e quase consigo *cheirar* a riqueza no ar. É uma combinação de água de colónia cara e notas de cem dólares novas. Por um momento, fico no átrio, sem saber muito bem se me devo aventurar sem ser formalmente recebida, pelo que, ao invés, foco a minha atenção num pedestal branco exibindo uma estátua cinzenta que é essencialmente apenas uma grande pedra vertical lisa – do tipo que se poderia encontrar em qualquer parque da cidade. Ainda assim, provavelmente vale mais do que tudo o que alguma vez tive no mundo.

– Millie? – oiço uma voz segundos antes de um homem se materializar no átrio. – Millie Calloway?

Foi o Sr. Garrick quem me convidou para a entrevista de hoje. É invulgar ser contactada pelo homem da casa. Quase 100% dos meus principais empregadores no ramo das limpezas têm sido mulheres. Mas o Sr. Garrick parece ansioso por me cumprimentar. Entra apressadamente no átrio com um sorriso nos lábios, de mão já estendida.

– Senhor Garrick? – pergunto.

– Por favor – diz ao deslizar a sua mão forte para a minha –, trate-me por Douglas.

Douglas Garrick parece exatamente o tipo de homem que se esperaria que vivesse numa *penthouse* no Upper West Side. Está no início dos quarenta e é atraente naquele estilo clássico, cinzelado. Veste um fato que parece extremamente caro e tem o cabelo castanho-escuro lustroso e habilmente cortado e arranjado. Os seus profundos olhos castanhos são astutos e estabelecem precisamente a medida certa de contacto visual com os meus.

– Prazer em conhecê-lo… Douglas – digo.

– Muito obrigado por ter vindo hoje – Douglas Garrick sorri com gratidão enquanto me conduz à ampla sala de estar. – Geralmente, é a minha mulher, a Wendy, quem trata das tarefas domésticas. Orgulha-se de tentar fazer tudo sozinha, mas não se tem sentido bem, por isso insisti em arranjar alguma ajuda.

A sua última afirmação parece-me estranha. Normalmente, as mulheres que vivem em apartamentos enormes como este não «tentam fazer tudo» sozinhas. Por regra, têm criadas para as criadas.

– Claro – respondo. – Disse que procurava alguém para cozinhar e limpar…?

Anui.

– As tarefas domésticas gerais, como limpar o pó, arrumar e, claro, tratar da roupa. E preparar as refeições algumas noites por semana. Acha que isso seria um problema?

– De modo algum – estou disposta a aceitar praticamente tudo. – Há muitos anos que limpo apartamentos e casas. Posso trazer os meus próprios produtos de limpeza e…

– Não, isso não será necessário – interrompe-me Douglas. – A minha mulher… A Wendy é muito exigente em relação aos produtos de limpeza. É sensível aos cheiros, sabe? Desencadeiam os seus sintomas. Tem de usar os nossos produtos de limpeza especiais, caso contrário…

– Com certeza – assinto. – Como quiser.

– Maravilhoso. – Os seus ombros relaxam. – E precisaríamos que começasse de imediato.

– Não há problema.

– Ótimo, ótimo – Douglas sorri, apologético. – Porque, como pode ver, esta casa está a modos que uma confusão.

Ao entrar na sala de estar, assimilo o que me rodeia. Tal como o resto do edifício, este apartamento faz-me sentir como se tivesse sido transportada para o passado. Salvo o deslumbrante sofá de cabedal, a maioria da mobília parece ter sido construída há centenas de anos e depois cristalizada no tempo para ser especialmente transportada para esta sala de estar. Se soubesse mais sobre decoração de interiores, talvez fosse capaz de identificar que a mesa de café foi talhada à mão no início do século XX ou que a estante com as portas de vidro veio, sei lá, do período do revivalismo neoclássico francês ou algo assim. Tudo o que sei dizer ao certo é que cada peça custou uma pequena fortuna.

E outra coisa que sei é que este apartamento não está uma confusão. Está o oposto disso. Se começasse a limpar, nem sei bem o que faria. Precisaria de um microscópio para encontrar uma partícula de pó.

– Posso começar quando quiser – digo cuidadosamente.

– Fantástico – responde Douglas, acenando em aprovação. – Apraz-me muito ouvir isso. Porque não nos sentamos para podermos conversar mais a fundo?

Sento-me ao lado de Douglas no sofá modular, afundando-me no cabedal macio. Oh, meu Deus, é a coisa mais agradável que alguma vez senti contra a minha pele. Podia deixar o Brock e casar antes simplesmente com este sofá e todas as minhas necessidades seriam satisfeitas.

O Douglas fita-me atentamente com os seus olhos profundos sob um par de densas sobrancelhas castanho-escuras.

– Fale-me de si, então, Millie.

Aprecio que, desde o início, não tenha havido qualquer indício de sedução na sua voz. Os seus olhos mantêm-se respeitosamente fixos nos meus e não descem

para os meus seios ou pernas. Só por uma vez me envolvi com o meu patrão e nunca, nunca, mais volto a seguir por *esse* caminho. Preferia arrancar os meus próprios dentes com um alicate.

– Bem – pigarreio. – Atualmente, ando na faculdade comunitária. Planeio tornar-me assistente social, mas entretanto trabalho para pagar os estudos.

– Isso é admirável – sorri, mostrando uma fila de dentes brancos e direitos. – E tem experiência a cozinhar?

Aquiesço.

– Cozinhei para muitas das famílias para quem trabalhei. Não sou profissional, mas tive algumas aulas. Além disso… – olho em redor, incapaz de ver quaisquer brinquedos ou sinais de que viva aqui uma criança. – Tomo conta de crianças.

O Douglas estremece.

– Isso não será necessário.

Retraio-me, amaldiçoando a minha grande boca. Não falou em cuidar de crianças. Provavelmente, fiz-lhe lembrar alguns horríveis problemas de infertilidade.

– Desculpe – peço.

Encolhe os ombros.

– Não faz mal. Que tal uma visita guiada?

A *penthouse* dos Garrick envergonha o mega apartamento de Amber. É uma *espécie* completamente diferente de apartamento. A sala de estar é, pelo menos, do tamanho de uma piscina olímpica. Ao canto, há um bar com meia dúzia de bancos *vintage* instalados à volta. Apesar do tema antiquado da sala de estar, a cozinha tem todos os eletrodomésticos mais recentes, incluindo, estou certa, o melhor desidratador do mercado.

– Deve ter aqui tudo o que precisa – diz-me Douglas, varrendo com a mão a vasta extensão da cozinha.

– Parece perfeito – respondo, cruzando os dedos para que o forno traga algum tipo de manual que explique o que faz cada um dos mais de vinte botões no mostrador.

– Excelente – diz. – Agora, deixe-me mostrar-lhe o segundo andar.

Segundo andar?

Os apartamentos em Manhattan *não* têm dois andares. Mas, aparentemente, este tem. Douglas leva-me numa visita guiada ao andar de cima, mostrando-me pelo menos meia dúzia de quartos. O quarto principal é tão grande que preciso de uns binóculos para ver a cama *king size* na outra ponta do espaço. Há uma divisão inteiramente de livros, que me faz vagamente recordar aquela cena de *A Bela e o Monstro* em que a Bela é levada à biblioteca. Outra divisão parece incluir uma pa-

rede cheia de almofadas. Suponho que seja o quarto das almofadas.

Depois de me levar a uma divisão que contém o que deve ser uma lareira artificial, e em que uma das paredes é toda ela uma enorme janela com uma vista arrebatadora do horizonte de Nova Iorque, chegamos a uma derradeira porta. Hesita, o punho erguido para bater.

– Este é o nosso quarto de hóspedes – informa-me. – A Wendy tem estado aqui a recuperar. Provavelmente, devia deixá-la descansar.

– Lamento saber que a sua mulher está doente – digo.

– Tem estado doente durante a maior parte do nosso casamento – explica-me. – Sofre de uma… de uma doença crónica. Tem dias bons e dias maus. Às vezes, é o seu eu habitual, mas por vezes mal consegue sair da cama. E noutros dias…

– Sim…?

– Nada – esboça um sorriso débil. – Seja como for, se a porta estiver fechada, deixe-a simplesmente em paz. Precisa de descansar.

– Compreendo perfeitamente.

Por um instante, Douglas olha fixamente para a porta, uma expressão conturbada no rosto. Toca-lhe com as pontas dos dedos e abana a cabeça.

– Então, Millie – interroga. – Quando pode começar?

5

Em 1964, uma mulher chamada Kitty Genovese foi assassinada. Kitty era uma empregada de bar de vinte e oito anos. Foi violada e esfaqueada por volta das três da manhã a cerca de trinta metros do seu apartamento em Queens. Gritou por socorro, mas, apesar de vários vizinhos a terem ouvido, ninguém foi em seu auxílio. O seu atacante, Winston Moseley, deixou-a fugazmente e regressou passados dez minutos, altura em que a esfaqueou várias outras vezes e lhe roubou cinquenta dólares. A mulher morreu das facadas.

– Kitty Genovese foi atacada, violada e assassinada diante de trinta e oito testemunhas – anuncia o professor Kindred ao auditório. – Trinta e oito pessoas assistiram ao seu ataque e nem uma saiu em seu auxílio ou chamou a polícia.

O nosso professor, um homem na casa dos sessenta cujo cabelo parece estar sempre espetado, fixa em cada um de nós um olhar acusador, como se fôssemos nós as trinta e oito pessoas que deixaram aquela mulher morrer.

– Isto – diz – é o efeito do espectador. É um fenómeno da psicologia social em que os indivíduos têm menor probabilidade de oferecer ajuda a uma vítima quando há outras pessoas presentes.

Os alunos na sala rabiscam os seus apontamentos ou escrevem nos seus portáteis. Eu limito-me a olhar fixamente para o professor.

– Pensem nisto – continua o professor Kindred. – Mais de três dúzias de pessoas permitiram que uma mulher fosse violada e assassinada, limitando-se a assistir sem nada fazer. Isto demonstra perfeitamente a difusão da responsabilidade num grupo.

Remexo-me no meu lugar, imaginando o que faria nessa situação – se olhasse pela minha janela e visse um homem a atacar uma mulher. Não ficaria sentada de braços cruzados, isso é certo. Saltaria pela janela, se fosse preciso.

Não. Não faria tal coisa. Aprendi a controlar-me melhor do que isso. Mas ligaria para o 112. Sairia com uma faca. Não faria nada com ela, mas talvez fosse suficiente para assustar o atacante.

Ao deixar o auditório, ainda me sinto abalada ao pensar naquela pobre rapariga

que foi morta há mais de meio século. Quando saio para a rua, quase passo pelo Brock sem o ver. Tem de correr atrás de mim e de me agarrar no braço.

Pois claro. Fizemos planos para jantar.

– Ei – diz, sorrindo com os dentes mais brancos que eu alguma vez vi. Nunca lhe perguntei se os branqueia profissionalmente, mas deve fazê-lo. Os dentes não podem ser naturalmente assim tão brancos. É inumano. – Vamos celebrar esta noite, certo? O teu novo emprego.

– Certo – consigo esboçar um sorriso. – Desculpa.

– Estás bem?

– Estou só… abalada com a palestra que acabo de ter. Estivemos a ouvir sobre uma mulher nos anos sessenta que foi violada diante de trinta e oito espectadores, que não fizeram nada. Como pôde algo assim acontecer?

– Kitty Genovese, certo? – o Brock faz estalar os dedos. – Lembro-me disso da minha cadeira de Psicologia na Universidade.

– Certo. E é horrível.

– Mas é treta. – Enfia a mão na minha. Tem a palma quente. – A história foi sensacionalizada pelo *New York Times*. Houve muito menos testemunhas do que o *Times* avançou. E, com base na posição dos apartamentos, a maioria não conseguiu ver o que realmente se passava e pensou que era apenas uma discussão entre namorados. E várias *chamaram* mesmo a polícia. Acho que ela estava nos braços de uma vizinha quando a ambulância chegou.

– Oh! – Sinto-me ligeiramente desconfortável, como tantas vezes me acontece quando o Brock sabe mais sobre algo do que eu. O que é bastante frequente, na verdade. Tanto quanto consigo perceber, o homem sabe praticamente tudo. É uma das muitas coisas que o tornam tão perfeito.

– Afinal não é uma história assim tão sensacional, pois não? – O Brock solta-me a mão e passa-me um braço à volta dos ombros. Capto um vislumbre do nosso reflexo na montra de uma loja e não posso deixar de pensar que ficamos bem juntos enquanto casal. Parecemos o tipo de casal que convidaria quinhentas pessoas para o seu casamento e depois compraria uma casa com uma vedação branca nos subúrbios, passando em seguida a enchê-la de filhos. – Seja como for, não devias sentir-te mal por algo que aconteceu há décadas. És simplesmente… demasiado simpática, sabes?

Sempre tive este impulso de ajudar as pessoas que estão em apuros. Infelizmente, às vezes, isso deixa-me a *mim* em apuros. Se ao menos fosse tão simpática quanto o Brock pensa que sou – não faz ideia.

– Desculpa, não o consigo evitar.

– Suponho que é por isso que te queres tornar assistente social – diz, piscando-me o olho. – A menos que eu te consiga convencer a optar por uma carreira mais lucrativa.

Foi o meu último namorado que me convenceu a seguir a carreira da assistência social – para poder ajudar as pessoas necessitadas sem sair dos limites da lei. *Tens sempre de ajudar toda a gente, Millie. É isso que adoro em ti.* Ele compreendia-me verdadeiramente. Infelizmente, já não está por perto.

– Enfim – o Brock aperta-me os ombros. – Não pensemos mais em mulheres que foram assassinadas nos anos sessenta. Fala-me do teu novo emprego.

Ponho-o a par dos pormenores do impressionante apartamento dos Garrick. Quando lhe falo da vista, da localização e do segundo andar, solta um assobio baixinho.

– Esse apartamento deve ter custado uma fortuna – comenta, ao sairmos para a rua, evitando por pouco sermos abalroados por uma bicicleta. Tanto quanto consigo perceber, os ciclistas na cidade não têm o menor respeito pelos semáforos ou pelos peões. – Aposto que pagaram para aí vinte milhões. No mínimo.

– Uau. Achas?

– De certeza. É bom que te estejam a pagar bem.

– Estão. – Quando o Douglas discutiu o preço por hora, quase senti cifrões a saltar-me das órbitas.

– Como disseste que se chamava o tipo que te contratou?

– Douglas Garrick.

– Ei, é o diretor-executivo da Coinstock. – O Brock estala os dedos. – Estive com ele uma vez, quando contratou a minha firma para ajudar com uma patente. É um tipo genuinamente simpático.

– Sim. Pareceu simpático.

Pareceu realmente simpático. Mas não consigo parar de pensar naquela porta fechada no segundo andar. Na mulher que nem pôde sair para me conhecer. Por mais entusiasmada que esteja com este emprego, há algo nessa situação que me deixa inquieta.

– E sabes que mais? – o Brock puxa-me para uma passadeira. O semáforo está a piscar, prestes a ficar vermelho, e conseguimos atravessar mesmo a tempo. – O prédio fica apenas a uns cinco quarteirões de onde eu vivo.

Fica a dica.

Sabia da proximidade entre a *penthouse* e o apartamento do Brock, claro. Retorço-me, sentindo-me tão desconfortável como quando estava na sala de aula. O Brock tornou-se como um cão com um osso. Quer que eu vá viver com ele e não

parece estar disposto a largar o assunto. Simplesmente não consigo sacudir a sensação de que, se realmente me conhecesse, não quereria tal coisa. Adoro estar com o Brock e não quero estragar tudo.

– Brock… – digo.

– Está bem, está bem – revira os olhos. – Olha, não te quero pressionar. Se não estás pronta para ir viver comigo, tudo bem. Mas, para que conste, acho que fazemos uma boa equipa. E, seja como for, já passas metade das tuas noites em minha casa, certo?

– Ahã – respondo, o mais evasivamente possível.

– Além do mais… – mostra-me os seus dentes brancos. – Os meus pais gostariam de te conhecer.

Pronto, agora vou ter de vomitar. Apesar de me andar a importunar para ir viver com ele, mesmo assim, não me passou pela cabeça que tivesse falado de mim aos pais. Mas é claro que falou. Provavelmente, liga-lhes uma vez por semana, aos domingos às oito da noite, para os pôr a par de todos os pormenores pertinentes da sua vida perfeita.

– Oh! – digo debilmente.

– E eu também gostaria de conhecer os teus – acrescenta.

Esta seria uma excelente altura para lhe dizer que estou de relações cortadas com os meus pais. Mas as palavras não saem.

É tão difícil. O último tipo com quem namorei sabia tudo sobre mim desde o início, por isso nunca tive de revelar o meu passado complicado – nunca houve um momento aterrador de pôr as cartas todas na mesa. E, como disse, o Brock é tão… perfeito.

As únicas coisas que não são perfeitas nele são pequenos pormenores insignificantes, como quando deixou o tampo da sanita levantado no meu apartamento. E mesmo isso é algo que só fez uma vez.

O problema do Brock é que está pronto para assentar. E eu, apesar de ter a mesma idade, ainda não cheguei a esse ponto. Além de que não quer esperar. Tem um ótimo emprego na melhor sociedade de advogados e ganha mais do que o suficiente para sustentar uma família. Apesar de a sua última visita ao cardiologista lhe ter passado um atestado de boa saúde, preocupa-o não chegar à longevidade expectável para um homem caucasiano neste país. Quer casar e ter filhos enquanto ainda os pode apreciar.

Eu, entretanto, sinto-me como se ainda estivesse em processo de crescimento. Ainda estudo, afinal. Não estou pronta para casar. Simplesmente… não posso.

– Está tudo bem. – Por um momento, para de caminhar e encara-me. Um ho-

mem que vinha a andar atrás de nós quase colide connosco e pragueja ao seguir o seu caminho. – Não te quero apressar. Mas preciso que saibas que sou louco por ti, Millie.

– Eu também sou louca por ti – respondo.

Toma-me as duas mãos nas suas enquanto me olha nos olhos.

– Na verdade, a modos que te amo.

O meu coração acelera um pouco. Já antes o tinha ouvido dizer que era louco por mim, mas nunca que me amava. Mesmo com um «a modos que» como atenuante.

Abro a boca, sem saber muito bem o que vou dizer. Mas, antes que quaisquer palavras possam sair, tenho aquela sensação de formigueiro na nuca.

Porque me sinto como se estivesse alguém a observar-me? Estarei a perder o juízo?

– Bem – acabo por responder. – Isso é a modos que querido.

Não estou pronta para também o dizer. Não posso dar esse próximo passo na nossa relação quando há tanto sobre mim que o Brock ainda não sabe. Felizmente, não insiste no assunto.

– Anda – diz antes. – Vamos comer *sushi*.

A dada altura, provavelmente também terei de lhe dizer que não gosto de *sushi*.

6

É o meu primeiro dia a trabalhar para os Garrick.

Douglas já disse ao porteiro para me deixar entrar e deixou-me uma cópia da chave para eu poder introduzi-la na ranhura do elevador, que range e geme ao subir os vinte andares. Bem, dezanove. Apesar de o apartamento ser o Vinte A, o prédio não tem décimo terceiro andar. Nada de azar por aqui.

As engrenagens do elevador param com um guincho estridente ao chegar ao meu destino. Mais uma vez, as portas abrem-se para o impressionante apartamento dos Garrick. Apesar de Douglas dizer que vão precisar dos meus serviços várias vezes por semana, o apartamento mal parece necessitar. Tem pó, como todos os apartamentos da cidade, mas, fora isso, está relativamente arrumado.

– Olá? – chamo. – Douglas?

Ninguém responde.

– Senhora Garrick? – tento novamente.

Entro na sala de estar, que mais uma vez me faz sentir como se estivesse numa casa de há um ou dois séculos. Jamais seria capaz de pagar uma única peça desta mobília antiga, mesmo que gastasse todas as minhas poupanças. A maior parte da minha própria mobília veio do passeio à entrada do meu prédio.

Dirijo-me à cornija que está posicionada sobre o que deve ser uma falsa lareira. Há cerca de meia dúzia de fotografias alinhadas. Todas mostram Douglas Garrick e uma mulher magra como um palito de longos cabelos acobreados. Numa estão numa pista de esqui, noutra posam em traje formal, e noutra ainda estão diante do que parece ser uma gruta. Estudo a mulher, provavelmente Wendy Garrick. Pergunto-me se a irei conhecer em breve ou se ficará trancada naquele quarto de cada vez que eu cá vier. Não tenho nenhum problema com isso, contudo – já tive muitos clientes a quem nunca pus a vista em cima durante todo o tempo em que tratei das limpezas.

Um forte baque ecoa no andar de cima e eu afasto-me da cornija com um salto. Não quero que ninguém pense que estava a bisbilhotar. Essa não seria decididamente uma boa apresentação a Wendy Garrick.

Distancio-me da cornija, olhando para o fundo das escadas. Não está ninguém na escadaria e não oiço passos. Não parece que venha aí alguém.

Decido começar a tratar da roupa. Douglas indicou-me o cesto de vime onde guardam a roupa suja no quarto principal. Assim que a máquina estiver a lavar, posso começar a dedicar-me a algumas das outras tarefas.

Subo os degraus de madeira polida até ao enorme quarto principal. No quarto de vestir, encontro o grande cesto de vime que Douglas me mostrou no outro dia. Mas, ao abrir o cesto da roupa suja, fico estupefacta.

No tempo que levo a tratar da roupa de outras pessoas, já vi muitas coisas loucas. Vi roupa que não chegava propriamente ao cesto da roupa suja, ficando antes espalhada num círculo à sua volta. Vi todo o tipo de manchas, de chocolate a óleo, passando por algumas que estou bastante certa de que eram de sangue. Mas nunca tinha visto isto antes.

Toda a roupa suja está *dobrada*.

Por um momento, fico a olhar para ela, tentando perceber se entendi mal. Talvez esta roupa já tenha sido lavada e precise de ser arrumada. Por que haveria a roupa suja de estar dobrada?

Mas este é o cesto que Douglas me mostrou. Por isso tenho de presumir que é de roupa suja que se trata.

Agarro no cesto e saio do quarto principal. Quando vou a descer o corredor em direção às máquinas de lavar e de secar, percebo que a porta do quarto de hóspedes está entreaberta.

– Senhora Garrick? – chamo.

Semicerro os olhos à fresta da porta. Consigo apenas vislumbrar um olho verde. A olhar-me fixamente.

– Sou a Millie – começo a erguer a mão quando percebo que tal não vai ser possível enquanto seguro no cesto da roupa suja, por isso pouso-o. – A sua nova empregada de limpeza.

Começo a dirigir-me à porta, de mão estendida, mas antes de conseguir chegar sequer a meio do caminho, a fresta aberta desaparece. A porta fechou-se de chofre.

Muito bem…

Compreendo que algumas pessoas não são propriamente sociáveis e não gostam *sobretudo* de o ser com o pessoal das limpezas. Mas não podia ao menos ter dito olá? Só para eu não ficar aqui especada no meio do corredor, constrangida?

Por outro lado, é a casa dela. E Douglas disse-me que tem uma doença. Portanto não a vou coagir a vir conhecer-me.

Seria assim tão terrível, porém, se eu lhe batesse à porta e apenas lhe dissesse o meu nome?

Mas não – Douglas disse-me para não a incomodar. Por isso não o farei. Vou acabar de tratar da roupa, fazer-lhes o jantar e depois vou à minha vida.

7

Depois de pôr a roupa a lavar e de dar uma ligeira arrumação ao andar de cima (embora, devo admitir, não haja muito que fazer), desço à cozinha para tratar do jantar.

Felizmente, está uma lista na porta do frigorífico que foi deixada para mim. É uma ementa impressa para a semana, incluindo receitas e instruções específicas para como fazer as compras. Parte do texto é manuscrito – parece ser uma caligrafia mais feminina, mas é difícil dizer. À medida que vou lendo as instruções, começo a ficar cada vez menos entusiasmada com o meu emprego:

O patê deve ser comprado à terça-feira na Oliver's Delicatessen antes das quatro da tarde.

Se só houver terrina disponível, não compre. Nesse caso, compre o patê no François.

O patê deve ser servido em pão camponês obtido no London Market. Corte uma fatia e barre suavemente. Cubra com cornichons*, obtidos no Sr. Royal.*

A única coisa em que consigo pensar é: o que raio é patê? E o que são *cornichons*? Ao menos sei o que é pão. Mas por que tenho de ir a quatro lojas para comprar estes três produtos? E o Sr. Royal é uma pessoa ou um lugar?

O lado positivo é que pouco é deixado à imaginação. As receitas estão organizadas por data, por isso limito-me a procurar o dia de hoje e a começar a preparar o jantar desta noite de…

Galinha de caça da Cornualha. Bem, isto vai ser interessante.

Duas horas depois, tenho a roupa arrumada. A galinha de caça da Cornualha está a assar no forno e cheira bastante bem, se me permitem que o diga. Já pus dois lugares à mesa da sala de jantar, por isso agora estou apenas na cozinha, sem fazer nada enquanto espero que a comida fique pronta. Com sorte, isso coincidirá com a hora da refeição, que é rigorosamente às sete da tarde.

Quando estou mesmo a abrir o forno para ver como está a galinha, as portas do elevador abrem-se com um rangido – ouvem-se a quilómetros de distância. Passos pesados descem o corredor, cada vez mais altos.

– Wendy! – é a voz de Douglas a ecoar pelo apartamento. – Wendy, cheguei!

Dirijo-me à entrada da cozinha e olho para a escadaria de acesso ao segundo andar. Espero um momento, à escuta do som da porta do quarto de hóspedes a abrir, esperando captar por fim um vislumbre da infame Sra. Garrick, mas não oiço nada.

– Olá. – Limpo as mãos às calças de ganga ao sair da cozinha. – O jantar está quase pronto, prometo.

Douglas está de pé na sala de estar, de olhos postos na escadaria.

– Excelente. Muito obrigado, Millie.

– Não tem de quê. – Sigo-lhe o olhar escadas acima. – Quer que vá buscar a senhora Garrick?

– Hum… – Olha para os dois lugares à mesa de jantar em carvalho ao estilo vitoriano, onde parece que se poderia ter servido a própria rainha. – Tenho um pressentimento de que não se vai juntar a mim esta noite.

– Quer que lhe leve um prato lá acima?

– Não é preciso. Eu levo – esboça um sorriso de esguelha. – Ainda deve estar a sentir-se em baixo, de certeza.

– É claro – murmuro. – Deixe-me ir tirar a comida do forno.

Apresso-me a regressar à cozinha para ver como está a comida. Tiro uma galinha de caça da Cornualha do forno e tem um aspeto bastante incrível. Quer dizer, tendo em conta que nunca a tinha cozinhado antes ou sequer ouvido falar nela a não ser de forma completamente teórica.

Demoro outros dez minutos a cortar a estúpida coisa de acordo com as instruções específicas, mas finalmente obtenho dois belos pratos de comida. Levo-os para a sala de jantar, mesmo a tempo de ver Douglas a descer o lanço de escadas.

– Como está ela? – pergunto ao pôr os pratos na mesa.

Por um momento, fica calado, como que a ponderar a resposta.

– Não é um bom dia.

– Lamento muito.

Encolhe um ombro.

– É o que é. Mas obrigado pela sua ajuda hoje, Millie.

– Sem problemas. Quer que leve o prato à senhora Garrick?

Não sei se é imaginação minha, mas os lábios de Douglas crispam-se ante a minha sugestão.

– Já se ofereceu, e eu disse que o faria, não foi?

– Sim, mas… – interrompo-me antes que diga algo estúpido. Deve achar que estou a ser metediça, e não está inteiramente enganado. – Enfim, tenha uma boa noite.

– Sim – responde vagamente. – Boa noite, Millie. Mais uma vez, obrigado.

Agarro no meu casaco e dirijo-me aos elevadores. Sustenho a respiração, esperando que as portas se fechem, e então deixo descair os ombros. Não sei o que é, mas há algo naquele apartamento que me faz sentir inquieta.

8

– Talvez – diz o Brock – seja uma vampira. E não possa sair do quarto durante o dia ou transforma-se em pó.

Contei tudo ao Brock sobre a família Garrick e, durante uma bebida pós-jantar no seu apartamento, sugere-me algumas explicações *nada* úteis para o porquê de eu lá ter estado meia dúzia de vezes e Wendy Garrick nunca ter saído daquele quarto de hóspedes, apesar de eu ter a certeza de que está lá dentro. Aquela vez em que a porta se entreabriu foi o mais perto que estive de a ver.

– Não é uma vampira – digo, enfiando as pernas debaixo de mim no sofá do Brock.

– Não sabes isso.

– Sei. Porque os vampiros não existem.

– Um lobisomem, então?

Dou-lhe uma palmada no braço que quase o faz entornar o copo de vinho que tem na mão.

– Isso nem sequer faz sentido. Por que teria ela de ficar no quarto se fosse um lobisomem?

– Está bem, então talvez… – diz, pensativo. – Talvez tenha uma pequena fita verde à volta do pescoço e, se alguém a desatar, cai-lhe a cabeça?

Bebo um gole do vinho caro que o Brock me serviu. As garrafas caras são de longe melhores do que as baratas, mas nunca consigo detetar todas as notas subtis de melada ou lavanda ou seja lá o que for. Está sempre a perguntar-me, pelo que agora minto e digo-lhe que as consigo sentir, mas não consigo realmente. Estou a *fingir* o vinho.

– Tenho um pressentimento estranho – observo. – Só isso.

– Bem, já te dei todas as minhas melhores ideias – rodeando-me com o braço, puxa-me mais para si. – Portanto, se não é uma vampira, um lobisomem ou uma cabeça cortada, o que achas *tu* que se passa?

– Eu… – Pouso o meu copo de vinho na mesa de café e mordo o lábio inferior. – Sinceramente, não faço ideia. É só um mau pressentimento.

Por um momento, o Brock parece distraído, olhando para o meu copo quase cheio em cima da mesa.

– Não vais acabar isso?

– Não sei. Acho que não.

– Mas é um *Giuseppe Quintarelli* – diz, como se isso explicasse absolutamente tudo.

– Suponho que não tenho sede.

– Sede? – Parece traumatizado com a minha afirmação. – Millie, não se bebe vinho por se estar com sede.

– Está bem. – Agarro no copo e bebo outro gole. Às vezes, pergunto-me por que anda sequer comigo, além de, segundo diz, me achar bonita. Age como se tivesse imensa sorte por estar comigo. Mas isso é de loucos. Não sou eu o bom partido. Ele é que é. – Tens razão. É muito bom.

Acabo o resto do copo de vinho, mas a verdade é que passo todo esse tempo a pensar nos Garrick.

9

Adquiri o hábito de me pôr à escuta de cada vez que passo pela porta do quarto de hóspedes.

É bisbilhotar. Sei que sim – não o nego –, mas não consigo evitar. Há um mês que trabalho para os Garrick e ainda não conheci oficialmente Wendy Garrick. Ouvi ruídos vindos daquele quarto, ainda assim. E, em pelo menos três ocasiões, vi a porta entreaberta. Mas fechou-se sempre antes que eu me conseguisse apresentar.

Não seria um eufemismo dizer que a minha imaginação anda em roda viva. Vi muitas coisas estranhas nos meus anos a limpar casas. E muitas coisas más. Houve um período em que costumava tentar resolver algumas dessas coisas más. Mas há já muito tempo que não o faço.

Desde que o Enzo partiu.

Quando vou a descer o corredor, oiço nitidamente algo vindo do quarto de hóspedes. Geralmente, está tudo bastante sossegado lá dentro, pelo que isto é algo diferente. Paro, de aspirador na mão, e encosto o ouvido à porta. E desta vez consigo ouvir o som com muito mais clareza.

É um choro.

Está alguém a soluçar lá dentro.

Prometi a Douglas que não batia à porta. Mas, por alguma razão, vem-me à cabeça Kitty Genovese. Ainda que o Brock diga que toda a história foi um exagero, sei que acontecem coisas más quando as pessoas normais passam ao largo.

Assim, bato com os nós dos dedos na porta.

Imediatamente, o choro cessa.

– Olá? – chamo. – Senhora Garrick? Sente-se bem?

Não obtenho resposta.

– Senhora Garrick? – repito. – Está bem?

Nada.

Tento uma tática diferente.

– Não saio daqui até ver que está bem. Fico aqui o dia inteiro, se for preciso.

E então fico ali parada, à espera.

Ao fim de alguns segundos, oiço passos suaves atrás da porta. Recuo um passo enquanto esta se entreabre uns cinco centímetros, até eu poder ver aquele olho verde a fitar-me. Com efeito, o branco do olho está manchado por veias vermelhas e a pálpebra está inchada.

– O. Que. Quer? – silva-me a proprietária do olho.

– Sou a Millie – digo. – A sua empregada de limpeza.

Não reage a isso.

– E ouvi chorar – acrescento.

– Estou bem – responde firmemente.

– Tem a certeza? Porque eu…

– Estou certa de que o meu marido lhe disse que não me tenho andado a sentir bem. – O seu tom é seco. – Só quero descansar.

– Sim, mas…

Antes que eu possa dizer mais uma palavra, Wendy Garrick fecha-me a porta na cara. Lá se vai a minha intenção de chegar a ela. Pelo menos tentei.

Pesadamente, volto a descer as escadas, arrastando o aspirador comigo. Estou a perder o meu tempo ao tentar sequer envolver-me. Sempre que falo no assunto ao Brock por estes dias, diz-me que tenho de me meter na minha vida.

Estou a guardar o aspirador quando as portas do elevador se abrem com um rangido. Douglas entra na sala de estar, a assobiar baixinho, com outro dos seus fatos dolorosamente caros. Segura um ramo de rosas numa mão e uma caixa retangular azul na outra.

– Olá, Millie. – Parece estranhamente alegre, tendo em conta que a mulher está no andar de cima a soluçar. – Como vai isso? Está quase a terminar?

– Sim… – Não sei bem se devo dizer-lhe o que ouvi. Mas, se a mulher dele está a chorar, deve querer saber, não? – A sua mulher parece um pouco em baixo. Ouvi-a a chorar no quarto.

Manchas vermelhas surgem-lhe nas maçãs do rosto.

– Não… falou com ela, pois não?

Não quero mentir, mas, ao mesmo tempo, disse-me explicitamente para não incomodar a Wendy.

– Não, é claro que não.

– Ótimo. – Os seus ombros relaxam. – É melhor deixá-la simplesmente em paz. Como disse, não está bem.

– Sim, já tinha referido isso…

– E… – Ergue a caixa retangular azul. – Tenho um presente para ela. – Pousa

as flores para poder abrir a caixa de veludo e ergue-a para eu poder espreitar o interior. – Acho que vai adorar isto.

Olho para o conteúdo da caixa. É a pulseira mais bela que alguma vez vi, cravejada de diamantes perfeitos.

– Está gravada – diz com orgulho.

– De certeza que vai adorar.

Douglas agarra nas flores e começa a subir as escadas. Vejo-o desaparecer pelo corredor, seguindo-se o som de uma porta a abrir e a fechar.

Não consigo perceber esta situação. Douglas parece um marido maravilhoso e dedicado. Wendy, por outro lado, nunca sai do quarto. Talvez saia quando eu não estou por perto, mas nunca lhe vi sequer o rosto completo, a não ser nas fotografias.

Há algo de anormal nesta situação, e eu não sei o que é.

Mas, como diz o Brock, não tenho nada a ver com isso. Devia simplesmente esquecer.

10

Passa por cá esta noite?

Apesar de já ter combinado com Douglas passar esta noite pela *penthouse* para levar as compras e limpar, confirma sempre com uma mensagem de texto. É extremamente organizado. Tendo em conta o que me estão a pagar, respondo sempre de imediato.

Sim, estarei aí!

Não tenho aulas hoje, pelo que a minha tarde consistirá em ir às compras para os Garrick, seguindo depois para casa deles para lhes limpar a sujidade invisível e preparar o jantar. Há já bem mais de um mês que trabalho para a família e conheço a rotina. Tenho a lista de compras na mão, mas preciso de ir a Manhattan para adquirir tudo o que querem.

Ontem à noite, o Brock pediu-me para ficar em casa dele, e tenho vindo a passar lá muitas noites, pois vive muito perto do apartamento e bastante perto da universidade, mas essa é ainda mais uma razão para dizer não. Se passar mais tempo no seu apartamento, estaremos basicamente a viver juntos. E isso é algo que não posso fazer.

Não ainda, pelo menos. Não até lhe dizer a verdade. Merece ao menos isso.

Mas tenho medo. Medo de que o Brock se passe e me largue na hora se souber tudo sobre mim. E tenho ainda mais medo de que, quando os seus pais ricos e de classe alta descobrirem, o convençam a deixar-me. O Brock é perfeito, a sua família é perfeita, e eu estou tão longe da perfeição que nem sequer tem graça.

A minha última relação foi o oposto de perfeita. E, de alguma forma, isso parecia-me mais adequado. Não sei muito bem o que diz a meu respeito que o meu par ideal fosse um indivíduo como o Enzo Accardi.

O Enzo e eu começámos há quatro anos como amigos, depois de um emprego meu ter acabado de forma extremamente inesperada. Não tinha muitos amigos, pelo que fiquei obscenamente grata pelo seu apoio. Chegámos a um ponto em que passávamos quase todo o nosso tempo livre juntos, além de que ajudámos cerca de uma dúzia de mulheres a escapar das suas relações abusivas. Muitas ve-

zes, tratava-se apenas de obter os recursos adequados, mas noutras tínhamos de ser criativos. O Enzo fazia contactos que lhe permitiam obter novas identidades, telemóveis pré-pagos que não podiam ser localizados e bilhetes de avião para destinos distantes. Tirávamos mulheres das suas relações tóxicas sem termos de recorrer à violência.

Bem, não, isso não é verdade. Para ser inteiramente sincera, houve algumas vezes em que as coisas ficaram um pouco… complicadas. O Enzo e eu combinámos nunca mais falar dessas ocasiões. Fizemos o que tínhamos de fazer.

Foi o Enzo quem me convenceu a voltar para a universidade para tirar uma licenciatura em serviço social. Mal sabia eu que me estava a pôr no caminho para uma vida normal que eu jamais sonhara ser possível para mim. Mesmo com o meu registo criminal, podia conseguir um emprego como assistente social. Podia fazer o que adorava dentro dos limites da lei.

O Brock gosta de dizer que nós os dois fazemos uma boa equipa. Talvez seja verdade. Mas o Enzo e eu éramos realmente uma boa equipa: *trabalhávamos juntos*. Tínhamos uma missão. Além disso, era amável, apaixonado e muito atraente. Sobretudo esta última característica – por mais que tentasse ser sua amiga, era difícil não estar agudamente ciente dos seus atributos mais superficiais. Na altura, odiava estar a desenvolver uma frustrante paixoneta pelo homem.

Então, certa noite, estava no seu apartamento, a partilhar uma caixa de piza entregue pelo nosso restaurante preferido (também, por coincidência, o mais barato). Tínhamos os nossos ingredientes preferidos na piza: *pepperoni* e extra queijo. Lembro-me de o Enzo beber um longo gole da sua garrafa de cerveja e sorrir na minha direção. *Isto é agradável*, disse.

Sim, concordei. É mesmo *agradável.*

Pousou a sua cerveja na mesa de café. Depois de todas as casas que limpara, sentia uma ligeira vertigem sempre que alguém não usava uma base. *Gosto de passar tempo contigo, Millie.*

Não tinha muita experiência com homens, mas a forma como me olhava era inconfundível. E, se dúvidas houvesse, dissiparam-se quando se inclinou para mim e me deu um longo e demorado beijo, com que soube que iria sonhar durante anos no futuro. E, quando os nossos lábios finalmente se separaram, sussurrou: *Talvez possamos passar mais tempo juntos?*

O que mais podia eu dizer senão sim? Mulher alguma seria capaz de recusar um pedido daqueles ao Enzo Accardi.

É engraçado, porque sempre vi o Enzo um pouco como um mulherengo, mas, depois desse primeiro beijo, só tinha olhos para mim. A nossa relação avançou

depressa, mas tudo parecia muito certo. Ao fim de poucas semanas, passávamos já todas as noites um com o outro e, pouco tempo depois, decidimos viver juntos. Simplesmente entendíamo-nos, nós os dois. Entre os estudos e a minha relação com o Enzo, estava mais feliz do que alguma vez tinha estado na minha vida.

Ainda me lembro do dia em que tudo se desintegrou.

Estávamos sentados no nosso sofá, que o Enzo tinha trazido da berma em frente ao nosso prédio, mas estava ainda bastante bom e utilizável (com apenas uma mancha que não conseguíamos identificar, mas não fazia mal, pois limitámo-nos a virar essa almofada ao contrário). Tinha um braço musculado a envolver-me os ombros e estávamos a ver *O Padrinho II*, pois o Enzo ficara recentemente horrorizado ao descobrir que eu não tinha visto a trilogia. *É um clássico, Millie!* Lembro-me de estar aninhada contra o seu corpo, a pensar em como me sentia feliz e também em como o meu namorado era muito mais *sexy* do que o Robert De Niro.

E, então, o telemóvel dele tocou.

A conversa que se seguiu foi inteiramente em italiano, e eu esforcei os ouvidos, tentando captar uma ou duas palavras. *Malata*, repetia, uma e outra vez. Finalmente, introduzi a palavra no meu telemóvel, que a traduziu para mim:

Doente.

Depois de desligar, explicou-me a situação com o sotaque cerrado que às vezes adquiria quando estava stressado ou zangado.

A sua mãe tivera uma apoplexia. Estava no hospital. Tinha de voltar à Sicília para a ver, especialmente porque o pai e a irmã tinham ambos morrido e ele era o único que lhe restava. Fiquei confusa, pois sempre me tinha dito que jamais poderia regressar a casa. Antes de partir, tinha espancado um homem muito poderoso quase até à morte com as próprias mãos, e agora tinha a cabeça a prémio.

Disseste-me que não podias voltar, lembrei-lhe. *Disseste que havia pessoas más que te matariam se regressasses. Não foi isso que disseste?*

Sim, sim, respondeu-me. *Mas já não é um problema. Essas pessoas más… foram despachadas por outras pessoas más.*

O que podia eu fazer? Não podia dizer ao meu namorado que não lhe era permitido ver a própria mãe depois de esta ter acabado de ter uma apoplexia. Assim, dei-lhe a minha bênção e partiu para a ver no dia seguinte. Depois de o acompanhar ao aeroporto e de nos beijarmos durante uns cinco minutos consecutivos antes de passar pela segurança, prometeu-me que regressaria «muito em breve».

Não contava que nunca mais regressasse.

Estou certa de que tencionava voltar – não me teria mentido intencionalmente.

Nos primeiros dias, falávamos por telefone todas as noites, e às vezes ficava bastante escaldante. Sussurrava-me ao telefone o quanto sentia a minha falta e como voltaríamos a estar juntos em breve. Mas, à medida que a doença da mãe se arrastava, foi-se tornando cada vez mais óbvio que não podia partir. E ela não podia vir para cá.

Há um ano inteiro que não lhe tocava ou via o seu rosto quando finalmente lhe perguntei abertamente: *Diz-me a verdade. Quando vais voltar?*

Ele soltou um longo suspiro. *Não sei. Não posso deixá-la, Millie.*

E eu não posso esperar para sempre, disse-lhe eu.

Eu sei, respondeu com tristeza. E depois… *Compreendo o que tens de fazer.*

E foi assim. Foi o fim. De forma assim tão simples, acabara. Portanto, quando alguns meses depois o Brock me convidou para sair, não havia razões para dizer não.

Com o Enzo, a minha vida era uma espécie de aventura excitante, mas agora estou a caminho da vida perfeita e normal que nunca pensei que fosse possível para mim. O Brock não conhece ninguém capaz de desencantar um passaporte falso em vinte e quatro horas – imagino que, se lhe pedisse algo assim, olharia para mim em absoluto choque.

O Enzo conhecia um tipo para *tudo*. Era praticamente o seu lema quando eu lhe pedia ajuda. *Conheço um tipo.*

E, agora, estou a fazer a tarefa mais normal que existe. Ir às compras. Ainda que, em abono da verdade, não haja nada de normal na lista de produtos que Douglas me encarregou de comprar. Ao consultar os primeiros artigos na lista que me enviou esta manhã por mensagem de texto, retraio-me ante a caça ao tesouro em que me está a enviar:

Cidra mão-de-buda
Rebentos de samambaia
Cucamelão
Fisális peruana

Juro por Deus que deve estar a inventar estes nomes. *Cucamelão*? Isso não existe, pois não? Parece nitidamente inventado.

Apertando a lista de compras, agarro no meu casaco e começo a descer as escadas. Não faço ideia de quanto tempo vou levar a encontrar um cucamelão, ou a descobrir sequer do que se trata, por isso é melhor dar-me algum tempo.

Ao chegar ao patamar do rés-do-chão, quase colido de frente com aquele homem que vive por baixo de mim. *Mesmo* por baixo de mim. O da cicatriz sobre a sobrancelha esquerda. Retraio-me ao vê-lo.

– Ei – sorri. Tem um dente de ouro no lugar do segundo incisivo esquerdo que me faz lembrar Joe Pesci em *Sozinho em Casa*, o meu filme preferido em criança. – Está com pressa?

– Sim – esboço um sorriso apologético. – Desculpe.

– Sem problemas. – O seu sorriso expande-se. – Sou o Xavier, a propósito.

– Prazer em conhecê-lo – respondo, evitando claramente dar-lhe o meu primeiro nome.

– Millie, não é?

Bem, essa estratégia falhou. Sinto um desconforto no estômago – este homem sabe exatamente onde vivo e, de algum modo, sabe o meu primeiro nome. Provavelmente o apelido também. Claro que facilmente o pode ter deduzido das nossas caixas do correio.

Continuo a ter a sensação intermitente de que estou a ser observada. Há alturas em que penso que talvez seja tudo da minha cabeça, mas neste momento não tenho assim tanta certeza. O Xavier sabe demasiado a meu respeito. Será possível que…?

Céus, não posso pensar nessa possibilidade agora. Já é suficientemente assustador andar pelas ruas do sul do Bronx sem me preocupar com a possibilidade de o sujeito que vive por baixo de mim me andar a perseguir. Talvez devesse aceitar a oferta do Brock de vivermos juntos. Provavelmente, o Xavier deixar-me-á em paz se eu me mudar para o Upper West Side. E, se não o fizer, terá de se haver com o porteiro de fatinho e chapéu. Ninguém passa por um desses porteiros. Acho que conseguem usar aqueles chapéus como bumerangues, se for preciso.

– O que vai fazer hoje? – pergunta-me o Xavier.

Dirijo-me à saída.

– Apenas umas compras.

– Ah, sim? Quer companhia?

– Não, obrigada.

O Xavier parece ter mais a dizer, mas não lhe dou oportunidade. Passo por ele e saio porta fora. Quer acabe ou não com o Brock, poderei ter de me mudar num futuro próximo. Não me sinto confortável perto deste homem. Tenho o mau pressentimento de que é o tipo de indivíduo que não sabe aceitar um não como resposta.

11

Ao chegar ao apartamento dos Garrick, tenho nos braços quatro sacos a transbordar de compras. Estava a sair-me bem a equilibrá-los até chegar ao último quarteirão, em que estive à beira de deixar cair tudo. Mas, pela graça de Deus, aqui estou, cucamelão incluído. (Existem mesmo e consegui encontrá-los numa mercearia espanhola.)

Felizmente, não tenho de me atrapalhar com o puxador, pois as portas do elevador abrem-se e posso entrar diretamente. Esperava conseguir chegar à cozinha de uma assentada, mas, a meio do caminho, tenho de largar todos os sacos no chão e fazer uma pausa. Se deixasse cair o cucamelão e o partisse, acho que teria de me sentar no chão e chorar.

Enquanto estou na sala de estar, a tentar decifrar a melhor estratégia para levar as compras para a cozinha, oiço um som.

Gritos.

Bem, gritos abafados. Não consigo propriamente ouvir as palavras, mas parece que alguém no quarto de cima está realmente a descarregar. Deixando as compras para trás, chego-me mais perto da escadaria para tentar ouvir o que se passa. E é então que oiço o estrondo.

Parece vidro a partir.

Levo a mão ao corrimão da escadaria, pronta a subir os degraus para me certificar de que está tudo bem. Mas, antes de dar sequer um passo, uma porta bate no andar de cima. Em seguida, passos cada vez mais altos fazem-se ouvir nas escadas, e eu recuo.

– Millie. – Douglas para bruscamente ao fundo das escadas. Veste uma camisa formal e tem o rosto corado, como se a sua gravata estivesse demasiado apertada, apesar de lhe pender frouxa à volta do pescoço. Na mão direita, segura um saco para presentes. – O que faz aqui?

– Eu… – Olho para os quatro sacos de compras. – Trouxe as compras. Ia guardá-las.

Semicerra os olhos.

– Então por que não está na cozinha?

Esboço-lhe um sorriso tímido.

– Ouvi um estrondo. Receei que…

Ao dizer as palavras, vejo um rasgão no tecido da sua elegante camisa formal. E não como se uma costura se tivesse soltado. Tem um violento corte mesmo por cima do bolso do peito.

– Está tudo bem – diz com rispidez. – Eu trato das compras. Pode ir.

– Está bem…

Não consigo desviar os olhos do rasgão na sua camisa. Como terá aquilo ocorrido? O homem trabalha como diretor-executivo – não há trabalhos pesados envolvidos. Poderá ter acontecido agora mesmo, no quarto de hóspedes?

– Além do mais… – Estende o saco para presentes na sua mão direita. – Preciso que devolva isto por mim. A Wendy não o quis.

Aceito o pequeno saco cor-de-rosa. No interior, capto um vislumbre de tecido sedoso.

– Sim, com certeza. O talão está aqui dentro?

– Não, era um *presente*.

– Eu… não creio que o possa devolver sem talão. De onde veio?

Douglas cerra os dentes.

– Não sei. Foi a minha assistente que escolheu. Envio-lhe uma cópia do talão por *e-mail*.

– Se foi a sua assistente que escolheu, não seria mais fácil ser ela a devolver?

Inclina a cabeça na minha direção.

– Desculpe, mas não é o seu *trabalho* fazer recados para mim?

Puxo a cabeça para trás. É a primeira vez desde que comecei a trabalhar aqui que Douglas se dirige a mim com tamanho desrespeito. Sempre achei que parecia um homem relativamente simpático, ainda que stressado e distraído. Agora, percebo que tem um outro lado.

Mas não temos todos?

Douglas Garrick olha-me fixamente. Está à espera que eu saia, mas cada fibra do meu ser me diz que devia ficar. Que devia verificar o andar de cima e certificar-me de que tudo está bem.

Mas, então, Douglas interpõe-se entre mim e a escadaria. Cruza os braços sobre o peito e arqueia-me as suas espessas sobrancelhas. Não vou passar por este homem e, mesmo que o fizesse, tenho um pressentimento que, se batesse à porta do quarto de hóspedes, Wendy Garrick me asseguraria que está ótima.

Portanto, no fim de contas, não há nada que eu possa fazer a não ser partir.

12

Ao percorrer o trajeto de cinco quarteirões entre a estação de metro e o meu prédio, noto uma vez mais aquela sensação de formigueiro na nuca.

Quando a sinto em Manhattan, na sofisticada zona onde trabalho e onde o meu namorado vive, parece-me que estou a ser paranoica. Mas agora, no sul do Bronx, quando o sol já desceu no céu, a paranoia é bom senso. Não me visto para chamar a atenção. Trago umas calças de ganga pelo menos um tamanho acima, umas *Nike* cinzentas que outrora costumavam ser brancas e um casaco que é mais volumoso do que moderno – de cor escura, para se misturar com a noite. Mas, ao mesmo tempo, sou nitidamente uma mulher. Mesmo com o gorro enfiado no cabelo louro e o meu feio casaco acolchoado, a maioria das pessoas identificar-me-ia como tal do fundo do quarteirão.

Acelero o passo, portanto. Além disso, trago uma lata de gás-pimenta no meu bolso. Tenho os dedos fechados em seu redor. Mas a sensação não desaparece até eu ter entrado no edifício e fechado a porta atrás de mim.

É essa a questão. *Nunca* tenho essa sensação de formigueiro quando estou no meu apartamento. Não a tenho quando estou a limpar a *penthouse*. Sinto-a apenas quando estou no exterior, em alturas em que podia realmente estar alguém a observar-me. O que me leva a pensar que a sensação é real.

Ou estou a enlouquecer. Também é uma possibilidade.

O Brock enviou-me uma mensagem a perguntar se eu queria ir a sua casa esta noite e eu disse-lhe que não. Estou demasiado cansada.

Afasto da minha mente quaisquer pensamentos sobre o Brock enquanto tiro algumas cartas da minha caixa do correio – tudo contas. Como é possível eu ter tantas contas? Sinto que sobrevivo à base de praticamente nada. Em todo o caso, estou a enfiar as cartas na minha bolsa quando a fechadura roda na porta do prédio. Passado um segundo, surge uma corrente de ar frio e o homem da cicatriz sobre a sobrancelha esquerda abre caminho para o interior.

Xavier. Foi como disse que se chamava.

– Olá, Millie – diz, num tom demasiado alegre. – Como está?

– Bem – respondo rigidamente.

Rodo nos calcanhares e dirijo-me à escadaria, esperando que fique para trás a ver o seu próprio correio. Não tenho essa sorte. O Xavier corre atrás de mim, tentando acompanhar-me e pondo-se a meu lado.

– Tem planos para esta noite? – pergunta-me.

– Não – respondo, subindo apressadamente as escadas até ao segundo andar. Aí, poderei despedir-me do Xavier.

– Podia ir lá a casa – sugere. – Ver um filme.

– Estou ocupada.

– Não, não está. Ainda agora disse que não tinha planos para esta noite.

Cerro os dentes.

– Estou cansada. Vou apenas tomar um duche e deitar-me.

O Xavier sorri-me, fazendo brilhar o seu dente de ouro às luzes ténues do teto da escadaria.

– Quer companhia para isso?

Viro-lhe costas.

– Não, obrigada.

Chegámos ao patamar do segundo andar, e eu espero que o Xavier vá à sua vida. Mas, em vez disso, continua a subir as escadas a meu lado. Sinto um nó no estômago e levo a mão ao bolso para procurar a minha lata de gás-pimenta.

– Porque não? – insiste. – Vá lá. Não pode gostar realmente daquele betinho rico que a vem sempre cá visitar. Precisa de um homem a sério.

Desta vez, ignoro-o. Dentro de um minuto, estarei no meu apartamento. Só preciso de lá chegar.

– Millie?

Cinco degraus. Mais cinco degraus para subir e estarei livre deste cretino. Quatro, três, dois…

Mas, então, uma mão agarra-me o braço, cravando os dedos em mim.

Não vou conseguir.

13

Ei! – A mão carnuda de Xavier aperta-se com força sobre o meu braço. – Ei!

Retorço-me, mas o seu aperto é como um torno – é mais forte do que parece. Abro a boca, pronta para gritar, mas põe a mão aberta sobre os meus lábios antes que eu possa emitir algum som. A parte de trás da minha cabeça colide com a parede, fazendo-me bater os dentes.

– Então agora já tens algo a dizer? – pergunta-me, com um sorriso escarninho. – Mas antes pensavas que eras demasiado boa para mim. Não é verdade?

Tento sacudi-lo, mas encosta o corpo ao meu de forma a fazer-me sentir a protuberância nas suas calças. Lambe os lábios gretados.

– Vamos lá para dentro divertir-nos um pouco, está bem?

No entanto, cometeu o erro de agarrar o braço errado. Tiro a lata de gás-pimenta e fecho os olhos enquanto a esvazio em cheio no seu rosto. Grita e então, assim que largo o bocal, empurro-o com todas as minhas forças.

Sempre me queixei de como são íngremes os degraus neste edifício, mas, por uma vez, isso é-me vantajoso, pois o Xavier cai pelo lanço de escadas. A dada altura, oiço um estalido repugnante, seguido de um baque quando aterra ao fundo. E, depois, silêncio.

Por um momento, fico ao cimo das escadas, a olhar para o corpo estendido no patamar seguinte. Estará morto? Será que o matei?

Desço os degraus a toda a pressa, parando bruscamente ao fundo. Ainda tenho a lata de gás-pimenta na minha mão direita quando me baixo para ver mais de perto. O seu peito parece continuar a subir e a descer, e então solta um gemido baixo. Ainda está vivo. Nem sequer o deixei totalmente inconsciente.

Que pena. Se alguém merecia um pescoço partido, era este tipo.

Não. Provavelmente é melhor que não esteja morto.

Impulsivamente, puxo o pé atrás e, com todas as minhas forças, pontapeio-o nas costelas. Desta vez, geme mais alto. *Definitivamente* ainda está vivo. Dou-lhe outro pontapé, por via das dúvidas. E depois um terceiro para o caminho. De ca-

da vez que a minha sapatilha estabelece contacto com as suas costelas, sorrio para comigo.

Olho para o lanço seguinte de escadas. Ao primeiro, sobreviveu. Pergunto-me o que aconteceria se caísse por um segundo lanço. Ou talvez um terceiro. Nem parece assim tão pesado. Aposto que conseguia virá-lo e…

Não. Meu Deus, em que estou a pensar?

Não posso fazer isso. Já passei dez anos na prisão. Não vou voltar para lá.

Agarro no meu telemóvel e ligo para o 112. Vou obter a minha justiça, e não será matando este homem.

14

Uma hora depois, a polícia e uma ambulância estão estacionadas à porta do prédio. Não é incrivelmente invulgar ver um carro da polícia estacionado na nossa rua, mas desta vez as luzes estão a piscar.

Tinha esperança de que levassem o Xavier diretamente para a prisão, mas tinha um braço partido, um traumatismo craniano e possivelmente algumas costelas fraturadas. Quando a polícia chegou, começava a ficar mais coerente e até a tentar levantar-se. Ainda bem que chegaram, caso contrário teria tido de procurar algo mais com que o deixar inconsciente.

Irritou-me que nenhum dos meus vizinhos tivesse saído para me ajudar. Apesar do que o Brock disse sobre Kitty Genovese, eu posso dizer com certeza que um homem tentou violar-me no corredor do meu prédio e ninguém veio em meu auxílio. O que se passa com as pessoas? A sério.

Uma agente da polícia fez-me algumas perguntas à chegada, mas depois pediram-me para esperar no meu apartamento enquanto tratavam das coisas. Portanto, é isso que tenho estado a fazer. Liguei ao Brock e disse-lhe que um vizinho me tinha tentado atacar, apesar de ter sido vaga quanto aos pormenores de como escapei. Está a caminho, mas eu não vou a lado algum até ter feito um depoimento formal que faça o Xavier ir para a prisão assim que lhe tratarem do braço partido. Espero que o sacana precise de cirurgia.

Da janela, tenho uma boa vista da ambulância a afastar-se. Tenho estado a assistir a tudo desde que me mandaram voltar para cima. A polícia esteve a falar com alguns dos meus vizinhos lá fora, e passaram muito tempo a conversar com o Xavier na parte de trás da ambulância antes de o levarem. Alguns dos agentes ainda estão a conversar à entrada. Não consigo sequer imaginar o que há a dizer. Um homem atacou-me a segundos da minha própria porta. Parece bastante simples.

E, então, um dos agentes aponta para a minha janela.

Passado um segundo, um dos polícias entra no edifício e eu afasto-me da jane-

la. Limpo as mãos suadas às minhas calças de ganga. Ainda tenho uma marca vermelha no braço, onde o Xavier me agarrou, e a minha nuca lateja ligeiramente de ter batido contra a parede, mas ele está em muito pior forma do que eu.

É o que merece.

Um segundo após as batidas à minha porta começarem, eu abro-a. O agente que lá está ronda os trinta anos ou assim, com demasiada barba no queixo e uma expressão ligeiramente aborrecida. Como se este fosse o quinto sujeito com quem lida esta noite a tentar violar uma mulher nas escadas junto à sua porta da frente.

– Olá – diz. – É a Wilhelmina Calloway?

Retraio-me ante o uso do meu nome completo.

– Isso mesmo.

– Sou o agente Scavo. Posso entrar?

Quando estava na prisão, todas as mulheres diziam que, se um polícia pedir para entrar em nossa casa, temos o direito a dizer não. *Não deixes esses sacanas entrar.* Mas, por outro lado, não estão aqui para me investigar. Opto pelo meio-termo – deixo-o entrar, mas não nos sentamos.

É um polícia diferente da pessoa com quem falei logo a seguir ao incidente. Essa era mulher e abraçou-me. Não creio que este sujeito me vá abraçar. Nem quero.

– Então, tenho de recapitular o que aconteceu esta noite – diz Scavo – entre si e o senhor Marin.

– Tudo bem. – Cruzo os braços sobre o peito, subitamente com frio, apesar de o aquecimento estar efetivamente a funcionar, para variar. – O que quer saber?

Scavo olha-me de cima a baixo.

– Era isso que tinha vestido esta noite durante o incidente?

Não sei do que está a falar. Di-lo como se eu estivesse vestida de forma inapropriada. Estou de *T-shirt* e com as mesmas calças de ganga que trazia anteriormente. A *T-shirt* é ligeiramente justa, mas nada que chamasse a atenção. Como se isso importasse sequer.

– Sim, mas tinha um casaco por cima.

– Ahã – Scavo faz uma careta, como se não acreditasse realmente em mim. Como se eu tivesse seduzido o Xavier com a minha *T-shirt* super sensual e as minhas calças de ganga largas. – Diga-me exatamente o que aconteceu, então.

Pela terceira vez esta noite, repito a história. É mais fácil desta vez. Não me treme a voz ao descrever a forma como me agarrou. Ergo o pulso como prova, para mostrar a Scavo as marcas vermelhas, apesar de não parecer minimamente

impressionado.

– E é tudo? – pergunta. – Apenas lhe agarrou no braço?

– Não – cerro os punhos em frustração. – Já lhe *disse*. Agarrou-me e apertou-se contra mim.

– Tipo como?

– Tipo empurrando o corpo contra o meu!

Franze o sobrolho.

– Será possível que tenha interpretado mal toda a situação? Que talvez estivesse apenas a ser cordial?

Olho-o fixamente.

– Porque eis a questão, menina Calloway. – Scavo fixa o olhar em mim. – O senhor Marin diz que estava apenas a ter uma conversa cordial consigo e a menina passou-se. Atingiu-o com gás-pimenta e a seguir empurrou-o escadas abaixo.

– Está a gozar comigo? – Neste momento, é ao agente Scavo que quero atingir com gás-pimenta e empurrar escadas abaixo. – Não foi de todo isso que aconteceu! Acredita realmente nisso? Está a tomar o lado *dele*?

– Bem, uma das suas vizinhas viu-a junto dele, a pontapeá-lo repetidamente nas costelas. Teve medo de sair.

Abro a boca, mas tudo o que sai é um guincho.

– Achamos que o senhor Marin tem um par de costelas partidas – continua o agente. – E temos uma testemunha que a viu pontapeá-lo nas costelas enquanto estava inconsciente no chão. Por isso, diga-me o que devo pensar.

Gostaria mesmo, mesmo muito de não ter pontapeado o Xavier nas costelas. Mas era tão tentador. E sei o quanto as fraturas nas costelas podem ser dolorosas.

– Estava apenas perturbada.

– Perturbada porquê? O senhor Marin acha que ficou perturbada porque estava a namoriscar e não estava a ser correspondida. Disse que foi por isso que o atacou.

Sinto-me como se alguém tivesse acabado de me dar um murro no estômago. Ou nas costelas.

– *Eu* ataquei-o?

Scavo arqueia uma sobrancelha.

– E tem registo criminal, não tem, menina Calloway? Um historial de comportamento violento?

– Isto é uma treta – arquejo. – Aquele homem atacou-me. Se eu não me tivesse defendido…

– Portanto, eis a questão – diz. – É apenas a sua palavra contra a dele em como

foi atacada, e uma testemunha viu-a pontapeá-lo enquanto estava no chão. E é ele quem tem os ossos partidos.

As minhas pernas tremem debaixo de mim. Subitamente, dou por mim a desejar que tivéssemos decidido conversar sentados.

– Estou detida?

– Neste momento, o senhor Marin ainda não decidiu se vai apresentar queixa. – Scavo faz um esgar, como se achasse que o meu atacante devia decididamente fazê-lo. Como se desejasse poder enfiar-me um par de algemas agora mesmo. – Portanto, até se decidir, sugiro que se mantenha por perto.

Odeio este homem. O que aconteceu à outra agente? A que me abraçou e me disse que o Xavier nunca mais me poderia voltar a fazer mal? Para onde foi *ela*?

Dito aquilo, acompanho o agente Scavo à porta. Quando a abro, o Brock está lá, com as suas roupas de trabalho – uma camisa formal azul-céu e calças beges – de mão erguida para bater. Scavo esboça um sorriso afetado ao vê-lo, mas não tece comentários. O Brock parece querer perguntar algo ao agente, mas, felizmente, Scavo parece estar com pressa de partir.

Consigo manter a compostura até ter puxado o Brock para dentro do apartamento e trancado a porta atrás dele. Só então é que as lágrimas me sobem aos olhos. Mas não são lágrimas de tristeza. São de *fúria*. Como se *atreve* a falar-me assim? Fui atacada no meu próprio prédio e, de alguma forma, o meu *atacante* é que é a vítima?

– Millie. – Brock envolve-me nos braços. – Jesus Cristo, estás bem? Vim o mais rápido que pude.

Assinto em silêncio enquanto me afasto. Se falar, não serei capaz de conter as lágrimas. E, por alguma razão, não quero chorar diante do Brock.

– Espero que aquele sacana vá para a prisão durante muito tempo – diz.

Devia contar-lhe o que aconteceu. O que aquele agente me disse. Mas, se o fizer, terei de explicar porquê. Terei de explicar o meu historial de violência. O meu registo criminal. Todas as razões para ninguém acreditar em mim.

Se o Enzo aqui estivesse, seria diferente. Poderia contar-lhe tudo. E ele compreenderia. *Haveria* uma ligeira probabilidade de despedaçar o Xavier Marin membro a membro com as suas próprias mãos, mas eu não teria qualquer problema com isso – de modo algum. Ao olhar para o Brock, a ideia de que faça algo parecido quase me faz rir alto. Mas o lado positivo é que, se o Xavier realmente me acusar de agressão, o Brock pode defender-me. Sim, isso seria maravilhoso para o nosso relacionamento.

– Não podes dormir aqui – diz o Brock. Por uma vez, estou inteiramente de

acordo. – Tenho o meu carro estacionado mesmo à porta. Deixa-me levar-te para minha casa.

Os meus ombros descaem.

– Está bem.

– E devias ficar comigo – acrescenta. Ao ver a expressão no meu rosto, apressa-se a prosseguir. – Não me refiro a mudares-te para minha casa. Mas leva, tipo, roupa para uma semana. E talvez devesses começar a procurar outro sítio para viver.

Não tenho forças para discutir neste momento, além de que tem razão. Se o Xavier voltar para este prédio, não poderei continuar a viver aqui. Terei de arranjar outro sítio. Apesar de mal conseguir cobrir a renda deste apartamento, mesmo com o dinheiro que os Garrick me pagam. Terei de procurar um bairro ainda pior no Bronx?

Seja como for, pensarei nisso mais tarde. Agora, tenho de fazer as malas.

15

Oquarto principal da casa dos Garrick é tão grande que, se eu falasse, juro que faria eco.

Estou a arrumar uma pilha de roupa lavada. Seria de pensar que a maioria da roupa do casal iria para a limpeza a seco, mas, dado que Wendy parece nunca sair do quarto, suponho que não vista muitas vezes peças que exijam esse tipo de limpeza. Baseando-me no que vejo passar pela máquina de lavar, veste sobretudo camisas de noite. Neste momento, estou a dobrar uma delicada camisa de noite branca com rendas na gola, que me parece que chegaria aos tornozelos de Wendy, pela sua altura na única quase conversa que tivemos.

E é então que a vejo.

Na gola da camisa de noite há uma mancha. Uma mancha irregular castanha com camadas de vermelho, agora entranhada no tecido. Já antes me deparei com manchas como esta ao tratar da roupa. É algo inconfundível.

É sangue.

Não só isso, é bastante sangue. Mesmo junto ao decote, infiltrando-se no tecido por baixo. Fecho os olhos, incapaz de me impedir de pensar em qual poderá ter sido a sua causa.

Os meus olhos voltam a abrir-se de repente devido ao som do meu telemóvel a tocar. Tiro-o do bolso das minhas calças de ganga e o meu coração abate-se. O ecrã identifica a chamada como vinda da esquadra da polícia no Bronx. Não me parece que isto vá trazer boas notícias.

Bem, provavelmente não me prenderiam pelo telefone.

– Estou? – digo, sentando-me na beira da cama dos Garrick, que é sensivelmente do tamanho de um transatlântico.

– Wilhelmina Calloway? Daqui fala o agente Scavo.

O meu estômago revolve-se – o som do nome daquele polícia causa-me calafrios.

– Sim?

– Tenho boas notícias para si.

Se este homem ainda está no caso, não há boas notícias. Mas talvez devesse tentar ser otimista. Por esta altura, mereço uma vitória.

– O quê?

– O senhor Marin decidiu não apresentar queixa – diz.

São *essas* as boas notícias? Aperto o telemóvel com tanta força que os meus dedos começam a formigar.

– Então e eu? Quero apresentar queixa.

– Menina Calloway, temos uma testemunha que a viu atacá-lo – contrapõe, pigarreando. – Tem sorte em ser este o único desfecho. Se ainda estivesse em liberdade condicional, voltaria agora mesmo diretamente para a prisão. E, claro, pode sempre instaurar um processo cível contra si.

Engulo o nó na minha garganta.

– Onde está agora, então?

– Foi libertado esta manhã.

– Libertaram-no esta manhã da prisão?

Scavo suspira.

– Não, nunca esteve detido. Teve alta do hospital esta manhã.

O que significa que esta noite estará de regresso ao prédio. O que significa que nunca mais lá posso voltar.

– Oiça, menina – diz Scavo. – Desta vez, teve sorte, mas precisa de consultar algum tipo de psiquiatra. Controlar os seus problemas de raiva. Caso contrário, vai acabar de novo na prisão.

– Obrigada pela dica – respondo, entredentes.

Ao desligar, ergo o olhar e percebo que não estou sozinha no quarto principal. Na outra ponta do quarto, postado junto à porta, está Douglas Garrick. Vestido com um fato Armani e uma vibrante gravata vermelha, o cabelo castanho-escuro penteado para trás, como sempre.

Pergunto-me quanto terá ouvido da conversa. Claro que só seria mau se tivesse ouvido o lado de Scavo.

– Olá, Millie – diz.

Apresso-me a levantar-me e a guardar o telemóvel no bolso.

– Olá. Desculpe, eu… estava só a tratar da roupa.

Não contesta a minha afirmação por estar a falar ao telemóvel. Em vez disso, entra no quarto, afrouxando a gravata vermelha com o polegar. Despe o casaco e atira-o para cima da cómoda.

– Bem? – pergunta.

Encaro-o, desconcertada.

– Vai deixar o meu casaco simplesmente ali estendido na cómoda?

Demoro um segundo a perceber o que quer que eu faça. O seu roupeiro está a menos de dois metros de nós, e ter-lhe-ia sido relativamente fácil pendurar o seu próprio casaco, mas, em vez disso, deixa a tarefa para mim. É justo, visto que é o meu trabalho, mas há uma intensidade na sua voz que me deixa inquieta. Tenho vindo a notá-la cada vez mais nas nossas interações.

– Peço imensa desculpa – murmuro. – Deixe-me pendurar isso por si.

Douglas Garrick vê-me tratar do seu casaco, estudando-me atentamente. No outro dia, pesquisei-o no Google, mas não há muito sobre ele – nem sequer uma foto decente. Aparentemente, é uma pessoa extremamente reservada. Tudo o que consegui descobrir foi que é o diretor-executivo de uma empresa de grande dimensão chamada Coinstock, como o Brock disse. É uma espécie de génio das tecnologias que inventou um *software* utilizado por praticamente todos os bancos do país. O Brock disse-me que parecia um tipo simpático, mas não se conhece realmente alguém só através de uma interação profissional. Douglas parece ser um homem hábil a ligar o charme quando necessita.

– É casada? – pergunta-me.

A pergunta faz-me paralisar a meio caminho do cabide.

– Não…

Um dos cantos da sua boca curva-se para cima.

– Namorado?

– Sim – respondo rigidamente.

Não comenta a minha resposta, mas os seus olhos percorrem-me até eu me começar a contorcer. Não importa quão atraente é – não me agrada que olhe para mim desta maneira. Quando nos conhecemos, impressionou-me a forma como controlava o olhar, mas suponho que era só fachada. Se continuar a olhar-me assim…

Bem, não há muito que eu possa fazer a esse respeito, suponho. Não depois de um polícia ter acabado de me acusar de agredir um homem.

Estou prestes a redirecionar-lhe verbalmente o olhar para o meu rosto quando os seus olhos acabam por pousar na camisa de noite branca ainda estendida na cama *king size*. Olha fixamente para a mancha de sangue na gola. Talvez seja imaginação minha, mas estou certa de que oiço uma inalação brusca.

– Bem. – Olho para a camisa de noite e de novo para Douglas. – Se me dá licença, preciso de pesquisar como tirar nódoas de molho de tomate de um tecido.

Fita-me por mais um instante, depois acena em aprovação.

– Bom. Faça isso.

Mas eu não preciso de pesquisar nada. Já sei como tirar manchas de sangue de um tecido.

16

O Brock e eu estamos a jantar juntos, mas não me consigo concentrar numa palavra do que está a dizer.

O tempo aqueceu e estamos numa mesa ao ar livre num simpático restaurantezinho do Médio Oriente na East Village. O Brock está devastadoramente atraente no seu fato de executivo e eu estreei um novo vestido de verão. Enquanto comemos as nossas entradas, o Brock conta-me tudo sobre um dos seus clientes, e geralmente sinto-me feliz por passar uma tarde com o meu incrível namorado. Fico sempre ligeiramente espantada por alguém como o Brock se interessar por alguém como eu e, em circunstâncias normais, estaria a beber cada palavra sua (mesmo estando a falar sobre direito de patentes, o que, para ser sincera, é a modos que aborrecido). Mas, hoje, a minha cabeça está noutro lugar.

Porque tenho outra vez aquela sensação de formigueiro na nuca. Como se alguém me estivesse a observar.

Devia ter dito ao Brock que queria comer no interior do restaurante. Já não me sinto segura com o Xavier nas ruas. Não sei por que escolheu visar-me, mas passou uma semana desde que me atacou e sinto frequentemente aqueles olhos a trespassar-me. Gostaria de pensar que é imaginação minha, mas não tenho assim tanta certeza. Mesmo com um braço partido – mesmo noutro *bairro* – o Xavier pode ainda andar a seguir-me.

– Não achas, Millie? – pergunta o Brock.

Encaro-o, desorientada. Tenho o garfo na minha mão direita e espetei um pedaço de borrego, mas não creio que tenha comido nada pelo menos nos últimos dez minutos.

– Hã? – digo debilmente.

O Brock junta as sobrancelhas, fazendo a pequena área de pele entre elas enrugar-se de uma forma que normalmente acho gira, mas que neste momento me parece irritante.

– Estás bem?

– Sim – minto.

Aceita a minha resposta sem questionar. Reparei que, especialmente para um advogado, o Brock é muito crédulo. Qualquer outra pessoa ter-me-ia provavelmente interrogado sobre o meu passado, mas ele não é assim. É um alívio não ter de lhe contar tudo, mas às vezes gostaria que me pressionasse. Porque estou farta de lhe esconder todos os meus segredos.

O Brock e eu conhecemo-nos durante um breve período em que julguei que poderia estar interessada num tipo qualquer de carreira jurídica, antes de perceber que os meus antecedentes tornariam isso difícil, se não mesmo impossível. A faculdade comunitária providenciou uma oportunidade para eu o acompanhar no trabalho, apesar de, no primeiro dia, o Brock ter admitido, em tom tímido: *O meu emprego não é lá muito entusiasmante*. Eu tinha imaginado idas a tribunais, mas, em vez disso, passou a maior parte do tempo simplesmente a preencher papelada. Enquanto eu assistia.

Lamento, disse-me no fim da nossa semana juntos. *Estou certo de que esperava algo diferente.*

Não faz mal, respondi. *De qualquer forma, não queria ser advogada.*

Deixe-me compensá-la. Ofereço-lhe o jantar.

Mais tarde, o Brock admitiu que tinha passado a semana inteira a tentar pensar numa forma de me convidar para sair. A verdade é que quase recusei. Ainda estava com pena de mim mesma, depois de o Enzo me ter dito que não tinha intenção de regressar aos Estados Unidos, e não me apetecia ficar de coração partido uma segunda vez. Mas então imaginei as belas mulheres italianas a fazerem-se ao meu ex-namorado e decidi: que raio?! Por que não haveria eu também de me divertir um pouco?

O Brock tem sido um bom namorado. A cada semana que passa, procuro a sua falha fatal, mas mantém-se frustrantemente perfeito. E quando descobriu que não tinham acusado o Xavier de agressão, mostrou-se devidamente zangado. Ofereceu-se para ir comigo à esquadra e falar com o agente responsável pelo caso. Oferta essa que tive de recusar por motivos óbvios.

E, depois, simplesmente esqueceu o assunto. Eu não consegui parar de pensar naquilo toda a semana, mas o Brock seguiu em frente, embora afirmando repetidamente o óbvio: que preciso de encontrar outro sítio para viver.

– Estás um pouco pálida – observa o Brock.

Esfrego a nuca e viro-me para olhar para trás. Estou certa de que vou dar de caras com o Xavier, mas não está aqui ninguém. Pelo menos, não o vejo. Mas está seguramente algures.

– Vamos viver juntos – digo eu, de repente.

O Brock para a meio de uma frase. Tem uma pequena gota de molho de *tahini* ao canto da boca.

– O quê?

– Acho que estamos prontos – replico. É outra mentira. Não me sinto preparada para ir viver com o Brock, mas também não tenho a menor intenção de voltar para o meu apartamento no sul do Bronx enquanto o Xavier ainda lá morar, e não sei se me sentirei mais segura noutro lugar qualquer desse bairro. Nem sequer tenho a certeza de me sentir segura aqui, quanto mais no Bronx.

Em todo o caso, é a coisa certa a dizer. Um enorme sorriso ilumina o rosto do meu namorado.

– Está bem. Parece-me bem. – Do outro lado da mesa, estende uma mão para agarrar a minha. – Amo-te, Millie.

Abro a boca, ciente de que cheguei a um ponto crítico em que tenho de lho dizer de volta. Mas, nesse momento, a sensação arrepiante na minha nuca torna-se insuportável. Uma vez mais, viro a cabeça, certa de que vou ver o Xavier a poucos metros de mim, a fitar-me.

Semicerro os olhos enquanto perscruto a rua atrás de mim. Onde está aquele cretino?

Mas não vejo o Xavier em lado algum. Ou se escondeu atrás de uma caixa do correio ou não está aqui.

Vejo, no entanto, alguém que não esperava.

Douglas Garrick.

17

Douglas Garrick está atrás de mim.

Mais especificamente, está a atravessar a rua. O sinal está vermelho e precipita-se para a passadeira enquanto um táxi amarelo faz soar fortemente a sua buzina. Observo-o por um momento, com o coração a palpitar. De alguma forma, tinha partido do princípio que era o Xavier quem me andava a seguir, mas agora já não tenho assim tanta certeza. Terá sido Douglas o tempo todo?

– Espera um minuto – digo ao Brock. – Volto já.

– Mas que…

Não lhe dou hipótese de terminar o seu pensamento antes de me lançar pela rua atrás de Douglas, obrigando um carro azul a travar bruscamente. O condutor roga-me pragas, mas eu ignoro-o e continuo a andar.

O que faz Douglas na East Village? Vive no Upper West Side e trabalha em Wall Street.

Se me estava a observar, já não está. E outro aspeto interessante é que não está sozinho. Parece estar a caminhar com uma mulher de cabelo louro e que segura uma bolsa de tiracolo castanha, pendurada ao ombro direito.

O que se passa? Por que estava a observar-me? E quem é aquela mulher? Apesar de não ter conseguido ver bem Wendy Garrick na vida real, vi fotografias dela, e aquela mulher não é a Sra. Garrick.

Sigo-o por mais um quarteirão. Talvez esteja a iludir-me, mas não creio que faça ideia de que vou atrás dele enquanto caminha com a mulher pela Segunda Avenida. Ela ergue a voz, mas não consigo ouvir o que dizem. E, se me aproximar mais, podem ver-me.

Não sei por quanto mais tempo o poderei seguir. O Brock está ainda no restaurante e provavelmente acha que perdi o juízo. Espero que este pequeno incidente não chegue ao seu telefonema semanal para os pais.

Felizmente, Douglas e a mulher param diante de um pequeno prédio de apartamentos em arenito castanho. Como o meu próprio edifício, também este não tem

porteiro. Ela procura uma chave na bolsa, destranca a porta e abre-a. Consigo obter uma boa visão da mulher mesmo antes de ambos desaparecerem no interior.

É dolorosamente óbvio o que se passa. Douglas tem uma amante secreta que vive neste edifício. Ainda é suficientemente cedo para poder dizer à Wendy que ficou a trabalhar até tarde esta noite quando chegar a casa.

Mas por que estavam a discutir?

Não é difícil imaginar, claro. Se ela é amante dele e ele é casado, talvez esteja zangada por não ter deixado a esposa. É uma mulher de pelo menos trinta e tal anos e não aparentava ser uma flausina apenas em busca de diversão. Talvez tenha esperanças que Douglas deixe Wendy e se case depois com ela.

Ainda estou a olhar para o prédio de arenito castanho, tentando decidir o meu próximo passo, quando o meu telemóvel começa a tocar no meu bolso. Retraio-me ao ver o nome do Brock no ecrã. Oxalá tivesse deixado o telefone na bolsa. Neste momento, porém, tenho de atender a chamada. O homem disse-me que podíamos viver juntos, disse que me *amava*, e então eu saltei da cadeira como uma louca e desatei a correr em sentido oposto.

– Millie? – parece desconcertado do outro lado da linha. – O que aconteceu? Para onde foste?

– Eu… vi uma velha amiga – respondo. – Queria pôr a conversa em dia com ela. Não a via há anos.

– Certo… – relutante, parece aceitar a minha explicação ridícula, como eu sabia que faria. – Vais voltar?

Lanço um último olhar ao prédio de arenito castanho.

– Sim. Volto daqui a alguns minutos.

– Alguns *minutos*?

Seja o que for que Douglas Garrick está a fazer naquele prédio de apartamentos, não o vou descobrir ficando aqui a olhar fixamente para o edifício. Assim, começo a regressar ao restaurante, já a preparar-me para o interrogatório do Brock. Vai querer mais respostas para o porquê de eu ter fugido. Mas a verdade far-me-á parecer louca.

– Estou agora mesmo a regressar – digo-lhe. – Prometo.

– Queres que pague a conta? – pergunta. – Estás bem? O que se passa?

– Nada. – Atravesso a rua para regressar ao restaurante, acelerando ligeiramente o passo. – Como disse, vi uma velha amiga.

– Não parecias bem.

– Mas estou – insisto. – Eu…

Em plena insistência de que estou perfeitamente bem, paro de falar. Porque vejo algo que me faz o coração cair-me aos pés.

É um *Mazda* preto com o farol dianteiro do lado direito rachado. O mesmo que vi estacionado perto do meu prédio e, por vezes, perto de onde os Garrick vivem.

Baixo os olhos para ver a matrícula. 58F321. Vasculho o meu cérebro, tentando recordar-me de qual era a matrícula da última vez que o vi. Por que não a anotei? Tinha a certeza de que me lembraria.

Mas aquele farol direito rachado. Parece tão familiar.

– Millie? – A voz do Brock sai do meu telemóvel. – Millie? Estás aí?

Olho para o veículo. Durante todo este tempo, presumi que era o Xavier quem me andava a seguir. Mas agora encontro este carro estacionado perto do prédio da amante de Douglas. Apesar de não ter a certeza absoluta de que é o mesmo carro que me tem andado a seguir, estaria disposta a apostar muito dinheiro nisso. Parece um carro miserável para ser conduzido por um multimilionário, mas talvez não, se estiver a tentar ser discreto.

Mas por que haveria o Douglas de me andar a seguir? Afinal, já tinha esta sensação antes de começar sequer a trabalhar para os Garrick. Isso significaria que Douglas me andava a seguir antes mesmo de eu começar a trabalhar para ele.

Uma horrível sensação de frio desce-me pela espinha. O que se passa aqui?

18

Hoje, vou arrumar as minhas coisas para me mudar.

A verdade é que ainda não me sinto lá muito bem com a ideia de ir viver com o Brock, mas, se Xavier Marin mora naquele prédio de apartamentos, então eu não vou morar. E tenho de admitir que não será uma tortura viver no T2 do Brock no Upper West Side. Não é propriamente uma *penthouse*, mas é lindo. Até tem uma varanda que *não* serve também de saída de emergência. Além do mais, quando fica calor no verão, tem ar condicionado. Ar condicionado! É o cúmulo do luxo.

O Brock conduz-me ao Bronx no seu *Audi*. Não tem muito espaço na bagageira, mas, felizmente, eu não tenho muitas coisas. Uma das vantagens deste apartamento era vir parcialmente mobilado, pelo que a maioria das coisas que lá estão não são minhas. O que não couber na mala e no banco traseiro pode ficar para trás.

– Estou tão feliz por irmos viver juntos – diz-me o Brock, enquanto percorremos pela última vez as ruas até ao meu apartamento. – Vai ser ótimo.

O sorriso na minha cara parece de plástico.

– Sim.

Como posso fazer isto? Ir viver com o Brock quando não sabe a verdade sobre o meu passado? Não é justo. E não será justo para mim quando descobrir e me puser no olho da rua.

Continuo a trabalhar para os Garrick – por enquanto. Quanto mais pensava no assunto, menos certezas tinha que Douglas me tivesse estado a observar nesse dia. Afinal, estava a falar com a amante e não parecia minimamente concentrado em mim. Tirei conclusões precipitadas. E descobrir que o meu patrão anda a ter um caso não é razão para abdicar de um emprego lucrativo, sobretudo porque arranjar um novo é sempre difícil para mim. Posso ir viver com o Brock, mas seria um erro tornar-me dependente dele. Preciso do meu próprio rendimento – para a eventualidade de me pôr realmente no supracitado olho da rua.

Num sinal vermelho, o Brock pousa a mão no meu joelho. Sorri-me e parece incrivelmente atraente – como uma estrela de cinema – mas a única coisa em que

consigo pensar é em como isto é má ideia. Está a cometer um erro terrível e nem sabe. E parte de mim gostaria que tirasse o raio da mão do meu joelho.

Não voltou a dizer que me ama desde aquele dia no restaurante. Consigo perceber que está mortinho por o fazer, mas já o disse duas vezes e eu nenhuma. Se o voltar a dizer, terei de lho dizer de volta ou… Bem, terei de o dizer de volta se quiser que esta relação continue. Já não há margem para dúvidas.

– Ei! – Ao virarmos para a minha rua, o Brock tira a mão. – O que se passa aqui?

Está um carro da polícia com as luzes a piscar estacionado em frente ao meu prédio. Cerro os lábios para me abster de lhe dizer que há sempre carros da polícia estacionados por aqui. Sinto o estômago às voltas enquanto me pergunto se haverá alguma hipótese de estarem aqui por mim. Talvez Xavier tenha mudado de ideias quanto a apresentar queixa.

Oh, meu Deus, será que me vão levar daqui algemada?

– Brock – digo, com urgência. – Talvez devêssemos sair daqui. Voltar noutra altura.

Franze o nariz.

– Não vou voltar outra vez ao Bronx amanhã. Vamos lá, vai correr tudo bem.

Quando estou prestes a ter um verdadeiro ataque de pânico, a porta do meu prédio abre-se e vejo um agente conduzir um homem para a rua, de mãos algemadas atrás das costas. Parece que não estão aqui por mim, afinal. Provavelmente é outra apreensão de droga.

E, então, vejo a cicatriz sobre a sobrancelha esquerda do homem algemado. É o *Xavier*.

Abro a minha janela mesmo a tempo de o ouvir gritar com o agente que o conduz ao carro-patrulha.

– Tem de acreditar em mim! Aquela droga… nunca a vi antes! Não é minha!

Mesmo de onde estamos estacionados, consigo ver o agente revirar os olhos.

– Pois, isso é o que todos dizem quando lhes encontramos uma batelada de heroína no apartamento.

Um segundo antes de chegarem ao carro-patrulha, os olhos do Xavier enchem-se de pânico. Embora tenha de saber que é uma jogada estúpida, solta-se do polícia e desata a correr pelo quarteirão. Claro que tem as mãos algemadas atrás das costas, o que significa que não irá longe. O agente alcança-o passados poucos segundos e eu vejo-o ser atirado ao chão.

É o melhor espetáculo que vejo em meses.

O Brock arregala os olhos ante a cena à nossa frente.

– Jesus Cristo. Tens sorte em ires sair daqui.

– É ele – murmuro. – É o homem que me atacou.

– Uau. Então também andava metido na droga? Suponho que não seja de admirar.

Não me deu a sensação de que Xavier estivesse sob o efeito de drogas durante as nossas interações. Parecia sempre perfeitamente sóbrio. Mas, se as encontraram no seu apartamento… melhor ainda, se encontraram lá muita droga – suficiente para sugerir que andaria a traficar – então não vai voltar tão cedo.

– Não tenho de me mudar – digo, de rompante.

O Brock fica boquiaberto.

– O quê?

– Não vai mais viver no prédio – saliento. – Por isso não tenho de partir.

O Brock estica o lábio inferior.

– Não compreendo. Não *queres* viver comigo?

É uma pergunta incrivelmente espinhosa. Sim, seria agradável ter o espaço extra e o ar condicionado e o porteiro para impedir os assaltantes de entrar. Mas essa não é uma boa razão para alguém ir viver com o namorado.

– Quero – respondo. – Um dia. Mas… ainda não.

– Compreendo. – O seu tom é gélido.

– Lamento imenso. – Estico-me para lhe apertar a mão, mas não retribui o aperto. – Sou simplesmente o tipo de pessoa que precisa do seu próprio espaço. Só isso.

Os seus olhos azuis encontram os meus.

– É mesmo só isso?

Imagino que os pais do Brock sejam do tipo que faria uma verificação de antecedentes a qualquer mulher com quem o filho fosse viver. Caramba, podem até já ter feito uma. Mas aposto que procuraram por Millie Calloway, o que foi a minha única salvação. É só uma questão de tempo até descobrirem que o meu primeiro nome é Wilhelmina, e então o Brock descobrirá tudo.

Tenho de confessar a verdade antes que isso aconteça.

Mas, com aquele cretino do Xavier na prisão, consegui uma curta trégua.

19

O apartamento dos Garrick parece tranquilo hoje.

Ouvi um som vindo do quarto de hóspedes, mas não eram choros nem gritos nem qualquer outra coisa suspeita. Soava apenas como se estivesse alguém lá dentro – uma mulher a quem não devo incomodar.

Depois de encontrar o sangue naquela camisa de noite, pensei genuinamente que Douglas ia arranjar uma desculpa para me despedir, mas por enquanto não o fez. O que é bom, tendo em conta que preciso do dinheiro. (O Brock continua a sugerir que eu devia ir viver com ele, mas para já tenho conseguido esquivar-me.)

E, agora que tive alguns dias para pensar no assunto, não estou convencida de que o carmesim na camisa de noite fosse tão ominoso como me pareceu na altura. Continuo a ter a certeza de que a mancha era de sangue, mas há muitas razões inocentes para se ter manchas de sangue nas roupas. Lidei com crianças suficientes com profusas hemorragias nasais para saber que é um erro tirar conclusões precipitadas. E, assim, consegui tirar o caso da cabeça.

Bem, maioritariamente.

Depois de arrumar alguns dos outros quartos, desço o corredor até à casa de banho principal do andar de cima. Geralmente, as casas de banho não estão muito sujas. Faz sentido, tendo em conta que só duas pessoas vivem aqui, e mal parece que precisem de alguém para limpar com tanta frequência, mas não vou discutir o assunto. É para limpar que me pagam, e se tenho de limpar algo que já está relativamente limpo, então é o que farei.

Só que, ao entrar na casa de banho agora, vejo algo que nunca antes tinha visto. Algo que me faz sentir como se me tivessem dado um murro no estômago.

É a marca ensanguentada de uma mão no lavatório.

Bem, para dizer a verdade, é cerca de meia mão. Como se alguém se tivesse agarrado ao lavatório com uma mão coberta de sangue.

Os meus olhos voltam-se para o chão. Não percebi ao entrar, mas agora vejo as pequenas gotas de sangue nas placas de linóleo. Parecem formar um pequeno

rasto.

Sigo o rasto de gotas carmesim até ao exterior da casa de banho. Não há luzes no corredor, por isso, de alguma forma, não o vi da primeira vez, mas agora consigo distinguir as manchas de sangue que formam um trilho na alcatifa. E o trilho acaba à porta do quarto de hóspedes.

Não é suposto bater à porta. Douglas deixou isso bem claro quando comecei a trabalhar aqui. E, da única vez que bati, Wendy Garrick *não* ficou satisfeita por me ver.

Mas, mais uma vez, penso em Kitty Genovese. Como posso não investigar quando há literalmente um rasto de sangue a conduzir-me até à porta?

Assim, ergo o punho e bato.

Tinha ouvido alguns sons anteriormente, mas de repente faz-se silêncio do outro lado da porta. Ninguém me diz para entrar ou não entrar. Por isso, bato novamente.

– Senhora Garrick? – chamo. – Wendy?

Não obtenho resposta.

Cerro os dentes de frustração. Não sei o que se passa ali dentro, mas não me vou embora enquanto não puder confirmar que ela não se está a esvair em sangue. Tenho uma regra sobre não limpar em torno de cadáveres.

Embora não devesse, levo a mão à maçaneta. Tento rodá-la, mas não cede. *Trancada*.

– Senhora Garrick – digo. – A sua casa de banho está cheia de sangue.

Continuo a não obter resposta.

– Oiça, se não abrir a porta, vou ter de chamar a polícia.

Isso arranca-lhe uma reação. Oiço alguns movimentos atrapalhados atrás da porta, seguidos de uma voz ligeiramente embargada.

– Estou aqui. Estou bem. Não chame a polícia.

– Tem a certeza?

– Sim. Por favor… vá-se embora. Estou a tentar dormir.

Podia afastar-me, mas na verdade não posso. Não depois de ter visto todo aquele sangue na casa de banho. Nem é por o sangue estar lá, mas por quem o derramou estar demasiado ferido para o conseguir limpar.

– Quero vê-la – digo. – Abra a porta, por favor.

– Estou bem, já lhe disse. Tive apenas um sangramento devido a um dente partido.

– Abra a porta por dois segundos e eu deixo-a em paz. Mas juro-lhe que não saio daqui enquanto não abrir.

Faz-se outro longo silêncio atrás da porta. Enquanto espero, o meu olhar vagueia para o rasto de gotas de sangue vindo da casa de banho. Há muitas explicações inocentes que o justifiquem. Talvez se estivesse a depilar e cortou-se. Talvez tenha sido realmente um dente partido.

E, depois, há algumas explicações não tão inocentes.

Finalmente, ouve-se um estalido da maçaneta. A porta foi destrancada. E, muito lentamente, entreabre-se.

Tenho de tapar a boca com a mão para me impedir de gritar.

20

Wendy – murmuro. – Oh, meu Deus!

– Eu disse-lhe – responde. – Estou bem. Não é tão mau como parece.

Vi muitas coisas más na minha vida, mas o rosto de Wendy Garrick é daquelas que me hão de assombrar durante anos. A mulher foi esmurrada e, a julgar pelo seu aspeto, não aconteceu tudo de uma vez. Os hematomas que lhe cobrem o rosto estão em diferentes fases de cura. O da sua maçã do rosto esquerda parece recente, mas outros têm um aspeto amarelado que dá a impressão de terem sido formados por um golpe muito anterior.

Wendy disse-me que o sangramento vinha de um dos seus dentes, e eu acredito firmemente que quem lhe fez isto ao rosto fosse capaz de lhe partir um.

– É da minha medicação – diz-me. – Dei uma queda e tomo anticoagulantes. Faz com que facilmente forme nódoas negras.

Esta mulher já se viu ao espelho? Está realmente a tentar dizer-me que isto se deveu a uma *queda*?

Veste uma camisa de noite cor-de-rosa às flores e, tal como a casa de banho, a frente está manchada de sangue. E nem sequer é a primeira camisa de noite ensanguentada que vejo desde que aqui estou.

– Tem de ir a um hospital – consigo dizer.

– A um hospital? – repete, estremecendo. – E o que fariam eles, ao certo?

– Verificar se tem ossos partidos.

– Não tenho. Estou bem.

– E depois pode denunciar isto – acrescento.

Wendy Garrick fita-me através de uns olhos margeados de hematomas. Respira fundo e retrai-se. Pergunto-me se terá uma costela partida. Não me surpreenderia.

– Oiça bem, *Millie* – diz, em voz baixa. – Não faz ideia daquilo com que está a lidar aqui. *Não* quer envolver-se nesta situação. Tem de se afastar e de me deixar em paz.

– Wendy…

– Falo a sério. – Os seus olhos pisados dilatam-se e, pela primeira vez, vejo neles verdadeiro medo. – Se sabe o que é bom para si, tem de fechar esta porta e sair daqui.

– Mas…

– Tem de se *afastar*, Millie. – Há agora uma urgência terrível na sua voz. – Não faz ideia. Simplesmente *afaste-se.*

Abro a boca para protestar, mas, antes que o possa fazer, já me fechou a porta na cara.

A mensagem é absolutamente clara. O que quer que esteja a acontecer nesta casa, Wendy *não* quer a minha ajuda. Não quer que me intrometa. Quer que me meta na minha vida.

Infelizmente, nunca tive muito jeito para isso.

21

Em 2007, um prestigiado violinista chamado Josh Bell, que tinha recentemente esgotado um concerto com bilhetes ao preço médio de algumas centenas de dólares cada, fez-se passar por músico de rua. Foi para uma estação de metro em Washington, de calças de ganga e boné de beisebol, e tocou a mesma exata música que no seu concerto, num violino artesanal avaliado em mais de três milhões e meio de dólares.

– Quase ninguém parou sequer para ouvir – explica o Dr. Kindred ao auditório cheio de estudantes. – Na verdade, quando ocasionalmente as crianças paravam, os pais destas agarravam-nas e faziam-nas seguir caminho. Este homem esgotou um concerto em Boston e, nesse dia, só cerca de cinquenta pessoas pararam durante tempo suficiente para depositar um dólar no estojo do seu violino. Como explicam isto?

Após alguma hesitação, uma rapariga na fila da frente põe a mão no ar. Está sempre ansiosa por responder a perguntas.

– Acho que, em parte, foi por a beleza ser mais difícil de percecionar quando num cenário singelo.

Todos os dias apanho o metro do Bronx para a cidade e é frequente ver pessoas a tocar os seus instrumentos enquanto espero pela sua chegada. A estação mesmo junto ao meu prédio tresanda a urina, por razões em que prefiro não pensar, mas, se houver alguém a tocar música enquanto espero, já não é assim tão mau.

Eu teria parado para ouvir Josh Bell. Poderia até ter deixado um dólar no estojo do seu violino, apesar de precisar de cada dólar que tenho.

– Muito bem – diz o Dr. Kindred. – Algum outro possível fator em jogo?

Hesito por um momento antes de pôr a mão no ar. Geralmente, não participo nas aulas porque tenho cerca de dez anos a mais do que a pessoa mais velha na sala (com exceção do professor). Mas mais ninguém parece estar a responder.

– Ninguém quis ajudá-lo – afirmo.

O Dr. Kindred assente e acaricia a barba no seu queixo.

– O que quer dizer com isso?

– Bem… – digo. – Ele tinha um estojo de violino com dinheiro no interior. As pessoas partiram do princípio de que procurava ajuda na forma de dinheiro. E, como não queriam ajudá-lo, ignoraram-no. Sentiam que se parassem tinham de ajudar.

– Ah! – concorda. – Não diz muito de bom sobre o género humano, então, se ninguém estava disposto a apreciar uma bela música porque significava ter possivelmente de ajudar alguém necessitado.

O professor continua a olhar para mim, por isso sinto que tenho de dizer algo.

– Pelo menos cinquenta pessoas pararam. Já é alguma coisa.

– Bem verdade – concorda. – É *realmente* alguma coisa.

Eu teria ajudado, ainda assim. Ajudo sempre. Nunca me consigo afastar, *nunca*, nem mesmo quando devia.

Depois de a palestra acabar, quando vou a sair do edifício, avisto um rosto familiar a descer a rua. Fico um pouco surpreendida ao constatar que é Amber Degraw, a mulher que me despediu quando a sua filha bebé não parava de me chamar mamã. Não é tanto por a ver que estou surpreendida, mas por a ver a empurrar um carrinho com a pequena Olive, que brinca com uma espécie de roca que traz enfiada o mais possível dentro da boca. Tem os dedos viscosos de baba.

Quando trabalhava para Amber, nunca parecia interessada em levar a Olive a passear. Portanto isto é bom para ambas.

Pondero virar a esquina para evitar um encontro confrangedor, mas então a Amber vê-me e ergue a mão num cumprimento entusiástico. Aparentemente, esqueceu-se por completo da forma como me despediu.

– Millie! – chama. – Meu Deus, que *maravilhoso* vê-la!

A sério? Não foi isso que disse da última vez que nos vimos.

– Olá, Amber – respondo, já resignada a fazer educadamente conversa.

Parando ao meu lado, solta a pega do carrinho durante tempo suficiente para alisar o seu lustroso cabelo louro-arruivado. Hoje, Amber está inteiramente voltada para o cabedal. Veste umas calças de couro, enfiadas numas botas de cabedal pelo joelho, com uma suave gabardina em couro castanho.

– Como está? – inclina a cabeça para o lado como se eu fosse uma amiga casual que foi atingida por alguns azares, e não alguém que despediu. – Tudo bem?

– Claro – respondo por entre dentes cerrados. – Tudo ótimo.

– Onde trabalha agora?

Sinto-me relutante em dizer-lhe seja o que for sobre a minha posição atual. Já me despediu pela mais estúpida das razões – não há nada, a meu ver, de que esta

mulher não seja capaz.

– Estou entre empregos.

– Vi-a na rua no outro dia – comenta. – Ia a entrar naquele velho edifício da Rua 86. O Douglas Garrick vive lá, não é verdade?

Paraliso, surpreendida por ter conhecimento dessa informação. Por outro lado, nos círculos dos ricos, toda a gente parece conhecer toda a gente.

– Sim, trabalho para os Garrick agora.

– Oh, era isso que estava lá a fazer?

O sorriso que curva os lábios da Amber faz-me sentir inquieta. O que está a sugerir ao certo?

– Sim…

Pisca-me o olho.

– De certeza que está a aproveitar ao máximo.

Não me agrada o seu tom, mas lembro a mim mesma que não tenho de ficar aqui a conversar com Amber – um dos benefícios de já não estar ao seu serviço. Tenho, ainda assim, de dizer olá à pequena Olive, cujo queixo brilha de baba. Há algum tempo que não a vejo e os bebés podem mudar muito depressa nesta idade. Provavelmente, já mal me reconhece.

– Olá, Olive! – chilreio.

Olive tira a roca da garganta e ergue os seus enormes olhos azuis para me fitar.

– Mamã! – grita com regozijo.

A cor esvai-se do rosto da Amber.

– Não! Ela não é a tua mamã! *Eu* é que sou!

– Mamã! – A Olive estende os seus braços gorduchos para mim. – Mamã!

Quando eu não a tomo nos braços, a menina começa a soluçar. Amber lança-me um olhar venenoso.

– Veja como a perturbou!

Com essa observação, vira-me costas e começa a descer aceleradamente a rua para se afastar de mim, enquanto a Olive continua a gritar «Mamã!». Apesar de tudo, o encontro pôs-me um sorriso no rosto. Parece que afinal se lembrava de mim.

Enquanto vejo a Amber desaparecer ao longe, o meu telemóvel começa a tocar – instantaneamente, o meu bom humor evapora-se. É provavelmente uma de duas pessoas. Ou Douglas, a dizer-me que estou despedida por lhe importunar a mulher, ou o Brock, o que seria ainda pior.

As coisas têm estado decididamente frias entre mim e o meu namorado desde que lhe disse abruptamente que não queria ir viver com ele. Expliquei-lhe repeti-

das vezes que preciso do meu próprio espaço e que me sinto mais segura agora que o Xavier vai passar os próximos tempos encarcerado, mas continua a não compreender. Tenho um mau pressentimento de que teremos de dar um passo em frente na nossa relação muito, muito em breve, ou então irá terminar.

Só que, quando olho para o meu telemóvel, não é Douglas ou o Brock. É um número que não reconheço.

– Estou? – digo.

– Fala a Wilhelmina Calloway?

Hesito, perguntando-me se a voz do outro lado da linha me vai dizer que a garantia do meu carro está prestes a expirar, ou então lançar-se numa torrente de alguma língua estrangeira.

– Sim…

– Olá! Daqui fala a Lisa, do *Jobmatch*!

Os meus ombros relaxam. É do serviço que usei para pôr o meu anúncio para os trabalhos de empregada de limpeza.

– Olá, Lisa.

– Menina Calloway – diz-me a Lisa, na sua voz alegre. – Não obtivemos qualquer resposta aos nossos *e-mails*, por isso esta é a segunda chamada relativamente ao seu cartão de crédito.

– Ao meu cartão de crédito?

– Sim – responde a Lisa. – O seu *American Express* foi rejeitado.

Abano a cabeça ante a minha própria estupidez.

– Peço imensa desculpa. Cancelei esse cartão. A minha intenção era utilizar o meu *MasterCard*. Mas já não preciso do anúncio.

– Bem – diz a Lisa. – Quero só certificar-me de que compreende que o anúncio nunca foi publicado, uma vez que nunca recebemos o pagamento.

Paro de andar em plena Primeira Avenida.

– Espere aí – peço. – O meu anúncio para a função de empregada doméstica nunca foi publicado?

– Temo que não, visto que nunca recebemos o pagamento. Como disse, temos estado a tentar contactá-la…

Mas eu não estou a ouvir. Não sei como é possível que o meu anúncio para o lugar de empregada doméstica nunca tenha aparecido *online*.

– Tem a certeza? – pergunto subitamente. – Está a dizer que o meu anúncio nunca esteve de todo *online*? Nem por um dia?

– Nem por um dia – confirma a Lisa.

Penso em quando andava à procura de emprego, há um par de meses. A maio-

ria das entrevistas foram com potenciais empregadores a quem tinha contactado através dos seus próprios anúncios. Na verdade, só uma pessoa me contactou de forma espontânea.

Douglas Garrick.

22

Tudo o que sei é que vou chegar ao fundo da questão.

Foi Douglas Garrick a ligar para *mim*. Lembro-me perfeitamente. Atendi o telefone e disse-me que procurava uma empregada doméstica para fazer as limpezas, tratar da roupa, preparar refeições ligeiras e fazer recados ocasionais. Não referiu o anúncio, ou pelo menos não creio que o tenha feito, mas, na altura, parti simplesmente do princípio que era por isso que me estava a ligar. Afinal, não havia outra razão.

Como obteve o meu número, se não foi devido ao anúncio?

Toda a situação me causa um sentimento de mal-estar. Continuo a ter a sensação que alguém me observa, apesar de Xavier estar alegadamente na prisão. E aquele *Mazda* preto estava estacionado à porta do prédio onde Douglas entrou com a amante. Douglas tinha o meu número, de alguma forma, apesar de o anúncio nunca ter sido publicado.

Sabia quem eu era.

Fico parada na rua, diante de uma pizaria. O irresistível aroma a molho de tomate, gordura e queijo fundido invade-me as narinas, mas só me faz sentir náuseas. Perscruto a rua à minha frente, à procura de algo suspeito.

Não vejo Douglas. Não vejo Xavier.

Mas está alguém à espreita. Alguém me observa. Tenho a certeza absoluta.

Agarro novamente no meu telemóvel. Tem uma mensagem de Douglas a confirmar se vou passar pelo apartamento esta noite para limpar, apesar de ainda lá ter estado há dois dias e de ter a certeza de que a casa ainda está praticamente imaculada. Normalmente, respondo-lhe por mensagem de texto, mas agora olho fixamente para o ecrã. Antes que possa mudar de ideias, marco o número dele para lhe ligar.

Enquanto a ligação é feita e o aparelho começa a chamar, um telemóvel toca mesmo atrás de mim. Cai-me o coração aos pés.

Viro-me, mas o telemóvel que toca parece pertencer a uma adolescente. Atende a chamada e oiço-a gritar «Oh, meu Deus!» para o aparelho ao passar por mim.

Caramba, estou assustadiça.

– Estou? Millie?

É a voz de Douglas do outro lado da linha. Não está meio metro atrás de mim. Onde quer que esteja, parece bastante mais tranquilo do que a rua movimentada onde me encontro.

– Oh, olá.

– Tudo bem? Sempre vai lá a casa esta noite para limpar?

– Sim… – praguejo para comigo por não ter preparado uma história antes de ligar. Estava a ser impulsiva. – Estava só a trabalhar no meu currículo e tinha uma pergunta rápida para si.

– Não nos vai deixar, pois não? – Há um toque de humor na sua voz, mas também algo sombrio a pairar sob a superfície. – Espero certamente que não.

– Não, de modo algum. Queria só arranjar algum trabalho extra e perguntava-me como ouviu falar em mim. Por exemplo, como obteve o meu número?

Pensa por um momento.

– Na verdade, foi a Wendy que me deu o seu número.

– A Wendy? A sua mulher?

– Conhece mais alguma Wendy? – pergunta a rir. – Disse-me que uma amiga lhe tinha dado o seu número e que era muito boa.

– Disse que amiga?

– Não. – A sua voz adquire, então, um matiz ligeiramente defensivo. – Já lhe demos informações suficientes. Por favor, não incomode a Wendy com isto.

– É claro que não – aquiesço. – Muito obrigada pela informação. E certamente que irei ao apartamento esta noite.

Irei ao apartamento esta noite. Mas se pensa que não vou perguntar à Wendy por isto, está redondamente enganado.

23

Esta noite, chego ao apartamento com uma braçada de roupa vinda da limpeza a seco. Toda de Douglas Garrick. Fui buscar quatro fatos, todos provavelmente com um preço superior ao que eu ganho num ano. Se fosse desonesta e tentasse vendê-los por minha conta, provavelmente faria um belo montante. Mas não vale a pena. Já tenho pavor de Douglas, e a última coisa que quero é fazê-lo zangar-se comigo.

Ainda que o que estou prestes a fazer hoje possa muito bem servir esse propósito.

Quando chego à sala de estar, com a roupa pendurada do braço, a casa está em silêncio. Wendy está provavelmente no andar de cima e Douglas presumivelmente a trabalhar até tarde – ou com a amante. Levo a roupa para o andar de cima, o bater dos meus ténis contra cada degrau a ecoar por todo o apartamento. Já limpei casas muito maiores do que esta, mas nunca estive numa que parecesse ter ecos tão altos. Pergunto-me se estará relacionado com a idade do edifício.

Não me surpreende que a porta do quarto de hóspedes esteja fechada. Agarro na roupa limpa e levo-a para o quarto principal. Penduro os fatos de Douglas, mas a minha mente está na mulher fechada no quarto de hóspedes. Estou decidida a falar com ela hoje.

Assim que acabo de arrumar os fatos, esgueiro-me pelo corredor até ao quarto de hóspedes.

Por alguma razão, as luzes do corredor não acendem. Perguntei a Douglas por isso uma vez e respondeu-me que era algum tipo de problema elétrico. Resmungou qualquer coisa sobre mandá-lo arranjar, mas as luzes têm estado sempre sem funcionar desde que comecei a trabalhar aqui. Somando à arquitetura tão antiga, a falta de luzes no andar de cima dá-lhe um ambiente arrepiante.

Paro em frente ao quarto de hóspedes. A alcatifa sob os meus pés está limpa – limpei todo o sangue da casa de banho e tirei as nódoas da alcatifa utilizando água oxigenada. Não há qualquer sinal do sangue de Wendy alguma vez ter gote-

jado sobre ela. E Douglas não sabe que eu sei.

Ergo a mão, prestes a bater à porta, e um calafrio percorre-me. Não posso deixar de me lembrar do aviso de Wendy da última vez que falámos:

Se sabe o que é bom para si, tem de fechar esta porta e sair daqui.

Engulo as minhas dúvidas. Não, eu *nunca* me afasto. Com determinação renovada, bato com o punho na porta.

Estou totalmente preparada para lhe implorar de novo que abra, mas desta vez oiço passos atrás da porta. Passado um momento, a porta entreabre-se. Mais uma vez, fito o rosto maltratado de Wendy, embora seja certo que parece melhor do que há alguns dias.

– O que foi? – Há um tom de resignação na sua voz. – Estava a tentar dormir.

Os meus olhos descem para a sua camisa de noite amarelo-clara, que felizmente não parece ter sangue desta vez.

– É uma camisa de noite bonita. Eu durmo sempre simplesmente com a minha *T-shirt* dos Mets.

Ela cruza os braços sobre o peito.

– Foi para me dizer isso que me acordou?

– Não… não foi. Na verdade, preciso de lhe fazer uma pergunta.

Wendy muda o seu peso de um chinelo para o outro. Não tinha percebido até agora o quão magra está. A mulher está flagrantemente emaciada. Suponho que possa ser devido à sua doença, mas não sei se alguma vez tinha visto uma mulher tão magra. As suas clavículas projetam-se dolorosamente e, quando puxa a camisa de noite, consigo distinguir cada osso na sua mão raiada por veias azuis. Os seus olhos parecem enormes no seu rosto magro.

– O que quer?

– Quero saber como obteve o meu número.

Começa a brincar com uma madeixa do seu cabelo acobreado e eu reconheço a pulseira que lhe pende do braço. É a mesma que Douglas lhe ofereceu recentemente.

– Como assim?

– Douglas disse-me que lhe deu o meu número para me ligar por causa das limpezas. Mas como o conseguiu?

– Pôs um anúncio, não foi? Deve ter sido assim que obtive o número. – Solta um longo suspiro. – Agora, se não se importa, vou voltar para a cama. Foi um longo dia.

– Na verdade, descobri que o anúncio nunca foi publicado. Portanto, como disse, como conseguiu o meu número?

Quase consigo ver as engrenagens a rodar no cérebro de Wendy.

– Diga-me a verdade – interrompo, antes que possa congeminar outra mentira.

Wendy baixa os olhos.

– Por favor. Não quero fazer isto. Simplesmente esqueça.

– Diga-me – insisto, por entre dentes cerrados.

– Por que nunca faz o que eu lhe peço? – exclama, erguendo as mãos. – Muito bem. Obtive o seu número da Ginger Howell.

E, agora, sinto-me como se alguém tivesse acabado de me dar um murro. Sei quem é a Ginger Howell, mas não a vejo há anos. Dois anos, para ser mais exata. Foi uma das últimas mulheres para quem trabalhei antes de o Enzo partir para Itália. Arranjámos-lhe um advogado disposto a trabalhar numa base de contingência para a ajudar a divorciar-se do monstro do marido. Ele lutou com unhas e dentes, e estávamos à beira de lhe tentar arranjar um passaporte e uma identidade novos, mas acabou por a deixar ir.

Espero que esteja bem. A Ginger parecia boa pessoa. Não merecia o que o marido lhe andava a fazer.

Mas se Wendy soube de mim pela Ginger, então…

– Por que disse ao Douglas para me ligar, Wendy? – pergunto. – Preciso que me diga a verdadeira razão – acrescento, ao vê-la começar a abrir a boca.

Continua a recusar-se a olhar para mim, olhando antes fixamente para a alcatifa.

– Acho que sabe porquê.

Um repique surdo ecoa ao fundo da minha cabeça. Mal aqui entrei, suspeitei que havia algo de estranho nesta casa. Sempre que tentava aproximar-me de Wendy, contudo, ela não parecia interessada em falar comigo.

– Parti o pulso – diz com amargura. – Ele empurrou-me e partiu, mas, quando fui ao médico, recusou-se a sair da sala. Tive de lhes dizer que escorreguei no gelo e caí. Foi a única razão para me ter deixado arranjar alguma ajuda para a casa. De outro modo, nunca deixa ninguém entrar aqui.

Cerro os punhos.

– Por que não disse nada?

– Porque foi uma ideia estúpida trazê-la aqui. – Os seus olhos raiados de sangue enchem-se de lágrimas. – Estava desesperada, mas soube assim que a vi que não podia ir avante com isto. Não conhece o Douglas. Não sabe como ele é. Fugir *não é uma opção*.

– Está enganada – digo.

Atira a cabeça para trás e solta uma risada eivada de ácido.

– Não faz ideia do que está a dizer. O Douglas está *em toda a parte*. Vê *tudo*.

Penso em todas as vezes na rua em que senti que alguém me observava.

– Está a ver-nos agora? Está a ouvir esta conversa?

– Eu… não sei. – Os seus olhos dardejam pelo corredor. – Não consegui encontrar nenhuma câmara na casa, mas isso não quer dizer que não existam. O Douglas tem acesso a tecnologia que não podemos imaginar. É um génio, sabe? – Desta vez, o seu riso é triste. – Costumava achar isso atraente nele.

– Não deixa de valer a pena tentar.

As suas maçãs do rosto pisadas coram ligeiramente.

– Não compreende. Ele gastaria até ao último cêntimo que tem para me localizar.

Está certa – e Douglas tem muitos cêntimos para gastar. Com um marido assim, seria difícil escapar – não faço realmente ideia do que é capaz. E não sei se posso ajudá-la. Sobretudo porque não tenho os recursos que o Enzo tinha… não conheço um «tipo» para tudo. Foi por isso que jurei deixar esta vida e concentrar-me em tirar a minha licenciatura, para poder ajudar mulheres de uma forma que não envolvesse vergar a lei. Mas cada molécula no meu corpo grita que tenho de tentar ajudar esta mulher – agora.

Jamais ignoraria um homem no metro que precisasse de ajuda. Ou uma mulher que estivesse a ser esfaqueada até à morte junto à minha janela. Não posso deixar que isto aconteça debaixo do meu nariz.

– Tem algum dinheiro? – pergunto. – Em numerário, quero eu dizer?

Hesitantemente, anui.

– Tenho andado a vender aos poucos algumas das minhas joias. Tenho tantas… Sempre que me bate, compra-me algo novo e caro. Tenho algum dinheiro escondido num sítio onde não creio que o vá encontrar. Não durará muito, mas talvez o suficiente.

A minha mente não para.

– Tem alguns amigos que a possam ajudar? Amigos que talvez não conheça? Do secundário ou da universidade ou…?

– Por favor, pare – crocita. – Não parece entender o que estou a tentar dizer-lhe. O Douglas é extremamente perigoso. Não pode subestimar este homem. Se tentar ajudar-me, não vai resultar e… vai arrepender-se. Acredite.

– Mas, Wendy…

– *Não posso fazê-lo, está bem*?

Olha para a pulseira no seu braço esquerdo – lembro-me de como o Douglas estava orgulhoso quando a exibiu. Com uma expressão desvairada nos olhos, ela

atrapalha-se com o fecho até a fazer deslizar do seu pulso esguio.

– Odeio os presentes que me dá. – A sua voz escorre veneno. – Mal os consigo olhar, mas ele espera que os use.

Aperta a pulseira no punho, estendendo depois a mão para agarrar a minha. Enfia-me a pulseira na palma.

– Tire isto da minha vista. Já nem a posso ver. Se perguntar, digo… digo-lhe que a perdi.

Abro a mão para olhar para a pequena pulseira. Pergunto-me se estará manchada com o seu sangue.

– Não posso aceitar isto, Wendy.

– Então deite-a fora – cospe. – Não a quero mais em minha casa. Especialmente depois do que escreveu nela.

Aproximo a pulseira do rosto para examinar a inscrição. Leio as letras minúsculas:

Para W. És minha para sempre. Com amor, D.

– Sua para sempre – diz amargamente Wendy. – Sua propriedade.

A mensagem é inequívoca.

– Por favor, deixe-me ajudá-la. – Agarro-lhe no pulso, esquecendo-me que pode ser o partido. Ela estremece e eu solto-a. – Faço o que for preciso. Não tenho medo do seu marido. Podemos arranjar uma maneira de sair disto.

E, então, vejo-o nos seus olhos. Um lampejo de hesitação. De *esperança*. Dura apenas uma fração de segundo, mas está lá. Esta mulher está desesperada.

– Não – diz com firmeza. – E agora tem de ir.

Antes que eu consiga dizer mais uma palavra, fecha-me a porta na cara.

Wendy Garrick está absolutamente aterrorizada com o marido – e também eu tenho medo do homem. Mas, ao fim de todos estes anos, aprendi a não me deixar controlar pelo medo. Derrubei Xavier. Derrubei homens tão poderosos quanto Douglas. Não me interessa o que Wendy diz. Posso lidar com ele.

24

Se tivesse uma moeda por cada vez que um ciclista quase me abalroou na ciclovia quando atravesso uma rua, não teria de trabalhar para os Garrick. Quando vou a atravessar a rua para chegar ao prédio de apartamentos dos Garrick, um ciclista sem capacete e de telemóvel ao ouvido passa a milímetros de me mandar para o hospital. Por que são sempre os ciclistas que vão ao telemóvel que também não usam capacete? É tipo uma *regra*.

Mesmo antes de chegar à entrada do prédio, o meu telemóvel toca dentro da bolsa. Hesito, pensando em deixá-lo ir para o correio de voz. Em seguida, remexo na minha bolsa e tiro-o.

O nome do Brock surge no ecrã. Agora, sinto-me ainda mais tentada a deixá-lo ir para o correio de voz. Não quero ter mais outra conversa sobre o porquê de não me poder mudar para sua casa. Ou, como gosta de dizer, de não me *querer* mudar para sua casa.

Finalmente, suspiro e primo o botão verde no meu telemóvel para atender a chamada.

– Olá – digo.

– Olá, Millie – responde. – Apetece-te jantar comigo esta noite?

– Provavelmente vou ficar até tarde em casa dos Garrick esta noite – digo-lhe, o que não é inteiramente mentira.

– Oh!

Pergunto-me quantos convites para jantar terei de recusar antes de parar de perguntar. E não quero isso. Gosto muito do Brock, embora possa não o amar ainda. Não o quero perder.

– Escuta – digo. – O Douglas vai ausentar-se por uns dias a começar amanhã, por isso não precisam de mim para cozinhar. E se jantássemos amanhã à noite?

– Está bem. – A sua voz soa um pouco estranha. – Além disso, quando estivermos a jantar, acho que precisamos de ter uma conversa.

Solto um riso estrangulado.

– Isso não parece bom.

– Eu só… – oiço-o pigarrear. – Gosto muito de ti, Millie. Precisamos apenas de discutir em que posição estou.

– Estás muito bem.

– Estou mesmo?

Não sei o que dizer. Mas tem razão. Eu e o Brock precisamos mesmo de ter uma conversa. O mais cedo possível. Tenho de lhe confessar a verdade sobre tudo no meu passado, e então poderá decidir se quer avançar. Gostaria de pensar que é uma pessoa suficientemente decente para não se deixar afugentar por uma década na prisão, mas não paro de imaginar a expressão no seu rosto quando lhe contar. E não é de felicidade.

– Tudo bem – digo. – Podemos ter uma conversa.

– Encontramo-nos no meu apartamento às sete?

– Claro.

Faz-se uma pausa do outro lado da linha e quase receio que me vá dizer de novo que me ama, mas em vez disso despede-se.

– Até amanhã.

Depois de desligarmos, fico por um momento a olhar para o ecrã do meu telemóvel. E se eu lhe ligasse de volta e lhe contasse tudo agora mesmo? Arrancar simplesmente o penso rápido. E, então, não teria de esperar e de carregar esta sensação de mal-estar no meu estômago durante mais um dia.

Não, não posso fazer isso. Terá de ser amanhã.

Continuo a dirigir-me ao prédio, com um peso na boca do estômago. O porteiro apressa-se a abrir-me a porta e, ao fazê-lo, pisca-me o olho.

Parece-me um pouco estranho. O homem tem pelo menos mais trinta anos do que eu. Estará a tentar fazer-se a mim? Por um momento, tento recordar se já antes o vi piscar-me o olho, mas depois afasto-o do pensamento. Um porteiro tarado é o menor dos meus problemas.

Quando, com um rangido, as engrenagens param no vigésimo andar e as portas se abrem para a *penthouse*, quase dou um salto. Em todas as vezes que aqui vim nos últimos meses, isto é algo que nunca antes vi. E é o suficiente para me fazer ficar de queixo caído.

A Wendy está de pé em frente à porta do elevador da *penthouse* – saiu do quarto. E fita-me com os seus grandes olhos verdes.

– Precisamos de falar – diz.

25

Agarrando-me pelo braço, Wendy puxa-me para o sofá. Apesar da sua magreza, é forte. De alguma forma, não me surpreende por completo.

Sento-me no sofá e ela ao meu lado, alisando a camisa de noite sobre os joelhos ossudos. Os hematomas no seu rosto parecem muito melhores, mas os seus olhos estão tão raiados de sangue como da última vez que a vi.

– Disse que estava disposta a ajudar-me – começa. – Estava a falar a sério?

– É claro que estava a falar a sério!

O mais ligeiro dos sorrisos aflora-lhe aos lábios. Percebo então que Wendy é muito bonita. Entre o aspeto enfraquecido do seu corpo e os seus hematomas, não tinha reparado antes.

– Segui o seu conselho.

– O meu conselho?

– Depois de partir – diz –, pensei em matar-me.

Inspiro bruscamente.

– *Não* foi esse o conselho que eu lhe dei.

– Eu sei – responde rapidamente. – Mas parecia tudo tão irremediável. Quando convenci o Douglas a contratá-la, pareceu-me que era o meu último salva-vidas para sair desta situação terrível. E, quando a mandei embora, foi como se não houvesse hipótese de alguma vez lhe escapar. Por isso, fui para a casa de banho e pensei em cortar os pulsos.

– Oh, meu Deus, Wendy…

– Mas não o fiz. – Endireita o queixo. – Porque, por uma vez, não me sentia inteiramente sozinha. E lembrei-me do que me tinha dito sobre falar com alguém que o Douglas não conhecesse. Alguém do meu passado que nunca tivesse conhecido. E lembrei-me da minha velha amiga da faculdade, a Fiona. Era uma das minhas melhores amigas, não falamos há séculos e não tinha qualquer contacto com ela através das redes sociais.

Arqueio as sobrancelhas.

– Vai tentar encontrá-la, então?

– Já encontrei. – As maçãs do rosto geralmente pálidas da Wendy ruborizam-se. – Consegui o número de telefone dela ligando a outra amiga da faculdade… e é claro que a fiz jurar segredo. E esta manhã a Fiona e eu conversámos durante horas. Tem uma quinta mesmo à saída de Potsdam, no norte de Nova Iorque. Está maioritariamente desligada do mundo, exceto pelo telefone fixo. Contei-lhe tudo sobre a minha situação e disse-me que posso ficar com ela o tempo que precisar.

Embora aplauda a sua iniciativa, isto não resolverá o problema. Mesmo que não a encontre lá, não pode ficar escondida para sempre no norte de Nova Iorque. Nem sequer terá forma de arranjar emprego sem algum tipo de identificação ou número de segurança social. Era nisso que o Enzo costumava ajudar. Com o tipo de recursos que Douglas tem, encontrá-la-á num instante quando ela utilizar o seu verdadeiro nome. Aprendi também, por experiência própria, que de nada adianta ir à polícia quando se trata destes homens incrivelmente ricos e poderosos – sabem como untar as mãos certas.

– Sei que não é uma solução permanente – admite. – Mas não faz mal. Desde que possa ficar lá algum tempo e planear os meus próximos passos. Talvez possa arranjar um advogado que me ajude a lidar com o sistema enquanto estou escondida dele. Ou talvez possa encontrar alguém que me ajude a recomeçar. – Trémula, respira fundo. – O importante é que deixarei de estar com ele. E que não será capaz de me alcançar.

– Isso é fantástico, Wendy – digo. E digo-o a sério, apesar de estar prestes a perder um emprego muito lucrativo. É certo que guardei a pulseira que me impingiu no outro dia, e podia provavelmente pô-la no prego por um mês de renda. Além do mais, tenho um pressentimento que, depois da minha conversa com o Brock amanhã, talvez acabemos por ir viver juntos, afinal. (Ou por acabar para sempre. Ou uma ou outra.)

– Mas eis a questão – acrescenta Wendy. – Preciso da sua ajuda.

– Com certeza! Tudo o que precisar.

– É algo a modos que grande – diz. – Mas eu compenso-a.

– *Seja o que for*.

– Preciso de boleia. – Treme-lhe ligeiramente a mão ao puxar a gola. – O meu plano é partir amanhã, quando o Douglas sair da cidade. Estará do outro lado do país, por isso, mesmo que tenha alguma suspeita de que eu parti, não haverá nada que possa fazer a esse respeito… não de imediato, pelo menos.

– Certo…

– A Fiona diz que me pode ir buscar, se eu conseguir chegar a Albany – prossegue. – Não pode deixar a quinta o dia todo. Portanto, preciso de boleia até Albany. Podia alugar um carro, mas teria de lhes dar a minha identificação e…

– Eu faço-o – interrompo. – Alugo o carro. Levo-a a Albany. Sem problemas.

– Obrigada, Millie. – Aperta-me as mãos nas suas. – Prometo que lhe dou o dinheiro em numerário. Não sabe o quanto lhe agradeço por isto.

– Não se preocupe com o dinheiro – digo, apesar de estar muito preocupada com o dinheiro em geral. – Precisa mais dele do que eu.

Wendy rodeia-me com os braços e só então sinto quão frágil é realmente o seu corpo. Podia esmagá-la, se a abraçasse com um pouco mais de força.

Ao afastar-se, tem lágrimas nos olhos.

– Tem de saber que, se me ajudar, estará a pôr-se em perigo.

– Compreendo isso.

– Não, *não* compreende. – Lambe os lábios ligeiramente gretados. – O Douglas é um homem extremamente perigoso e, digo-lhe, fará o que for preciso para me encontrar e trazer de volta. *O que for preciso.*

– Não tenho medo – respondo.

No fundo da minha mente, porém, há uma voz que me diz que talvez *devesse* ter medo. Que seria um erro grave subestimar Douglas Garrick.

26

Na manhã seguinte, alugo um carro.

Apesar de lhe ter dito que não era necessário, Wendy deu-me o valor em dinheiro do aluguer, ainda que eu vá utilizar o meu cartão de crédito para o fazer. Não quero o aluguer deste carro associado a ela seja de que maneira for.

Claro que há probabilidades razoáveis de Douglas Garrick vir a suspeitar que eu tive algo a ver com o desaparecimento da mulher. Mas nunca, jamais, a denunciarei. Nem que me torture, o que sinceramente não excluiria. Um homem capaz de fazer aquilo ao rosto da mulher é capaz de tudo.

– Olá, bem-vinda à *Happy Car Rental* – chilreia uma rapariga ao balcão, que não parece ter idade suficiente para alugar ela própria um carro. – Em que posso ajudar?

– Reservei um *Ford Focus* cinzento – digo-lhe. – Fiz a reserva *online*.

A rapariga introduz os meus dados no computador enquanto eu tamborilo com os dedos no balcão. Durante a espera, não posso deixar de sentir um formigueiro na nuca. Como se alguém me estivesse a observar. Outra vez.

Viro-me para trás. A montra da agência de aluguer de veículos é toda de janelas fixas, do chão ao teto, pelo que facilmente alguém poderia estar a olhar para o interior. Quase espero ver um homem de rosto colado ao vidro, a olhar-me fixamente. Mas não está lá ninguém.

Involuntariamente, estremeço. Segundo a Sra. Randall, Xavier Marin está na prisão. Sem fiança, disse-me – despejou-o. Por que tenho então, ainda, a sensação que alguém me observa? E não é a primeira vez. Já me senti assim pelo menos meia dúzia de vezes desde que Xavier foi preso.

A verdade é que não sei quem me tem andado a observar durante todo este tempo. E se for realmente Douglas Garrick quem me tem andado a seguir pela cidade? Não faz propriamente sentido, pois já sentia esses olhos atrás de mim antes de começar a trabalhar para ele. Mas não posso descartar a possibilidade. Foi ele que eu vi quando estava na esplanada daquele restaurante.

E se Douglas souber exatamente o que andamos a fazer? Se estiver lá fora, à *espreita*?

– Então, tenho o seu carro – diz a rapariga. – É o *Hyundai* vermelho.

– Não – respondo, impaciente. – Fiz uma reserva para um *Ford Focus* cinzento. – Manter o anonimato e não atrair atenções para nós é crucial. Aprendi isso com o Enzo.

– Não sei o que lhe dizer. Aqui diz *Hyundai* vermelho. Não temos nenhum *Ford Focus* cinzento no nosso inventário neste momento.

– É inacreditável. Fiz uma reserva e nem sequer têm o que eu reservei?

A rapariga encolhe os ombros, impotente. E nem é a primeira vez que isto me acontece. De que adianta fazer uma reserva se não cedem simplesmente o que reservámos?

– Não quero um carro vermelho – digo rigidamente. – E se for um *Hyundai* cinzento?

Abana a cabeça.

– Estamos com poucos ligeiros. Posso alugar-lhe um *Honda CR-V* cinzento.

Demoro um momento a ponderar se um SUV sobressairia mais do que um ligeiro vermelho. Finalmente, aceito o *Hyundai* vermelho. Para dizer a verdade, só quero sair daqui. O objetivo desta viagem é tirar Wendy da cidade, mas não creio que fosse assim tão mau sair eu também.

27

Será uma viagem de sensivelmente cinco horas até ao nosso destino, considerando o trânsito. Ou, pelo menos, é isso que o meu GPS diz.

O nosso plano é procurar um motel barato à beira da estrada quando chegarmos perto de Albany. Deixarei lá a Wendy para passar a noite e a Fiona irá buscá-la na manhã seguinte. Trará roupa que chegue para um par de semanas e dinheiro suficiente para durar vários meses.

Douglas jamais a encontrará.

Estaciono o meu dolorosamente conspícuo *Hyundai* vermelho a um quarteirão do prédio, para que o porteiro que me está sempre a piscar o olho não avise Douglas que viu a mulher dele entrar num veículo com a empregada doméstica. O carro é tão ridiculamente vermelho que é como se estivesse a conduzir um maldito carro dos bombeiros. Mas não há nada que eu possa fazer em relação a isso agora.

Enquanto espero no carro que a Wendy se materialize, uma mensagem de texto de Douglas chega ao meu telemóvel:

Passa lá por casa esta noite?

Douglas pediu-me para limpar o apartamento na sua ausência. Aceitei fazê-lo, por isso não me admira que continue a monitorizar e confirmar o meu horário das limpezas, mesmo estando fora da cidade. Faz-me sentir um pouco inquieta, tendo em conta que vai regressar a casa para descobrir que a mulher desapareceu. Mas, no interesse de tentar fingir que as coisas estão o mais normais possível, respondo-lhe:

Lá estarei.

É claro que não estarei. Estarei a transportar a mulher dele para um lugar seguro.

Apesar da minha irritação com a confusão na agência de aluguer de veículos e da longa viagem que tenho pela frente, tenho de sorrir para comigo. Wendy vai finalmente deixar Douglas. Era isto que eu costumava achar tão gratificante. E

foi por isto que decidi formar-me em serviço social. O que eu quero é passar a minha vida a ajudar pessoas assim.

Pelo retrovisor, vejo a Wendy descer a rua com duas malas de viagem. Tem o cabelo apanhado atrás num simples rabo de cavalo, traz uns óculos escuros empoleirados no nariz e veste uma confortável camisola com capuz e umas calças de ganga azuis.

Saio do carro para a ajudar a guardar as malas na bagageira. Está absolutamente radiante.

– Tinha-me esquecido de como as calças de ganga são confortáveis – comenta.

– Não usa calças de ganga?

– O Douglas odeia. – Torce o nariz. – Por isso é que não levo mais nada a não ser calças de ganga!

Rio-me enquanto ponho as suas malas na bagageira. Entramos no carro, ligo o GPS e fazemo-nos à estrada. Há já um par de anos que não me sentava a um volante, e sabe bem voltar a conduzir. Claro que conduzir na cidade é super stressante, mas em breve entrarei na autoestrada e aí a viagem será tranquila – pelo menos até chegarmos ao trânsito da hora de ponta.

– O Douglas não desconfiou de nada, então? – pergunto eu à Wendy.

Ela empurra os óculos de sol para a ponte do seu nariz de botão.

– Acho que não. Entrou para se despedir antes de partir e eu fingi que estava a dormir na cama. – Olha para o relógio. – E, neste momento, está provavelmente a apanhar um avião para Los Angeles.

– Ótimo.

Ela ergue os óculos de sol para me fitar.

– Não falou a ninguém de nada disto, pois não?

– De modo algum. Nem a uma alma.

Ela parece ficar aliviada.

– Mal posso esperar para sair daqui. Quase não consegui dormir esta noite.

– Não se preocupe. Sou uma condutora super-rápida. Quando der por isso, já estaremos no motel.

No momento em que digo isto, travo bruscamente num sinal vermelho, evitando por pouco um peão, que me mostra graciosamente o dedo do meio. Pronto, está bem, temos de chegar depressa, mas, acima de tudo, temos de chegar inteiras.

Enquanto espero que o semáforo mude, lanço um olhar ao retrovisor e não posso deixar de reparar num carro atrás de mim. É um veículo familiar preto.

E tem o farol dianteiro do lado direito rachado.

Ou será o esquerdo? Estico o pescoço para olhar para trás, pois confundo sempre a esquerda e a direita no espelho. Não, é definitivamente o farol dianteiro do lado *direito* que está rachado.

Estico ainda mais o pescoço para ver a grelha da frente, que tem um pequeno círculo que é o logótipo da *Mazda*. Sinto um aperto no coração. É um *Mazda* preto com o farol dianteiro do lado direito rachado. O mesmo carro que tenho visto múltiplas vezes nos últimos meses.

Tento captar um vislumbre da matrícula, mas, antes que consiga ver seja o que for com clareza, ouve-se uma explosão de buzinas atrás de mim. Tenho de me pôr de novo em movimento antes que alguém saque de uma arma e me dê um tiro.

– Sente-se bem? – A Wendy tem a testa franzida sobre os seus óculos de sol. – O que se passa?

Pergunto-me quanto lhe devo dizer. Não há maneira de eu conseguir ver bem aquela matrícula enquanto conduzo, mas, ao mesmo tempo, ela já está extremamente nervosa. Não quero assustá-la e dizer-lhe que acho que pode estar alguém a seguir-me.

Especialmente se esse alguém for o seu marido.

Não tem de ser o Douglas. Apesar do que a Sra. Randall disse, é perfeitamente possível que o Xavier Marin tenha saído da prisão. E agora esteja a atormentar-me.

Mas isso não faz muito sentido. Esteja ou não na prisão, o Xavier tem agora certamente os seus próprios problemas. Não andará a perder o seu tempo a seguir-me até Manhattan, e muito menos até Albany.

Enquanto me dirijo à autoestrada, tento conduzir de forma criativa. Sempre que mudo de faixa, mantenho o *Mazda* na minha linha de visão, tentando ver se muda de faixa comigo. Nem sempre o faz, mas sempre que olho pelos retrovisores, vejo-o atrás de mim. E, a dada altura, consigo vislumbrar os três primeiros caracteres da matrícula: 58F.

Os mesmos do carro que me tem andado a seguir.

– Millie! – arqueja a Wendy, quando quase embato num SUV verde. – Abrande, por favor! Não quero ter um acidente.

– Desculpe – murmuro. – É que já há algum tempo que não agarrava num volante.

Chegamos finalmente à FDR Drive, e eu vou com um olho no retrovisor. Aquele *Mazda* preto veio atrás de mim o tempo todo. E será muito mais fácil ao carro continuar a seguir-me quando eu estiver na autoestrada. Ainda não chegá-

mos ao trânsito da hora de ponta, pelo que as faixas devem estar bem abertas.

Mas isso também significa que posso ir o mais rápido que quiser e evitá-lo.

Ao entrar na FDR, ponho o pé no acelerador, preparando-me para meter prego a fundo. *Vejamos se aquele velho e desconjuntado Mazda chega aos cento e trinta.* Mas, então, olho para o retrovisor.

O *Mazda* desapareceu. Não virou para a autoestrada comigo.

Solto uma exalação, simultaneamente aliviada e confusa. Tinha a certeza de que o carro me estava a seguir. Teria apostado a minha vida nisso. Mas, afinal, foi tudo apenas uma coincidência. Não há ninguém a seguir-me.

Vai correr tudo bem.

28

– Vamos parar no *McDonald's* – sugere a Wendy.

Está obscenamente entusiasmada com a ideia de provar comida rápida. Cerca de metade da minha dieta consiste em comida rápida, pelo que não estou nem de longe tão excitada. Mas o Douglas é rigoroso quanto ao que a Wendy pode ou não comer, embora eu receie que, estando ela tão magra e privada de produtos gordos, se comer uma só batata frita do *McDonald's*, isso a possa matar.

Felizmente, surge um sinal à beira da autoestrada com o logótipo do *McDonald's* bem destacado. Assim, viro na saída seguinte. Em todo o caso, estava a precisar de pôr gasolina.

Entro no parque do estacionamento do *McDonald's* e os olhos da Wendy iluminam-se. Quando abre a porta, o cheiro a comida a fritar invade-me as narinas. Estou prestes a segui-la para o exterior do carro quando o meu telemóvel toca. Agarro-o e o meu coração cai-me aos pés ao ver o nome do Brock.

Oh, *não* – estava tão absorta em salvar a Wendy que me esqueci por completo de cancelar o nosso jantar. Como fui capaz de lhe fazer isso outra vez? Sou tão louca pelo Brock. Por que insisto em sabotar a nossa relação?

Às vezes, pergunto-me se estou a fazer de propósito. Para que me deixe agora, antes de eu ter de lhe contar a verdade e me deixar por uma razão que provocará muito mais dor.

– Vá andando – crocito. – Encontro-me consigo lá dentro.

Esta não vai ser uma conversa rápida. Ou, talvez, seja *muito* rápida.

Mal a Wendy sai do carro, atendo a chamada. Como seria de esperar, o Brock parece à beira da fúria.

– Onde estás? Pensava que vinhas cá às sete.

– Hã – digo. – Tive uma mudança de planos.

– Tudo bem. A que hora chegas, então?

Oxalá pudesse dizer que estou mesmo ao virar da esquina, mas a realidade é que estou a horas de distância. E não há uma forma fácil de lho dizer.

– Acho que não vou poder ir esta noite.

– Porque não?

Mais do que tudo, gostaria de lhe poder dizer. Seria um alívio partilhar isto com alguém, mas a Wendy fez-me jurar segredo por uma boa razão.

– Tenho trabalho para fazer. Estudar.

– Estás a falar a sério? – O Brock passou de à beira da fúria para absolutamente encolerizado. – Millie, tínhamos planos para esta noite. E não só não apareceste sem me avisar como agora dás uma desculpa da treta sobre estudar?

Não sei por que não é uma desculpa válida. Podia precisar de estudar esta noite!

– Escuta, Brock…

– Não, escuta tu – rosna. – Tenho sido paciente, mas a minha paciência está a esgotar-se. Preciso de saber o que sentes por mim e aonde vai esta relação. Porque eu estou pronto para algo mais e gostaria de saber que não ando a perder o meu tempo.

O Brock está tão pronto para assentar. Sei que isso se deve em parte ao seu coração fraco, e talvez outra parte seja apenas aquela ânsia indescritível por algo mais que tantas pessoas desenvolvem aos trinta. Não está a brincar. Tenho de o levar a sério ou então de o deixar ir. É o mais correto a fazer.

– Não estás a perder o teu tempo – murmuro para o telemóvel. – Prometo. As coisas estão apenas um pouco loucas para mim, mas juro que gosto realmente de ti.

– Gostas? Às vezes não tenho a certeza de que isso seja verdade.

Sei o que procura. E sei que tenho duas opções. Ou lhe digo o que quer ouvir ou então tenho de acabar com tudo.

E eu não quero acabar. Embora não sinta o que estou prestes a dizer, o Brock é um homem realmente bom. A vida que imaginei com ele é o que sempre desejei. E não o quero perder.

– Gosto realmente de ti – respiro fundo. – Eu… eu amo-te.

Quase consigo ouvir a combatividade a esvair-se do meu namorado.

– Eu também te amo, Millie. A sério que sim.

– E precisamos realmente de ter uma conversa. – Tenho de lhe contar tudo sobre mim. E em breve. Não aguento ficar à espera do inevitável. Tenho de lhe explicar tudo e de me assegurar de que continua a querer estar comigo. – Assim que as coisas acalmarem, está bem? Na próxima semana.

– Está bem – concorda o Brock, porque tenho basicamente a certeza de que aceitaria o que quer que fosse neste momento. – E, se acabares o teu estudo, talvez possamos jantar amanhã? E passar a noite em minha casa.

Passamos *sempre* a noite em sua casa. Nem sei porque se deu ao trabalho de deixar uma muda de roupa e um frasco dos seus comprimidos na minha. Mas devo admitir que o seu apartamento é mais agradável e muito mais conveniente.

– Claro.

– Amo-te, Millie.

Oh! Pelos vistos, agora vamos acabar todas as nossas conversas desta forma.

– Eu também te amo.

Desligo a chamada, ainda sem me sentir lá muito bem com a conversa. Ainda tenho o meu namorado, mas por quanto tempo? Diz que me ama, mas às vezes sinto que mal sabe quem eu sou.

Mas talvez vá ficar tudo bem. Talvez descubra a verdade sobre mim e continue a amar-me. E ainda possamos estar juntos, comprar aquela casa nos subúrbios e enchê-la de filhos. Podemos ter uma vida normal e perfeita.

Só que tenho fortes suspeitas de que isso jamais poderá acontecer comigo. Nunca fui normal ou perfeita, e só houve um homem na minha vida que compreendeu isso.

29

Nas melhores circunstâncias, a viagem teria demorado entre três e quatro horas. Com o trânsito, demora quase cinco horas na estrada, com outros trinta minutos somados para quando parámos naquele *McDonald's* – valeu a pena para ver a Wendy devorar um hambúrguer de cem gramas e umas batatas fritas médias. Agora, ainda tenho de fazer a viagem de regresso, embora já passe das nove, pelo que as estradas devem ao menos estar livres. De certeza que consigo chegar em menos de três horas.

Ao aproximarmo-nos de Albany, saio da autoestrada numa área de serviço que anuncia um motel. Acontece ser exatamente o que procurávamos – um local de aspeto barato com uma luz tremeluzente a anunciar vagas. Os quartos abrem para o exterior, pelo que a Wendy não terá de atravessar um átrio para lhes chegar. Entro no parque de estacionamento pouco ocupado.

– Bem – digo –, chegámos.

– Sim… – A Wendy e eu não falámos muito durante a viagem, feita sobretudo a ouvir música, e agora o pânico cresce-lhe nos olhos. – Millie, talvez isto seja um erro.

– Não é um erro. Está decididamente a agir da forma certa.

– Ele é mais inteligente do que eu – diz, apertando as mãos. – O Douglas é um génio e tem uma fortuna à sua disposição. Vai encontrar-me. Vai verificar cada motel, e o tipo da receção dir-lhe-á provavelmente tudo sobre mim.

– Não dirá, não – respondo com firmeza. – Porque sou eu que vou reservar o quarto para si, lembra-se? Ninguém a vai ver.

A Wendy parece ainda estar quase à beira de um ataque de pânico, mas respira fundo algumas vezes e acaba por concordar.

– Está bem, talvez tenha razão.

Entrega-me algum dinheiro da sua bolsa e eu saio do carro para ir à receção do motel. O homem ao balcão ronda os vinte e poucos anos, com uma barba cerrada e um telemóvel na mão direita, e não podia parecer menos entusiasmado por es-

tar a fazer o turno da noite.

– Olá – digo. – Gostaria de reservar um quarto, por favor.

Não ergue o olhar do seu telemóvel.

– Identificação com fotografia, por favor.

Estava preparada para esta exigência, razão pela qual não deixei a Wendy fazer a sua própria reserva. Mas sinto-me segura, ainda assim, ao entregar a minha carta de condução. Não será introduzida no sistema – provavelmente apenas no disco rígido deste computador. Não que o Douglas vá necessariamente procurar por *mim*, mas nunca se sabe. Se é tão esperto como a Wendy pensa, pode juntar as peças.

E, se assim for, posso correr grave perigo.

Felizmente, o homem aceita o dinheiro sem discutir e não pede o meu cartão de crédito. Teria de lho entregar, se tivesse sido necessário, mas parece que podemos fazer isto sem deixar um rasto eletrónico.

– Quarto 207 – diz, tirando uma chave do suporte atrás de si. É superantiquado. – Fica nas traseiras.

– Ótimo – digo.

Pisca-me o olho.

– Sabia que era o que queria.

Gemo interiormente. É claro que sabia que não havia hipóteses de o tipo não se ir lembrar de mim – uma mulher solteira a pedir um quarto a altas horas da noite – mas, com sorte, não lhe dará grande importância. Talvez pense que vou vender-me por lá. É esse o objetivo.

Regresso ao carro com a chave do quarto do motel. A Wendy desce do lugar do passageiro, tendo mudado a posição do boné de beisebol que enverga de modo a pender-lhe sobre a testa. Imagino que, em algum momento do futuro próximo, irá provavelmente cortar e pintar o cabelo, talvez usando uma tesoura de cozinha e tinta barata da drogaria. Mas, por agora, o boné servirá.

– Muito obrigada por isto – diz a Wendy, lacrimosa. – Salvou-me a vida, Millie.

– Era o mínimo que podia fazer.

Ela lança-me um olhar.

– Julgo que ambas sabemos que isso não é verdade.

Ajudo-a a tirar as malas da bagageira e, por um momento, ficamos simplesmente ali, no parque de estacionamento deserto, a olhar uma para a outra. Não sei se alguma vez voltarei a ver a Wendy. Espero que não, porque, se tal acontecer, significará que esta missão falhou.

– Obrigada – diz uma vez mais. E, antes que eu perceba completamente o que está a acontecer, já ela me abraçou. Mais uma vez, assombra-me quão frágil o seu corpo parece ser. Espero que coma muitas vezes no *McDonald's* nos próximos anos.

– Boa sorte – digo-lhe.

– Tenha cuidado – responde-me numa voz rouca. – *Por favor*, tenha cuidado. O Douglas virá à minha procura e não vai deixar pedra por revolver.

– Posso lidar com ele. Prometo.

A Wendy não parece propriamente acreditar em mim, mas tira as suas malas da bagageira. Vejo-a dirigir-se ao quarto 207, que fica nas traseiras do motel. Fico a observá-la até desaparecer de vista. Depois, volto para o carro e regresso a casa.

30

É quase meia-noite quando regresso à cidade.

Em forte contraste com o trânsito cerrado de quando parti, as ruas estão desertas e, mesmo quando demoro a passar um sinal verde, ninguém buzina. Não está ninguém na rua à meia-noite de uma quarta-feira.

A *Happy Car Rental* cobrar-me-á um dia extra se eu devolver o carro depois da meia-noite, por isso tenho de chegar ao local da agência a horas. Quando entro no parque de estacionamento, ainda faltam cinco minutos para a meia-noite. É melhor que não me arranjem problemas.

Ao balcão da agência de aluguer de veículos está um rapaz que parece tão alerta e entusiástico como o rapaz do motel há três horas. Largo as chaves do *Hyundai* no balcão e empurro-as na direção dele.

– Ainda não é meia-noite – informo-o. – Por isso é só um dia.

Preparo-me para uma discussão, mas o rapaz limita-se a encolher os ombros e a aceitar as chaves.

– Está bem – responde.

Deixo escapar um bocejo. Passei quase oito horas seguidas a conduzir e apercebo-me de como estou cansada. Mal posso esperar por me enfiar na minha cama. Felizmente, não tenho aulas amanhã, por isso posso dormir até tarde. E, como é óbvio, o meu trabalho como empregada de limpeza já não existe.

Só que, mal volto a sair para as ruas, questiono a sabedoria de devolver o carro à meia-noite. Agora, tenho de voltar ao sul do Bronx e não tenho carro. Apesar de me sentir confiante em como me posso proteger, não estou muito certa, ainda assim, de que o metro seja boa ideia a esta hora. Talvez ao fim de semana; numa quarta-feira à noite, porém, seremos só eu e os assaltantes e violadores.

Mas não posso pagar um *Uber* neste momento. Já nem sequer tenho emprego.

Enquanto paro na esquina ao fundo do quarteirão da *Happy Car Rental*, a ponderar as minhas opções, um par de faróis ilumina a rua. Viro a cabeça, mesmo a tempo de ver um carro a aproximar-se. Um ligeiro preto com o logótipo da *Mazda* na grelha da frente.

E o farol do lado direito rachado.

Antes mesmo de conseguir ver bem a matrícula, já sei que é o mesmo carro que me tem andado a seguir nos últimos meses. O mesmo que ia atrás de mim esta tarde quando estava a conduzir com a Wendy. E agora apanhou-me sozinha. Numa esquina deserta. A meio da noite.

O *Mazda* encosta à berma da estrada. Consigo apenas distinguir a vaga silhueta de um homem no lugar do condutor. O motor desliga-se, mas deixa os faróis a brilhar na minha direção, suficientemente intensos para eu ter de me virar.

E, então, a porta do veículo abre-se.

31

Não vou cair sem dar luta.

Freneticamente, vasculho a minha bolsa à procura da minha lata de gás-pimenta. Ainda me resta algum, depois de ter atingido o Xavier naquela primeira vez. Se for o Douglas, não deixarei que me arranque qualquer informação. E, se for o Xavier, já o venci uma vez e posso voltar a fazê-lo. Não tenho medo.

Ainda que o meu coração esteja a palpitar com bastante violência enquanto o homem sai do carro.

Os meus dedos estabelecem contacto com a lata de gás-pimenta. Tiro-a, de dedo no bocal.

– Não se aproxime! – silvo à sombra escura.

Lentamente, a sombra ergue as mãos no ar. Oiço uma voz familiar.

– Não dispares, Millie.

Levo uma fração de segundo a reconhecer a voz. De repente, invade-me uma sensação de calor e o meu rosto abre-se involuntariamente num sorriso. Baixo a lata de gás-pimenta e atiro-me ao homem ainda de mãos no ar.

– Enzo! – exclamo, envolvendo-o nos meus braços. – Oh, meu Deus!

Ele retribui o abraço e, por um momento, não sinto mais nada a não ser pura alegria, envolta nos braços confortantes do meu ex-namorado. Costumava sentir-me sempre tão segura quando me abraçava assim, e não sabia se alguma vez voltaria a estar nos seus braços. E agora aqui está ele. Os seus ombros largos, o denso cabelo preto, o seu olhar penetrante. E a minha característica preferida nele – o sorriso, que me faz sentir como se achasse que sou a pessoa mais incrível que alguma vez conheceu.

– Millie – sussurra aos meus cabelos. – Estou tão feliz por estar de volta.

– Quando regressaste?

Hesita fugazmente.

– Há pouco mais de três meses.

Se houvesse um disco a tocar uma bela música de reencontro, este é o momen-

to em que o disco teria parado abruptamente. Afasto-me do Enzo, de queixo caído.

– Três *meses*?

A expressão acanhada diz-me tudo o que precisava de saber – e, infelizmente, tudo faz terrível e perfeito sentido. Nos últimos meses, tenho tido a sensação de que havia alguém a seguir-me – a observar-me. Pus as culpas no Xavier ou no Douglas, mas nenhum tinha nada a ver com isso. Foi o *Enzo* o tempo todo. É o *Enzo* o proprietário do *Mazda* preto com o farol direito rachado. Fiquei tão entusiasmada por o ver que estava a ignorar o que tinha mesmo à frente dos olhos.

– Andavas a perseguir-me! – Dou-lhe uma palmada no braço. – És inacreditável! Por que haverias de fazer isso?

– Perseguir não – diz, cerrando os maxilares. Céus, tinha-me esquecido de como é atraente. É uma distração, e não me posso deixar distrair, pois estou legitimamente furiosa com este homem. – Perseguir não… sou guarda-costas.

– Guarda-costas? – Cruza os braços sobre o peito. – É uma desculpa bastante fraca. Por que não vieste simplesmente ter comigo e dizer olá em vez de me andares a seguir por aí durante três meses?

– Porque… – Baixa os seus olhos muito negros. – Pensei que estavas zangada comigo por não ter voltado quando querias.

– Certo. E *estava* zangada. Perguntei-te quando regressavas e nem sequer foste capaz de me dar uma resposta.

– Mas, Millie, não podia. A minha mãe… estava tão doente e eu era tudo o que ela tinha. Como podia deixá-la?

– Deixaste-a agora – saliento.

– Sim – concorda, franzindo o sobrolho. – Isso é porque morreu.

Bem, agora sinto-me uma verdadeira idiota.

– Lamento muito, Enzo.

Por um momento, fica calado.

– Sim.

– Teria… – Engulo o pequeno nó que se formou na minha garganta. – Se me tivesses dito, podia ter estado lá para ti. Mas tu simplesmente… descartaste-me. Sabes disso.

– *Não podia* voltar – diz, cerrando os dentes. – Foi só isso que te disse. Nunca disse que já não te amava. – Lança-me um olhar. – Foste *tu* quem quis acabar com o que tínhamos. Tu é que começaste a namorar com esse tal Brócolo.

Reviro os olhos.

– O nome dele é *Brock*.

– Estou só a dizer que foste tu quem quis seguir em frente. Não eu. Eu ainda… Eu nunca deixei de sentir amor por ti.

Resfolego.

– Sim, pois. Esperas que acredite que não estiveste com nenhuma outra mulher depois de mim.

– Não. Nenhuma outra mulher.

Os seus olhos encontram os meus – está a falar a sério. Algo que o Enzo não faz é mentir. Não a mim, pelo menos. Por outro lado, posso estar enganada. Também não o tomava por um perseguidor.

– Não devias ter começado a seguir-me daquela maneira – digo com severidade. – Foi sinistro. Devias ter-me dito que estavas de volta.

– Para me poderes mandar passear? – As suas sobrancelhas negras arqueiam-se. – Enfim, como disse, sou guarda-costas. Precisas de um guarda-costas.

– Não preciso nada. Sei tomar conta de mim mesma.

Agora é a vez do Enzo resfolegar.

– Oh, *a sério*? Vives naquele bairro terrível do sul do Bronx. Achas que não precisas que vele por ti? Pois deixa-me jurar-te que houve pelo menos um dia em que não terias chegado da estação de comboios ao teu prédio, se eu não tivesse estado atrás de ti, a fazer de guarda-costas.

Todos os pelos na parte de trás do meu pescoço se eriçam. Estará a dizer a verdade? Haveria perigos à espreita nas sombras atrás de mim que derrotou antes que eu sequer percebesse?

– Como disseste, tenho namorado – digo baixinho. – E, se eu precisar, pode proteger-me, muito obrigada.

– Como te protegeu do Xavier Marin?

Ouvir o nome desse homem dos lábios do Enzo é como um murro no rosto.

– O que queres dizer com isso?

Mesmo no escuro, posso ver as mãos do Enzo cerrar-se em punhos.

– Aquele homem… atacou-te. Não pude fazer nada para o impedir porque foi no teu próprio prédio. E depois *deixaram-no simplesmente livre*. E esse teu Brócolo…

Sinto o rosto a arder.

– Brock.

– Desculpa. *Brock*. – A sua voz está eivada de fúria. – Não fez nada. *Nada*. Não se importa que o homem que lhe atacou a namorada *continue por aí*. Sem castigo! Saiu impune! Mas eu… eu importo-me. – Bate com um punho no peito. – Por isso assegurei que tem o que merece, de que nunca mais te volta a incomodar.

Subitamente, sinto a cabeça à roda. Lembro-me do Xavier a ser levado do meu prédio algemado, a gritar que as drogas encontradas não lhe pertenciam. A Sra. Randall disse que todos tinham ficado surpreendidos ao saber que andava a traficar droga.

– Foste *tu* que…

Encolhe um ombro.

– Conheço um tipo.

É devido ao Enzo que o Xavier está na prisão. Se não fosse por ele, aquele homem ainda andaria nas ruas. O Enzo tem razão – o Brock não fez nada.

Subitamente, já não sei o que pensar.

– Anda – diz, acenando com uma mão na direção do seu *Mazda*. – Dou-te boleia para casa. Tu, pensa se me odeias ou não.

É justo.

Subo para o carro ao lado do Enzo, que se senta no lugar do condutor. Tem o seu cheiro. Aquele cheiro amadeirado que sempre o acompanha. Fecho os olhos, perdida no passado. Por que teve de partir? Agora as coisas são tão complicadas. Fez demasiadas coisas erradas. Não posso simplesmente perdoar-lhe.

Pois não?

– Então – diz, ao começarmos a dirigir-nos à zona alta da cidade. – Para onde ias hoje com tanta pressa?

Puxo um fio solto das minhas calças de ganga.

– Como se não soubesses.

– Não sei tudo, Millie. – Lança-me um olhar, o seu rosto par- cialmente obscurecido pelas sombras. – Diz-me.

E é isso que faço.

32

Conto-lhe tudo. Até aos últimos pormenores dos abusos de Douglas e da fuga de Wendy.

Prometi à Wendy que não dizia a ninguém, mas o Enzo não é qualquer um. Ele percebe. Nós os dois trabalhámos lado a lado para ajudar mulheres como a Wendy. Se há em todo o mundo algum ser humano a quem possa confiar a história, é ele.

Levo quase o caminho todo até à minha porta da frente a chegar ao fim da história. O Enzo não disse grande coisa. É típico dele, porém. Nunca conheci ouvinte tão intenso. Muitas vezes aprecio a forma como presta atenção ao que eu digo. Mas, ao mesmo tempo, dá comigo em doida quando não consigo perceber o que está a pensar.

– E pronto – digo por fim, após descrever como deixei a Wendy no motel e o meu regresso à cidade. – Agora ela está a salvo.

O Enzo continua calado.

– Talvez – acaba por dizer.

– Nada de talvez. *Está*.

– Esse homem, Douglas Garrick – diz. – É poderoso e perigoso. Não creio que vá ser assim tão fácil.

– Só dizes isso porque o fiz sem ti. Não acreditas que possa fazer isto sozinha.

Ele vira para a rua em frente ao meu prédio. Está completamente escura e inerte, exceto por um homem solitário ao canto que fuma algo que provavelmente não é um cigarro. Olhando para esta rua, consigo perceber por que o Enzo se sentiu obrigado a proteger-me, embora continue a não acreditar que precisasse.

Vira-se para me olhar nos olhos.

– Acredito que podes fazer tudo – diz baixinho. – Mas, Millie, estou só a dizer… tem cuidado.

– A Wendy é muito cuidadosa.

– Não. – Os seus olhos negros trespassam-me. – Tem cuidado *tu*. Ela foi-se embora, mas tu continuas aqui.

Compreendo o que está a dizer. Se Douglas tiver a menor suspeita de que eu estive envolvida no desaparecimento da mulher, pode tornar-me a vida muito difícil. Mas estou preparada. Já lidei com homens piores e saí por cima.

– Terei cuidado – digo-lhe. – Já não é responsabilidade tua preocupares-te comigo. Por isso não precisas de me proteger.

– Quem o fará, então? O Brócolo?

Sinto o rosto a arder.

– Na verdade, não preciso que *nenhum* dos dois me proteja. Quando aquele sacana me atacou no meu prédio, cuidei bastante bem de mim mesma. Por isso não te preocupes comigo. Se te vais preocupar com alguém, devias preocupar-te com a segurança do Douglas Garrick. De *mim*.

– Bem – diz –, isso também.

Por um momento, ficamos a olhar um para o outro. Quem me dera que o Enzo não me tivesse deixado e voltado para Itália. Se isso não tivesse acontecido, podia ter-me ajudado com a Wendy. Podia ter-me falado mais cedo sobre as suas reservas, de modo a podermos resolvê-las. Podia tê-la ajudado a obter uma nova identidade para que tivesse mais opções.

E eu iria para casa com ele esta noite, em vez de com o Brócolo. Quer dizer, com o *Brock*.

– É melhor ir – digo.

Lentamente, aquiesce.

– Está bem.

Desaperto o cinto de segurança, apesar de me sentir relutante em sair do carro.

– Tens de parar de me seguir.

– Está bem.

– Digo-o a sério. – Lanço-lhe um olhar fulminante. – Namoro com outra pessoa, agora. Andas a *perseguir-me*. É sinistro e desnecessário. Tens de parar. Caso contrário… terei de chamar a polícia ou assim.

– Já disse que sim. – Leva uma mão ao peito. Veste uma *T-shirt* sob o casaco leve e ainda consigo, infelizmente, distinguir todos os seus músculos por baixo. – Dou-te a minha palavra. Acabou-se a vigilância.

– Ótimo.

Deixarei de ter aquela sensação sinistra de que há alguém a observar-me. Resolvi oficialmente o mistério do *Mazda* preto com o farol rachado, e este carro nunca mais me voltará a incomodar. Devia sentir-me aliviada, mas não sinto. Quando muito, sinto-me ainda mais inquieta. Tinha um anjo da guarda e nem sabia.

– Enfim… – Abro a porta do lado do passageiro. – Suponho que isto é o adeus.

Começo a sair do carro, mas então a mão do Enzo fecha-se sobre o meu antebraço. Viro-me para o fitar e vejo-lhe as sobrancelhas escuras franzidas.

– Ainda tenho o mesmo número de telefone – diz-me. – Se precisares de mim, liga. Lá estarei.

Tento forçar um sorriso, mas não se materializa.

– Não vou precisar de ti. Devias… sei lá, arranjar outra namorada. A sério.

Solta-me o braço, mas os seus lábios continuam franzidos.

– Liga só. Eu espero.

É exasperante o quanto parece estar certo que eu lhe vou ligar. Se há algo que devia saber sobre mim, é que sei tomar conta de mim mesma. Às vezes, *demasiado* bem.

Mas, ao subir os degraus para o terceiro andar do meu prédio, um pressentimento terrível sobe-me à boca do estômago. E se o Enzo tiver razão? E se subestimei Douglas Garrick? Afinal, é um homem verdadeiramente terrível, a julgar por tudo o que vi. E, além disso, é incrivelmente rico.

Não pode ser assim tão fácil para a Wendy escapar-lhe, pois não? Quando o Enzo e eu costumávamos ajudar mulheres a fugir dos seus maridos abusivos, planeávamos tudo meticulosamente e, mesmo assim, às vezes éramos descobertos. Tenho a sensação de que Douglas é mais esperto do que muitos dos outros homens com quem lidámos. Embora saiba agora que não era ele no carro que me seguia, pode ter outras formas de controlar a mulher.

E se sabia exatamente o que planeávamos fazer esta noite?

O pensamento atinge-me como uma tonelada de tijolo ao chegar ao patamar do terceiro andar. Tal como a rua, o terceiro andar do meu prédio está totalmente silencioso. E mesmo que o Enzo ainda esteja lá fora – apesar de eu o ter feito prometer que não ficaria – não me pode ajudar aqui dentro.

Olho para a porta fechada do meu apartamento. Tem uma trava do lado de dentro, mas não a posso correr ao sair para o dia. A fechadura da porta é quase pateticamente fácil de arrombar. Até eu podia provavelmente fazê-lo. Mas nunca me preocupei com isso, pois não tenho nada que valha a pena roubar.

Se alguém quisesse entrar no meu apartamento, seria demasiado fácil.

Tenho as chaves da minha porta na mão direita, mas hesito antes de as introduzir na fechadura. E se Douglas estiver mesmo um passo à minha frente? Se estiver à espera no meu apartamento, pronto para me persuadir a denunciar a localização da Wendy por quaisquer meios necessários?

Onde quer que o Enzo esteja, não pode ter ido longe. Tenho o seu número gra-

vado no meu telemóvel – nunca o apaguei. Podia ligar-lhe e pedir-lhe para entrar comigo no apartamento, só para garantir que é seguro.

Claro que, depois daquele discurso que eu fiz sobre como não preciso dele, isso implicaria engolir o meu orgulho. Mas já fiz muito disso na vida. O que é mais uma vez?

Aperto as chaves na mão. Tenho de tomar uma decisão.

Afasto as dúvidas enervantes e introduzo a chave na fechadura. Ao rodá-la, sinto o coração palpitar no peito, mas abro a porta.

Por um segundo, quase espero que algo me salte para cima. Amaldiçoo-me por não ter o meu gás-pimenta pronto. Mas, ao entrar, está tudo tranquilo. Não há ninguém à minha espera. Ninguém me salta para cima. Não está aqui ninguém.

– Olá? – chamo. Como se o intruso estivesse por aqui à espera de um cumprimento adequado.

Não obtenho resposta. Estou sozinha neste apartamento. Talvez Douglas venha a juntar todas as peças, mas tal ainda não aconteceu.

Portanto, fecho a porta do apartamento atrás de mim e corro o ferrolho.

33

– Sabes – diz-me o Brock, enquanto enfia uma garfada de massa *Pad Thai* na boca –, abriu uma vaga para rececionista a tempo parcial na minha sociedade de advogados. Estás interessada?

Estamos os dois a jantar no apartamento do Brock, na sua minúscula sala de jantar. Os Garrick têm uma verdadeira sala de jantar, mas a maioria dos apartamentos em Nova Iorque tem apenas uma minúscula área na sala de estar com uma mesa que pode ser manualmente estendida para acomodar mais de quatro pessoas. E o apartamento do Brock é considerado *grande* para os padrões de Manhattan. Num apartamento *pequeno*, não haveria de todo área de jantar, e a cozinha, a sala de estar, o quarto e a casa de banho seriam todos uma divisão, como em minha casa.

Dito isto, podia ter melhor, se quisesse. Os pais são ricos – não insanamente ricos como Douglas Garrick, mas decididamente de classe alta –, só que o Brock não quer aceitar o dinheiro dos pais, por mais que lho tentem oferecer. *Ensinaram-me a pescar*, gosta de dizer. Sente que é suficiente terem financiado o seu curso universitário na Ivy League e a faculdade de direito, e que agora é da sua responsabilidade ganhar o seu próprio sustento, isto é, pescar.

Respeito isso nele. É realmente uma excelente pessoa. E estou agradecida por não me ter pressionado a marcar outra data específica para termos a Conversa, ainda que agora pareça que podia simplesmente adiá-la indefinidamente – embora saiba que não devo.

Misturo um pouco mais do meu caril vermelho com o arroz branco. Adoro a comida deste restaurante, pois os caris são sempre superpicantes.

– Um emprego de secretária, hã?

O Brock assente.

– Andas à procura, certo?

Passaram três dias desde que deixei a Wendy em Albany. Disse ao Brock algo vago sobre já não necessitarem dos meus serviços, e não teve razões para suspeitar que algo mais se passasse. Douglas Garrick deve supostamente regressar da

sua viagem de negócios amanhã e, sempre que penso nisso, sinto um mal-estar no estômago. Mas ainda acredito que vai tudo correr bem.

Seja como for, terei de arranjar uma maneira de deixar aquele trabalho como empregada de limpeza. Talvez envie uma mensagem de texto a Douglas na próxima semana a dizer-lhe que a minha agenda ficou cheia e não posso trabalhar mais para ele. Isso deixar-me-á miseravelmente desempregada, e a ideia de um emprego com horário regular e *oh, meu Deus, regalias* é incrível.

– Parece ótimo – digo. – Mas seria um emprego como rececionista compatível com o meu horário escolar?

– Como disse, é a tempo parcial – responde-me. – Na verdade, esperam encontrar alguém que possa fazer os fins de semana, por isso seria perfeito para ti.

Seria perfeito. Absolutamente perfeito. E o Brock disse-me que todos na sua firma são bem pagos. E, então, não teria de aceitar ter de trabalhar para todos aqueles casais neuróticos de Manhattan.

Claro que, se a firma do Brock pensar em contratar-me, fará uma verificação de antecedentes. E, quando descobrirem o meu passado, também ele descobrirá. Posso até imaginar alguém da firma a importuná-lo com isso. *Ei, Brock, ouvi dizer que a tua namorada tem registo criminal.*

Quase consigo imaginar a sua reação. O seu habitual sorriso descontraído a fugir-lhe do rosto. *O quê? Como assim?* E, depois, a conversa ao chegar a casa do trabalho… oh, meu Deus…

Isto está a ficar de loucos. Já escondi a verdade durante tempo suficiente. E, se disse ao Enzo que é O Tal, então significa que o meu interesse é sério. Significa ser completamente honesta.

– Além disso – acrescenta o Brock –, os meus pais vêm à cidade para um casamento no próximo mês. E eu… – esboça um sorriso torto. – Gostaria que jantássemos todos juntos.

– Os teus pais? – engulo em seco.

– Quero que te conheçam. – Estendendo o braço sobre a pequena mesa de jantar, pousa a sua mão na minha. – Quero que conheçam a mulher que amo.

Se estivéssemos num concurso de «amo-te», o Brock estaria a aniquilar-me a uma proporção de uns dez para um.

Isto está a ficar descontrolado. Não posso adiar mais a Conversa. Tenho de lhe contar tudo. Agora.

– Ei, Brock. – Pouso o meu garfo. – Há algo que preciso de te dizer.

Arqueia uma sobrancelha.

– Oh?

– Sim…

– Isso não parece bom.

– Não, é… – Tento engolir, mas tenho a garganta demasiado seca. Agarro no meu copo, mas bebi a água toda enquanto comia o caril picante. – Deixa-me ir buscar um pouco mais de água.

O Brock olha-me fixamente enquanto agarro no meu copo e corro para a cozinha. Enfio o copo debaixo do filtro de água, desejando por uma vez que esta corresse um pouco mais devagar. Enquanto estou a encher o copo, o meu telemóvel começa a vibrar no meu bolso. Alguém está a ligar-me.

O nome da Wendy aparece no ecrã. Fiquei com o seu número, para o caso de algo correr mal com o nosso plano de fuga e ela precisar da minha intervenção. Mas deixou esse telemóvel para trás na *penthouse*. Por que me está a ligar agora, então?

Atendo a chamada, baixando a voz para o Brock não poder ouvir. Estou certa de que não aprovaria nada disto, e é particularmente importante não lhe dizer uma palavra, uma vez que aparentemente conhece Douglas Garrick e considera-o um tipo simpático.

– Wendy – sussurro. – O que se passa?

Por um segundo, oiço apenas silêncio do outro lado da linha. Depois, o som de um soluçar baixinho.

– Estou de volta. Ele trouxe-me de volta.

– Oh, meu Deus…

– Millie – falha-lhe a voz –, pode vir aqui, por favor?

O apartamento do Brock fica a apenas quinze minutos a pé da *penthouse*. Podia estar lá em vinte. Mas como posso? Acabo de iniciar uma discussão séria com o meu namorado, que provavelmente levará o resto da noite.

Mas o Brock não precisa tanto de mim quanto a Wendy.

– Estarei aí em breve – prometo-lhe.

Deixo o meu copo de água na cozinha e volto a sair para a zona de jantar. O Brock mal parece ter tocado na sua massa *Pad Thai* desde que eu saí da sala.

– Então? – pergunta.

– Ouve – digo. – Surgiu uma emergência. Tenho… tenho de ir.

– *Agora*?

– Peço imensa desculpa – respondo. – Falamos amanhã à noite. Prometo.

O Brock projeta o lábio inferior.

– Millie…

– *Prometo* – imploro com o olhar. – E… adoraria conhecer os teus pais. Acho

que vai ser ótimo.

Essa última afirmação parece aplacá-lo.

– Sei que estás nervosa com a ideia de conhecer os meus pais – diz –, mas vais adorar a minha mãe. Também é de Brooklyn. Andou na Universidade de Brooklyn e também tem o mesmo sotaque que tu.

– Eu não tenho sotaque!

– Tens, sim – sorri. – Um sotaque ligeiro. É giro.

– Pois, pois…

Erguendo-se da mesa, estende-me os braços. Apesar de estar em pulgas por correr para a *penthouse*, deixo-o abraçar-me.

– Quero só que saibas – diz o Brock – que, seja qual for a coisa terrível que sentes que precisas de me contar sobre ti, está tudo bem. Amar-te-ei de qualquer forma.

Olho para os seus olhos azuis e consigo perceber que está a falar a sério.

– Falaremos disto em breve – prometo. – E… também te amo.

Torna-se mais fácil de cada vez que o digo.

Beija-me profundamente e, por um momento, desejo verdadeiramente não ter de partir. Mas não tenho escolha.

34

As engrenagens do elevador rangem mais do que o habitual. Pergunto-me quantos anos tem este elevador. Li algures que começaram a ser utilizados em casas particulares nos finais dos anos 1920. Portanto, mesmo que este seja um dos primeiríssimos da história, tem, ainda assim, menos de um século. O que é reconfortante, suponho.

No entanto, um destes dias, estou certa de que todas estas velhas engrenagens vão enferrujar em pleno andamento e eu ficarei simplesmente presa neste elevador para o resto da vida.

Olho para o meu relógio. Passaram menos de vinte minutos desde que a Wendy ligou. Tentei ligar-lhe de volta para lhe dizer que estava a caminho, mas não atendeu. Temo o que vou encontrar quando chegar ao vigésimo andar.

Meu Deus, pode este elevador andar mais devagar?

Finalmente, o elevador para com um rangido e as portas abrem-se. O sol desceu no céu e o apartamento está às escuras. Por que não acendeu ninguém as luzes? O que se passa aqui?

– Olá? – chamo.

Ocorre-me então um pensamento terrível.

E se Douglas está aqui? Se obrigou a Wendy a ligar-me e a pedir-me para vir, a fim de me poder castigar por a ter ajudado? Parece o tipo de coisa de que seria capaz.

Às cegas, vasculho a minha bolsa à procura do gás-pimenta. Encontro-o junto ao meu pó compacto e tiro-o, apertando-o na mão direita.

– Wendy? – grito.

Com a mão esquerda, vou ao bolso das minhas calças de ganga, onde enfiei o telemóvel. Não quero ligar à polícia, mas, ao mesmo tempo, tenho um pressentimento terrível sobre o que vou encontrar neste apartamento.

Entro na sala de estar, os meus passos no soalho altos como tiros neste silencioso e vazio apartamento. O meu coração para ao ver as manchas vermelhas no tapete. E, depois, o corpo estendido no sofá modular.

– Wendy! – exclamo.

É muito pior do que eu pensava. Douglas não anda à procura da mulher ou a tentar exercer vingança. Já a encontrou e, agora, jaz morta no sofá. Corro para ela, esperando ver um ferimento de faca ainda aberto no seu peito e uma mancha carmesim na frente do seu vestido azul-escuro. Mas não vejo nada disso.

E, então, abre os olhos.

– Wendy! – Sinto-me como se estivesse prestes a morrer de ataque cardíaco. Oxalá tivesse alguma da medicação do Brock disponível, pois o meu coração adotou um ritmo insano e irregular. – Oh, meu Deus! Pensei que estava…

– Morta? – Senta-se no sofá, e é então que percebo que o carmesim no chão é vinho tinto que se derramou de um copo tombado sobre a mesa de café. Douglas vai passar-se se eu não o limpar. Ela ri amargamente. – Oh, quem me dera.

Estava tão concentrada em perscrutar-lhe o corpo à procura de ferimentos ou sangue que não vi o novo hematoma a desabrochar no seu rosto, onde o último já quase se tinha desvanecido. Retraio-me ao vê-lo – posso apenas imaginar o que causou tal coisa.

– O seu rosto – murmuro.

– Não é o pior. – Soerguendo-se no sofá, a Wendy estremece e agarra-se à caixa torácica. – Partiu-me seguramente as costelas.

– Tem de ir ao hospital!

– Nem pensar. – Lança-me um olhar. – Mas um saco de gelo seria bem-vindo.

Corro para a cozinha e encontro um no congelador. Cubro-o com um pano da loiça e levo-lho. Ela aceita-o com gratidão, pondera por um momento onde o quer e acaba por o encostar ao peito.

– Estava à minha espera – começa, num tom pouco acima de um sussurro. – Quando chegámos à quinta da Fiona em Potsdam. Já lá estava. Ele *sabia*.

Abano a cabeça. Não compreendo como isto aconteceu. Contava que pudesse acabar por a encontrar, mas tão rápido?

– Não sei como me encontrou tão depressa. – Fecha os olhos, como que a tentar afastar uma dor de cabeça. – Pensava que havia a hipótese de acabar por me encontrar, mas não tão cedo. Pensei que tinha mais tempo…

– Eu sei…

– Millie – Muda de posição, o que faz o saco de gelo sair fugazmente do lugar –, disse a alguém onde fomos?

– De maneira alguma!

Bem, isso não é inteiramente verdade. Disse a uma pessoa. Disse ao Enzo.

Mas dizer ao Enzo é o mesmo que não dizer a ninguém. O Enzo jamais diria

uma palavra sobre algo assim. Quando muito, tentaria protegê-la.

– Fui estúpida ao pensar que alguma vez poderia fugir dele. – Ajusta o saco de gelo. – É isto a minha vida. É mais fácil se simplesmente… aceitar.

– Não devia aceitar. – Agarro-lhe a mão e aperto-a. – Wendy, eu vou ajudá-la. Não tem de passar o resto da sua vida a suportá-lo.

– Sei que tem boas intenções…

– Não. – O meu maxilar contrai-se. – Oiça-me bem. Vou ajudá-la. Prometo.

A Wendy não diz nada. Já não acredita em mim. Mas vou resolver isto, de alguma forma.

Não deixarei Douglas Garrick sair impune depois de a magoar desta maneira.

35

Continuo a trabalhar para os Garrick.

Não disse ao Brock a verdadeira razão por que decidi ficar com eles e recusar a entrevista na sua firma, apenas que afinal precisavam de mim. Não me fez mais perguntas, mas sobretudo porque tenho andado a evitá-lo.

Da próxima vez que o vir, terei de lhe confessar a verdade sobre o meu passado. É altura. Mas isso não quer dizer que não esteja receosa, daí ter estado convenientemente «ocupada» nos últimos dias. Apesar de ter prometido explicar-lhe tudo «em breve», nunca há literalmente uma boa altura. Talvez nunca venha a haver.

Mas tenho de lhe dizer. Tem de saber a verdade antes de me apresentar aos pais, por amor de Deus.

Esta noite, estou a preparar o jantar para os Garrick. Tenho peitos de frango a assar no forno e batatas a cozer no fogão, que irei passar pelo processador de alimentos para fazer um puré de batata perfeitamente sedoso, exatamente como Douglas gosta. Sentir-me-ia tentada a cuspir-lhe, se não soubesse que a Wendy também o vai comer.

Enquanto estou a verificar o forno, a Wendy espreita para a cozinha. O seu rosto pisado parece muito melhor e já não estremece ao andar, pelo que presumo que esteja a sarar.

– O jantar está quase pronto – digo-lhe.

Ela deixa-se ficar à porta da cozinha por um momento.

– Preciso de falar consigo por um instante, Millie – diz por fim. – Pode vir à sala de estar?

Não deve haver problema em deixar a comida por alguns minutos, por isso sigo imediatamente a Wendy até à sua sala de estar e a uma secretária ao canto da divisão. Tem uma expressão estranha no rosto, e sinto um lampejo de preocupação. Há um par de dias, prometi-lhe que encontraria uma saída para a sua situação, mas ainda não cumpri essa promessa. Mas *fá-lo-ei*.

Estou só a tentar descobrir uma forma de o fazer sozinha.

– Descobri uma coisa no outro dia na estante do Douglas – diz-me. – Algo que gostaria que visse.

Com uma mistura de curiosidade e ansiedade, sigo-a enquanto coxeia escadas acima até uma estante no corredor. Puxa o que parece ser um dicionário e pousa-o numa prateleira vazia. Abre-o e é então que percebo que o dicionário foi completamente esvaziado.

E que tem no interior uma arma.

Tapo a boca com a mão.

– Oh, meu Deus! Isso é do Douglas?

Ela anui.

– Sabia que tinha uma arma algures em casa, mas nunca soube onde a guardava.

– Nem sequer a tranca?

– Suponho que queira ser capaz de lhe chegar rapidamente, se precisar – a Wendy ergue a arma do livro. Segura-a como alguém que nunca antes agarrou numa arma. – Isto é uma saída.

– Não. *Não* – reprimo a vaga de pânico no meu peito. – Acredite em mim, por mais desesperada que esteja, *não* quer fazer isso.

Não tenho muita experiência com armas, mas tenho *muita* experiência a realizar atos drásticos por desespero. E nunca, *nunca* mais volto a seguir por esse caminho. Como ela também não devia.

Mas a Wendy não está a ouvir. Segura a arma com as duas mãos e aponta-a ao outro lado da sala. Não tem o dedo no gatilho, mas a sua intenção é óbvia.

– Por favor, não faça isso – imploro-lhe.

– E está carregada – diz. – Pesquisei como verificar. Tem cinco balas dentro.

Não consigo parar de abanar a cabeça.

– Wendy, não quer fazer isto. Garanto-lhe.

Ela vira-se para me fitar, a maçã do rosto esquerda ainda púrpura do punho do marido, embora começando a esmorecer num tom amarelo.

– Que alternativa tenho?

– Quer passar o resto da sua vida na prisão?

– Já lá estou.

– Escute. – O mais suavemente possível, tiro-lhe a arma das mãos. Deposito-a de novo na secretária. – Não quer fazer isto. Há outra maneira.

– Já não acredito em si.

Imagino a Wendy a apontar a arma ao rosto de Douglas. Da forma como a segurava agora mesmo e o quanto tremia, provavelmente falharia mesmo de perto.

– Faz sequer alguma ideia de como disparar esta coisa?

Ela encolhe os ombros.

– Aponta-se a quem queremos matar e depois prime-se o gatilho. Não é nada de transcendente.

– É um pouco mais complicado do que isso.

Os seus olhos arregalam-se.

– Já alguma vez *disparou* uma arma, Millie?

Hesito por demasiado tempo. Sim, tenho alguma experiência a disparar uma arma. O Enzo estava convencido de que era uma boa competência a aprender, por isso fomos os dois algumas vezes ao campo de tiro. Fizemos um curso de segurança no manuseio de armas e obtivemos certificados. Mas nunca disparei nenhuma fora do campo de tiro. Não sou propriamente uma especialista.

– Mais ou menos.

Ela lança-me um olhar significativo.

– Millie…

– Não. – Agarro na arma e guardo-a de novo no falso dicionário. Fecho-o com um estalo. – Isso não vai acontecer.

– Mas…

O que quer que a Wendy estivesse prestes a dizer é interrompido pelo som do abrir das portas do elevador. Rapidamente, agarro no dicionário e enfio-o de novo na prateleira onde o encontrei enquanto a Wendy corre de volta para o quarto de hóspedes a uma velocidade surpreendente. Apresso-me a descer as escadas para que Douglas não perceba o que eu estava a fazer.

Douglas entra na sala de estar e parece ligeiramente surpreendido por me ver a descer as escadas. As suas densas sobrancelhas negras sobem-lhe pela testa.

– Julguei que estaria a preparar o jantar?

– E estou – garanto-lhe. – Está agora mesmo no forno.

– Compreendo… – Os seus olhos profundos estudam-me o rosto com minúcia suficiente para me fazer retorcer. – O que é o jantar, então?

– Peito de frango assado, puré de batata e cenouras glaceadas – respondo, apesar de a ementa de hoje ter sido cuidadosamente programada pelo próprio Douglas.

Douglas fica um momento a refletir.

– Não ponha batatas no prato da minha mulher. Fazem-lhe mal ao estômago.

– Está bem…

– E só meia dose de frango para ela – acrescenta. – Não tem estado bem e duvido que consiga comer muito.

Enquanto escorro as batatas que a Wendy não poderá partilhar, compreendo finalmente o porquê de ela ser tão dolorosamente magra. É o Douglas quem lhe leva a comida todas as noites. Controla cada porção que lhe entra na boca.

Além de tudo o resto, fá-la sistematicamente passar fome. Ainda uma outra forma de a controlar, de a manter débil e de lhe matar o espírito.

A Wendy tem razão. Isto tem de acabar.

Pelo lado positivo, agora é seguro cuspir no puré de batata.

36

Quando vou para a cama, ainda estou a pensar naquela arma escondida dentro do dicionário.

A expressão nos olhos da Wendy ao mostrar-ma era inconfundível. Está a falar a sério. Chegou a um ponto de desespero em que pensa para consigo: *ou ele ou eu*. E esse é um mau lugar para se estar. É então que se começam a cometer erros estúpidos.

Mais cedo do que tarde, terei de ligar ao Enzo. Ajudá-la-á melhor do que eu. Mas não posso ligar-lhe agora. É quase meia-noite e, se me vir a ligar-lhe a esta hora, pensará de certeza que é um convite sexual. Não quero que fique com a ideia errada.

Ainda que uma pequena parte de mim não tenha parado de pensar nele desde aquela noite em que fui a Albany.

Continuo zangada por ter desaparecido como desapareceu, mas não posso negar a pura alegria que senti quando saiu daquele carro. Ocorre-me agora que nunca me senti assim pelo Brock, e não estou certa de que alguma vez venha a sentir.

Mas isso não é justo para o Brock. O meu namorado tem tantas qualidades. Acima de tudo, é um homem confiável que jamais me abandonaria em tempos de necessidade. Disso tenho a certeza.

Por outro lado, não lhe pude contar nada do que se está a passar com a Wendy. A sua reação teria sido ligar imediatamente à polícia e não se envolver. O típico pensamento de advogado.

Como se lhe estivessem a arder as orelhas no bairro do lado, uma mensagem de texto do Brock aparece no meu telemóvel:

Amo-te.

Cerro os dentes. Oh, meu Deus, quantas vezes tem este homem de me dizer que me ama? Espera que o escreva de volta, mas simplesmente não me consigo obrigar a fazê-lo neste momento. Estes «amo-te» estão a manter-me refém. Assim, tiro antes uma *selfie* a fazer cara de beijo e envio-lha em resposta. É a modos

que o mesmo que dizer amo-te, não é? Ele responde de imediato.

Estás gira. Oxalá estivesses aqui.

Oh, meu Deus, tem literalmente tudo o que me diz de ser uma espécie de jogo de culpa por não ter ido viver com ele?

Atiro o telemóvel para o lado, frustrada. Vou a levantar-me para ir escovar os dentes quando o aparelho começa a tocar. É provavelmente o Brock, tendo em conta que não respondi à sua mensagem. Vai provavelmente perguntar-me se pode vir cá. E eu terei de lhe responder que não com jeitinho.

Só que, ao olhar para o ecrã do meu telemóvel, vejo que não é o Brock. É o *Douglas*.

Por que está o *Douglas* a ligar-me à meia-noite?

Por um minuto, fico a olhar para o telemóvel, o meu coração a palpitar. Não há nenhuma boa razão para o meu patrão me estar a ligar à meia-noite. Sinto-me tentada a deixar ir para o correio de voz, mas, em vez disso, deslizo o dedo pelo ecrã para atender a chamada.

– Millie – A voz soa ligeiramente seca. –, acordei-a?

– Não…

– Ótimo – diz. – Peço desculpa por ligar tão tarde, mas achei que seria melhor dizer-lhe já. Depois desta semana, não iremos necessitar mais dos seus serviços.

– Está… está a despedir-me?

– Bem, não propriamente a despedi-la – responde. – Mais a dispensá-la. A Wendy parece estar a sentir-se melhor e gostaria de voltar a ter alguma privacidade na nossa própria casa.

– Oh…

– Não é que não tenha feito um trabalho adequado… – Caramba, obrigadinha. – É só que um casal precisa da sua privacidade. Compreende o que estou a dizer?

Percebo perfeitamente a mensagem. Não quer que eu fale com a Wendy ou que a tente ajudar.

– Compreende, não é verdade, Millie? – insiste.

– Claro – respondo, entre dentes cerrados. – É claro que sim.

– Ótimo. – O seu tom aligeira. – E, só para lhe agradecer por tudo o que fez por nós, gostaria de lhe oferecer um par de bilhetes para um jogo dos Mets. Gostaria disso, não gostaria?

– Sim – respondo lentamente. – Gosto dos Mets…

– Perfeito! Está tudo resolvido, então.

– Ahã.

– Boa noite, Millie. Durma bem.

Ao desligar a chamada, sinto ainda uma inquietação. Algo me estava a incomodar naquela conversa – algo que não consigo identificar ao certo. Deixo-me cair de novo na cama e é então que olho para a *T-shirt* demasiado grande que uso para dormir.

É uma *T-shirt* dos Mets.

Ergo o olhar para a janela à minha frente. As persianas estão fechadas, como sempre. Corro para a janela, enfio os dedos entre os estores e olho para a rua. Está completamente às escuras. Não vejo nenhum homem ominoso no exterior. Não está ninguém a olhar para a minha janela com uns binóculos.

Talvez tenha sido apenas uma coincidência. Quer dizer, sou de Nova Iorque. Quem não gosta dos Mets?

Mas não creio que fosse. Havia algo no seu tom quando falou em oferecer-me os bilhetes para os Mets. *Gostaria de lhe oferecer um par de bilhetes para um jogo dos Mets. Gostaria disso, não gostaria?*

Oh, meu Deus, e se me consegue ver aqui dentro?

Mas não é como se fosse um segredo enorme eu usar uma camisola dos Mets para dormir. Posso ter aberto a porta com ela vestida, a dada altura. E todos os namorados que tive sabem dela, ainda que essa lista só inclua o Brock e o Enzo.

Ainda assim – tenho mais algumas camisolas com que também durmo. Douglas sabia o que eu tinha vestido *esta noite*.

Jurei à Wendy que jamais desistiria dela, mas tenho de admitir: estou totalmente aterrada. As persianas estão corridas. Nunca as abro à noite, muito menos quando estou a vestir a minha camisola de dormir.

Tremem-me as mãos enquanto agarro no telemóvel e envio uma mensagem ao Brock:

Queres passar por cá?

Como sempre, responde de imediato:

Estarei aí assim que puder.

37

Assim que acabar de dobrar esta roupa, vou encontrar-me com o Brock para jantar.

Douglas enviou-me uma mensagem de texto a combinar uma hora para a minha última sessão de limpezas. Depois disto, terei de procurar um novo emprego, por isso espero que me dê uma gorjeta enorme. Ainda que não tenha grandes esperanças.

Ainda bem que esta será a última vez que trabalho para os Garrick. Não desisti da Wendy, mas não quero estar mais nesta casa. Douglas Garrick dá-me calafrios, e quanto mais me puder afastar dele, melhor. Farei o que puder para ajudar a Wendy do exterior.

Há algo mais a pesar intensamente na minha mente esta noite: assim que tiver terminado aqui, o Brock e eu vamos ter a Conversa. Das últimas vezes que o vi, evitámos cuidadosamente quaisquer discussões sérias, mas isso já se prolongou o suficiente. Vamo-nos encontrar no seu apartamento e vou contar-lhe tudo. *Um Guia Completo para a Millie*. E talvez tudo termine ou talvez ele esteja bem com tudo. Só há uma maneira de descobrir.

A maioria da roupa dos Garrick vai para a limpeza a seco, portanto é só uma pequena pilha de camisolas interiores, roupa interior e meias, sendo que a maioria nem sequer parecia suja quando a atirei para a máquina de lavar. Enquanto organizo e arrumo tudo nas devidas gavetas, não consigo parar de pensar na arma escondida na estante.

Fiz a Wendy jurar que não faria nada estúpido, mas, apesar de ter prometido, não acredito inteiramente nela. Chegou ao fim das suas forças. Pude ver-lhe o desespero no rosto pisado enquanto segurava aquela arma nas mãos. Da próxima vez que Douglas a irritar, pode muito bem matá-lo.

Não que eu tivesse algum problema com o sacana ser despachado. Mas, se ela o fizer, vai para a prisão. Nunca foi a nenhum médico ou hospital para documentar a forma como era maltratada e, mesmo estando eu disposta a jurar o que sei em tribunal, pode não ser suficiente.

Decidi oficialmente que vou ligar ao Enzo amanhã. Talvez o melhor seja afastar-me por inteiro desta situação – sobretudo porque já nem estarei a trabalhar aqui – e deixá-lo lidar com ela. Afinal, conhece todos «os tipos». Fazia sentido sermos uma equipa quando namorávamos, mas a verdade é que é difícil estar perto dele agora.

O Enzo ajudará a Wendy. Sei que sim.

Estou mesmo a acabar de tratar da roupa quando oiço um estrondo vindo do fundo do corredor. Já antes ouvi algo assim aqui. A diferença é que agora sei que é o som da Wendy a ser magoada.

Saio do quarto principal para ver o que se passa. Como sempre, a porta do quarto de hóspedes está fechada, mas consigo ouvir a voz de Douglas, vinda do interior.

– Acabo de ver esta cobrança no cartão de crédito! – vocifera, ao fundo do corredor. – O que é isto? Oitenta dólares por um almoço no *La Cipolla*?

Nunca o ouvi falar assim. Não deve saber que estou na casa. Disse-me para sair mais cedo, por isso deve pensar que já parti e que pode dizer-lhe o que quiser sem que eu oiça.

– Eu… peço desculpa. – A Wendy parece frenética. – Encontrei-me com a minha amiga Gisele para almoçar, que está entre empregos, por isso ofereci-me para pagar.

– Quem te disse que podias sair de casa?

– O quê?

– *Quem te disse que podias sair de casa, Wendy*?

– Eu… eu só… Desculpa, é que é tão difícil estar sempre dentro de casa e…

– Alguém podia ter-te visto! – reclama. – Podiam ter-te visto o rosto, e o que pensariam de mim então?

– Eu… Lamento muito, eu…

– Aposto que lamentas. Não pensas em nada, pois não? *Queres* que as pessoas pensem que sou um monstro!

– Não. Isso não é verdade. Juro.

Faz-se um longo silêncio no quarto. Acabou a discussão? Ou preciso de irromper por ali adentro ou de chamar a polícia? Mas não, não posso chamar a polícia – a Wendy disse-me que isso estava fora de questão.

O que eu não daria por um amigo na Polícia de Nova Iorque…

Em bicos de pés, chego-me o mais perto que me atrevo do quarto, procurando ouvi-los. Quando estou prestes a bater à porta, Douglas recomeça a falar, e desta vez parece ainda mais zangado.

– É um restaurante terrivelmente romântico para ires com uma amiga, não é? – pergunta.

– O quê? Não! Não é… romântico…

– Consigo sempre perceber quando estás a mentir, Wendy. Com quem tiveste realmente esse almoço extravagante?

– Já te disse! Com a Gisele.

– Certo. Agora diz-me a *verdade*. Foi com o mesmo tipo que te levou para Norte?

Chego-me mais perto do quarto. A Wendy está a soluçar.

– Foi com a Gisele – geme.

– Isso é treta – silva. – Não vou permitir que a vagabunda da minha mulher se ande a passear pela cidade com outro homem! É humilhante.

Então, um estrondo doentio emerge do interior do quarto. E a Wendy grita.

Não posso deixar que a magoe. Tenho de fazer algo. Só que, de repente, o quarto ficou completamente silencioso.

E, então, oiço um gorgolejar vindo do interior do espaço.

Como de uma mulher a ser estrangulada.

Já não há margem para perder tempo. O que quer que esteja a acontecer naquele quarto, tenho de o impedir.

É quando me lembro da arma.

38

Lembro-me exatamente de onde está.

Corro para a estante e tiro o dicionário. A arma está aninhada no mesmo espaço escavado onde se encontrava há dois dias, quando a Wendy a encontrou. Como eu sabia que estaria. Com mãos ligeiramente trémulas, agarro na arma.

Enquanto olho fixamente para o revólver na minha mão, pergunto-me se estarei a cometer um erro grave. Embora esteja a acontecer algo terrível naquele quarto, não sei se melhorará a situação juntar uma arma à mistura. Quando existe a hipótese de alguém ser alvejado, as coisas rapidamente podem descarrilar.

Mas eu não vou alvejar Douglas. Isso está fora de questão. A minha única intenção é assustá-lo. Afinal, não há nada mais assustador do que uma arma. Conto com o fator surpresa para pôr termo à situação.

Com o revólver aninhado na mão, apresso-me a descer novamente o corredor escuro até ao quarto de hóspedes. A discussão cessou e tudo está em silêncio no interior do quarto. E, de alguma forma, isso é o mais assustador de tudo.

Pondero bater, mas então decido tentar o puxador. Roda facilmente na minha mão. Enquanto abro a porta, uma voz fala-me do fundo da minha cabeça:

Pousa a arma, Millie. Lida com isto sem ela. Estás a cometer um erro terrível.

Mas é demasiado tarde.

Abro a porta do quarto de hóspedes. A visão diante dos meus olhos deixa-me sem fôlego. Douglas e Wendy. Tem-na encostada à parede, as mãos apertadas sobre a sua garganta, e o rosto da Wendy começa a ficar azul. Tem a boca aberta para gritar, mas nenhum som consegue emergir.

Oh, meu Deus, está a tentar matá-la.

Não sei se a vai estrangular ou partir-lhe o pescoço com as próprias mãos, mas tenho de fazer alguma coisa e já – não posso ficar simplesmente aqui parada e deixar que isto aconteça. Mas aprendi com os erros do passado. Posso ter uma arma, mas não tenho a menor intenção de o matar. A ameaça deve ser suficiente. E depois direi à polícia o que vi.

Tu consegues, Millie. Não o magoes. Obriga-o apenas a soltá-la.

– Douglas! – grito-lhe. – Largue-a!

Espero que se afaste dela, cheio de falsas desculpas e explicações. Mas, de alguma forma, os seus dedos não cedem. A Wendy solta outro gorgolejo.

Por isso, agarro na arma e aponto ao peito.

– Falo a sério. – A minha voz treme. – Largue-a ou disparo.

Mas Douglas, por alguma razão, não ouve o que eu lhe digo. Tem o olhar desvairado e parece decidido a acabar com isto – aqui e agora. A Wendy parou de o arranhar e o seu corpo ficou lânguido. O tempo para negociar acabou. Se eu não fizer algo nos próximos segundos, vai matá-la.

E eu terei deixado que isso acontecesse.

– Juro por Deus – crocito –, ou a larga ou disparo!

Mas não a larga. Continua simplesmente a apertar.

Não tenho escolha. Só há uma coisa a fazer.

Primo o gatilho.

39

Douglas fica frouxo segundos depois de o tiro ecoar pelo apartamento. É mais alto do que eu esperava, suficientemente forte para os vizinhos terem certamente ouvido. Bem, talvez não. As paredes e tetos são provavelmente insonorizados num sítio como este, e temos o piso por baixo de nós como tampão.

Pelo lado positivo, os dedos de Douglas escorregam do pescoço da Wendy, que cai de joelhos, tossindo e chorando e agarrando-se à garganta. O marido jaz ao seu lado no chão, o corpo inerte. Ao fim de um segundo, uma poça carmesim começa a alastrar-se pela sumptuosa alcatifa.

Oh, não.

Outra vez não.

A arma cai-me dos dedos e aterra no chão ao meu lado com um forte baque. Sinto-me completamente paralisada. Douglas Garrick não se mexe de todo, e a poça debaixo dele continua a crescer. A minha intenção era atingi-lo no ombro, o suficiente para o ferir e o obrigar a tirar as mãos da Wendy, mas não o suficiente para o matar.

Parece que falhei.

A Wendy esfrega os olhos lacrimosos. Miraculosamente, ainda está consciente. Ajoelha-se ao lado do marido, pondo-lhe uma mão no pescoço, sobre a artéria carótida. Mantém-na lá por um momento, erguendo depois os olhos para mim.

– Não tem pulsação.

Oh, meu Deus!

– Está morto – sussurra, em voz rouca. – Está realmente morto.

– Não queria matá-lo – gaguejo. – Estava… estava só a tentar fazê-lo tirar-lhe as mãos de cima. Nunca foi minha intenção…

– Obrigada – diz a Wendy. – Obrigada por me salvar a vida. Sabia que o faria.

Por um momento, ficamos apenas a olhar uma para a outra. É certo que lhe salvei a vida. Tenho de me lembrar disso. É o que terei de explicar à polícia quando chegar.

– Tem de ir – diz a Wendy, levantando-se, apesar de as suas pernas parecerem

trémulas. – Nós… podemos limpar as impressões digitais da arma. Isso deve resultar, não deve? Sim, sim, estou certa de que resultará. Esperarei um par de horas para ligar à polícia, e depois digo-lhes… Oh! Posso dizer que pensei que o Douglas era um intruso e lhe dei um tiro por acidente. Foi tudo um acidente, sabe? Acreditarão nisso. De certeza que sim.

Fala aceleradamente – está em pânico. Por mais que adorasse ver-me livre das consequências, há um enorme buraco na sua história.

– Mas o porteiro viu o Douglas entrar no prédio.

Ela abana a cabeça.

– Não, não viu. Alguns dos residentes têm acesso à entrada das traseiras, o Douglas entra sempre por lá.

– Há lá alguma câmara?

– Não, nenhuma.

– E quanto às dos elevadores?

– Essas? – solta um resfôlego. – São meramente decorativas. Uma avariou há cinco anos e a outra está fora de serviço há pelo menos dois.

Poderia isto realmente funcionar? Acabo de alvejar Douglas Garrick a sangue-frio. Haverá alguma hipótese de eu poder sair disto sem consequências? Por outro lado, não seria a primeira vez.

– Agora, vá embora. – A Wendy passa por cima do corpo de Douglas, evitando cuidadosamente a poça de sangue. – Eu assumo a responsabilidade por isto. É culpa minha. Fui eu que a trouxe para esta situação e não a vou arrastar comigo para o fundo. Saia daqui enquanto ainda pode.

– Wendy…

– Vá! – Os seus olhos parecem quase tão desvairados como os de Douglas quando tinha as mãos a apertar-lhe o pescoço. – Por favor, Millie. É a única maneira.

– Está bem – digo baixinho. – Mas… se precisar de mim…

Ela estende a mão para me apertar o braço.

– Acredite, já fez o suficiente – hesita. – Devia apagar todas as nossas mensagens de texto. As minhas e também as do Douglas. Por via das dúvidas.

É uma ideia extremamente boa. A Wendy e eu discutimos algumas coisas que eu não gostaria que a polícia soubesse se começarem a investigar este homicídio. E talvez seja melhor que não vejam as mensagens entre mim e Douglas a enunciar que esta seria a minha última sessão. Agarro na minha bolsa e, com as mãos quase demasiado trémulas para o fazer, consigo, ainda assim, apagar as conversas com ambos do meu telemóvel.

– Não tente contactar-me – diz a Wendy. – Eu trato disto, Millie. Não se preocupe.

Começo a protestar, mas depois fecho a boca. Não adianta. A Wendy já decidiu que quer arcar com as consequências, e é do meu interesse deixá-la. Despeço-me da *penthouse*, sabendo que nunca mais voltarei a pôr os pés neste lugar. A última coisa que vejo ao sair do quarto é a Wendy de pé junto ao cadáver de Douglas.

E está a sorrir.

40

Durante toda a viagem de regresso a casa, não consigo parar de tremer.

Todos no metro devem achar que sou louca, pois, apesar de estar cheio, ninguém se sentou ao meu lado durante o regresso ao Bronx. Basicamente, passei toda a viagem abraçada a mim mesma e a balançar para a frente e para trás.

Não posso acreditar que o matei. Não era minha intenção.

Não, isso não é justo. Alvejei o homem no peito. Seria mentira dizer que não o queria morto. Mas esta era a última forma como queria que as coisas se desenrolassem quando vi aquela arma no dicionário.

Vai ficar tudo bem, ainda assim. Já passei por isto antes. A Wendy cingir-se-á à sua história e a polícia não fará ideia que eu estive envolvida.

Agora, só tenho de lidar com ter morto um homem.

Outra vez.

Mal saio da estação de metro, o meu telemóvel vibra. Uma chamada não atendida. Tiro-o da bolsa, quase à espera que seja a Wendy, mas, em vez disso, o ecrã está cheio de chamadas perdidas e mensagens de voz do Brock.

Oh, não! Era suposto jantarmos esta noite. Era suposto ser hoje que íamos ter a conversa. Bem, isso já não vai acontecer.

Por um momento, fico a olhar para o nome do Brock no meu telemóvel, sabendo que tenho de lhe ligar, mas não querendo fazê-lo. Finalmente, carrego no seu nome. Atende quase de imediato.

– Millie? – Parece uma combinação de fúria e preocupação. – Onde estás?

– Eu… – desejo ter tirado um momento para pensar numa desculpa válida antes de lhe ligar. – Não me sinto bem.

– Oh, a sério? – Parece cético. – Qual é o problema, ao certo?

– Tenho… tenho um vírus estomacal. – Quando não diz nada, decido juntar mais alguns pormenores. – Surgiu de repente. Sinto-me péssima. Simplesmente não paro de vomitar, sabes? E, além disso… bem, sai pelos dois extremos. Acho que preciso de ficar em casa esta noite.

Preparo-me para o ouvir contestar a minha história falsa, mas, em vez disso, a sua voz suaviza-se.

– Não pareces bem.

– Pois…

– Podia passar por aí – oferece-se. – Levar-te uma canja de galinha? Esfregar-te as costas?

Tenho o namorado mais doce de sempre. É simplesmente tão boa pessoa. E, assim que isto acabar, vou decididamente compensá-lo. Amo-o mesmo. Acho eu.

– Não, mas obrigada – murmuro ao telemóvel. – Preciso só de estar sozinha e recuperar. Fica para a próxima?

– Claro – concorda. – Põe-te simplesmente melhor.

Ao desligar a chamada, também me sinto culpada pela forma como estou a tratar o Brock, além de tudo o resto. Mas não quero arrastá-lo para esta confusão. A única pessoa com quem poderia falar sobre isto é o Enzo, e isso é má ideia por múltiplas razões. Preciso simplesmente de ir para casa e de tentar não pensar em nada disto. Em breve, tudo terá ficado para trás.

41

Acordo a sentir-me como se tivesse sido atropelada por um camião, e tenho a têmpora direita a latejar.

Não consegui dormir esta noite. Andei às voltas na cama e, sempre que começava a adormecer, via o cadáver de Douglas caído no chão do apartamento. Finalmente, dirigi-me tropegamente à casa de banho e tomei um dos comprimidos para dormir que lá tenho guardados. Mergulhei então num sono cheio de sonhos, assombrada pelos olhos mortos do meu antigo patrão a fitar-me.

Viro-me na cama, tocando no ninho de ratos que é o meu cabelo. O latejar na minha têmpora intensifica-se e demoro um momento a perceber que há também batidas a vir da porta da frente.

Está alguém à porta.

Consigo arrastar-me para fora da cama e embrulhar o corpo num roupão.

– Já vou! – crocito, esperando que as batidas possam parar. Mas quem quer que esteja à porta é persistente.

Espreito pelo óculo. Está lá um homem, com uma imaculada camisa branca e uma gravata preta sob uma gabardina.

– Quem é? – pergunto.

– Sou o detetive Ramirez, da Polícia de Nova Iorque – responde a voz abafada do homem.

Oh, não!

Mas, bem, não há razões para entrar em pânico. O meu patrão está morto, por isso é óbvio que quererão fazer-me algumas perguntas. Não há motivos para preocupação.

Destranco a porta e entreabro-a. Não pode entrar aqui sem a minha explícita autorização e não tenho a menor intenção de lha dar. Não que tenha algo a esconder, mas nunca se sabe.

– Menina Calloway? – pergunta, numa voz surpreendentemente profunda. Baseando-me nos papos sob os seus olhos e na proporção de grisalho para preto no seu cabelo curto, situá-lo-ia nos cinquenta e poucos anos.

– Olá – respondo, hesitante.

– Perguntava-me se lhe podia fazer algumas perguntas – diz.

Esforço-me ao máximo por manter o meu rosto inexpressivo.

– Sobre o quê?

Hesita, perscrutando-me o rosto.

– Conhece um homem chamado Douglas Garrick?

– Sim… – Não há nenhum mal em admitir isso. Seria relativamente fácil provar que eu trabalhei para os Garrick.

– Foi assassinado ontem à noite.

– Oh! – Tapo a boca com a mão, tentando parecer surpreendida. – Isso é horrível.

– Esperava que pudesse ir à esquadra e responder a algumas perguntas.

O rosto do detetive Ramirez é uma máscara. Os seus lábios são uma linha reta, nada revelando. Mas ir à esquadra? Isso parece sério. Por outro lado, não está a puxar de um par de algemas e a ler-me os direitos. De certeza que estão só a encarar o caso de forma extra séria por o Douglas ser tão rico e importante.

– Quando quer que vá?

– Agora – responde sem hesitar. – Posso dar-lhe boleia.

– Tenho… tenho de ir?

Não tenho obrigação de ir se não estiver detida – conheço demasiado bem os meus direitos. Mas gostaria de ouvir o que tem a dizer.

– Não tem – acaba o detetive por responder. – Mas eu recomendá-lo-ia vivamente. De uma forma ou de outra, vamos ter de conversar.

Sinto um mal-estar no estômago. Isto parece ser algo mais do que apenas algumas perguntas casuais sobre o meu empregador.

– Gostaria de ligar ao meu advogado – digo.

Ramirez mantém os olhos nos meus.

– Não creio que seja necessário, mas está no seu direito.

Não sei que tipo de perguntas me vão fazer, mas não me agrada a ideia de estar na esquadra sem um advogado presente, diga o que disser. Infelizmente, há apenas um advogado que conheço suficientemente bem para lhe poder ligar neste momento. E esta vai ser uma conversa difícil.

Ramirez espera enquanto eu vou buscar o meu telemóvel e seleciono o número do Brock. Já deve estar no trabalho, por esta altura, mas atende ao fim de poucos toques. Passa a maior parte do dia à sua secretária e raras vezes vai a tribunal.

– Olá, Millie – diz. – Estás bem?

– Hã – respondo eu. – Não propriamente…

– O vírus estomacal piorou?

– O quê?

Por um momento, o Brock fica em silêncio.

– Disseste-me ontem à noite que tinhas um vírus estomacal.

Oh, certo. Quase me esquecia da mentira que lhe contei para não ir ao seu apartamento.

– Sim, isso melhorou, mas preciso da tua ajuda com outra coisa. Algo importante.

– Claro. Do que precisas?

– Então, hã… – baixo a voz para que Ramirez não me consiga ouvir. – Sabes o meu antigo patrão, Douglas Garrick? Na verdade, foi… foi assassinado ontem à noite.

– Jesus – arqueja o Brock. – Isso é horrível, Millie. Sabem quem foi?

– Não, mas… – lanço um olhar a Ramirez, que me observa. – Querem interrogar-me na esquadra.

– Oh, uau. Acham que sabes algo importante?

– Suponho. Ainda que não saiba, na verdade. Mas, enfim… sentir-me-ia melhor se tivesse um advogado presente comigo – pigarreio. – Ou seja, tu.

– Sim, claro. – Quero estender os braços pelo telefone e dar-lhe um abraço. – Posso encontrar-me lá contigo assim que terminar umas coisas. De certeza que vai correr tudo bem, mas de bom grado estarei lá para ti.

Enquanto anoto a morada da esquadra onde o detetive Ramirez me irá interrogar, não posso deixar de pensar para comigo que o Brock e eu não tardaremos a ter a Conversa que tencionávamos começar ontem à noite, afinal.

42

Quando chego à esquadra da polícia em Manhattan, estou verdadeiramente apavorada. O detetive Ramirez tentou fazer conversa durante a viagem de carro, mas eu respondi-lhe sobretudo em monossílabos e grunhidos. Mesmo enquanto falava sobre o tempo, deu-me a sensação de que andava à caça de informação e não quis dar-lhe nada.

Mas, ao chegarmos à esquadra, o Brock está à minha espera. Veste o seu fato cinzento e aquela gravata azul que faz os seus olhos parecerem ainda mais azuis. Sorri ao ver-me entrar com o detetive, não aparentando estar minimamente preocupado. Isso provavelmente irá mudar muito em breve.

– Aquele ali é o meu advogado – digo a Ramirez. – Gostaria de falar com ele em privado antes de ser interrogada.

Ramirez anui secamente.

– Vamos encaminhá-los para uma sala para conversarem e, quando estiver pronta, gostaria de lhe fazer umas perguntas.

Conduz-me a uma pequena sala quadrada com uma mesa de plástico e algumas cadeiras também de plástico a rodeá-la. Não entrava numa sala de interrogatório há anos, e a visão causa-me um aperto no peito. Sobretudo quando o detetive me senta numa das cadeiras e me deixa ali sozinha com a porta fechada. Pensava que o Brock ia entrar comigo, mas parece estar ocupado no exterior.

Pergunto-me o que lhe estarão a dizer.

Passo quase outros quarenta minutos sozinha na sala, num pânico crescente. Quando o rosto familiar do Brock surge à porta, quase desato a chorar.

– Por que demoraste tanto? – exclamo.

O Brock tem uma expressão conturbada no rosto. Parece um pouco rígido ao instalar-se na cadeira diante de mim. Há uma cratera entre as suas sobrancelhas.

– Millie – diz. – Estive a falar com o detetive lá fora. Estão relutantes em dizer-me grande coisa, mas isto não é um interrogatório de rotina. És a principal suspeita.

Fico a olhar para ele. Como pode ser? A Wendy disse à polícia que foi ela que alvejou o Douglas. Estão a duvidar da sua história? Devia ser um caso simples.

A não ser que…

– Têm um mandado de busca para o teu apartamento – diz-me. Um *mandado*? – Têm lá uma equipa agora mesmo.

Estão a fazer buscas no meu apartamento? Não posso imaginar o que procuram. Não tenho lá nada que seja minimamente suspeito. Felizmente, não sujei de sangue as minhas roupas ontem à noite. Verifiquei.

– Por que haveriam de pensar que o mataste? – O Brock abana a cabeça. – Não faz sentido.

É agora. Tenho de lhe falar do meu passado. Se vai agir como meu advogado, precisa de saber. Caso contrário, passará por idiota.

– Escuta – digo-lhe. – Há algo que precisas de saber sobre mim.

Arqueia as sobrancelhas na minha direção, expectante.

É tão difícil. Amaldiçoo-me por não ter dito nada mais cedo. Agora que estou a fazer isto, porém, lembro-me do porquê de o ter adiado durante tanto tempo.

– Sabes, é que eu tenho… registo criminal.

– Tens o *quê*? – O seu maxilar parece estar prestes a desencaixar-se. – *Registo criminal*? Quer dizer que estiveste *presa*?

– Sim. É mais ou menos isso que registo criminal significa.

– Por *quê*?

E agora vem a parte difícil.

– Foi por homicídio.

O Brock parece estar a uns dois segundos de cair para o lado – espero que o seu coração esteja bem.

– *Homicídio*?

– Foi em legítima defesa – alego, o que não é inteiramente verdade. – Estava um homem a atacar a minha amiga e eu impedi-o. Era adolescente, na altura.

Ele lança-me um olhar.

– Não se vai para a prisão por legítima defesa.

– Algumas pessoas vão.

Não parece acreditar em mim, mas não vou entrar em grandes pormenores sobre o rapaz que estava a tentar violar a minha amiga. Sobre como fiz o que tinha de fazer para o parar, apesar de os procuradores terem feito parecer que fui longe de mais.

– Não admira que nunca tenhas tirado o teu curso superior – murmura para consigo. – Sempre disse a mim mesmo que tinhas apenas despertado tarde.

– Desculpa. – Baixo os olhos. – Devia ter-te contado.

– Parece-te, caramba?

– Desculpa – repito. – Mas tinha medo que, se te dissesse, olhasses para mim como… bem, da maneira como estás a olhar agora mesmo.

O Brock passa uma mão pelo cabelo.

– Jesus, Millie. Eu só… Sabia que havia algo de que não me querias falar, mas nunca imaginei…

– Pois – murmuro.

– Muito bem – diz, afrouxando um pouco a gravata azul. – Muito bem, tens registo criminal. Pondo isso de parte por um momento, por que acham que mataste o Douglas Garrick?

Não posso responder a essa pergunta, pois não sei o que a Wendy disse à polícia. Ainda que tudo o que eu diga ao Brock seja supostamente confidencial, não me consigo obrigar a contar-lhe o que aconteceu ontem à noite.

– Não faço ideia.

Inclina a cabeça, pensativo.

– Disseste-me ontem à noite que estavas doente. Saíste mais cedo do apartamento?

– Bem, acabei o meu trabalho – respondo cautelosamente, sabendo que o porteiro pode confirmar quando saí do apartamento. – Mas, como não me estava a sentir bem, fui direta para casa. Já estava quase a chegar quando falámos ao telefone.

O Douglas… nem sequer estava lá quando deixei o apartamento.

– Bem. – O Brock esfrega o queixo. – Estão só a arranjar-te dificuldades por causa do teu registo criminal. Vamos resolver isto.

Quem me dera ter a sua confiança.

43

Acontece que Ramirez não pode falar comigo de imediato, o que suspeito ser alguma espécie de tática para me quebrar. O Brock tem de atender uma chamada do trabalho, pelo que me deixa sozinha na sala de interrogatório, onde passo a hora seguinte num silencioso pânico.

Há já mais de duas horas que estou na esquadra quando Ramirez entra finalmente para falar comigo, seguido de perto pelo Brock. Este senta-se ao meu lado e aperta-me rapidamente a mão por baixo da mesa. É reconfortante saber que não me odeia totalmente, apesar da descoberta do meu registo criminal. Embora o dia seja ainda uma criança.

– Obrigado pela sua paciência, menina Calloway – diz o detetive. A sua expressão continua a ser completamente neutra. – Tenho algumas perguntas para si sobre o senhor Garrick.

– Está bem – aquiesço. Estamos a ser gravados, por isso mantenho um tom calmo e comedido.

– Onde esteve ontem à noite? – pergunta-me Ramirez.

– Fui ao apartamento dos Garrick fazer algumas limpezas ligeiras e tratar da roupa e a seguir fui para casa.

– A que horas saiu do apartamento?

– Por volta das seis e meia – respondo.

– E falou com o senhor Garrick enquanto lá esteve?

Abano a cabeça, lembrando-me do que a Wendy me disse. Temos simplesmente de manter as nossas histórias coesas e devemos ficar bem.

– Não.

Ramirez parece surpreendido com a minha resposta.

– Então, o senhor Garrick não lhe pediu para se encontrarem no apartamento ontem à noite?

Pestanejo, confusa.

– Não…

– Menina Calloway. – Os olhos do detetive parecem escurecer enquanto me fita. – Qual é a sua relação com Douglas Garrick?

– A minha relação? – Olho para o Brock, que está de sobrolho franzido. – É o meu empregador. Bem, ele e a mulher, a Wendy.

– Têm uma relação sexual?

Quase me engasgo.

– Não!

– Nem uma vez?

Quero estender os braços e abanar o detetive, mas, felizmente, o Brock intervém.

– A menina Calloway já respondeu à sua pergunta. Não tem nenhum tipo de relacionamento com o senhor Garrick além do puramente profissional.

O detetive Ramirez agarra na pasta que pousou ao seu lado na mesa. Tira um bloco de papéis agrafados, que faz deslizar na minha direção.

– Encontrámos um telemóvel pré-pago na gaveta da cómoda do senhor Garrick. Essas foram as mensagens de texto trocadas entre o telemóvel pré-pago e o seu.

Agarro nos papéis e começo a examiná-los enquanto o Brock espreita por cima do meu ombro. Reconheço as mensagens. São as que Douglas me enviou ao longo dos últimos meses para confirmar os meus dias de trabalho. Mas, fora do contexto, parecem adquirir um sentido diferente.

Passa lá por casa esta noite?

Vemo-nos logo à noite.

Venha esta noite.

Além do mais, todas as minhas mensagens sobre compras e roupa desapareceram. Cada mensagem parece envolver o planeamento de encontros. Os olhos do Brock saltam-lhe das órbitas ao ler as mensagens de texto.

– Sim, são as nossas mensagens – confirmo. – Mas são todas sobre o trabalho.

– O senhor Garrick enviava-lhe mensagens sobre o trabalho de um telemóvel pré-pago?

Cerro os dentes.

– Não sabia que era um telemóvel pré-pago. Pensava que era simplesmente o seu telemóvel normal.

– Compreendo – diz Ramirez.

– Além do mais – acrescento –, havia outras mensagens. Maioritariamente sobre compras e roupa. Não estão aqui… parecem ter sido apagadas.

– Tem as mensagens no seu telemóvel?

– Não… – Porque a Wendy me disse para as apagar. – Livrei-me de todas as mensagens.

– Porquê?

– Por que não haveria de o fazer? – Solto uma risada que soa demasiado aguda. – Quer dizer, o *detetive* guarda todas as mensagens que recebe?

Provavelmente, sim. Provavelmente, tem no seu telemóvel mensagens de texto que remontam há dez anos. Embora deva admitir que jamais teria apagado aquelas mensagens, se a Wendy não me tivesse dito para o fazer.

– Além disso – continua –, havia chamadas feitas para si a horas tão tardias como a meia-noite. Está a dizer que o seu *patrão* lhe ligava à *meia-noite*?

– Só aconteceu uma vez – respondo debilmente.

Reconheço quão fraco tudo isto soa. Não faz sentido – por que andava Douglas a enviar-me mensagens de texto de um telemóvel *pré-pago*? Não é como se me estivesse a preparar para arcar com as culpas pelo seu próprio homicídio. Olho para o Brock, que ficou estranhamente silencioso na pior altura possível.

– Além do mais… – Ramirez abre novamente a pasta. Oh, meu Deus, há mais? Como pode haver mais? – Reconhece isto?

É uma granulosa fotografia impressa de uma pulseira. Reconheço-a como a mesma pulseira que Douglas ofereceu a Wendy depois de lhe ter posto aquele olho negro.

– Sim – respondo. – É a pulseira da Wendy.

Ramirez arqueia as sobrancelhas.

– Então por que a encontrámos num guarda-joias no seu apartamento?

– Ela… ela deu-ma.

As sobrancelhas do detetive aproximam-se ainda mais da linha do couro cabeludo.

– A Wendy Garrick deu-lhe uma pulseira de diamantes de dez mil dólares?

Uma pulseira de *dez mil dólares*? Foi isso que aquela pulseira custou? Tive algo no valor de dez mil dólares no meu pequeno e miserável guarda-joias?

– Disse-me que tinha sido um presente do marido – digo.

– E quanto à inscrição? – Tira ainda outra fotografia da pasta e passa-ma. – Parece-lhe familiar?

A inscrição que eu tinha lido na pulseira da Wendy está agora ampliada na imagem, pelo que tanto eu como o Brock a podemos ler claramente.

Para W. És minha para sempre. Com amor, D.

– Certo – digo eu. – Para W. Para *Wendy*.

Ramirez bate na foto.

– O seu nome não começa por W? Wilhelmina?

– Eu… – Subitamente, sinto a boca seca. Espero que o Brock intervenha e proteste contra esta linha de interrogatório, mas continua mudo, também à espera de ouvir a minha resposta. – Respondo sempre por Millie.

– Mas o seu nome é Wilhelmina.

– Sim…

– Além do mais… – Oh, não, há *mais*? Como pode haver mais? Mas, outra vez, estende a mão para aquela estúpida pasta. Tira outra fotografia impressa. – Isto foi um presente do senhor Garrick?

Tiro-lhe a fotografia das mãos. É o vestido que Douglas me pediu para devolver. Mas depois nunca me deu nenhum talão nem me disse de onde era. Com tanta coisa a acontecer, esqueci-me completamente dele. Por isso tem estado apenas guardado num saco para presentes dentro do roupeiro do meu quarto.

– Não – respondo debilmente, embora possa já ver onde isto vai dar. – O senhor Garrick pediu-me para devolver o vestido.

– Então, por que estava há mais de um mês no seu quarto?

– Ele… nunca me deu o talão.

Nem consigo olhar para o Brock. Sabe Deus que pensamentos lhe estarão a passar pela cabeça. Quero assegurar-lhe que isto é tudo um mal-entendido terrível, mas não posso ter essa conversa com o detetive na sala.

– Olhe – digo. – Eu ia devolvê-lo. Pedi-lhe o talão e ele disse que mo enviava, mas acabámos os dois por nos esquecer.

– Menina Calloway – diz Ramirez –, sabia que esse vestido foi comprado na *Oscar de La Renta* por seis mil dólares? Acha realmente que se esqueceria de o devolver?

Santo Deus…

Arrisco um rápido olhar na direção do Brock. Tem uma expressão vidrada e abana ligeiramente a cabeça. Trouxe-o para ser meu advogado, mas está a revelar-se completamente inútil.

– Além do mais – acrescenta Ramirez. Oh, não. Não pode haver mais nada. Não aceitei certamente mais nenhuma oferta dos Garrick. Não há mais nada que possa tirar daquela pasta. – Passou a noite num motel com o Douglas Garrick na semana passada?

– Não! – exclamo.

Pigarreia.

– Então não deu entrada num motel em Albany na quarta-feira passada enquanto o senhor Garrick tinha lá uma reunião de negócios, nem pagou a noite em

dinheiro?

Abro a boca, mas não sai nenhum som.

– Na quarta-feira passada? – explode o Brock. – Era o dia em que nos devíamos encontrar para jantar e tu deixaste-me pendurado! Era *aí* que estavas?

Não posso mentir. Dei a minha carta de condução ao funcionário do motel.

– Sim, reservei um quarto num motel em Albany. Mas não é o que pensa.

Ramirez cruza os braços sobre o peito.

– Estou a ouvir.

Não sei o que dizer. Não quero revelar o segredo da Wendy. Se descobrirem os problemas conjugais que os Garrick andavam a ter, o homicídio pode ser-lhe imputado. Ainda que não queira ser culpada por isto, também não quero que ela o seja.

– Precisava apenas de uma noite fora – digo debilmente.

– E, então, foi passar a noite a um motel aleatório em Albany?

– Não andava a ter um caso com o Douglas Garrick. – Olho do Brock para Ramirez, que parecem ambos incrivelmente céticos. – Juro. E, mesmo que andasse, e não andava, isso não quer dizer que o matei, por amor de Deus!

– Acabou tudo consigo ontem à noite. – Ramirez mantém os olhos cravados em mim enquanto larga esta revelação. – Ficou furiosa e, de raiva, alvejou-o com a sua própria arma.

– Não… – Sinto a boca horrivelmente seca. – Isso não é nem remotamente verdade. Não faz ideia.

Com a cabeça, Ramirez aponta para as fotografias na mesa.

– Pode ver como parece suspeito.

– Mas não é verdade! – exclamo. – Nunca tive um caso com Douglas Garrick. Isto é absolutamente de loucos.

Desta vez, o detetive não diz nada. Limita-se a olhar para mim.

– Nunca lhe toquei sequer – protesto. – Juro-lhe! Pergunte à Wendy Garrick. Ela confirmará tudo o que eu estou a dizer. Pergunte-lhe!

– Menina Calloway – diz o detetive Ramirez. – Foi a Wendy Garrick quem nos contou do seu caso com o marido dela.

O quê?

– Desculpe?

– Disse que o senhor Garrick lhe confessou a verdade ontem e que a convidou a ir lá com a intenção de acabar com tudo – explica. – Mas, ao chegar a casa, encontrou-o estendido no chão, morto a tiro.

Não… Não seria capaz… Depois de tudo o que fiz por ela…

– E – acrescenta – as suas impressões digitais estão na arma.

44

Daí em diante, o interrogatório apenas piora.

Tento atamancar uma versão da verdade. Uma que não acabe comigo a matar Douglas Garrick a tiro na sua própria casa. Explico que Douglas Garrick era abusivo com a Wendy e as minhas tentativas de a ajudar. Digo-lhe que a Wendy me tinha mostrado a arma e dito que a ia usar para proteção, devendo ter sido assim que as minhas impressões digitais lá foram parar, embora esteja a ter dificuldade em explicar por que *não estão* as impressões digitais da Wendy na arma. Consigo perceber pela expressão no rosto do detetive Ramirez que não acredita numa palavra do que eu estou a dizer.

Quando chego ao fim da minha incoerente história, estou certa de que Ramirez me vai ler os direitos e levar para uma cela. Mas, em vez disso, abana a cabeça.

– Volto já – diz-me. – Não saia daqui.

Levanta-se e sai da sala, fechando a porta atrás de si com um eco retumbante e deixando-me a sós com o Brock na sala de interrogatório.

O Brock olha fixamente para a mesa de plástico, de olhos vidrados. Era suposto estar aqui como meu advogado, mas há vinte minutos que não diz uma palavra. Se soubesse que era assim que as coisas se iam desenrolar, nunca lhe teria pedido para vir.

– Brock? – chamo.

Lentamente, ergue o olhar.

– Estás bem? – pergunto suavemente.

– *Não*. – Lança-me um olhar cáustico. – Que diabo foi aquilo, Millie? A sério?

– Brock – exclamo, com voz aguda. – Não podes realmente acreditar…

– Acreditar em *quê*? – retorque. – Até há poucas horas, nem sabia que estiveste na prisão por homicídio. E agora descubro que me tens andado a *trair* com aquele sacana rico para quem trabalhavas…

– Eu não te traí! – expludo. – Jamais te trairia!

– Então que raio andavas a fazer na última quarta-feira à noite? – pergunta-me. – O que andavas a fazer *ontem* à noite? E em todas as outras noites em que era su-

posto irmos jantar e me deixaste pendurado? Deves compreender que tudo isto parece bastante suspeito. Sobretudo tendo em conta, enfim, que aparentemente já mataste um tipo uma vez.

Bem, não apenas uma vez. Mas sinto que dar-lhe essa informação não ajudaria o meu caso.

– Já te disse, estava a tentar ajudar a Wendy.

– Estavas a tentar ajudar a mulher que agora te acusa de teres tido um caso com o marido dela e de o *assassinares*?

Bem, dito dessa forma…

– Não sei por que disse isso ao detetive. Talvez tenha entrado em pânico. Mas acredita, era abusivo com ela. Vi-o com os meus próprios olhos.

– Millie – Brock fita-me com uma expressão angustiada nas suas belas feições –, ontem à noite, liguei-te e parecias muito perturbada com qualquer coisa. É óbvio que não tinhas nenhum vírus estomacal. Isso era mentira.

– Sim – admito. – Isso era mentira.

– Millie – falha-lhe a voz ao dizer o meu nome. – Mataste o Douglas Garrick?

Quase tudo aquilo de que o detetive Ramirez me acusou era falso. Mas uma coisa era absolutamente verdadeira. Alvejei o Douglas Garrick. *Matei-o*. E, embora negue tudo o resto, esse facto permanece.

– Oh, Cristo – murmura o Brock. – Millie, não posso crer que foste capaz de…

– Mas não é o que pensas – digo.

A cadeira de plástico do Brock raspa contra o chão duro da sala de interrogatório quando se levanta.

– Não posso representar-te, Millie. Não é apropriado e… simplesmente não.

Apesar da inutilidade do meu namorado durante o interrogatório, a ideia de me abandonar assusta-me ainda mais.

– Sabes que não tenho dinheiro para um advogado…

– Então podes usar o defensor público – diz. – Ou pedir um empréstimo, ou… não sei. Mas não posso ser eu. Lamento.

– É assim, então. – O meu queixo treme ao erguer o olhar. – Estás a acabar comigo.

– Suponho que sim. – Abana a cabeça. – Sinceramente, nem sei quem és. – Passa a mão pelo cabelo, puxando obsessivamente as madeixas. – Não posso crer que isto está a acontecer. Não posso mesmo. Queria que conhecesses os meus pais. Pensava realmente que tu e eu…

Não precisa de completar o pensamento. Imaginava um futuro em que casaríamos. Teríamos filhos juntos. Envelheceríamos juntos. Não imaginava que fosse

acabar numa esquadra, comigo a ser interrogada por homicídio.

Assim, não o posso realmente culpar por partir. Mas não deixo de irromper em lágrimas mal a porta se fecha nas suas costas.

45

O verdadeiro milagre é que, depois de tudo isto, o detetive Ramirez não me prende. Quando me dá a notícia de que posso partir, chego mesmo a perguntar-lhe:

– Tem a certeza?

Estava certa de que me iam levar sob custódia, mas deixa-me sair com um aviso para não deixar a cidade. Dado que não tenho dinheiro nem carro, não vou a lado nenhum nos próximos tempos.

Depois de sair da esquadra, agarro instintivamente no telemóvel. É quando percebo que não tenho ninguém a quem ligar. Normalmente, teria ligado ao Brock para o informar de que fui libertada, mas tenho a sensação de que não quer saber.

Claro que há uma pessoa que quereria saber.

O Enzo.

O Enzo ajudar-me-ia. Se lhe ligasse, acreditaria sem questionar cada palavra que eu dissesse. Mas não sei se quero seguir outra vez por esse caminho. E fiz todo aquele discurso sobre não precisar da sua ajuda, pelo que não estou prestes a voltar para ele a rastejar uma semana depois, implorando que me salve.

Posso salvar-me a mim mesma. Nem sequer estou detida. Talvez toda esta situação se resolva.

Após ponderar as minhas opções por um instante, seleciono o número da Wendy da minha lista de contactos. Não sei se é apropriado ligar-lhe neste momento, mas preciso de respostas. Tínhamos um acordo ontem e o que o detetive alega vai totalmente contra o que decidimos. Por outro lado, talvez estivesse apenas a inventar coisas para me assustar e levar a confessar ou a implicar a Wendy. Não excluiria nada em relação àquele detetive.

Naturalmente, vai logo para o correio de voz.

Mais vale ir para casa. Afinal, amanhã podem prender-me e nunca mais lá poderei voltar. Não é como se pudesse pagar uma fiança.

Apanho o comboio de regresso ao meu apartamento no Bronx. Depois de tudo

o que aconteceu hoje, mal consigo pôr um pé à frente do outro. Tenho de passar uns bons cinco minutos a vasculhar a minha bolsa à procura das chaves, até ter a certeza de que as perdi. Quando estou prestes a desistir, encontro-as enfiadas no fundo da bolsa.

– Millie!

Mal entro no edifício, a minha senhoria, a Sra. Randall, sai apressadamente do seu apartamento no primeiro andar, envergando um dos seus vestidos demasiado grandes que não lhe apertam a cintura. Traz o rosto enrugado todo franzido e projeta o lábio inferior.

– A polícia esteve aqui! – exclama. – Obrigaram-me a abrir o teu apartamento e fizeram buscas! Tinham um papel a dizer que eu tinha de os deixar entrar!

– Eu sei – gemo. – Peço desculpa por isso.

A Sra. Randall semicerra os olhos para me fitar.

– Andas a esconder droga lá em cima?

– Não! De todo! – Só assassinei alguém, mais nada. Caramba.

– Não quero mais sarilhos no meu prédio – diz. – E *tu* só trazes sarilhos. Duas vezes que a polícia veio cá por tua causa! Quero-te *fora*. Tens uma semana.

– Uma semana! – exclamo. – Mas, senhora Randall…

– Uma semana e mudo as fechaduras – silva. – Não te quero por perto, seja o que for que fazes naquele teu apartamento.

Sinto um aperto no coração. Como raios vou eu encontrar outro apartamento com tudo o que me está a acontecer? Talvez seja melhor se for presa. Ao menos então terei um sítio onde ficar. E comida gratuita.

Subo as escadas até ao meu apartamento. Espero encontrá-lo esquadrinhado e não fico desiludida. Os agentes que revistaram o local não fizeram qualquer esforço em voltar a pôr tudo nos seus devidos lugares. Levarei o resto da noite a arrumar tudo.

Deixo-me cair no sofá, exausta. Não posso lidar com esta confusão esta noite. Talvez amanhã. Talvez nunca. De que adianta, se vou para a prisão, seja como for?

Ao invés, agarro no controlo remoto e ligo a minha televisão manhosa. Suponho que é isto que vou fazer na minha última noite de liberdade.

Infelizmente, a televisão está sintonizada num canal noticioso. A história do homicídio de Douglas Garrick está em todas as notícias neste momento. A apresentadora no ecrã, com o seu brilhante cabelo louro, informa que a polícia está a falar com uma «pessoa de interesse».

Ei, apareci nas notícias. Sou uma «pessoa de interesse».

O programa passa então para um vídeo da Wendy. Está a falar com um jornalista e tem os olhos raiados de sangue e inchados.

Os hematomas no seu rosto parecem ter desaparecido por completo, o que presumo se deva à maquilhagem. Vira-se para se dirigir à câmara.

– O meu marido Douglas era um homem incrível – afirma, numa voz surpreendentemente forte que não parece de todo ela. – Era generoso, brilhante e planeávamos constituir família em breve. Não merecia ter a sua vida interrompida desta forma. Não é justo que… – Para de falar, embargada pela emoção. – Eu… peço desculpa…

O que foi *aquilo*?

Como pode a Wendy falar assim de Douglas depois do que lhe fez? Entendo não querer falar mal dos mortos, mas está a dar a ideia de que era um santo. O homem estava a segundos de a estrangular até à morte quando eu lhe acabei com a vida. Por que não diz ela *isso* ao jornalista?

O vídeo passa para a apresentadora loura. Os seus límpidos olhos azuis fixam-se no ecrã.

– Se só agora se juntou a nós, a nossa principal notícia é o brutal homicídio de Douglas Garrick, o multimilionário diretor- -executivo da Coinstock. Foi encontrado morto ontem à noite no seu apartamento no Upper West Side, com um tiro fatal no peito.

O ecrã passa para uma fotografia de um homem na casa dos quarenta, com a legenda «Douglas Garrick, diretor-executivo da Coinstock». Fico a olhar fixamente para lá, para o cabelo escuro do homem e os seus suaves olhos castanhos, o duplo queixo e as rugas em torno dos seus olhos ao sorrir para a câmara. Enquanto olho para a foto de Douglas Garrick, percebo uma coisa.

Nunca vi este homem na vida.

O homem cuja fotografia aparece no ecrã é-me completamente desconhecido. Parece-se um *pouco* com o homem com quem interagi no apartamento e, ao longe, poderia não se notar a diferença. Mas não é ele. Não é *decididamente* ele. Este homem é alguém completamente diferente.

Portanto, se o homem no ecrã é o Douglas Garrick…

Quem diabo matei ontem à noite?

SEGUNDA PARTE

46

WENDY

Devem achar que sou uma pessoa horrível.

Ajudaria se dissesse que, apesar de nunca me ter agredido, o Douglas era um péssimo marido? Humilhou-me e fez-me a vida miserável. E eu ter-me-ia contentado com o divórcio.

Não tinha de acabar em homicídio. Foi inteiramente culpa dele.

E a Millie? Bem, é uma baixa a lamentar. Mas não é tão doce como poderiam julgar. Se passar a vida atrás das grades, é para o bem maior.

Mas, mesmo depois de ouvirem o meu lado da história, talvez continuem a achar que sou uma pessoa horrível. Talvez pensem que o Douglas não merecia morrer. Talvez julguem que eu é que mereço ir para a prisão para o resto da vida.

E a verdade é que não quero realmente saber.

***

Como Sair Impune do Homicídio do Seu Marido – Um Guia de Wendy Garrick

Passo 1: Conhecer um Homem Solteiro, Ingénuo e Podre de Rico

Quatro anos antes

Não entendo a arte contemporânea.

A minha amiga Alisa enviou-me um convite para esta exposição, mas é demasiado estranha para mim. Estou habituada a admirar quadros que são belas obras de talento artístico. Mas isto? Nem sei o que *isto* é.

O título da exposição é simplesmente *Vestes*. E é exatamente disso que se trata. Roupa. Pendurada das paredes, cortada em pedaços, reconstruída numa manta de retalhos de bombazina, cetim, seda e poliéster. É absolutamente *absurdo*. Quando foi que a arte se transformou em algo que parece ter sido feito por uma criança durante as aulas de trabalhos manuais da escola?

A obra que estou agora mesmo a observar intitula-se *Meias*. É um nome ade-

quado. É uma estrutura enorme, pelo menos da minha altura, em que cada centímetro está coberto por meias de várias formas e tamanhos.

Eu só… simplesmente não percebo.

– Tenho um buraco numa das minhas meias – diz uma voz masculina atrás de mim. – Acha que se importavam, se eu levasse uma destas emprestada?

Viro a cabeça para identificar a origem da voz. Reconheço imediatamente Douglas Garrick. Antes deste evento, estudei com muito cuidado uma fotografia rara que a Alisa me arranjou – memorizei o seu cabelo castanho desgrenhado, as rugas de um quase sorriso em torno dos olhos, um incisivo torto do lado esquerdo. Veste uma camisa branca barata, que parece ter sido comprada no *Walmart*, e falhou um botão. Não, esperem, falhou *todos* os botões. Cada um dos seus botões está desfasado uma posição. E precisa – desesperadamente – de se barbear.

Ninguém imaginaria que este homem é uma das pessoas mais ricas em todo o país.

– Não vejo como dariam pela falta – respondo, tentando soar fria, apesar de ter o coração aos saltos no peito.

Sorri e estende a mão. Mal se notava na foto que eu vi, mas, na vida real, tem uma papada, embora não seja nada que alguma dieta e exercício não resolvessem.

– Doug Garrick.

Agarro-lhe a mão, que está quente e engole a minha como se estivessem destinadas a encaixar.

– Wendy Palmer.

– Muito prazer em conhecê-la, Wendy Palmer – diz, enquanto os seus olhos castanhos encontram os meus.

– Igualmente, senhor Garrick.

– Então… – pergunta, apoiando-se nos calcanhares dos seus sapatos gastos. – O que acha de *Vestes*?

Lanço um olhar às várias obras de arte centradas na roupa que se encontram espalhadas pela sala. Sei um pouco sobre o Douglas Garrick, e acredito ser um homem que aprecia a verdade.

– A realidade – digo – é que não entendo muito bem. Podia criar qualquer destas peças eu mesma com um pouco de cola *Elmer's* e uma caixa de roupa da *Goodwill*.

O Douglas franze o sobrolho.

– Mas não é esse o objetivo? O artista tentar desafiar o *statu quo* e apresentar uma crítica à arte tradicional, demonstrando que até os objetos mais corriqueiros

podem ser transformados em algo que suscita emoções.

– Oh! – Raios, agora tenho de pensar em algo inteligente para dizer. – Bem, acho que a interligação da textura e da cor…

Paro bruscamente ao ver o sorriso pretensioso nos lábios do Douglas. Ele sustém-no por uma fração de segundo e depois desata a rir.

– Pareceu-lhe, com estes disparates, que eu sabia do que estava a falar?

– Um pouco – admito timidamente.

– Sabe o que eu adoro nesta galeria? – diz. – A comida. É… – beija as pontas dos dedos. – Espetacular. Estou disposto a olhar para algumas paredes de meias por estes aperitivos.

– Sim – murmuro.

Não comi nada desde que aqui estou. Este vestido *Donna Karan* assenta-me como uma luva, abraçando-me igualmente bem os seios, a barriga e o traseiro, mas poderia formar-se um bojo inestético, se eu começasse a emborcar camarões com molho *cocktail*.

Observa as minhas mãos vazias.

– Deixe-me ir buscar-lhe alguns dos meus preferidos. Confie em mim.

Sorrio.

– Estou intrigada.

– Não mexa nem um músculo, Wendy Palmer.

O Douglas pisca-me o olho antes de rumar apressadamente à mesa dos aperitivos. Agarra num prato e começa a empilhar um número perturbador de alimentos. Oh, Senhor. Por que está a pôr *tanta comida* naquele prato? Não tomo pequeno-almoço nem almoço, e já comi uma salada antes de vir para cá. O que está este homem a fazer-me?

Estou quase a ter um ataque de pânico devido a toda a comida que está a pôr naquele prato, mas é um prato pequeno, por isso vai ficar tudo bem. Basta-me jantar menos amanhã à noite.

– Aqui tem. – Apressa-se a voltar para o meu lado, ansioso por me mostrar os produtos que escolheu para mim. – São os meus preferidos. Prove primeiro a tarte de cogumelos.

Agarro na tarte e dou uma dentada. É celestial. Só este bocado deve ter provavelmente umas quinhentas calorias, se tivesse de adivinhar. Não admira que o Douglas tenha uma papada. E não quer saber, porque não é mulher e, além disso, é incrivelmente rico.

– Agora – diz. – Há além uma peça chamada *Calças*. Quer arriscar um palpite sobre o que vamos ver?

Sorri-me, prendendo-me o olhar, apesar de o meu vestido exibir uma quantidade impressionante de decote. Quando vim aqui com a intenção de seduzir Douglas Garrick, não imaginava este homem.

Isto vai ser muito mais fácil do que eu esperava.

47

Passo 2: Dar o Nó com o Homem Podre de Rico
Três anos antes

O Douglas pode ser absolutamente desesperante.

Está a atormentar-me. Finge ser um tipo simpático – e até terra a terra, tendo em conta o seu trabalho e fortuna pessoal –, mas é *sádico*. Não há outra explicação para o porquê de se comportar desta maneira.

– O que pensas tu que estás a fazer? – atiro-lhe.

Tem ao menos a graça de parecer embaraçado. Como devia! Já é suficientemente mau o homem sentar-se na nossa sala de estar em cuecas – cuecas! –, mas supostamente devíamos chegar daqui a *menos de uma hora* a uma festa em casa da Leland Jasper e não está *de todo* pronto. Tinha planeado tudo na perfeição para chegarmos elegantemente atrasados, mas agora aqui está, na cozinha, de calças de fato de treino e *T-shirt*, e *a comer* Nutella *do frasco com uma faca de manteiga*.

O meu coração não aguenta esta loucura.

– Deu-me fome – diz. Pousa a faca na bancada da cozinha, manchando a superfície de mármore com a pasta castanho-escura.

– Douglas – respondo, com uma paciência cada vez mais escassa. – É suposto sairmos daqui a dez minutos. Nem sequer estás *vestido*.

– Sair para onde?

Está a atormentar-me. Está a fazer isto de propósito. Não posso imaginar que este comportamento não seja intencional – ninguém pode ser assim tão despistado.

– Para casa da Leland! A festa é esta noite!

– Oh, certo – gemendo, esfrega as têmporas. – Cristo, temos de ir? Odiamos a Leland e o marido. Não foi o que dissemos? Além do mais, que tipo de nome é *Leland*? De certeza que foi ela que o inventou.

Está certo em todos os aspetos, mas isso não quer dizer que possamos faltar a esta festa. Vai lá estar toda a gente. E quero que me vejam a usar o meu novo vestido *Prada*, o cabelo acobreado perfeitamente arranjado e com madeixas, de

braço dado com o meu atraente e impossivelmente rico noivo, que irá usar um fato *Armani* que disfarça o bojo do seu abdómen. Escolhi-o com esse propósito específico. Antes de me ter, costumava andar por aí com fatos baratos que deixavam ver o contorno da sua barriga.

– Temos de ir – respondo entredentes. – Não quero ouvir nem mais uma palavra sobre o assunto. Tens de te vestir. Já.

– Mas, Wendy – Douglas agarra-me no braço e puxa-me para si. O seu hálito cheira a avelã. –, vá lá, a festa vai ser uma seca enorme. Vamos antes… sei lá, ver um filme, só os dois? Como costumávamos fazer quando começámos a sair? O novo filme dos Vingadores, talvez?

Algo que não percebi sobre o Douglas até o conhecer foi que é um cromo sem solução. Nem tenta disfarçar. Tudo o que quer é ver filmes de super-heróis e vegetar no sofá com o portátil empoleirado nas pernas, a comer *Nutella* do frasco. A única razão para ter chegado a diretor-executivo da Coinstock é ser um génio louco que inventou uma tecnologia que acabou por ser usada em todos os bancos do país.

– Vamos a esta festa – digo-lhe, pelo que parece ser a centésima vez. O homem *nunca* me dá ouvidos, juro. – Agora, vai-te vestir. Mexe-te.

– Está bem, *está bem*.

Inclina-se numa tentativa de me dar um beijo com *Nutella*, mas eu tenho um *Prada* vestido, por isso dou um passo atrás e ergo as mãos para o manter afastado.

– Podes beijar-me depois de mudares de roupa – digo-lhe.

O Douglas volta a guardar o frasco no armário e sai pesadamente da cozinha para a nossa impossivelmente pequena sala de estar. Este apartamento é todo ele uma desgraça. Só temos três quartos, e um deles é o escritório do Douglas, pelo que é como se tivéssemos apenas *dois*. Assim que nos casarmos, vamos fazer uma melhoria substancial, e também comprar a minha casa de sonho nos subúrbios. Bem, na verdade, é a casa de sonho do Douglas, porque o meu sonho *não* é certamente viver nos subúrbios.

Sorrio sempre que penso na casa onde vamos viver um dia. Em pequena, o meu pai trabalhava na manutenção e a minha mãe mal ganhava o salário mínimo a trabalhar num infantário. Tínhamos uma casa minúscula, onde eu partilhava o quarto com a minha irmã mais nova, que, até aos oito anos, costumava fazer chichi na cama. Estudei o suficiente na escola para conseguir uma bolsa de estudos para um pretensioso colégio privado, onde todos os outros miúdos gozavam comigo por não me vestir tão bem como eles.

Tudo o que queria era umas calças de ganga de marca como as da minha bela e cruel colega de turma Madeleine Edmundson. E talvez um casaco de inverno sem ser em segunda mão e cheio de buracos.

Pensei que podia dar a volta à minha situação na faculdade, mas as coisas não correram da forma que eu esperava. Houve aquele horrível incidente em que me acusaram de plágio e não me deixaram regressar para o terceiro ano. Todas as minhas perspetivas de carreira pareceram ir por água abaixo enquanto me escoltavam ao exterior do recinto universitário.

Oxalá me pudessem todos ver agora.

Nesse momento, desesperantemente, a campainha toca. Antes que eu possa dizer ao Douglas que vou tratar de quem quer que esteja à porta, diz:

– É provavelmente o Joe. Vem deixar uns papéis de que eu preciso. Será apenas um minuto.

Joe Bendeck é o advogado do Douglas. Embora seja provavelmente parte da razão de ser tão rico, não é a minha pessoa preferida no mundo e sente também uma maldisfarçada aversão por mim. Ainda bem que será o Douglas a ver-se livre dele.

É estranho, porém, que passe por cá a uma hora tão tardia da noite. Não inaudito, mas invulgar, ainda assim. Pergunto-me o que quererá…

Enquanto o Douglas vai falar com o Joe, deixo-me ficar por perto, a ouvir a sua conversa. Geralmente, o Douglas não me envolve nos seus negócios, mas é inteligente saber o mais possível do que se passa.

– É tudo? – pergunta a voz do Douglas.

– Sim – responde o Joe. – E tenho também outra coisa para ti…

Oiço o rumorejar de papel. O Douglas a abrir um envelope.

– Oh, Joe. Já te disse que não lhe posso pedir para fazer isto…

– Tens de o fazer, Doug. O teu casamento é daqui a poucas semanas e não podes casar com aquela mulher sem um acordo pré-nupcial.

– Porque não? Confio nela.

– Grande erro.

– Olha, não posso… é como começar um casamento com o pé errado.

– Deixa-me dar-te alguns conselhos jurídicos gratuitos, Doug. Se isto desmoronar para ti, ela ficará com metade de tudo aquilo para que trabalhaste. Este documento é a única coisa que te protege. Serias um perfeito idiota em casar com ela sem a fazeres assinar um.

– Mas…

– Nada de mas. Não casas com essa mulher a menos que ela assine isto. Se

verdadeiramente te amar e pretender ficar casada contigo, não se deverá importar, certo?

Sustenho a respiração, esperando para ver o que o Douglas diz. Espero que diga ao Joe para ir para o Inferno. Mas, além de seu advogado, o Joe é também o seu mais velho e íntimo amigo.

– Está bem – concorda o Douglas. – Vou tratar disso.

48

– É extremamente generoso – informa-me o Joe Bendeck.

O Joe está diante de mim e do Douglas na nossa sala de estar, a explicar-me os termos do acordo pré-nupcial. O Douglas não mo deu nessa noite. Esperou mais alguns dias, suavizando o golpe com algumas flores e um colar de diamantes da *Tiffany's*. Não suavizou lá muito.

– Não me sinto confortável com a ideia de um acordo pré-nupcial. – Olho para o Douglas, que está sentado ao meu lado, vestido como um perfeito desmazelado, de calças de ganga e *T-shirt*. – Querido, temos de passar por isto?

– É *muito* generoso – salienta novamente o Joe. – Dez milhões de dólares se se divorciarem. Mas não pode ir atrás de nenhum dos seus outros bens.

– Eu não quero os bens. – Ponho a mão no joelho do Douglas. O tecido das suas calças de ganga parece gasto sob a minha mão. – Só quero casar-me em paz.

– Então assine – diz o Joe. – E nunca mais a volto a incomodar com isto.

– Eu só… – Tiro um lenço bordado do bolso e limpo os olhos. – Pensava que confiavas em mim, Douglas.

– Oh, por amor de Deus – resmunga o Joe. – Doug, vais mesmo cair nesta treta?

O Douglas lança um olhar ao amigo e passa o braço por cima dos meus ombros. Não consegue resistir a uma mulher a chorar.

– Wendy, não é nada disso. Eu confio em ti. E amo-te tanto.

Levanto o rosto lacrimoso para o encarar.

– Eu também te amo.

– Mas – acrescenta – não posso casar contigo sem um acordo pré-nupcial. Lamento.

Vejo nos olhos castanhos do Douglas que está a falar a sério. O Joe convenceu-o, e agora está completamente rendido.

Lanço um olhar furtivo aos papéis na mesa de café à minha frente. Formam uma pilha com cinco centímetros de espessura. Mas o Joe sublinhou os pontos principais para mim. Diz, preto no branco, que, se nos divorciarmos, receberei

dez milhões de dólares. Não é nem perto de metade do que o Douglas vale, mas não é nada de desprezar. Manter-me-á confortável para o resto da vida se as coisas não resultarem aqui.

Não que eu esteja à espera que nos divorciemos. Espero que o Douglas e eu fiquemos juntos até que a morte nos separe e tudo o mais. Mas nunca se sabe. O Douglas é uma peça em reconstrução, e admito que há hipóteses de eu não o conseguir reconstruir a meu gosto.

– Tudo bem – concordo. – Eu assino.

49

Passo 3: Gozar a Vida de Casada… Por Algum Tempo
Dois anos antes

– Jesus Cristo. Este sítio é de loucos.

O Douglas está relutante em comprar esta *penthouse*. Acha que devíamos viver o resto das nossas vidas naquele minúsculo apartamento de três quartos. Bem, temos a casa que comprámos na ilha, mas não sei quanto tempo lá irei passar.

O Douglas gosta da casa, ainda assim. Tem cinco quartos, e não parava de falar de forma irritante em todos os filhos com que os íamos encher.

– Não é maior do que o do Orson Dennings – saliento.

A nossa agente imobiliária, a Tammy, acena entusiasticamente com a cabeça.

– É apenas uma *penthouse* de nível *médio*.

O Douglas ergue o olhar para as claraboias, pestanejando.

– Não percebo por que precisamos sequer de uma *penthouse*! Temos uma casa inteira!

Só percebi o quanto o meu marido é sovina quando começámos a procurar um apartamento. Qualquer coisa com mais de quatro quartos é «demasiado grande». E está sempre a falar da casa na ilha, como se alguém fosse passar todo o seu tempo em *Long Island*. Por favor.

– Estava a guardar o apartamento para o caso de precisar de vir à cidade para reuniões – lembra-me. – Mas não é lá que vamos *viver*. É na casa que vamos viver.

– Por que só podemos viver num lugar?

– Porque não somos *loucos*?

– Muitas pessoas mantêm uma residência nos subúrbios e outra na cidade – intervém a Tammy.

– Nós já temos uma residência na cidade! – argumenta o Douglas.

Está a ficar frustrado. O Douglas cresceu com uma mãe solteira num apartamento em Staten Island. Andou numa escola pública especial na baixa para miúdos supercromos e conseguiu formar-se no MIT através de uma combinação de

bolsas, trabalhar enquanto estudava e empréstimos. Não está habituado a ter dinheiro. Não sabe o que lhe fazer.

Devia aprender comigo. O meu pai nunca conduziu nada a não ser carros usados e a minha mãe recortava cupões. Nenhuma peça de roupa comprada para a minha irmã mais velha era deitada fora até as outras três terem tido oportunidade de a usar também. Cada peça de roupa era usada até estar por um fio.

Odiava viver assim. Costumava ficar acordada na cama a fantasiar sobre como seria ser rica um dia. E, agora que o somos, por que não haveríamos de obter tudo o que sempre sonhámos?

Após termos passado as nossas infâncias a ser pobres, temos ambos dinheiro. E vamos agir como tal, raios.

– Douglas – passo-lhe um dedo pelo braço. – Sei que parece um pouco extravagante, mas é o meu apartamento de sonho. Já me apaixonei por ele.

– E – acrescenta a Tammy – o preço foi reduzido.

– Porque ninguém pode pagar este sítio ridículo – resmunga o Douglas, embora consiga perceber que parte da sua combatividade se esvaiu.

– Por favor, querido – pestanejo-lhe. – Será tão bom ter um sítio onde passar a noite quando trouxermos os meninos à cidade.

Resulta sempre. Sempre que quero levar a minha avante, tudo o que tenho de fazer é evocar os nossos potenciais e fictícios filhos. O Douglas quer quatro, mas não é ele quem tem de os parir.

– Está bem. – O seu olhar suaviza-se. – Porque não? Suponho que pode ser, tipo, uma dedução fiscal ou assim.

– Claro! – chilreia a Tammy, que é uma verdadeira tretas.

– Obrigada, querido. – Inclino-me para dar um beijo ao meu marido. Enquanto me envolve nos braços, não posso deixar de reparar que está um pouco mais flácido do que quando nos conhecemos, o que é o sentido oposto àquele em que devia ir. É algo em que terá de trabalhar mais, entre outras coisas. O Douglas ainda é verdadeiramente uma obra em curso.

50

Adoro almoçar com a minha amiga Audrey. Tem sempre os *melhores* mexericos.

Sempre sonhei ter uma vida assim. Em que estou livre a meio do dia para almoçar com uma amiga num dos restaurantes mais caros da cidade. Às vezes, quero beliscar-me para ter a certeza de que não é um sonho.

E, depois, há outras vezes em que estou com o Douglas e toda a minha energia é sugada. Às vezes, quero beliscá-lo a *ele*.

A Audrey parece estar prestes a rebentar com algum excelente mexerico. É casada com um homem bastante rico (e bastante mais velho do que ela), mas não tão rico como o Douglas. Jamais poderia pagar um apartamento como o que nós temos.

– Adivinha só – diz-me a Audrey, limpando os seus lábios cor de framboesa. É sempre o começo de algum mexerico espantoso. Não sei como ouve todas estas coisas. Eu *jamais* lhe contaria quaisquer segredos sobre mim. – O divórcio da Ginger Howell foi finalizado.

– Oh! – digo. – Esse foi difícil.

O marido da Ginger, Carter, é o oposto do Douglas. É um tipo superpossessivo que nunca tirava os olhos dela sempre que estávamos numa festa. Quando saía connosco, a Ginger tinha sempre de lhe dizer exatamente quando ia sair, o que ia fazer e quando voltaria. Estou certa de que era esgotante para ela, mas havia também algo na forma como o marido a comandava que me parecia sensual. O Carter é também devastadoramente atraente e mantém-se em bastante boa forma, ao contrário do meu marido.

– Bem – diz a Audrey, mordiscando uma folha de alface. – Teve ajuda da Millie.

– Millie? Quem é essa?

A Audrey olha para mim, espantada, e eu sinto as maçãs do rosto corar. Será a Millie alguém importante no nosso círculo social de quem eu me esqueci, de algum modo? Mas, então, a Audrey responde:

– É uma empregada de limpeza.

– Certo…

– Mas tem uma reputação… – A Audrey baixa ligeiramente a voz, o que significa que está prestes a contar-me um mexerico *realmente* bom. – Ajuda as mulheres que têm problemas com os maridos. Trata do assunto por elas.

– Problemas?

Mentalmente, percorro a lista de maus hábitos do Douglas. Quando vai à casa de banho, usa sempre metade do rolo de papel higiénico. Come diretamente dos recipientes no frigorífico, apesar de eu lhe ter pedido repetidamente para não o fazer. Quando vamos a um restaurante fino, não se dá ao trabalho de aprender que garfo utilizar em que altura, e mesmo quando eu lho saliento ao início da refeição, continua a errar metade das vezes, o que me leva a pensar que está apenas a adivinhar.

Costumava pensar que podia mudar o Douglas. Que, com a minha ajuda, poderia tornar-se uma pessoa melhor, como eu. Mas só parece estar a piorar.

– Problemas graves – esclarece a Audrey. – Tipo, o marido da Ginger era abusivo. Batia-lhe. Chegou mesmo a partir-lhe o braço.

– Oh! – arquejo. Não posso dizer que tenha esse problema. O Douglas jamais me encostaria um dedo. Ficaria horrorizado com a ideia. – Que horror.

Ela assente sobriamente.

– Então, essa tal Millie dá uma ajuda. Diz às mulheres o que dizer e fazer. Arranja-lhes os recursos certos. Arranjou um excelente advogado à Ginger. E até ouvi dizer que ajudou algumas mulheres a desaparecer quando era essa a única opção.

– Uau.

– E não é tudo. – A Audrey mastiga uma das suas folhas de alface, limpando em seguida os lábios com o guardanapo. – Ouvi dizer que, num par de situações em que não havia saída, a Millie… enfim, despachou o tipo.

Tapo a boca.

– Não…

– Sim! – A Audrey parece encantada por estar a partilhar esta revelação. – É dura, acredita. É perigosa. Se achar que um tipo anda a fazer mal a uma mulher, fará basicamente tudo para o parar. Foi para a *prisão* por arrear porrada num tipo que estava a tentar violar a amiga. Matou-o.

– Céus…

A Audrey come outra garfada da sua salada e afasta-a.

– Estou tão cheia – anuncia, apesar de mal ter comido metade e de ser apenas

uma pequena salada verde para entrada. – Wendy, de certeza que não queres comer nada?

Bebo um gole da minha *mimosa*.

– Tomei um pequeno-almoço enorme.

Ela semicerra os olhos na minha direção, possivelmente porque não pedi qualquer comida durante os nossos três últimos almoços juntas. Mas tomo sempre uma bebida.

– Suponho que não estejas a ter sorte com a questão do bebé – observa.

Amaldiçoo o facto de, há alguns meses, ter referido casualmente que o Douglas estava entusiasmado pela ideia de ter filhos em breve. Simplesmente escapou-me. Há já cerca de um ano que andamos a tentar ter um bebé. Não tem corrido bem – ou seja, não estou grávida.

– Ainda não – respondo.

– Conheço um especialista em fertilidade fabuloso – diz a Audrey. – A Laura foi vê-lo, e olha para ela agora.

A nossa amiga Laura tem agora dois rapazinhos gémeos, que não paravam de gritar da última vez que me cruzei com ela na rua. Retraio-me.

– Deixa estar. Preferimos tentar à moda antiga.

– Sim, mas não vais para nova – lembra-me ela. – Tiquetaque, Wendy.

– Tudo bem. Dá-me o nome desse médico.

Gravo o número no meu telemóvel, embora não tenha intenção de ligar. Mas, se o Douglas me perguntar pelo assunto, posso ao menos fingir que estou a fazer alguma coisa.

51

Passo 4: Perceber que Você e o Seu Marido São Completamente Errados Um para o Outro

Um ano antes

O Douglas entra na sala de jantar da nossa casa em Long Island e para bruscamente ao ver os dois lugares à mesa.

– Onde está o resto do nosso jantar? – pergunta. – Na cozinha?

– Não. – Já estou sentada à mesa, com um guardanapo no colo. – É isto o nosso jantar. A Blanca fez-nos uma salada.

O Douglas olha para a taça de verduras como se lhe tivessem servido veneno.

– É isto? É só isto o jantar?

Suspiro. Lembro-me de reparar na papada do Douglas no dia em que o conheci; nessa noite, jurei pô-lo em forma para que desaparecesse. Mas, quando muito, está ainda *menos* em forma do que nessa noite. Sinceramente, é como se nem se *importasse*.

– É alface, tomate, pepino e cenoura ralada – indico-lhe. – Comer salada todos os dias é o que me impede de ficar inchada. Devias experimentar.

– Wendy, és um pau de virar tripas – afirma. – Apavora-te a ideia de comer seja o que for que não seja uma folha de alface ou um talo de aipo.

Reteso-me.

– Estou só a manter-me saudável.

– Estou *preocupado* contigo. – De cenho franzido, senta-se diante da ofensiva salada. – Nunca comes nada. E ontem desmaiaste depois da tua corrida.

– Não desmaiei nada!

– Desmaiaste, sim! Estavas tão pálida, e depois sentaste-te no sofá e eu não te conseguia acordar. Estive quase a chamar uma ambulância.

– Estava *cansada*. Tinha acabado de fazer uma longa corrida – animo-me. – Por que não vens correr comigo amanhã?

– Jesus, não creio que conseguisse acompanhar-te.

Inclino a cabeça.

– Hum. Qual de nós é pouco saudável, então?

O Douglas coça o cabelo escuro.

– Além disso, talvez seja por seres tão magra que não consegues engravidar. Li que não é bom para a fertilidade.

– Oh, meu Deus – gemo. – Tem sempre de ir dar aí, não é? Já não podemos ter uma conversa em que não me culpes por ainda não ter engravidado?

O Douglas abre a boca para dizer qualquer coisa, mas depois parece mudar de ideias.

– Desculpa, tens razão.

Baixa os olhos para a salada à sua frente. Franze o nariz.

– Há algum molho nisto?

– É um vinagrete sem gordura.

– Não o vejo.

– É incolor.

Enfia o garfo na alface crocante e espeta alguns pedaços. Mete-os na boca e mastiga.

– Tens a certeza de que isto tem molho? Porque parece que estou a comer a relva à porta de nossa casa.

– Disse à Blanca para pôr só um borrifo. Não tem gordura, mas tem calorias.

O Douglas continua a mastigar. A sua maçã-de-adão sobe e desce enquanto engole o bocado de salada. Depois de terminar, arrasta a cadeira para trás no chão e levanta-se.

– Aonde vais? – pergunto-lhe.

– Ao *KFC*.

– O quê? – Ponho-me de pé. – Vá lá, Douglas. Tu consegues. Vamos fazer isto juntos.

– Por que não vens comigo? – sugere.

– Estás a brincar.

– Costumávamos ir à comida rápida, às vezes, quando namorávamos – relembra-me. É verdade, embora tenha tentado esquecer essas memórias horríveis. – Vá lá. Vamos pelo *drive-through*. Vai ser divertido. Ouvi dizer que têm uma sanduíche em que o pão é feito de frango frito. Não queres experimentar? Ou ver pelo menos como é?

Os meus dias de comida rápida deviam supostamente ter terminado quando casei com um milionário das tecnologias. Abano a cabeça.

O Douglas lança-me um olhar triste, mas não para. Sai de casa, entra no carro e arranca, provavelmente para comprar uma sanduíche com um pão feito de frango

frito.

É nesse momento que sei que não posso continuar a ser fiel ao meu marido, pois já não o respeito.

52

Devido ao desmoronar do meu casamento, decido que se impõe um pouco de terapia de compras. Nomeadamente, precisamos de mobília nova.

Espero até estar de volta à cidade, pois não se consegue encontrar nada decente na ilha. Sem que eu soubesse, o Douglas providenciou para que a maior parte da sua mobília fosse transferida do seu apartamento para a nossa *penthouse*, e toda ela é medonha. Parece o tipo de mobília que se compraria numa loja com as palavras «desconto» ou «armazém» no nome. Mal suporto vê-la.

Tentei explicar ao Douglas que os móveis de uma casa devem combinar, e que peças clássicas e antigas combinariam não só umas com as outras, mas também com a decoração do nosso edifício gótico. O Douglas limitou-se a olhar para mim, perplexo, pois não estava a falar em JavaScript ou Klingon ou seja lá o que for que entende melhor. Finalmente, assentiu e disse-me para comprar o que quisesse.

Estou, pois, prestes a sair em busca de umas belas antiguidades com que decorar o nosso apartamento quando encontro a Marybeth Simonds no átrio do meu prédio.

A Marybeth é rececionista na empresa do Douglas. Cruzei-me com ela algumas vezes e é razoavelmente simpática. Quarenta e poucos anos, cabelo louro a ficar grisalho e um rosto insípido. Usa umas saias foleiras que têm precisamente o comprimento certo para fazer as suas barrigas das pernas parecerem o mais largas possível. Da primeira vez que lhe pus a vista em cima, determinei que não era uma ameaça à fidelidade do meu marido, e nunca mais lhe dediquei outro pensamento.

– Wendy! – exclama. – Oh, ainda bem que a apanhei.

Segura um envelope de papel pardo, provavelmente com alguns documentos incrivelmente desinteressantes destinados ao Douglas. Tem de os ir buscar para ele, pois raras vezes vai ao escritório. Prefere trabalhar em qualquer dos vários cafés espalhados pela cidade, ou então na nossa casa em Long Island.

– O Doug está? – pergunta-me.

– Temo que não. – Olho para o meu relógio. – E não tenho tempo para receber papéis avulsos. Terá de os deixar com o porteiro.

O sorriso da Marybeth vacila ligeiramente, mas ela anui. O Douglas gosta dela devido à sua natureza afável, o que, suspeito, significa que é um capacho.

– Claro, com certeza, Wendy. Para onde vai?

A sua familiaridade surpreende-me, mas lembro-me de como, quando era pobre, o dia a dia dos incrivelmente ricos me costumava fascinar. Costumava ler artigos sobre pessoas como eu.

– Vou só comprar alguns móveis – respondo.

– Móveis? – Os seus olhos iluminam-se. – Sabe, o meu marido, o Russell, é o gerente de uma loja de mobiliário. É uma loja pequena, mas a mobília de lá é incrível. E far-lhe-ia um excelente preço. – Vasculha a sua bolsa, quase deixando cair o envelope de papel pardo, e acaba por retirar um cartão retangular branco com uma pequena mancha de batom. – Aqui tem o cartão dele. Diga-lhe que fui eu que a enviei.

Agarro no cartão com as pontas do indicador e do polegar, relutante em tocar-lhe após ter estado na bolsa mistério da Marybeth.

– Sim. Talvez.

– Bem… – sorri-me alegremente. – Foi bom vê-la, Wendy.

Começa a dirigir-se ao porteiro, mas, antes que o possa fazer, chamo o seu nome.

– Marybeth?

Ela vira-se, o mesmo sorriso simpático plasmado nas feições.

– Sim?

– Preferia que me tratasse por senhora Garrick – digo-lhe. – Não somos amigas, afinal. Sou a mulher do seu chefe.

A Marybeth esforça-se por manter o sorriso nos lábios.

– Com certeza. Peço imensa desculpa, senhora Garrick.

Pergunto-me se estarei a ser má. Mas não casei com um dos homens mais ricos da cidade para ser tratada por *Wendy* pela sua rececionista.

53

Só para provar que não sou a mulher mais horrível no planeta, decido comprar uma ou duas peças de mobiliário ao Russell Simonds. Bem podemos atirar-lhes um pouco do nosso dinheiro. E, se forem realmente demasiado foleiras para ter em casa – como suspeito que serão –, posso sempre doá-las.

Não é de admirar que a loja de mobiliário seja compacta. Esperava sofás rígidos e quadrados, mas, ao entrar, deparo ao invés com uma bonita cómoda. Paro por um instante a admirar a deslumbrante cómoda de carvalho, que foi cuidadosamente areada e tingida, encontrando-se guarnecida por um belo espelho ornamentado. Passo o dedo por uma das três gavetas entalhadas, cada uma com uma pequena fechadura.

É exatamente o que procurava. Preciso disto para a minha casa.

– É uma bela peça, não é?

Viro a cabeça para identificar o proprietário da voz rica e profunda atrás de mim. Por uma fração de segundo, quase julgo estar a olhar para o meu marido. Mas não, este homem *não* é, decididamente, o Douglas Garrick. Tem mais ou menos a mesma altura, uma constituição similar – ou a constituição que o Douglas poderia ter se fosse ao ginásio de vez em quando – e o seu cabelo é sensivelmente da mesma cor, embora impecavelmente aparado. Apesar de trabalhar numa loja de mobiliário, veste uma imaculada camisa branca com uma gravata habilmente apertada. Este homem parece aquele em que eu esperava transformar o Douglas quando o conheci naquela exposição de arte moderna. É o Douglas 2.0, enquanto o meu marido mal chega a ser a versão *beta*.

– É uma peça antiga – diz-me –, mas restaurei-a pessoalmente.

– Fez um trabalho incrível – murmuro. – Adoro-a.

Ele sorri-me e os meus joelhos tremem ligeiramente.

– Ora, isso não é maneira de regatear.

– Não tenho o menor interesse em regatear – respondo. – Quando quero algo, faço o que for preciso para o obter.

Surge-lhe um lampejo de diversão no olhar ante o meu comentário.

– Sou o Russell. – Estende-me a mão e, ao tomá-la, sinto um delicioso formigueiro subir-me pelo braço. – Esta é a minha loja, e *adoraria* vender-lhe esta cómoda hoje. Aposto que ficaria lindamente no seu apartamento.

Russell Simonds. Deve ser o marido da Marybeth. De alguma forma, esperava um homem barrigudo e com uma grande calva no topo do cabelo grisalho. Não *este* homem.

– Sou a Wendy Garrick – digo-lhe. – A sua mulher, a Marybeth, trabalha para o meu marido. Foi ela quem sugeriu que viesse cá.

O sorriso divertido demora-se nos seus lábios.

– Ainda bem que o fez.

Acabo por comprar cerca de metade da loja antes de terminar. De cada vez que o Russell me fala noutra peça restaurada de mobiliário antigo, tenho simplesmente de a ter. E então, quando lhe estou a entregar o meu cartão de crédito com o limite chocantemente elevado, puxa de um cartão de visita, impecavelmente branco e limpo, e rabisca nove dígitos na parte de trás.

– Qualquer problema com a mobília – diz-me –, é só avisar.

Guardo o cartão na minha bolsa.

– Assim farei.

E enquanto o Russell regista as minhas compras, não posso deixar de pensar que há mais uma coisa na loja que gostaria de levar comigo para casa. E quando eu quero algo, faço o que for preciso para o obter.

54

Passo 5: Tentar Encontrar a Felicidade Noutro Lugar
Seis meses antes

É possível que me esteja a apaixonar.

Tentei apaixonar-me pelo Douglas. Tentei mesmo. Pensei que me afeiçoaria a ele. Que mudaria – tal como eu mudei ao subir a pulso. O Douglas não faz ideia de quão espantoso poderia ser se se desse ao trabalho de cuidar de si mesmo, fazer uma pequena cirurgia plástica ou arranjar aquele dente torto. (Por amor de Deus, que multimilionário anda por aí de dentes imperfeitos? Pensará que estamos em *Inglaterra*?)

Mas o Douglas não tem qualquer interesse em nenhuma dessas coisas. Não tem o menor interesse em ser o homem que eu quero que seja. Só quer ser *ele mesmo*.

Já o Russell, por outro lado…

Apesar de andarmos a dormir juntos há já seis meses, não consigo parar de olhar para o homem do outro lado da mesa. Para o seu espesso cabelo cor de chocolate, cortado curto dos lados, mas suficientemente longo no topo para encaracolar ligeiramente, e para as suas densas e poderosas sobrancelhas. Nunca antes descrevi umas sobrancelhas como «poderosas», mas o homem podia comandar uma sala com elas. São o meu traço preferido nele. Ainda que, para ser justa, adore tudo o que o compõe.

Exceto a sua conta bancária.

A empregada aproxima-se da nossa mesa, um sorriso de orelha a orelha plasmado no rosto. Num restaurante tão caro, o pessoal é sempre inquebrantavelmente simpático. O Douglas odeia sítios assim. *Não me agrada quando se alvoroçam tanto comigo.*

– Vão querer sobremesa? – pergunta-nos a empregada. – Temos um incrível bolo de chocolate sem farinha.

– Não, obrigado – responde o Russell.

Aceno em concordância. Nunca comemos sobremesa. Tal como eu, o Russell cuida bem de si mesmo. Vai ao ginásio várias vezes por semana, e o seu corpo é

todo músculo esculpido, com apenas uma ligeira e inevitável barriga de meia-idade. Pena que a Marybeth não lhe dê valor. Nem se dá ao trabalho de pintar o seu cabelo louro – em poucos anos, estará grisalha como uma mula.

O Russell estende os braços sobre a mesa para agarrar as minhas mãos. Dado que estamos em público e somos ambos casados, é completamente inapropriado. Nas últimas semanas do nosso tórrido caso, porém, mandámos um pouco a cautela ao vento. Parte de mim quase quer ser apanhada. Porque, pela primeira vez na minha vida, estou apaixonada.

Se o Douglas se quiser divorciar de mim, agarro nos meus dez milhões e vou à minha vida.

– Oxalá não tivesse de voltar para o trabalho – murmura o Russell.

– Talvez possas chegar atrasado? – sugiro.

Um sorriso brinca-lhe nos lábios. Adoro a sua avidez. O Douglas deixou de ser assim pouco depois de nos casarmos e, mesmo antes, nunca foi tão competente na cama como o Russell. Simplesmente não tinha a mesma *energia*.

Nos primeiros tempos, reservávamos quartos de hotel para os nossos encontros, mas ultimamente o Douglas raramente vai à *penthouse*, pelo que tenho simplesmente levado o Russell para lá. Há a entrada das traseiras, onde sei que não há câmaras, pelo que não temos de lidar com o olhar do porteiro.

– Não devia – diz. – A loja tem estado movimentada nos últimos tempos.

– Não é para isso que servem os vendedores?

Geralmente, o Russell tem um ajudante a trabalhar na loja, embora talvez pudesse contratar mais um, dado que praticamente tenho andado a financiar o negócio com as minhas compras. Para ser justa, adorei cada bela antiguidade que lá comprei. O Russell tem um gosto impecável. Se tivesse dinheiro, saberia verdadeiramente como o gastar.

– Que tal esta noite? – sugere.

– Então e a Marybeth?

Os seus lábios curvam-se de repugnância, como sempre acontece quando o tema da sua mulher é evocado. É algo que nos aproximou – a nossa mútua aversão pelos nossos cônjuges.

– Digo-lhe que vou ficar outra vez a trabalhar até tarde.

A empregada regressa com a conta, e eu entrego-lhe o meu cartão platina. Sou sempre eu a pagar quando vamos a restaurantes sofisticados, pois, embora não goste de o admitir, o Russell está um pouco apertado em termos de dinheiro. Mas isso não me incomoda. Não é pelo dinheiro que gosto dele – tenho bem que chegue neste momento.

– Vou contar os segundos para te ver esta noite – murmura o Russell. Debaixo da mesa, os seus dedos sobem-me pela saia até eu me começar a sentir um pouco ofegante.

– Russell – rio-me baixinho. – Aqui não. Há *pessoas* em volta.

– Não me consigo conter perto de ti.

– Russell…

A minha fruição do que o meu amante está a fazer debaixo da mesa é interrompida pelo pigarrear da empregada. Tem o meu cartão platina na mão.

– Lamento muito, mas não passou. Foi rejeitado.

Reviro os olhos.

– É das vossas máquinas. Por favor, volte a passá-lo.

– Tentei três vezes.

Solto um suspiro. Meu Deus, as pessoas nestes restaurantes são simpáticas, mas às vezes são também dolorosamente incompetentes. Por alguma razão estão a servir às mesas para ganhar a vida. Vou à minha bolsa e tiro o meu *Visa*.

– Tente este.

Só que, passado um minuto, a empregada regressa com o segundo cartão.

– Este também foi rejeitado – informa-me. O seu tom já não é tão delicado como quando nos estava a servir. E as pessoas da mesa ao lado começaram a olhar.

Não sei o que se passa. Sou casada com o Douglas Garrick, caramba. O meu limite de crédito é infinito. Tem nitidamente de ser um problema do lado deles, mas mais ninguém parece estar a ter dificuldades.

– Tente o meu cartão – intervém o Russell. Tira o seu cartão de crédito da carteira e entrega-o.

Enquanto a empregada se afasta para experimentar o novo cartão, lanço-lhe um olhar apologético.

– Desculpa. Não sei o que se passa.

– Sem problemas – responde, apesar de não poder realmente custear um restaurante destes. Não é o tipo de local a que viríamos se soubéssemos que seria ele a pagar. Mas não há muito que possamos fazer neste momento.

O cartão de crédito do Russell é aceite sem problemas. Algo se passa com os meus cartões. Estaremos a ter algum tipo de problema financeiro de que não estou ciente? As pessoas como nós não têm dívidas de cartões de crédito. Mas a verdade é que não estou a par das finanças. Tenho os meus cartões de crédito e uso-os sem pensar no assunto.

Terei de falar com o Douglas sobre isto esta noite.

55

Liguei várias vezes ao Douglas, mas não atendeu. Enviei-lhe também inúmeras mensagens de texto, a que não respondeu.

Não sei o que se passa. Tentei usar os meus cartões de crédito noutra loja e, mais uma vez, foram rejeitados. Pelo que não era culpa do restaurante.

Liguei para a operadora dos cartões de crédito para tentar chegar ao cerne da questão. E disseram-me algo chocante. Os meus cartões foram cancelados. *Todos*.

Finalmente, decido ir à nossa casa em Long Island falar com o Douglas. Apesar do nosso deslumbrante apartamento na cidade, cheio de móveis antigos, prefere a casa. Diz que gosta do sossego. Dorme melhor sem as constantes buzinas e sirenes da cidade, e gosta do ar fresco. Mas Long Island é um sítio tão dolorosamente *enfadonho*. Não há lá absolutamente nada para fazer nem nenhum lugar decente onde fazer compras.

Ao chegar à casa, encontro-a vazia. Percebo que não venho cá há mais de uma semana, apesar de o Douglas dormir aqui quase todas as noites. Suponho que o meu marido e eu nos tenhamos afastado nos últimos tempos. A única altura em que fazemos sexo é uma vez por mês, quando estamos a tentar conceber.

A casa está limpa, ao menos – ao entrar pela porta, quase esperava encontrar caixas de piza sujas e meias usadas penduradas do sofá, porque o Douglas pode ser um pouco desmazelado. A sala de estar parece… acolhedora, suponho que seria a palavra certa.

O Douglas livrou-se do sofá branco que eu escolhi e substituiu-o por um azul-escuro com almofadas de aspeto maltratado. Sento-me no sofá para esperar que chegue a casa e tenho de admitir que é confortável, apesar de incrivelmente feio.

Só quase às nove horas oiço o som da porta da garagem a abrir. Endireito-me no sofá, decidindo depois levantar-me. Será o tipo de conversa em que é preciso estar de pé. Posso senti-lo.

Passado um minuto, o Douglas entra pelas traseiras. Traz o cabelo mais em desalinho do que o habitual e tem olheiras a rodear-lhe os olhos. A gravata pende-lhe frouxamente em redor do pescoço e, ao ver-me na sala de estar, para bruscamente.

– Cancelaste os meus cartões de crédito – digo-lhe, por entre dentes cerrados.

– Perguntava-me o que seria preciso para te fazer vir aqui.

Achará que isto é algum tipo de piada?

– Estava a tentar almoçar e o meu cartão foi *rejeitado*. Fiquei sem forma de pagar. Dás-te conta disso?

O Douglas entra na sala de estar, acabando de tirar a gravata.

– O quê? O Russell não tinha o cartão de crédito dele?

Fico boquiaberta.

– Eu…

Atira a gravata para cima do sofá.

– Não compreendo por que estás tão surpreendida. Achas que podes andar por toda a cidade aos amassos com outro fulano e eu não vou descobrir? Achas que podes pagar um quarto de hotel com o meu cartão de crédito sem eu saber? Quão estúpido achas que eu sou?

– Eu… lamento. – Sinto o coração a palpitar. Nunca*, jamais*, ouvi o Douglas falar desta maneira, mas há uma parte de mim que se alegra por estarmos a ter esta conversa. Estou farta de estar casada com o Douglas Garrick. Ainda bem que estamos a pôr tudo às claras. – Não era minha intenção que acontecesse.

– Oh, por favor. É o melhor que consegues inventar? – Olha-me com repugnância. – E com o *marido* da Marybeth? Como foste capaz, Wendy? A Marybeth é praticamente família.

Família *dele*, talvez. Eu nunca gostei da mulher, mesmo antes de começar a dormir com o marido. E agora que sei a companheira inadequada que era para o Russell, detesto-a ainda mais.

– Ela sabe?

Abana a cabeça.

– Não podia fazer-lhe uma coisa dessas. Destrui-la-ia – resfolega. – Não que tu te importasses com isso.

– Não é como se tivéssemos o casamento perfeito, Douglas – saliento. – Sabes isso tão bem como eu.

O meu comentário tira-lhe parte do espírito combativo. Os seus olhos castanhos suavizam-se. No fundo, o meu marido é um pouco lorpa. Foi por isso que casei com ele em primeiro lugar. Sabia que me daria tudo o que eu quisesse.

– Acho que devíamos fazer terapia de casal – diz. – Encontrei um terapeuta altamente recomendado. Sei que estou ocupado, mas arranjarei tempo para isto. Para *nós*.

Imagino-me sentada com o Douglas no gabinete de um terapeuta, a discutir a

nossa miríade de problemas, que se resumem a querermos coisas completamente diferentes da vida.

– Não sei…

– Wendy. – Acercando-se de mim, agarra a minha mão. Por um momento, permito-o, sabendo que a irei retirar daqui a poucos segundos. – Não quero desistir de nós. És a minha mulher. E, embora estejamos a ter algumas dificuldades nessa área, quero que sejas a mãe dos meus filhos.

Percebo que é neste momento que tenho de lhe confessar tudo. Tenho de arrancar o penso rápido ou então jamais me livrarei deste homem. E, ao fim de todo este tempo, merece a verdade.

– A realidade – digo – é que não posso ter filhos.

É ele, no fim de contas, o primeiro a retirar a mão.

– *O quê?* De que estás a falar?

– Há muitos anos, tive uma infeção que destruiu as minhas trompas de Falópio – conto-lhe. Aconteceu quando tinha vinte e dois anos. Sentia dores horríveis na zona pélvica, e os médicos explicaram-me mais tarde que a infeção era assintomática até que alastrou para as minhas trompas. As dores eram tão fortes que fui submetida a uma intervenção laparoscópica para limpar parte do tecido cicatricial, e foi então que me informaram que jamais seria capaz de conceber um filho de forma natural. *Há uma pequena hipótese de poder engravidar por meio das tecnologias reprodutivas, mas até isso é extremamente improvável devido à extensa cicatrização.*

Na altura, foi devastador ouvi-lo, e amaldiçoei a minha sorte. Apesar de ter crescido pobre, ainda sonhava encher a minha casa de filhos um dia, tal como os meus pais tinham feito. Chorei durante vinte e quatro horas consecutivas ao saber da notícia.

Com o passar dos anos, porém, descobri que era uma bênção. Vi tantas das minhas amigas amarradas aos filhos, e como a prole de uma pessoa lhe pode secar as contas bancárias. Dei-me conta que era uma sorte não ter filhos. Na realidade, aquela infeção foi a melhor coisa que alguma vez me aconteceu.

O Douglas abana a cabeça.

– Não compreendo. Estás a dizer que, durante todo este tempo, sabias que jamais poderias engravidar?

– Isso mesmo.

Deixa-se cair no sofá confortável, com uma expressão vidrada nos olhos.

– Andamos a tentar há *anos*. Nunca disseste sequer uma palavra. Não posso acreditar que me mentiste dessa maneira.

Perturbei-o, mas é melhor assim. Como disse, o penso rápido precisava de ser

arrancado.

– Sabia que não era o que querias ouvir.

Ergue os olhos para mim, ligeiramente húmidos.

– Bem, e quanto à adoção? Ou…

Oh, Senhor, a última coisa que eu quero é cuidar dos fedelhos de outra pessoa.

– Eu *não quero* filhos, Douglas. *Nunca* quis. O que quero é sair deste casamento.

– Mas… – Treme-lhe o maxilar inferior. Ainda tem aquela papada. Em todo o nosso casamento, não fiz quaisquer avanços no sentido de o ajudar a livrar-se dela. Acreditava que era uma obra em curso, mas nunca fiz verdadeiros progressos. – Eu amo-te, Wendy. Não me amas?

– Já não – respondo. É mais amável do que dizer-lhe que nunca o amei. – Já não quero estar contigo. Não te respeito e queremos coisas diferentes. É melhor seguirmos caminhos separados.

Quando tiver os meus dez milhões de dólares, não terei de me voltar a preocupar que cancele o meu estúpido cartão de crédito. Serei independente. O Russell pode deixar a mulher e poderemos fazer o que quisermos.

– Tudo bem. – Com esforço, o Douglas levanta-se. – Queres sair deste casamento? Assim seja. Mas não vais receber nem um cêntimo do meu dinheiro.

Infelizmente, não depende dele. Quer castigar-me, mas conheço os meus direitos.

– O acordo pré-nupcial dá-me dez milhões de dólares. Não pedirei mais do que isso.

– Certo. – A expressão vidrada desapareceu dos seus olhos castanhos, que se tornaram agora incisivos e se focam no meu rosto como um *laser*. – Recebes dez milhões de dólares se nos divorciarmos. Mas o acordo pré-nupcial diz que, se eu tiver provas de que me traíste, não recebes *nada.*

Lembro-me do grosso documento que o Joe me entregou antes do casamento. Tinha ponderado levá-lo a um advogado, mas podia ver, preto no branco, que dizia que eu recebia dez milhões em caso de divórcio. Não queria desperdiçar milhares de dólares que não tinha a contratar um advogado.

– Terei todo o gosto em mostrar-te a cláusula onde diz isso. – Um sorriso dança-lhe nos lábios. – Está logo na página cento e setenta e oito. Não sei como te escapou.

Cerro os punhos.

– O Joe enganou-me. Estava sempre tão decidido a fazer-te desconfiar de mim.

– Não, o acordo pré-nupcial foi ideia *minha*. Tal como a cláusula da infidelidade. – O Douglas desaperta o botão de cima do seu colarinho. – Disse-lhe para

agir como se fosse ideia dele para que não te zangasses comigo. Queria que confiasses em mim. Apesar de eu não confiar em *ti*.

Com fúria crescente, olho para o meu marido.

– Não podes simplesmente pôr lá coisas sem me dizeres. Isso é… é enganar-me.

Arqueia as sobrancelhas.

– Oh, como quando te abstiveste de me contar que jamais poderias engravidar, queres tu dizer?

Sinto um aperto no peito. Torna-se um pouco difícil respirar. O Douglas estava sempre a falar em como o ar é muito melhor aqui, mas eu não o noto.

– Tudo bem. Mas boa sorte a provar que eu te fui infiel.

Ainda que me mate, não poderei ver o Russell por algum tempo. Não posso dar ao Douglas qualquer oportunidade de provar a minha infidelidade.

– Oh, não te preocupes. Já tenho fotografias, vídeos… é só escolher.

Arquejo.

– Contrataste um detetive para me espiar?

Fulmina-me com um olhar venenoso.

– Tudo o que tive de fazer foi instalar algumas câmaras ocultas no nosso próprio apartamento. Subtil, não?

Raios. Nunca devíamos ter sido tão descuidados. Se eu soubesse…

– Talvez possas recuperar o teu antigo emprego – observa o Douglas, pensativo. – Qual era mesmo? Não costumavas trabalhar num balcão da *Macy's*? Parece divertido.

Odeio este homem. Senti muitas emoções por ele ao longo dos últimos três anos, mas nunca senti este tipo de ódio por ninguém na minha vida. Sim, não fui inteiramente honesta, mas deixar-me na penúria? É verdadeiramente um sádico.

– Não me divorcio de ti, então – digo. – Não assino os papéis. Não me tirarás da tua vida.

– Tudo bem – responde, com uma calma exasperante. – Mas não vais recuperar os teus cartões de crédito. E todas as contas bancárias estão em meu nome. Vou cortar-te o acesso.

Não sabia que o Douglas tinha isto em si. Mas suponho que não se chega a diretor-executivo de uma empresa tão grande sem se ter um par de tomates.

– Podes continuar no apartamento – acrescenta. – Por enquanto. Mas, daqui a uns meses, vou pô-lo no mercado. Assim, podes decidir o que queres fazer.

Dito isto, dá meia-volta e encaminha-se para fora da sala de estar. A sua gravata ainda está caída no sofá, e parte de mim sente-se tentada a agarrar nela, enro-

lar-lha à volta do pescoço e espremer-lhe a vida.

Não o faço, claro, mas é uma ideia incrivelmente apelativa.

Pois, se o Douglas se divorciar de mim com provas do meu adultério, não recebo nada. Mas, se morrer, segundo o seu testamento, fico com *tudo*.

56

Passo 6: Descobrir como Transformar o Seu Marido num Homem que Merece Morrer

Quatro meses antes

– O Douglas anda a ameaçar pôr o apartamento no mercado em breve – digo ao Russell. – Não sei o que fazer.

Estamos deitados juntos na gigantesca cama *king size* do quarto principal. Sentia pânico de cá voltar após ter sabido das câmaras que o Douglas tinha instalado, por isso contratei um especialista para as encontrar e desmantelar. Não ficar neste apartamento não era uma opção – afinal, é tão meu como do Douglas. Fui eu que escolhi esta cama, embora possa provavelmente contar pelos dedos das mãos o número de vezes que o Douglas dormiu nela. Nunca gostou deste apartamento. O Russell, por outro lado, está completamente apaixonado por ele. Aprecia-o tanto como eu.

Mas, ainda que recebesse os dez milhões de dólares, não poderia ficar aqui. E, sem esse dinheiro, é um sonho ridículo.

– Não o fará. – O Russell passa os dedos pela minha barriga nua. – Se vender o apartamento, terão de viver juntos. E ele não quer isso.

Dá-me vontade de deitar as mãos à cabeça.

– Sabe-se lá o que ele quer! Está só a tentar castigar-me. – Toda a minha mentira sobre tentar engravidar levou-o claramente para lá dos limites. Quer que sofra pelos meus pecados. – Mas o que posso eu fazer?

– Podias divorciar-te dele na mesma – sugere. – E ficar comigo. Eu deixo a Marybeth.

– Mas ficaremos na miséria!

– Não ficaremos, não. – Parece ofendido com essa sugestão. – Tenho a minha loja. E tu também podias arranjar algo. Não ficaremos na penúria.

Às vezes, sinto que eu e o Russell fomos feitos um para o outro, mas outras vezes diz coisas *assim*.

Por agora, vou esperando. Quando o Douglas e eu nos divorciarmos, acabou-se

– não tenho direito algum ao seu dinheiro. Por isso, todos os dias torço para que, ao descer a rua, seja atropelado por um autocarro. Acontece constantemente na cidade. Por que não pode acontecer ao meu marido, por uma vez?

– Se ao menos morresse – digo. – Seria de esperar, com a quantidade de comida gordurosa que consome, que já tivesse caído fulminado por um ataque cardíaco.

– Só tem quarenta e dois anos.

– Há muitos homens a morrer de ataque cardíaco na casa dos quarenta – salienta. – O Douglas até toma medicamentos para o coração. Podia acontecer.

– Esperar que o Douglas tenha um ataque cardíaco não é um plano sólido para o futuro.

O Russell não parece gostar de fantasiar com a morte do Douglas da mesma forma que eu. Mas isso é só porque não o conhece como eu.

– Tem de haver uma saída para esta situação do acordo pré-nupcial – comento. – O Douglas está a ser um sacana sádico e tem de pagar pela maneira como me tem vindo a tratar. Devia haver algum modo de castigar os maridos que tratam as mulheres desta forma. Cortar-me o dinheiro e ameaçar tirar-me a minha casa… Isso é basicamente, tipo, abuso.

Ao dizer as palavras, algo aflora ao fundo do meu pensamento. Uma história que a minha amiga Audrey me contou há séculos. Sobre uma empregada doméstica que defende as mulheres que são maltratadas pelos maridos.

É dura, acredita… Se achar que um tipo anda a fazer mal a uma mulher, fará basicamente tudo para o parar.

Fecho os olhos, tentando lembrar-me do nome da mulher. E então ocorre-me:

Millie.

O Douglas não é terrível da mesma forma que o marido da Ginger era – não é fisicamente abusivo. Mas não deixa de ser maléfico e manipulador. O abuso não é necessariamente apenas físico – não será ter o meu marido a expulsar-me da minha própria casa e a deixar-me na miséria tão abusivo como partir-me um osso?

Concordaria essa mulher das limpezas com isto? Não sei. Talvez precisasse de um pouco de persuasão.

Mas… e se visse um homem tratar-me terrivelmente e acreditasse ser o meu marido? Claro que não poderia ser realmente o Douglas, pois anda ativamente a evitar-me. E jamais me poria fisicamente as mãos em cima, ainda que eu o provocasse. Mas essa tal Millie não sabe quem é o meu marido. O Douglas limpou meticulosamente a Internet de fotografias suas. Se a Millie visse um homem a

bater-me, sentir-se-ia impelida a ajudar-me. Se o que ele fizer for suficientemente mau, nem serei capaz de a impedir.

Lentamente, começa a formar-se um plano na minha cabeça.

57

Algumas semanas antes

Ao ver-me ao espelho, quase grito.

O meu rosto parece um pesadelo de florescentes hematomas púrpura, misturados com outros a esmorecer em amarelo. É doloroso de contemplar. O Russell vê-me dar os últimos retoques na maçã do rosto e parece impressionado.

– És uma mágica, Wendy – diz-me. – Parece real.

Passei horas a praticar. Vi vários vídeos no *YouTube*, e sou agora uma especialista mundial em criar hematomas de aspeto realista. Parece realmente que alguém me deu uma tareia substancial.

Espero que a Millie aprecie o trabalho despendido nesta obra-prima.

De modo geral, a Millie parece estar a acreditar verdadeiramente na nossa pequena encenação. E, além disso, é uma excelente cozinheira e empregada doméstica. Até me conseguiu arranjar alguns cucamelões – os meus preferidos. É uma pena o que lhe vai acontecer.

Mas não há outra maneira.

– Está quase perfeito – digo, guardando a minha paleta de maquilhagem. – Só falta uma coisa.

O Russell arqueia uma sobrancelha. Tem vindo a representar na perfeição o papel de Douglas desde que a Millie chegou. É incrível – quando se combinam a aparência e a personalidade do Russell com a riqueza e o poder do Douglas, obtém-se verdadeiramente o homem ideal.

– A sério? A mim parece perfeito.

Inspeciono o meu rosto ao espelho uma vez mais. Perfeito não chega. Tem de ser *melhor* do que perfeito. Se a Millie suspeitar por um segundo que isto é maquilhagem, acaba-se o jogo. Tem de ser *impecável*.

– Tens de me dar um murro – anuncio.

O Russell atira a cabeça para trás e solta uma risada.

– Certo. Parece-me bem.

– Falo a sério. Preciso que me abras o lábio. Tem de parecer *real*.

O sorriso apaga-se do rosto do Russell ao perceber que o digo cem por cento a sério.

– O quê?

– Ela não pode desconfiar que isto é maquilhagem – explico-lhe. – E não posso simular um lábio fendido com o material que tenho. Tens de me esmurrar.

O Russell lança-me um olhar horrorizado ao mesmo tempo que se afasta de mim.

– Não te vou dar um murro na cara.

– Não tens de te sentir mal. Estou a dizer-te para o fazeres.

– Nunca bati numa mulher na minha vida – parece ligeiramente indisposto. O que me leva a questionar se terá a fibra necessária para ir avante com este plano. Terá de fazer bem pior do que dar-me um murro no rosto antes de isto terminar.

– Não te vou bater, Wendy.

– Tens de o fazer.

– Não farei. Não *posso*.

Estou tão frustrada que me apetece gritar. Pensará que isto é uma *piada*? Tenho umas pequenas poupanças na minha conta pessoal, que guardei para dias difíceis, além de algum dinheiro que fiz a vender joias e roupa. Mas tenho estado a usá-las para viver e para pagar o salário – extremamente generoso, devo acrescentar – da Millie. Gastei já também uma parte a comprar um vestido que a polícia acabará por suspeitar que o Douglas deu à Millie, bem como uma cara pulseira gravada. E, claro, enchi o armário de produtos de limpeza que adquiri a pretexto de ter alergias terríveis, mas que realmente comprei para que o porteiro não apanhasse a Millie a carregar frascos de detergente para o chão e cera para móveis.

Seja como for, o dinheiro não vai durar muito mais tempo. Tenho de acabar com isto – em breve.

Preciso que me esmurre.

– És patético – cuspo-lhe. – Não posso crer que te recusas a fazer esta coisinha por mim. Temos uma hipótese de deitar a mão à sorte grande, e aqui estás tu, a dar cabo de tudo.

– Wendy…

Lanço-lhe um sorriso escarninho.

– Não admira que, na casa dos quarenta, não passes de um vendedor de mobília. *Patético*.

– Basta, Wendy – diz o Russell, entredentes.

A sua mão direita cerra-se num punho. É sensível em relação à sua carreira. Sei

que sim. Sempre sonhou ser um empresário de sucesso, e gerir uma pouco próspera loja de móveis antigos está bem longe desse sonho. Podia ajudá-lo a fazer muito mais – podia transformá-lo no homem que quer ser. No homem que *merece* ser.

Só precisa de me *bater*.

– És cá um falhado – prossigo. – O que vais fazer quando a loja falir? Arranjar um emprego no *McDonald's*, a salgar batatas fritas?

– Chega! Para!

– Queres que pare? Então *bate-me*!

Antes que eu sequer perceba o que está a acontecer, uma explosão de dor eclode do lado esquerdo do meu rosto. Arquejo e cambaleio para trás, agarrando-me ao toalheiro. Por um segundo, vejo estrelas.

– Wendy! – O grito angustiado do Russell arranca-me ao meu torpor. – Jesus Cristo, peço imensa desculpa!

Parece estar à beira das lágrimas, mas não se sente tão mal como o meu rosto. Céus, acertou-me mesmo com força. Não tinha a certeza de que fosse capaz. Toco no rosto e percebo que há sangue a jorrar do meu nariz.

– Estás a sangrar – arqueja.

Foi à procura de alguns toalhetes de papel, e faço os possíveis por estancar o fluxo de sangue do meu nariz. Ao fim de alguns minutos, parece parar. Bem, maioritariamente.

Quando olho para o Russell, as suas poderosas sobrancelhas estão franzidas.

– Estás bem? Peço imensa desculpa.

A casa de banho está um desastre. O meu sangue gotejou pelo chão todo. E há uma marca ensanguentada de uma mão na beira do lavatório, onde me agarrei enquanto tentava desesperadamente fazer com que o meu nariz parasse de sangrar.

Oh, meu Deus, é perfeito.

58

Passo 7: Matar o Sacana
Na noite em que Douglas foi assassinado

As engrenagens rangem dolorosamente no elevador. Chegou.

É este o momento. Foi para isto que passámos os últimos meses a trabalhar. A Millie saiu do apartamento há uma hora, trémula e convencida de que tinha acabado de assassinar o meu marido. A polícia interrogá-la-á. Ela quebrará e confessará o que fez. E eu terei plantado cuidadosamente provas para os convencer que o fez porque andava a ter um caso com o Douglas. Não me posso dar ao luxo de ser envolvida.

Agora, só resta uma peça no quebra-cabeças. Temos de matar o Douglas, desta vez a sério.

O Russell está à espera na cozinha, segurando a arma que a Millie ainda agora usou para o alvejar com um cartucho vazio – só que, desta vez, com balas reais. Está pronto.

As portas do elevador abrem-se e eu desço o corredor para ir cumprimentar o meu marido uma última vez. Paro bruscamente, surpreendida pela sua aparência. Perdeu peso desde a última vez que o vi e tem olheiras púrpura cravadas debaixo dos olhos. Tem uma barba de pelo menos dois dias no queixo.

– Estás com um aspeto horrível – deixo escapar.

O Douglas ergue bruscamente o olhar.

– Prazer em ver-te também, Wendy.

– Quero dizer… – Afasto uma madeixa de cabelo da cara. Limpei cuidadosamente toda a maquilhagem dos meus falsos hematomas depois de a Millie partir. – Quero dizer que pareces… cansado.

Ele solta um longo e atormentado suspiro.

– Tenho andado a trabalhar noite e dia numa nova atualização do *software*. E então tu ligas-me a implorar que venha cá praticamente a meio da noite.

– Trouxeste-os?

O Douglas ergue a pasta de cabedal esfarrapada que traz sempre consigo.

– Tenho os papéis do divórcio aqui mesmo. Espero que estejas pronta para assinar.

Não propriamente. Mas não precisa de saber disso.

Levo o Douglas à sala de estar. O meu corpo retesa-se, esperando que o Russell saia da cozinha e alveje o meu marido à queima-roupa no peito. É suposto fazê-lo assim que entrarmos na sala. É suposto fazê-lo… agora.

Maldição.

O Douglas consegue percorrer todo o caminho até ao nosso sofá modular sem ser assassinado pelo meu amante. Fico bastante desiludida. Deixa-se cair na almofada e pousa a pasta na mesa de café.

– Vamos acabar com isto – murmura.

Não, ainda não. Não o trouxe aqui para assinar os papéis do divórcio. Isso é o oposto do porquê de eu o querer aqui. Só que o Russell não sai. Não o vejo nem consigo ouvi-lo. O que se passa?

– Posso ir buscar-te algo para beber? – pergunto. Parece estar prestes a recusar, por isso prossigo rapidamente. – Vou buscar-te um pouco de água.

Antes que o Douglas possa protestar, lanço-me em direção à cozinha, deixando-o para trás no sofá com os papéis do divórcio. Neste momento, estou absolutamente furiosa. Até aqui, tudo correu exatamente da forma como planeei. Só mais uma coisa precisa de acontecer. O Russell tem de matar o Douglas.

Quando entro na cozinha, porém, o Russell está encolhido ao canto. A arma está em cima da bancada e parece estar a ter um ataque de pânico. Agarra-se à bancada com as luvas de cabedal e tem a respiração acelerada, o rosto branco como um lençol.

– Russell! – silvo-lhe. – De que raio estás à espera?

Tem sido extraordinariamente difícil esta noite. Antes mesmo de a Millie chegar, já ele ameaçava recuar, enumerando uma lista de preocupações. *Tens a certeza que é seguro ser alvejado com um cartucho vazio? Não foi assim que o Brandon Lee morreu? E se ela decidir antes esfaquear-me?*

Finalmente, convenci-o a ir avante com a cena em que fingia estrangular-me. E, depois de a Millie o ter alvejado com o cartucho vazio e ele não ter morrido, pensava que tínhamos ultrapassado isto – a parte mais difícil estava feita. Só que agora parece estar a ter dificuldades em sorver ar para os seus pulmões.

– Não sou capaz – diz, engolindo em seco. Tem a fronte transpirada e as suas poderosas sobrancelhas fundiram-se ao meio da testa. – Não posso alvejá-lo, Wendy. Por favor, não me obrigues.

Está a brincar? Passámos meses a engendrar isto juntos. Tivemos tanto cuidado

em entrar sempre pela porta das traseiras e preparar o cenário exatamente da forma certa. Mal saio do apartamento, pois não posso correr o risco de me cruzar com a Millie, e tenho dedicado toda a minha energia a dar a impressão que o Douglas ainda vive aqui. Cheguei mesmo a comprar um monte de roupa de homem para ela poder lavar. (Apesar de, no primeiro dia, me ter estupidamente esquecido de a desdobrar toda. Estou certa que achou que éramos um bando de psicopatas que dobram a própria roupa suja.) Gastei tanto tempo e energia a planear tudo isto.

E agora aqui está ele, prestes a arruinar tudo.

– És absolutamente ridículo – cerro os dentes. – Qual é o teu problema? Era este o plano desde o início! É assim que vamos conseguir tudo o que queremos.

– Eu não quero isto! – a sua voz é um sussurro urgente. – Só quero estar contigo. E ainda podemos – atravessa a cozinha e tenta enlaçar-me a cintura com as mãos. – Escuta, não temos de fazer isto. Podemos partir agora mesmo. Tu deixas o Douglas, eu deixo a Marybeth, e podemos estar juntos. Não temos de o matar.

– Só que então não teremos *nada* – afasto o seu abraço, furiosa. Pensava que o Russell queria as mesmas coisas que eu, mas agora já não tenho assim tanta certeza. Porque, se quisesse, o meu marido já teria neste momento uma bala no peito. – É a única maneira, Russell.

– Não quero fazer isto. – Agora está a choramingar. – Não quero matá-lo, Wendy. Por favor, não me obrigues a fazer isto. *Por favor*.

Oh, Senhor.

Estou há demasiado tempo nesta cozinha. O Douglas vai começar a perguntar-se por que estou a demorar tanto e virá investigar. Ou pode até ouvir o Russell a entrar em pânico. Não tenho tempo para fazer um discurso motivacional. Tenho de tratar disto eu mesma.

De debaixo do lava-loiça, tiro um par das luvas de borracha descartáveis que a Millie usa para limpar a cozinha. Enfio-as nas mãos, servindo depois ao meu marido um último copo de água. Agarro na arma, mas, após hesitar um pouco, guardo-a no bolso do meu casaco. Os bolsos são grandes e a arma cabe perfeitamente – é como se, ao vesti-lo, soubesse já que ia ter de fazer isto, pois o Russell ia portar-se como um bebé grande e quase dar cabo de tudo.

Quando regresso à sala de estar, o Douglas está sentado no sofá, a folhear a pilha de papéis que é o nosso acordo de divórcio. Há muito que me pede para o assinar, e eu tenho vindo a recusar. Sabia que aceitar fazê-lo o faria vir aqui.

Com a mão livre, tateio a arma no bolso do meu casaco. É pesada, distendendo ligeiramente o tecido. Não há razões para esperar. Podia sacá-la agora mesmo e

matá-lo. Mas não. Tenho de o fazer olhos nos olhos. Para que pareça que a Millie o alvejou de frente.

E, além do mais, parte de mim quer ver-lhe a cara quando o fizer. Para que entenda as consequências de se meter comigo. Tentou tirar-me tudo e deixar-me na miséria, e agora terá o que merece.

Rapidamente, pouso o copo de água em cima da mesa, antes que possa reparar que estou a usar luvas de borracha. Em seguida, enfio as mãos de novo nos bolsos. Foi a Millie quem arrumou este conjunto de loiça, pelo que as suas impressões digitais estarão espalhadas por todo o copo. É demasiado perfeito.

– Tenho uma caneta por aqui algures – murmura o Douglas, vasculhando o interior da velha pasta. Ao fim de um momento, tira uma esferográfica. – Aqui está.

– Muito bem, então. – Os meus dedos cerram-se em torno do revólver no meu bolso. – Vamos acabar com isto, como disseste.

O Douglas começa a estender-me os papéis, mas depois para. Os seus ombros descaem.

– Não quero que seja assim, Wendy.

Franzo-lhe o sobrolho.

– O que quer isso dizer?

– Quer dizer que… – Atira os papéis do divórcio para cima da mesa de café. – Eu amo-te, Wendy. Não me quero divorciar. Tenho andado doente com isso. Não interessa o que aconteceu no passado… Gostaria de começar de novo. Só nós os dois.

Há uma expressão esperançosa no seu rosto. Tenho de admitir que a ideia é apelativa. Por mais que tenhamos planeado os acontecimentos desta noite, não há garantia que o Russell e eu conseguiremos sair impunes de um homicídio. O meu plano original era passar a minha vida com o Douglas e, embora não tenha conseguido moldá-lo no que queria, não é inteiramente objetável. E, acima de tudo, teremos quantidades indescritíveis de dinheiro. Pode-se ser feliz com qualquer pessoa, se houver dinheiro que chegue.

– Talvez… – digo.

Um sorriso toca-lhe os lábios e os círculos púrpura sob os seus olhos aligeiram um pouco.

– Gostaria muito. Gostaria de recomeçar completamente do zero.

– Em que sentido?

– Em primeiro lugar, quero livrar-me de tudo isto. – Olha para o nosso espaçoso apartamento. – Não precisamos deste espaço gigantesco, ou sequer da casa

enorme em Long Island, se vamos ser só nós os dois. Todo este dinheiro atravessou-se no caminho do nosso casamento. Temos demasiado. – Sorri timidamente. – Falei com o Joe sobre criar uma fundação beneficente com grande parte do meu dinheiro. Podemos fazer tanto bem, sobretudo se não vamos ter filhos… Sabe Deus que *nós* não precisamos dele. Talvez possas fazer parte da fundação? Podíamos fazê-lo juntos.

Terá perdido o *juízo*? Como pode achar que é isso que eu quero?

– Douglas, eu não quero isso. Quero voltar às nossas vidas tal como eram dantes.

– Mas dantes não eras feliz. – O seu rosto ensombra-se. – Traíste-me. Estávamos completamente desligados.

Cerro os dentes.

– E, então, achas que a pobreza nos fará felizes?

– Não, mas… – Esfrega as mãos nos joelhos. – Olha, não seremos pobres. Deixaremos apenas de ser zilionários. E não vejo nenhum mal nisso. Como disse, nem sei para que precisamos de todo este dinheiro. Nem sequer o quero!

E é por isto que eu e o Douglas nunca seremos felizes juntos. Simplesmente não compreende. Não sabe o que é termos as outras raparigas a rirem-se de nós e a perguntar se encontrámos o nosso casaco no caixote do lixo. Não sabe o que é ter um pai que se magoou nas costas, pelo que recebe uma pensão de invalidez, mas em que os pagamentos não são suficientes para manter as luzes acesas, pelo que de vez em quando há que fazer tudo às escuras, com lanternas. E ainda que as nossas irmãs ajam como se fosse uma aventura, *não* é. Não é uma aventura. É ser-se miseravelmente pobre e não ter nada.

O Douglas não compreende isso. *Nunca* compreenderá. Temos finalmente o dinheiro com que eu sonhava enquanto fazia os meus trabalhos de casa à luz de uma lanterna e quer simplesmente doá-lo todo! Deixa-me tão zangada que sinto vontade de estender as mãos e estrangulá-lo como o Russell me fingiu estrangular mais cedo, só que desta vez a sério.

Só que eu não preciso de o estrangular.

Tenho uma arma no bolso.

Puxo da arma e a minha mão mantém-se surpreendentemente firme ao apontá-la ao peito do meu marido. Os seus olhos ligeiramente raiados de sangue arregalam-se. Sabia que as coisas estavam más, mas não sabia que estavam assim tanto.

– Wendy – crocita. – O que estás a fazer?

– Acho que sabes.

O Douglas olha para o cano da arma e o seu corpo parece encolher. Abana a cabeça de forma quase impercetível. Seria de esperar que pudesse implorar pela vida, mas não o faz. Há uma expressão de resignação nos seus olhos.

– *Alguma vez* sentiste amor por mim, realmente? – pergunta.

A resposta a essa pergunta feri-lo-ia nos seus sentimentos. Apesar de tudo, não quero destruí-lo nos seus últimos instantes de vida.

– Não é disso que se trata – limito-me, pois, a responder.

Nunca antes disparei uma arma, mas sempre me pareceu algo óbvio. Pensava que seria o Russell a fazê-lo, mas continua escondido na cozinha, por isso cabe-me a mim.

O tiro é muito mais forte do que eu julgava que seria – um poderoso estrondo que parece ecoar pela sala muito depois de a arma ter disparado. A força sobe-me pelos braços até aos ombros e projeta-me o pescoço e a cabeça para trás. Mas mantenho as mãos firmes.

A bala atinge o Douglas em cheio no peito. É um bom tiro, sobretudo para a minha primeira vez. Há um segundo ou dois, antes de morrer, em que olha para o sangue que alastra rapidamente pela sua camisa branca e compreende o que está prestes a acontecer. Mas, então, a cor esvai-se do seu rosto e desaba sobre o sofá. Os seus olhos ainda estão entreabertos, revirados nas órbitas, e o seu peito não se mexe.

– Lamento – digo, baixinho. – De verdade que sim. Oxalá tivéssemos podido fazer com que resultasse.

Ainda sinto os ouvidos a tinir quando o Russell aparece a correr. A primeira coisa que faz é tapar a boca com a mão, e eu só penso para comigo que espero que não vomite o chão todo. Isso daria *realmente* cabo das coisas quando a polícia chegar.

– Fizeste-o – arqueja. – Não posso acreditar que o fizeste.

– Fiz. – Ergo-me do sofá e largo a arma na mesa de café. Tiro as luvas de borracha das mãos. – E, se não queres ir para a prisão, sugiro que saias daqui imediatamente.

O Russell parece estar ainda a tentar controlar a sua respiração.

– Achas mesmo que podes atirar com as culpas de tudo isto para a Millie?

– Vê só.

TERCEIRA PARTE

59

MILLIE

A minha cabeça não para de andar à roda.

Desligo a televisão e fecho os olhos por um minuto. Ainda só passou um dia desde que alvejei mortalmente um homem num apartamento no Upper West Side, mas o que acabo de ver mudou tudo.

Tento visualizar o Douglas Garrick. Vejo claramente o seu cabelo penteado para trás, os seus profundos olhos castanhos, as suas maçãs do rosto salientes. Vi-o inúmeras vezes nos últimos meses. E aquele homem na reportagem da televisão não era ele.

Ou, pelo menos, não me parece.

Agarro no meu telemóvel e abro o navegador da Internet. Já anteriormente pesquisei pelo Douglas Garrick, e sempre houve artigos sobre o seu cargo de diretor-executivo da Coinstock, mas nunca qualquer foto. Agora, porém, dúzias de ligações enchem o ecrã, e posso carregar em qualquer uma delas para abrir a mesma foto de rosto do Douglas Garrick.

Estudo a foto no ecrã do meu telemóvel. Este homem tem vagas parecenças com aquele que eu conheço, mas não é ele. O homem na fotografia tem, pelo menos, mais uns dez ou doze quilos do que o que eu conheci, e aquele incisivo esquerdo torto também é diferente. E todas as suas feições são ligeiramente distintas – o nariz, os lábios, a ligeira papada. Embora suponha que algumas pessoas pareçam mesmo diferentes nas fotografias do que são na vida real. Talvez esteja muito retocado?

Talvez *seja* a mesma pessoa. Tem de ser, não tem? Porque, caso contrário, nada disto faz qualquer sentido.

Oh, meu Deus, sinto que estou a enlouquecer.

Talvez esteja realmente a ficar louca. Talvez *tenha* andado a ter um caso secreto com o Douglas Garrick. Quer dizer, aquele detetive parecia certamente ter muitas provas. E, ao que parece, a Wendy Garrick disse que era verdade.

Mas eu não passei a noite naquele hotel com o Douglas (ou quem quer que fosse o homem que eu conhecia como tal). E posso prová-lo. Porque regressei à cidade depois de deixar a Wendy. E tenho uma testemunha.

Enzo Accardi.

Estava relutante em contactar o Enzo, mas não tenho alternativa. O meu namorado abandonou-me, o que não foi totalmente surpreendente, mas não deixou de ser desolador. Nos últimos quatro anos, tenho sido terrível a aproximar-me das pessoas, por ter tanto medo do que irão pensar de mim quando souberem do meu passado. E com razão. Mal soube do meu registo criminal, o Brock desapareceu. E por isso aqui estou, sem ninguém do meu lado. Ninguém que acredite em mim.

Exceto o Enzo. Ele acreditará em mim.

E, se não acreditar, é assim que saberei que estou realmente em apuros.

Encontro o nome do Enzo nos meus contactos, à minha espera, como sempre. Hesito por uma fração de segundo, depois carrego no seu nome.

O telefone mal começou a chamar quando atende. Quase desato a chorar ante o som da sua voz familiar.

– Millie?

– Enzo – consigo dizer. – Estou em grandes sarilhos.

– Sim. Eu vi as notícias. O teu patrão está morto.

– Então, hã… – tusso para a mão. – Há alguma hipótese de poderes vir cá?

– Dá-me cinco minutos.

60

Quatro minutos depois, estou a abrir a porta ao Enzo.

– Obrigada – digo-lhe, enquanto entra no meu pequeno apartamento. – Não… não sabia a quem mais ligar.

– O Brócolo não está aqui para ajudar? – zomba.

Baixo os olhos.

– Não. Isso acabou.

O seu rosto esmorece.

– Lamento. Sei que gostavas do Brócolo.

Gostava? Tinha-lhe carinho, mas a verdade é que, de cada vez que dizia que me amava, causava-me arrepios. Não é isso que é suposto sentirmos pelo nosso companheiro. O Brock era praticamente perfeito, mas nunca me consegui apaixonar completamente – sempre me pareceu temporário. Estou certa de que fará alguma outra mulher extremamente feliz, mas nunca iria ser eu.

– Estou bem – acabo por dizer. – Tenho problemas maiores neste momento.

O Enzo segue-me para o interior do apartamento e sentamo-nos no meu sofá maltrapilho. Quando morávamos juntos, o nosso sofá era apenas ligeiramente melhor do que este. Mas tive de desistir desse apartamento quando deixou de estar disponível para pagar a sua metade da renda, e não consegui arranjar uma forma de transportar o sofá, por isso deixei-o para trás. Tento não pensar nisso agora, ainda assim. Não faz sentido ficar irritada com o Enzo quando está a tentar ajudar-me.

– A polícia anda a dizer todo o tipo de coisas malucas a meu respeito – conto-lhe. – A Wendy disse-lhes que eu estava a ter um caso com o Douglas. Não faz sentido, mas distorceram todas estas coisas que aconteceram para dar a ideia de que eu ia lá para dormir com ele.

Lentamente, o Enzo assente.

– Eu disse-te que eles eram perigosos.

– Disseste que o Douglas Garrick era perigoso.

– Vai dar ao mesmo.

– Não, não vai – digo. – Na verdade, quando estava a ver as notícias agora mesmo, percebi uma coisa. O homem que me contratou, que se identificava como Douglas Garrick, não é o mesmo homem das notícias. É alguém completamente diferente.

Agora, o Enzo está a olhar para mim como se eu tivesse perdido o juízo.

– Sei que parece loucura – admito. – Oiço as palavras que me saem da boca e… Como disse, sei que é estranho. Mas era um tipo diferente naquele apartamento. Tenho a certeza.

Quanto mais penso no assunto, mais certa me sinto. Mas, se aquele não era o Douglas, então quem era? E onde estava o verdadeiro Douglas enquanto aquele sujeito estava em sua casa?

Quem é o homem que eu assassinei?

– Vou contar-te algo interessante – diz lentamente o Enzo. – Quando me falaste nos Garrick, fui investigá-los. E sabes que mais? Aquele apartamento em Manhattan não está listado como a sua residência principal.

– *O quê*?

– Sim, é verdade. Esse apartamento é só um extra. A residência principal é uma casa em Long Island. Bem, dizem que é uma casa. Provavelmente, é mais tipo uma mansão.

Começa a fazer um pouco mais de sentido. Se, na realidade, o verdadeiro Douglas Garrick vivia em Long Island, então seria fácil para duas outras pessoas darem a impressão de que estavam a viver no apartamento de Manhattan. O verdadeiro Douglas Garrick nunca teria de saber.

– Então – digo eu –, acreditas em mim?

O Enzo parece ofendido.

– É claro que acredito em ti!

– Mas há algo que precisas de saber – limpo as mãos suadas às minhas calças de ganga. – Na noite em que o Douglas foi morto, eu vi… Bem, *pensei* tê-lo visto a tentar estrangular a Wendy. Vi *alguém* a tentar estrangulá-la no apartamento. E não parava. Por isso, agarrei na arma deles e… dei-lhe um tiro. Para o fazer parar.

Nunca fui muito de chorar, mas sinto as lágrimas aflorar pela segunda vez no dia de hoje. O Enzo estende os braços para mim e eu soluço contra o seu ombro. Abraça-me durante muito tempo, deixando-me chorar tudo. Quando finalmente me afasto, deixo para trás uma mancha húmida na sua *T-shirt*.

– Desculpa ter-te estragado a camisola – digo.

Ele sacode a mão.

– É só um pouco de ranho. Nada de especial.

Baixo os olhos.

– Simplesmente não sei o que fazer. A polícia acha que matei o Douglas Garrick. E, embora saiba que não o fiz, alvejei *alguém* nessa noite. Alguém está morto por minha causa.

– Isso não é certo.

– É claro que é!

– *Achas* que mataste alguém – salienta. – Mas, depois de o alvejares, vieste para casa. Confirmaste que estava mesmo morto? Sem respiração? Sem pulsação?

– Eu… A Wendy disse que não tinha pulsação.

– E acreditamos na Wendy?

Pestanejo.

– Havia *sangue*, Enzo.

– Mas seria mesmo sangue? O sangue é fácil de simular.

Franzo o sobrolho, pensando na noite de ontem. Aconteceu tudo tão depressa. A arma disparou, o Douglas caiu, e então todo aquele sangue começou a alastrar sob o seu corpo. Mas não é como se eu o tivesse ido examinar. Não sou paramédica. Depois de o alvejar, tudo o que eu queria era sair dali o mais depressa possível.

Será possível que nada daquilo tenha sido real? E se não foi…

– Ela enganou-me – arquejo. – Enganou-me por completo.

Passei todo esse tempo a sentir pena dela. A tentar protegê-la. E ela, entretanto, dizia a quem quisesse ouvir que eu andava a ter um caso com o marido – foi certamente por isso que a Amber Degraw me sorriu ao referir o Douglas Garrick naquele dia em que me cruzei com ela na rua. Não é de admirar que o porteiro me estivesse sempre a piscar o olho! E ninguém sabia que eu nunca estava sozinha com o Douglas porque ele entrava pelas traseiras, onde não há porteiro nem câmara.

Não, não com o Douglas. Nunca *conheci* o Douglas Garrick. Não faço ideia quem era aquele outro homem.

– Onde é a casa da Wendy? – pergunto. – Preciso de falar com ela.

– Achas que podes ir lá? – abana a cabeça. – Há um milhão de jornalistas à volta da casa. E, seja como for, ela não falará contigo. Se lá fores, só trará mais problemas.

Sei que tem razão, mas não deixa de ser superfrustrante. Depois do que ela me fez, só quero olhá-la nos olhos e perguntar-lhe porquê. Mas está certo. Nada de bom resultará de lá ir.

– Esse homem que se identificava como Douglas Garrick… – sonda o Enzo, esfregando o queixo. – Fazes alguma ideia de como o podemos encontrar? Pode ser mais fácil chegar a ele do que à Wendy Garrick.

– Não – cerro os punhos de frustração. – Tudo o que sei é que não se chama Douglas Garrick. Não faço ideia quem realmente é.

– Tens uma fotografia dele?

– Não, não tenho.

– Pensa, Millie. Tem de haver alguma coisa. Talvez um pormenor que o distinga?

– Não. É só um branco genérico de meia-idade.

– Tem de haver alguma coisa…

Fecho os olhos, tentando evocar uma imagem do homem que se identificava como Douglas Garrick. Não havia absolutamente nada de distintivo nele, e talvez tenha sido por isso que a Wendy o escolheu. Parece-se o suficiente com o verdadeiro Douglas Garrick.

Mas o Enzo tem razão. Tem de haver alguma coisa…

– Espera – digo eu. – Há *mesmo* alguma coisa!

O Enzo arqueia as sobrancelhas.

– Sim?

– Vi-o entrar num prédio uma vez – recordo. – Estava com outra mulher. Uma loura. Pensei que fosse alguma mulher com quem andava a ter um caso, e talvez fosse. Mas… era um prédio de apartamentos. Ou ele ou a mulher vivem lá, ou…

– Isso é bom. – O Enzo faz estalar os nós dos dedos. – Iremos lá e encontrá-lo-emos a ele ou à mulher. Então, obteremos a verdade.

Pela primeira vez desde que o detetive Ramirez me interrogou na esquadra, sinto uma centelha de esperança. Talvez haja uma hipótese de sair disto com a minha liberdade intacta.

61

O Enzo ajuda-me a limpar o meu apartamento, visto que parece ter sido atingido por um furacão após as buscas da polícia. Felizmente, são só dois quartos, pelo que, apesar da confusão, não demora assim tanto tempo. Acima de tudo, estou grata pela companhia. Seria *tão* deprimente limpar tudo isto sozinha.

– Obrigada por fazeres isto – digo-lhe, pelo que parece ser a centésima vez, enquanto guardamos as roupas da minha cómoda que agora parecem estar espalhadas por todo o quarto.

– Não é incómodo algum – responde.

Ao largar uma camisola no cesto da roupa suja, noto que não está tão cheio como parecia ontem. Vasculho as roupas – falta qualquer coisa.

Levaram a roupa que eu trazia ontem à noite.

Roo a unha do polegar, tentando lembrar-me da camisola e das calças de ganga que despi ontem à noite antes de cair na cama. Não tinham sangue – tenho a certeza disso.

Quase a certeza, pelo menos. Mas e se havia pequenas partículas microscópicas que serão descobertas ao testar? Parece possível. Ainda que, a estar certa a teoria do Enzo, nunca tenha havido nenhum sangue enquanto eu estava naquele apartamento. Mas não tenho a *certeza* absoluta.

O Enzo está ocupado a enfiar roupas numa gaveta. Estou grata por estar aqui, mas parte de mim quer que parta para eu poder entrar em pânico plenamente.

Pigarreio.

– Se tiveres de ir, não faz mal – digo-lhe.

– Não, isto é divertido. – Ergue umas cuecas cor-de-rosa rendadas que estão no chão. – Isto é bonito. São novas?

Aproximo-me e arranco-as das suas mãos. É uma boa distração, ao menos.

– Não me lembro.

– Consigo perceber por que gostava o Brócolo tanto de ti, com cuecas tão bonitas.

Lanço-lhe um olhar.

– Enzo…

– Desculpa. – Vejo-o baixar a cabeça. – Eu só… não o percebo.

Há mais de uma hora que estávamos a limpar sem discutir o Brock. Suponho que não devia ficar surpreendida por o referir.

– O que há para perceber?

– Não parece ser alguém de quem gostarias.

– Sim, bem… – Deixo-me cair na minha cama, com uma camisola amarrotada no colo. – É um bom tipo. Quer dizer, era simpático. Era um advogado de sucesso. Não há nada de que não gostar.

O Enzo acomoda-se ao meu lado na cama.

– Se é um bom tipo, onde está agora?

Não é uma questão injusta, mas não conhece a situação toda.

– Escondi-lhe algumas coisas sobre o meu passado. Ficou magoado. Disse que sentia que não sabia quem eu sou. É compreensível que se sentisse assim.

– Quem tu és não é algo que fizeste em adolescente – os seus olhos negros fitam intensamente os meus. – É óbvio quem tu és. Se não conseguiu perceber isso ao passar tempo contigo, então tem razão. Não merece estar contigo.

Não era como se o Enzo e eu tivéssemos a relação perfeita, mas nunca duvidei que me compreendia. Às vezes, parecia compreender-me melhor do que eu mesma. E eu sabia que, se alguma vez estivesse em apuros, faria tudo para me ajudar.

– Às vezes, penso… – Mordo o lábio inferior. – Que nunca nos ligámos por inteiro. E provavelmente a culpa é minha, por lhe ter escondido coisas. Seja como for, acabou.

– Tens a certeza?

Lembro-me do olhar que o Brock me lançou ao sair daquela sala de interrogatório.

– Sim. Tenho a certeza.

– Então – diz o Enzo –, se eu te beijasse, não me daria um murro no nariz?

– Não, mas talvez *eu* desse.

Um sorriso torce-lhe os lábios.

– Vou correr o risco.

Inclina-se para me beijar, e eu sinto-me como se tivesse estado à espera disto durante quase dois anos. Compreendo finalmente porque estava hesitante em ir viver com o Brock e contar-lhe os meus segredos. Porque nunca senti isto por ele. Nem perto.

E o Enzo tem razão. Não lhe dou um murro no nariz.

62

Estamos em frente ao prédio de arenito castanho desde as seis da manhã.

Foi difícil arrastar-me para fora da cama tão cedo, sobretudo porque o Enzo e eu fizemos uma noitada juntos, se é que me entendem. E na noite anterior o meu sono não foi propriamente excecional. Mas o Enzo insistiu terminantemente que devíamos estar aqui logo de manhã, para garantir que não nos escapa ninguém a entrar ou a sair.

Estamos, como o Enzo lhe chama, «disfarçados». Quando o disse, imaginei grandes óculos pretos com bigodes falsos, mas na realidade não vai além de um par de bonés de beisebol e óculos de sol. O Enzo usa um boné dos Yankees e deu-me um que diz *I love New York*. Só que, em vez da palavra *love*, tem um grande coração vermelho. Pareço uma maldita turista. É humilhante para alguém nascido e criado em Brooklyn.

– Turista é o melhor disfarce – diz-me o Enzo.

Talvez tenha razão, mas odeio-o. Ainda assim, estou disposta a fazer tudo para chegar ao cerne de seja o que for que se está a passar. Antes que acabe de novo na prisão.

Não podemos ficar a manhã toda no mesmo sítio, por isso circulamos, mantendo sempre os olhos fixos na entrada do edifício. Se houver uma entrada das traseiras como na *penthouse* dos Garrick, estamos lixados. Mas há muitos residentes a entrar e a sair, pelo que tenho esperança de que esta seja a única porta.

Neste momento, são oito da manhã. Há duas horas que estamos aqui e não houve qualquer sinal do homem mistério – se é que realmente não o assassinei, como o Enzo pensa – ou da mulher loura. Há cerca de dez minutos, o Enzo anunciou que tinha fome, por isso foi ao *Dunkin' Donuts* do outro lado da rua. Sai com dois copos de café e um saco de papel pardo.

– Agarra – diz-me.

Recebo o café com gratidão.

– O que tens no saco?

– São *bagels*.

– Ui! – O meu estômago revolve-se ante a ideia de comer seja o que for. Nem sei por que perguntei. – Passo.

– Terás de comer, a certo ponto.

– Não agora. – Espreito pelos meus óculos de sol para o prédio de arenito castanho. – Não até o encontrarmos.

Tenho medo de desviar os olhos do edifício. Posso perdê-los, e então nunca encontrarei o homem mistério. Tenho medo de ser presa hoje e, ainda que o Enzo continue a tentar ajudar-me, não sabe como é esse homem. A única pessoa que o pode encontrar sou eu.

– Então – diz o Enzo. – Ontem à noite… foi bom, certo?

Bebo um longo gole do meu café.

– Não me consigo concentrar em nada neste momento, Enzo.

– Oh! – Olha para o seu próprio recipiente cheio de café. – Sim. Eu sei.

– Mas sim, *foi* bom.

Um dos cantos dos seus lábios arrebita-se.

– Tive tantas saudades tuas enquanto estive fora, Millie. Lamento tanto por isso. Não me arrependo de ter voltado para Itália pela minha mãe, mas não queria ter de escolher entre as duas pessoas mais importantes da minha vida. Queria que esperasses, mas não te podia pedir isso.

Baixo a cabeça.

– *Devia* ter esperado.

O Enzo abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas, antes que consiga proferir qualquer palavra, eu agarro-lhe no braço.

– É ela! É aquela a mulher!

Através dos seus óculos de sol, o Enzo olha para o outro lado da rua, para a mulher de cabelo louro que vem a sair do prédio de arenito castanho, vestida com uma saia pelo joelho e um *blazer*.

– Tens a certeza?

– Bastante. – Reconheço-lhe o rosto e a cor do cabelo, apesar de estar arranjado de forma diferente. É possível que não seja ela. Mas não vi mais ninguém que chegasse sequer perto. – E agora?

A mulher ajeita a alça da sua bolsa e atravessa a rua. Preparo-me para começar a segui-la, mas então ela entra no *Dunkin' Donuts* de onde o Enzo ainda agora saiu. A julgar pela fila, ficará lá pelo menos dez minutos.

O Enzo faz estalar os nós dos dedos.

– Vou falar com ela.

– Tu? O que lhe vais dizer?

– Pensarei em alguma coisa.

– Achas então que a vais abordar no *Dunkin' Donuts* e ela vai simplesmente contar-te tudo?

Ele leva uma mão ao peito.

– Sim! Sou muito encantador!

Reviro os olhos.

– Vê só, Millie. – Apertando-me o braço, entrega-me o saco de papel com os *bagels*. – Vou descobrir tudo.

63

O Enzo está a demorar uma eternidade no *Dunkin' Donuts*. Disse-me para ficar do outro lado da rua, mas, ao fim de dez minutos, começo a ficar nervosa. O que se passa lá dentro?

Oxalá tivesse ido com ele. Não creio que prejudicasse demasiado o seu estilo. Bem, talvez sim. Mas, dado que é a minha vida que está em jogo aqui, gostaria de saber o que se passa.

Finalmente, atravesso a rua para o *Dunkin' Donuts*. A montra é de vidro, pelo que é relativamente fácil olhar para o interior. Espreito pelos vidros e inicialmente não os vejo de todo. Mas, então, avisto-os. Mesmo na outra ponta da loja, onde as pessoas recolhem os seus pedidos. Estão os dois a conversar intensamente. Os olhos negros do Enzo parecem inteiramente focados nos dela.

Por um momento, sinto uma pontada de apreensão. Sempre confiei no Enzo, mas há alturas em que não tenho a certeza absoluta de que seja de confiança. Afinal, a razão por que partiu de Itália em primeiro lugar foi por ter espancado um homem quase até à morte. Com muito bons motivos, pelo menos segundo ele, mas mantém-se o facto. E depois partiu de novo para o estrangeiro, alegando que o homem mau que o perseguia tinha sofrido uma morte prematura, mas sem dar quaisquer informações adicionais a esse respeito.

Disse-me que a sua mãe estava doente. Que tivera uma apoplexia. Mas a realidade é que eu só tinha a sua palavra em que me basear. Não era como se alguma vez tivesse *visto* a sua alegada mãe doente.

E depois, quando regressou aos Estados Unidos, em vez de me ligar como qualquer pessoa *normal* teria feito, passou três malditos meses a seguir-me, a pretexto de me proteger. Contei-lhe todos os pormenores sobre a família Garrick. É suficientemente sagaz para ter adivinhado que a Wendy me estava a ludibriar, apesar de eu não o ter visto. Por que não disse nada?

E, meu Deus, de que estão a falar lá dentro há tanto tempo?

Agora que estamos mais próximos, noto que a loura tem os olhos inchados, como se tivesse estado a chorar. Mas então sorri a algo que o Enzo lhe diz e o seu

rosto anima-se um pouco. Parece bastante inocente, tenho de admitir. É *mesmo* muito encantador quando quer. Entre o seu sotaque e o aspeto que tem, é muito bom a falar com mulheres.

Após o que me parecem outros dez minutos, o Enzo e a mulher saem do *Dunkin' Donuts*.

– *Ciao, bella!* – diz-lhe, com um aceno. O que a faz corar.

Ao ver-me diante da loja, lança-me um olhar desaprovador.

– Disse para ficares do outro lado da rua, não?

Cruzo os braços sobre o peito.

– Demoraste muito tempo lá dentro.

– Sim, e agora sei tudo – diz, inclinando a cabeça. – Queres que te conte?

Encaro os olhos negros do Enzo. Este homem nem sempre faz tudo segundo as regras. Como eu, fez algumas más escolhas, ainda que sempre pelas razões certas. Vi-o arriscar a própria vida para ajudar mulheres em perigo. Se há alguém neste mundo em quem posso confiar, é nele. Nunca devia ter duvidado, nem por um segundo.

– Sim. Conta-me.

O Enzo olha para o fundo da rua, onde a mulher está a descer para uma estação de metro.

– Aquela mulher é a assistente do Douglas Garrick. E é a esposa do homem que procuras.

Fico a olhar para ele.

– A sério? Tens a certeza?

– Saberemos dentro de um segundo. – Tira o telemóvel do bolso, escreve algo no ecrã, percorre-o por um momento e depois passa-me o aparelho. – É ele?

A imagem no ecrã é uma foto de rosto do *LinkedIn* e reconheço imediatamente a figura. É o homem que estava a estrangular a Wendy até à morte ontem à noite. O mesmo a quem dei um tiro no peito.

– É – arquejo.

Leio o nome no perfil do *LinkedIn*: Russell Simonds.

– Até esta manhã, pelo menos… – diz o Enzo, tirando-me o telemóvel das mãos. – Estava vivo.

Está vivo. Não matei ninguém, afinal. O alívio que sinto é algo mitigado por, apesar de não ter matado ninguém, a polícia achar decididamente que o fiz.

– Mas partiu esta manhã em… bem, a mulher diz que numa viagem de negócios. É um homem muito ocupado, disse-me. Sempre a trabalhar até tarde.

Talvez fosse por isso que estavam a discutir naquele dia na rua. Ou talvez por

ela suspeitar que andava a ver outra mulher.

A Wendy.

– E agora? – pergunto. – Esperamos que regresse da sua alegada viagem de negócios?

– Não – diz o Enzo. – Agora, procuro saber mais sobre esse tal Russell Simonds.

– Como?

– Conheço um tipo.

Pois claro que sim.

64

Acabamos por voltar para o apartamento do Enzo.

Fica a apenas dez quarteirões de onde eu vivo, o que faz sentido, suponho, se andava a assumir o papel de meu guarda-costas secreto. É um apartamento ainda mais pequeno do que o meu, apenas um estúdio com uma divisão que serve de cozinha, quarto e sala de jantar e de estar. Felizmente, tem uma casa de banho separada. Está a mundos de distância da *penthouse* dos Garrick ou até do espaçoso T2 do Brock.

Ao entrarmos, o Enzo atira as chaves para uma pequena mesa junto à porta e dirige-se à *kitchenette*, onde abre a água e borrifa o rosto com ela. Pergunto-me se está tão cansado como eu. Sinto uma estranha combinação de cansaço e adrenalina. Não dormi o suficiente ontem à noite, mas a ansiedade de a polícia me poder vir buscar mantém-me o coração constantemente acelerado.

– Senta-te – diz-me. – Queres cerveja?

– Ainda mal são onze da manhã.

– Foi uma manhã longa.

Isso é certo.

Decido recusar a cerveja, ainda assim. Deixo-me cair num sofá que parece ter sido provavelmente recolhido da berma – chega a ser ligeiramente pior do que o meu. A maior parte dos seus móveis tem ar de poder ter sido lixo num passado recente.

– Que trabalho tens agora? – pergunto-lhe. Tinha um emprego decente antes de partir, mas de certeza que não lho guardaram.

– Arranjei emprego numa empresa de paisagismo – responde, encolhendo um ombro. – Não é mau. Paga as contas.

Olho para o seu telemóvel, que pousou numa mesa de café.

– O que vai o teu tipo descobrir?

– Não sei bem. Talvez o registo criminal do Russell. Algo que possamos levar à polícia para que possam procurar as impressões digitais dele no apartamento. De certeza que encontraram impressões desconhecidas na *penthouse*, por isso aju-

daria se pudéssemos identificá-las. Qualquer coisa para tirar a pressão de cima de ti.

– E se não for suficiente?

– De certeza que encontraremos algo.

– E se não encontrarmos?

– Confia em mim – diz o Enzo. – Haverá uma maneira. Não irás para a prisão por algo que não fizeste.

Como que seguindo a deixa, o telemóvel do Enzo começa a tocar. Agarra-o e salta do sofá para ir atender a chamada na *kitchenette*. Estico a cabeça para ver a sua expressão, que pouco revela. Tal como as suas respostas, que consistem maioritariamente em «ahã» e «está bem». A dada altura, agarra numa caneta e rabisca qualquer coisa num guardanapo.

– *Grazie* – diz à pessoa do outro lado da linha, pousando depois o telemóvel na bancada da cozinha.

Por um momento, fica simplesmente ali parado, a olhar para o guardanapo.

– Bem? – acabo por perguntar.

– Nada no registo criminal – diz. – Tem a ficha limpa.

Sinto o coração esmorecer.

– Certo…

– Tenho a morada de uma segunda residência – acrescenta. – É num lago duas ou três horas a norte da cidade. Talvez… talvez seja aí que está.

Salto do sofá e agarro na minha bolsa.

– Vamos para lá, então!

– E fazemos o quê?

Dirijo-me à *kitchenette*. Olho para a morada no guardanapo. Sei vagamente onde fica. O Google Maps levar-me-á lá.

– Arrancar-lhe a verdade.

– Nós *sabemos* a verdade. – Puxa o guardanapo para fora do meu alcance. – Precisamos é que a polícia saiba.

– O que sugeres, então?

– Não sei bem – responde, esfregando os olhos com a base das mãos. – Não te preocupes. Encontraremos uma resposta. Só preciso de pensar.

Fantástico. E, enquanto pensa, a polícia está ocupada a construir o seu caso contra mim.

– Acho que devíamos ir lá.

– E eu acho que vai piorar as coisas.

Não sei o que pensar, mas estou em pulgas por *fazer* algo agora mesmo. Porque

a polícia não está neste momento sentada numa *kitchenette*, a remoer as coisas.

Antes que possa tentar persuadir o Enzo, o meu telemóvel toca dentro da minha bolsa. Tiro-o e fico com a respiração presa na garganta ao ver o nome no ecrã.

– É o Brock – digo.

65

Os olhos já negros do Enzo escurecem ainda mais. Não fica lá muito satisfeito por saber que o meu ex-namorado me está a ligar. Mas não é do tipo ciumento e jamais me diria para não atender. E, mesmo que dissesse, eu não lhe daria ouvidos.

– Só um minuto – peço ao Enzo.

Ele assente.

– Faz o que tiveres de fazer.

Sabia que não se importaria. Bem, não parece propriamente encantado. Mas não protesta, ao menos.

– Estou? – digo para o telefone.

– Millie? – A voz do Brock soa distante, como se fôssemos duas pessoas que só se conheceram fugazmente e de passagem. Só nos separámos ontem e já parece estranho que tenhamos namorado em tempos. – Olá…

– Olá – respondo rigidamente.

Não posso imaginar o que quer. Não quer que nos voltemos a juntar, isso é certo. Provavelmente, estará a dar graças aos céus por não termos ido viver juntos. *Não tens de quê, Brock.*

– Olha – diz. – Eu… queria pedir desculpa por te ter abandonado na esquadra ontem.

– Oh?

Oiço-o soltar um suspiro.

– Estava perturbado, mas foi uma incrível falta de profissionalismo da minha parte. O que quer que tenhas feito de errado, pediste-me para estar lá como teu advogado, e devia-te isso.

– Obrigada. Agradeço as tuas desculpas.

– E é por isso que estou a ligar – hesita. – Voltei a falar com o detetive esta manhã, e sinto que te devo avisar de que testaram alguma roupa que levaram do teu cesto da roupa suja.

Agarro o telemóvel com mais força.

– Para sangue?

– Não, para resíduos de pólvora. E deu positivo.

Fico boquiaberta. Parti simplesmente do princípio de que andavam à procura de sangue nas minhas roupas. Nem me passou pela cabeça que fossem procurar algo mais.

– Oh…

– Acho que estavam à espera desses resultados para que o caso fosse conclusivo – diz. – Imagino que estejam agora mesmo a obter um mandado de detenção.

Paraliso, de joelhos a tremer.

– Oh…

– Lamento, Millie. Queria só deixar-te de sobreaviso. Devia-te isso.

– Sim…

– E… – Tosse para o telefone. – Boa sorte, enfim, com tudo *isso*.

Viro as costas ao Enzo para que não veja os meus olhos encherem-se de lágrimas.

– Obrigada.

Obrigada por nada. Obrigada por me abandonares quando a minha vida está em ruínas.

O Brock desliga e eu fico com o telemóvel encostado ao ouvido, lutando para não deixar as lágrimas cair. Estou totalmente lixada. A Wendy tramou-me brilhantemente para arcar com as culpas pelo homicídio de um homem que nunca sequer conheci.

– Millie. – A mão grande do Enzo pousa no meu ombro. – O que aconteceu? O que disse?

Limpo os olhos antes de me virar.

– Disse que a polícia encontrou resíduos de pólvora nas roupas que levaram do meu cesto da roupa suja.

O Enzo assente.

– Se se disparar um cartucho vazio, fica-se na mesma com resíduos de pólvora nas roupas.

Enterro o rosto nas mãos.

– O Brock diz que provavelmente obtiveram um mandado para a minha detenção, ou fá-lo-ão em breve. O que vou eu fazer?

– Não vou desistir – diz, agarrando-me pelos ombros. – Entendes? Aconteça o que acontecer, não vou desistir. Vou libertar-te.

Acredito que o diz a sério. Mas não creio que seja capaz de me tirar desta confusão. Se me prenderem, acabou-se. Deixarão de procurar o verdadeiro assassino. Tudo me será imputado, e parecem ter um caso forte. Resíduos de pólvora

nas minhas roupas, as minhas impressões digitais na arma do crime, e o porteiro pode testemunhar que eu estava no edifício aproximadamente à hora do homicídio.

Estou tão lixada.

– Quero ir a essa cabana no lago. – Olho para a morada rabiscada no guardanapo. – Quero encontrar esse sacana. Preciso de chegar ao fundo disto.

– Não fará nenhum bem.

– Não quero saber – rosno. – Quero vê-lo. Quero olhá-lo nos olhos e perguntar-lhe por que me fez isto. E, se a Wendy também lá estiver, quero…

O meu olhar encontra o do Enzo. Os seus olhos arregalam-se por um momento, e então corre para a cozinha e agarra no guardanapo com a morada antes que eu o possa alcançar. Amarrota-o na mão e segura-o sob o lava-loiça até a tinta se esvair.

– Não – diz com firmeza. – Não te vou deixar fazer algo estúpido.

– Tarde de mais – respondo. – Já memorizei o endereço.

– Millie! – fala com uma voz incisiva, de olhos arregalados. – *Não* vás à cabana. Não estás a pensar com clareza neste momento. Não fizeste nada de errado e não irás para a prisão a menos que lhes dês uma razão para te enviarem para lá!

– Estás enganado. – Ergo o queixo. – Vou para a prisão seja como for. Mais vale merecê-lo.

– Millie. – Enzo agarra-me o pulso com a sua grande mão. – Não te vou deixar fazer algo estúpido. Promete-me que não irás àquela cabana.

Olho-o fixamente.

– Promete-me. Não sairás daqui a menos que prometas.

Não me agarra com força suficiente para me magoar, mas com a necessária para eu não poder escapar. Está a esforçar-se tanto por me salvar de mim mesma. É querido. O Brock não se cansava de o dizer, mas o Enzo ama-me verdadeiramente. E acredito que, mesmo que eu seja presa, fará tudo o que puder para me libertar. Fará tudo o que puder para expor a verdade.

– Tudo bem – digo. – Não vou.

– Prometes?

– Prometo.

Solta-me o pulso. Dá um passo atrás, com ar lastimoso.

– E eu prometo que vou resolver isto.

Anuo. Deixei a minha bolsa no seu sofá e estendo agora a mão para a agarrar.

– Mais vale voltar para o meu apartamento e enfrentar a situação.

– Queres que vá contigo?

– Não. – Ponho a bolsa ao ombro. – Não quero que vejas quando me algemarem.

O Enzo estende os braços para mim. Dá-me um último beijo, que sinceramente quase basta para me permitir suportar um par de anos na prisão. Ninguém beija como este homem. O Brock não era certamente capaz de o fazer.

– Prometo – sussurra-me ao ouvido. – Não te deixarei voltar para a prisão.

Afasto-me, a tremer ligeiramente.

– Vou para casa agora.

Aperta-me a mão.

– Vou procurar-te um bom advogado. Arranjarei maneira de o pagar.

O seu pequeno estúdio está cheio de móveis do lixo, e mordo a língua para me impedir de dizer algo sarcástico.

– Vou ter saudades tuas.

– E eu tuas – responde-me.

– E… amo-te.

Não parecia certo quando o dizia ao Brock, mas parece certo agora. Não podia sair daqui sem lho dizer.

– Também te amo, Millie – diz. – Tanto.

Amo-o deveras. Sempre amei. E é por isso que odeio mentir-lhe.

Mas não o posso deixar saber que tenho as chaves do seu carro escondidas na minha bolsa.

Descobri-lo-á em breve.

QUARTA PARTE

66

WENDY

O Russell e eu estamos a celebrar com uma garrafa de champanhe.

Apesar de ser um pouco arriscado, trouxe-me para a sua cabana no lago para fugir ao enorme número de jornalistas acampados em frente ao apartamento e à casa em Long Island. Tecnicamente, esta cabana pertence à Marybeth e, quando a deixar, voltará a ser dela. Mas não faz mal, pois sou agora mais rica do que nos meus sonhos mais loucos. Sou rica para lá de toda a compreensão humana. Não preciso desta pequena cabana de dois quartos.

Embora tenha um incrivelmente agradável sistema de hidromassagem na banheira extra grande. É como estar num jacúzi.

Durante a viagem, mantivemo-nos de olho no retrovisor para garantir que não havia jornalistas a seguir-nos. O último troço do trajeto estava bastante deserto, pelo que, se houvesse alguém no nosso encalço, facilmente teria sido visto. O Russell disse à Marybeth que ia numa viagem de negócios. Prospeção de móveis ou assim. A mim, não interessa o que lhe disse. Ela já não tem importância.

– Estou tão feliz – murmuro. – Acho que já não me sentia tão feliz há muito tempo.

O Russell sorri, embora haja algo tenso na sua expressão. Não fez segredo de que não queria matar o Douglas. Ainda não posso acreditar que me obrigou a fazer o trabalho sujo enquanto se encolhia de medo na cozinha. Tem sorte em ser atraente, pois perdi muito do respeito que lhe tinha nessa noite. Devia estar agradecido, não a olhar para mim como se eu fosse alguma espécie de *monstro*, por amor de Deus.

Bem, se não estiver feliz, pode voltar para a megera da sua mulher e eu arranjarei alguém novo com quem gozar os meus milhões de dólares.

Verto o resto do champanhe no copo do Russell.

– É delicioso – observo. – Onde o arranjaste?

– A Marybeth gosta. – Ultimamente, parece ter começado a falar da mulher com mais frequência e menos ressentimento do que antes. Não é bom sinal.

– Tens mais? – pergunto.

– Acho que não há mais champanhe. Mas talvez haja algum vinho na cozinha.

Irrita-me que o Russell não se ofereça para o ir buscar. Os homens são todos iguais – no início, fazem todos os esforços para nos dar tudo o que queremos, mas depois acabam por nos tomar por garantidas. Que tipo de cavalheiro não se oferece para ir buscar uma garrafa de vinho a uma mulher?

Mas apetece-me, e o champanhe que temos estado a beber só estava meio cheio para começar, por isso agarro numa toalha para enrolar em torno do meu corpo nu e saio da casa de banho para a sala de estar, deixando um rasto de pegadas húmidas na madeira do soalho. A chuva cai pesadamente no alpendre, gotejando do telhado. O que é bom, na eventualidade de alguém nos ter tentado seguir. Não haverá marcas de pneus para rastrear.

Entro na cozinha e, com efeito, está uma garrafa em cima da bancada. É *pinot noir*, está três quartos cheia e parece um pouco barata, mas é melhor do que nada. Agarro-a e começo a dirigir-me de novo à casa de banho, mas então paro bruscamente.

Uma das janelas da cabana está escancarada.

67

Estaria aquela janela aberta quando cá chegámos?

Não me lembro de estar aberta. Por outro lado, estávamos mais concentrados em celebrar o detetive Ramirez me ter dito que planeava prender a Millie Calloway. Saímos impunes – saímos realmente impunes.

Estava aberta, então, quando entrámos? Não me consigo realmente lembrar. Podia certamente ter estado.

E a janela chama bastante mais a atenção agora que está a chover. Jorram gotas para o interior, humedecendo a madeira em volta. Aquela janela devia estar fechada.

Pouso a garrafa de vinho na mesa de apoio junto ao sofá e dirijo-me à janela. As gotas de chuva são gélidas, atingindo-me no rosto e salpicando os meus braços nus. Após uma breve luta, consigo fechar as vidraças.

Pronto.

Agarro no vinho e levo-o para a casa de banho, onde o Russell continua na banheira, o cabelo escuro colado ao crânio. Inicialmente, julgo que tem o rosto molhado da água da banheira, mas então percebo o que se passa.

– Estás a *chorar*? – atiro-lhe.

O Russell limpa os olhos, constrangido.

– Eu só… não posso crer que o matámos. Nunca tinha feito nada assim.

Não compreendo por que está o *Russell* a chorar. Fui *eu* quem matou o Douglas. E não o lamento minimamente. No que me diz respeito, o Douglas merecia tudo o que teve.

– Recompõe-te – atiro-lhe. – O que está feito, feito está. Seja como for, era uma pessoa terrível. Andava a atormentar-me.

– Porque o traíste.

E isso basta para me deixar na miséria? Ainda que o Russell não saiba que menti ao Douglas sobre não poder ter filhos. É melhor não lhe dizer. Fá-lo-á sentir-se ainda pior.

– Olha… – Abro a toalha e deixo-a cair no chão. Em seguida, encho-lhe o copo

com o líquido *bordeaux*, fazendo o mesmo com o meu. – Por que não me deixas ajudar-te a esquecer isso?

Enquanto subo de novo para a banheira, mergulhando no líquido quente, o Russell engole o conteúdo do copo de vinho, deixando para trás uma mancha vermelha nos seus lábios. Decido que é a ideia certa e esvazio o meu próprio copo de vinho. É do barato, por isso não é como se precisasse de o saborear. Ao fim de mais um copo ou dois, sentir-nos-emos ambos muito melhor.

68

Tinha toda a razão.

Ao fim de dois copos de vinho, o Russell já não está a chorar. E eu sinto uma agradável euforia. Há muito tempo que as coisas não corriam exatamente como eu queria. Depois dos últimos seis meses, precisava de uma vitória, e a de hoje foi das grandes. O Douglas está morto, vou receber uma herança enorme, e a Millie vai arcar por completo com as culpas de tudo. Serviu bastante bem o seu propósito.

– Podia ficar nesta banheira para sempre – suspiro ao reclinar-me, a minha pele nua a roçar contra a do Russell. – É agradável, não é?

– Ahã – responde. – Mas estou meio sonolento. Talvez esteja um pouco ébrio.

Eu não estou ébria, mas sinto-me decididamente um pouco alegre. É agradável. Está tudo tão tranquilo na banheira, exceto por uma música qualquer a tocar ao longe.

– Wendy – diz o Russell. – Não é o teu telemóvel?

Tem razão.

Deve ser o Joe Bendeck. Pedi-lhe para me ligar acerca do substancial património do Douglas. Tiro um certo prazer de o Joe nunca ter gostado de mim e agora eu ser a proprietária de todo o património do Douglas, incluindo a sua empresa, pelo que sou basicamente a sua chefe. Não tem alternativa a não ser bajular-me. Vou gostar de ser uma cabra rica.

Desta vez, agarro num roupão, que aperto sobre o meu corpo nu antes de sair apressadamente para a sala de estar, onde deixei o meu telemóvel sobre a mesa de café. Com efeito, aparece no ecrã o nome de Joseph Bendeck. Apanho-o mesmo antes de a chamada ir para o correio de voz.

– Olá, Joe – digo.

– Olá, Wendy.

Tiro prazer de quão absolutamente miserável soa. Sabe bem vencer.

– Era suposto ligar-me esta tarde – recordo-lhe. – São quase dez horas.

– Desculpe. – Há um fio de amargura na sua voz. – O meu melhor amigo acaba

de ser assassinado. Não estou propriamente a funcionar a cem por cento neste momento.

– Bem, isso é um problema – digo com rigidez, deambulando até à cozinha. Olho pela janela. Está realmente a chover a cântaros. – É o executor do património do Douglas e, se não consegue fazer o seu trabalho, talvez devesse dar o seu lugar a outro.

– Não. O Doug queria-me a *mim*. É… O mínimo que posso fazer é seguir os seus desejos.

– Tudo bem. – Se tentar algum truque, certificar-me-ei de que é afastado da empresa. Na verdade, devia provavelmente afastá-lo de qualquer modo. Não confio mais nele do que confiava no Douglas no fim. – Quando vão os bens dele ser transferidos para mim? Preciso de poder pagar as contas.

A morte do Douglas não significa que a hipoteca não precisa de ser paga. Nem sequer tenho um cartão de crédito ativo, pois cancelou-os a todos. Só a *penthouse* tem uma hipoteca de seis dígitos, por isso vou precisar de algum dinheiro – e depressa.

– Quer que o dinheiro do Doug seja transferido para si? – pergunta o Joe.

– Sim. – Tamborilo os dedos na bancada da cozinha. – É assim que funciona, não é?

– Não propriamente… – Por um momento, o Joe fica em silêncio. – Wendy, está ciente que o Doug mudou o seu testamento no mês passado?

O quê?

– Não. Está a falar de quê?

– Mudou o testamento. Deixou tudo à caridade.

Invade-me uma vaga de tonturas. Poucos meses após o nosso casamento, o Douglas mandou redigir um testamento em que me deixava tudo. Fui com ele ao advogado para me assegurar de que o fazia, sobretudo porque o Douglas era um mestre da procrastinação. Nem me passou pela cabeça que pudesse ter mudado o testamento no curto período desde que nos separámos. Não teria feito isso.

A menos que…

– Está a mentir – cuspo para o telefone. – Está a inventar isto só para me impedir de receber qualquer parte do seu dinheiro.

– Seria tentador. Mas não, não estou a inventar. Tenho uma cópia autenticada do testamento mesmo à minha frente.

– Mas… – gaguejo. – Mas como pôde fazer isso?

– Bem, quando o Doug me explicou, referiu qualquer coisa sobre a Wendy ser uma cabra mentirosa e manipuladora, e que não queria que ficasse com dinheiro

algum.

O meu coração parece saltar-me no peito e, por um momento, a minha visão fica turva. Como pode isto estar a acontecer? O Douglas falou em dar todo o seu dinheiro à caridade, mas nunca imaginei que já tivesse iniciado o processo.

– Isto é um ultraje – vocifero. – Não pode cortar-me do testamento! Sou a mulher dele, por amor de Deus! Vou contestar isto e, acredite, vou vencer.

– Tudo bem. Como queira, Wendy. Mas, entretanto, vou precisar que desocupe tanto a *penthouse* como a casa na ilha, pois vamos vendê-los.

– Vá para o Inferno – silvo para o telefone.

Carrego no botão vermelho do meu telemóvel para desligar a chamada, mas tenho as mãos a tremer. Tenho de acreditar que o Douglas não pôde simplesmente assinar um papel a dizer que me vai deixar sem nada e já está. Posso combater isto. E, com o Douglas morto, não pode ripostar. De uma maneira ou de outra, vou receber a minha parte.

Ainda que não vá ter propriamente o património que imaginava. Mas não faz mal.

Enquanto olho fixamente para o meu telemóvel, tentando decidir o meu próximo passo, o aparelho começa de novo a tocar na minha mão. Inspiro fundo ao ver a identidade de quem me liga:

A Polícia de Nova Iorque.

69

Deve ser o detetive Ramirez. Ligou-me há horas, quando ainda estava na cidade, para me informar que iam prender a Millie. Espero que este seja um telefonema de seguimento para me comunicar que ela está devidamente atrás das grades. Com sorte, esta chamada não será tão perturbadora como a anterior.

– Estou? – digo para o telefone, tentando soar como uma viúva devastada. Aquelas aulas de representação que tive na universidade estão a compensar. Mereço um prémio da Academia pela minha atuação diante da Millie.

– Senhora Garrick? – É a voz de Ramirez. – Daqui fala o detetive Ramirez.

– Olá, detetive. Espero que tenha aquela mulher que matou o meu marido segura atrás das grades!

– Na verdade… – Oh, Senhor, o que foi agora? – Não conseguimos localizar a Wilhelmina Calloway. Fomos ao seu apartamento com um mandado de detenção e ela não estava lá.

– Bem, onde está ela?

– Se soubéssemos, tê-la-íamos detido, não é?

Mais uma vez, sinto aquele aperto no peito.

– O que estão a fazer para encontrar essa mulher? É muito perigosa, sabe?

– Não se preocupe. Acabaremos por a localizar. Prometo.

– Ótimo. Ainda bem que tem tudo sob controlo.

– Mas há uma outra coisa de que preciso falar consigo, senhora Garrick.

O que foi agora? Olho na direção da casa de banho. Não sei por que está o Russell ainda lá dentro quando sabe que eu saí. Vai ficar todo engelhado.

– Com certeza, detetive.

– Eis o que se passa, então – diz Ramirez, pigarreando. – O administrador de condomínio do apartamento esteve ausente da cidade nos últimos dois dias. Estava na Europa e não conseguimos contactá-lo. Em todo o caso, falei finalmente com ele esta tarde e disse-me algo realmente interessante.

– Oh?

– Disse que há uma câmara de segurança na entrada das traseiras do edifício.

Acho que o meu coração para por uns bons cinco segundos.

– Desculpe?

– De alguma forma, escapou-nos – diz. – Diz que a põe longe da vista porque os residentes não gostam de sentir que estão a ser espiados. E eis a parte engraçada: foi *o seu marido* quem, há cerca de um ano, forneceu o equipamento de segurança através da sua empresa, pois estava preocupado com aquela entrada das traseiras.

– Ah… ah, foi? – pergunto, embargada. Oiço um estrondo que parece vir da casa de banho, seguido de um chape de água, mas ignoro-o. Se o Russell tentou sair da casa de banho e caiu, terá simplesmente de se levantar sozinho.

– Sim, e acabámos agora mesmo de analisar todas as gravações. E nem quero acreditar. Segundo essas gravações, o seu marido não ia àquele apartamento há *meses*. Do género, durante todo o tempo em que a menina Calloway lá trabalhou. Portanto, não sei como andavam a ter um caso no apartamento, se nunca lá esteve sequer. A senhora sabe?

A minha boca parece quase demasiado seca para deixar sair quaisquer palavras, mas consigo responder:

– Talvez se encontrassem noutro sítio?

– Talvez. Só que não vejo quaisquer cobranças nos cartões de crédito por quartos de hotel ou algo parecido.

– É claro que não ia pagar com o cartão de crédito. Então eu veria. Provavelmente pagou em dinheiro.

– Talvez tenha razão – reconhece Ramirez. – Mas eis a parte *realmente* interessante. Na noite em que o seu marido foi assassinado, só apareceu à entrada das traseiras *depois* da hora a que o porteiro viu a Millie sair do edifício.

– Isso… isso é estranho…

Se viu essas gravações, também deve saber que eu estava no edifício à hora a que o Douglas foi assassinado. E, se sabe isso, estou em grandes sarilhos.

– Escute – diz. – Perguntava-me se podia vir à esquadra para esclarecer alguma confusão da nossa parte. Vamos enviar um carro-patrulha a sua casa.

– Eu… não estou em minha casa neste momento…

– Ah, não? Onde está, então?

Afasto o telemóvel do ouvido. A voz do detetive Ramirez soa subitamente distante:

– Estou? Senhora Garrick?

Carrego no botão vermelho para desligar a chamada e largo o telemóvel em cima da bancada, como se me pudesse queimar. Debruço-me sobre o lava-loiça da

cozinha, combatendo uma vaga de náuseas e de tonturas.

Não posso acreditar que havia uma câmara na entrada das traseiras. Perguntei *especificamente* por isso e disseram-me que não havia nenhuma. Mas isso era antes de o Douglas tão generosamente ter fornecido uma, porque é claro que faria algo assim – era esse o tipo de cromo preocupado, generoso e apaixonado por tecnologia que o meu marido era. Ou talvez tenha sido ainda outra tentativa de documentar o que eu andava a fazer nas suas costas.

Se havia uma câmara, isso bastará para ilibar a Millie. E cravar um prego bem grande no meu caixão.

Esfrego as têmporas, que começaram a latejar. Tenho de descobrir uma maneira de dar a volta a isto, porque *não* vou passar o resto da minha vida na prisão. Mas tenho algumas ideias. Já representei tão bem o papel de esposa maltratada para a Millie. Terei apenas de contar a história do meu terrível marido abusivo. Talvez, nessa noite fatídica, viesse a investir para mim, pronto a espancar-me até à inconsciência, pelo que eu fiz o que tinha de fazer. A legítima defesa é legal – era ele ou eu.

Isto poderia resultar.

– Russell! – chamo. – Precisamos de falar.

O Russell é uma enorme complicação. Se a polícia analisou as transmissões de vídeo da entrada das traseiras, tê-lo-á visto entrar também nessa noite. Mas talvez não haja nada a ligá-lo diretamente a mim. Ele e eu temos de combinar as nossas histórias. Espero que não aja como um bebé em relação a tudo isto. Consigo imaginá-lo a quebrar e a contar toda a história sórdida à polícia.

Corro para a casa de banho. O Russell não vai ficar satisfeito ao ouvir isto – era esperar demasiado que tudo fluísse sem entraves. Mas, de uma forma ou de outra, superá-lo-emos. Já antes me vi em más situações e saí delas.

– Russell – volto a dizer. – O que…

Ao chegar à porta da casa de banho, a primeira coisa que vejo é todo o vermelho. Tanto vermelho, a nadar diante dos meus olhos. A água na banheira, que costumava ser transparente, a roçar o enevoado, está agora de um profundo carmesim. Ergo o olhar e localizo a fonte do sangue, vindo de uma ferida hiante na garganta do Russell.

E, então, olho para o seu rosto. Para o queixo caído. Para os olhos que fitam fixamente em frente, sem pestanejar.

70

O Russell está morto.

Assassinado.

E aconteceu entre o momento em que saí da casa de banho e agora.

Lembro-me da janela aberta que avistei anteriormente ao sair para ir buscar o vinho. Alguém entrou nesta cabana. Alguém veio a esta cabana e fez isto ao Russell.

Temo saber quem é esse alguém. Neste momento, há uma pessoa que está numa *vendetta* contra mim, bem como um historial de comportamento violento. E a polícia foi incapaz de a encontrar.

– Millie? – chamo.

Não obtenho resposta.

E, então, as luzes apagam-se.

Gostaria de dizer que foi a tempestade, mas não me parece que o vento esteja suficientemente forte para mandar a luz abaixo. Alguém cortou a eletricidade.

Aperto os braços sobre o peito enquanto um calafrio me atravessa. A cabana ficou negra como breu agora que a energia se foi. Tenho o meu telemóvel, e tinha alguma rede, mas deixei-o na cozinha. Se for esperta, é provável que já o tenha agarrado por esta altura. O que significa que não tenho forma de pedir ajuda.

– Millie? – chamo novamente.

Não obtenho resposta. Está a brincar comigo – deve odiar-me, neste momento. E tem todo o direito a odiar-me. Estava a tentar ajudar-me e eu atirei-lhe com as culpas de tudo para cima. Foi demasiado fácil.

E, agora, as palavras da minha amiga Audrey ressoam na minha cabeça: *É dura, acredita. É perigosa*.

A Millie é extremamente perigosa. Isso é evidente.

E eu fiz dela uma inimiga.

– Millie – repito, num guincho. – Por favor, oiça-me. Eu… peço desculpa. Não devia ter feito o que fiz. Mas tem de saber que o Douglas *era* abusivo. Estava a dizer-lhe a verdade.

Partem-se vidros algures do outro lado da sala. Viro a cabeça na direção do som. A não ser que a Millie tenha óculos de visão noturna, deve estar tão cega como eu na escuridão. Talvez haja alguma forma de eu poder usar isso em meu favor.

– O Douglas fez-me imensas coisas terríveis. Era horrível como marido. Precisava de sair daquele casamento. Tem de compreender…

A Millie continua a não responder. Mas posso sentir a sua raiva fervente. Meti-me com a mulher errada.

– Millie – prossigo. – Tem de saber que eu não estava a fingir. E a sua bondade para comigo… Significou tudo. Tive de fazer o que fiz.

Surge um relâmpago, e é suficientemente brilhante para me mostrar que tenho o caminho livre até à cozinha, que está cheia de facas e de outras coisas que teoricamente posso usar como arma, mesmo que ela tenha ficado com o meu telemóvel.

Que se lixe o argumentar com aquela psicopata. Se é luta que quer, vai tê-la.

Corro na direção da cozinha. Os passos da Millie seguem-me, mas não paro. Mantenho os braços estendidos diante de mim, esperando não colidir de frente com uma parede. Pela graça de Deus, consigo chegar à cozinha. Passo pela pequena mesa, tentando não tropeçar nela. Consigo ultrapassar esse obstáculo, mas então os meus pés escorregam debaixo de mim.

O chão está coberto de sangue.

Deve ser sangue do Russell, trazido para aqui pelas solas dos sapatos dela. Quando fecho os olhos, ainda o consigo ver estendido na casa de banho, a garganta cortada, os olhos fixos no nada. Foi a Millie quem lhe fez isso, a quem nem verdadeiramente odeia. Não posso sequer imaginar o que me terá reservado.

Não lhe darei oportunidade de o fazer. Hei de dar luta até ao fim. Ela pode ser dura, mas eu também sou.

Ponho-me de pé, apesar de sentir a anca direita a latejar devido à queda. Apalpo caminho até à bancada da cozinha e tateio às cegas em busca do bloco de facas. Tenho a certeza de que vi um na bancada. Não é imaginação minha.

Por favor, aparece. Por favor.

Mas as minhas mãos saem vazias. Não consigo sentir nada que se assemelhe a uma arma na bancada da cozinha. Naturalmente, a Millie é demasiado esperta para isso. Só a consegui enganar antes porque confiava em mim, mas, agora que conhece o meu jogo, previu todos os meus passos. Já assassinou uma pessoa esta noite e tem toda a intenção de fazer de mim a sua próxima vítima.

Tateio em busca do fogão. Estou certa de que vi uma frigideira. Se conseguir

agarrá-la e, de alguma forma, acertar-lhe com força suficiente, talvez consiga derrubá-la. É a minha única hipótese.

Mas, então, oiço os passos atrás de mim, cada vez mais perto. Demasiado.

Oh, meu Deus. Ela está comigo na cozinha.

71

Tateio às cegas. A Millie está mesmo atrás de mim. Provavelmente a menos de dois metros. Se ao menos surgisse outro relâmpago. Então, talvez conseguisse encontrar algo que pudesse usar contra ela. Mas está demasiado escuro. Não consigo ver o que está mesmo à minha frente.

– Wendy – diz ela.

Viro-me, recuando contra o fogão. O meu coração parece querer-me explodir do peito e, por um momento, a divisão começa a girar. Respiro fundo, tentando acalmar-me. Não me fará bem algum se desmaiar. Provavelmente, acordaria de mãos e pés atados.

Os meus olhos conseguiram ajustar-se à escuridão. Consigo distinguir claramente a silhueta da Millie do outro lado da divisão. E, então, algo reluz na sua mão direita.

É uma faca. Deve ser a mesma que utilizou para matar o Russell, provavelmente ainda encharcada no seu sangue.

Oh, meu Deus.

– Por favor – imploro-lhe. – Posso dar-lhe o que quiser. Vou ser podre de rica.

A Millie dá um passo em frente.

– Sei que tem dificuldades financeiras – continuo a balbuciar. – Posso pagar toda a sua educação. A sua renda. E mais um bónus por cima. Nunca mais terá de se preocupar com o dinheiro.

Mal a consigo ver na cozinha escura, mas a silhueta da Millie abana a cabeça.

– Direi à polícia que estava errada. – A minha voz adquiriu um timbre histérico. – Dir-lhes-ei que não estava lá de todo. Que me enganei acerca de tudo.

Bem posso prometer-lhe isso, tendo em conta que a polícia tem as gravações que mostram que a Millie nunca esteve no apartamento ao mesmo tempo que o verdadeiro Douglas. Mas a Millie não sabe disso. Quando sair daqui, há fortes probabilidades que a polícia me leve sob custódia, mas aceito isso. Irei para a prisão, se for preciso, mas não quero morrer.

A Millie não parece sensibilizada pela minha oferta. Dá outro passo em frente enquanto eu tento recuar, mas não tenho nenhum sítio para onde ir.

– Por favor – imploro-lhe. – *Por favor*, não faça isto.

Nesse momento, um relâmpago ilumina a divisão – demasiado tarde para me ajudar a procurar uma arma na bancada. Os meus olhos esforçam-se por assimilar a pequena centelha de luz e, por um instante, consigo ver claramente o rosto da mulher que avança para mim com uma faca na mão direita.

Oh, Jesus Cristo.

Não é a Millie.

72

Marybeth? – sussurro.

A secretária do meu marido – que acontece ser também a mulher do Russell – está agora a poucos passos de mim, trespassando-me com o seu olhar. Nunca antes tive medo da Marybeth. Mesmo quando andava a dormir com o seu marido, nunca lhe dediquei um segundo pensamento. Parecia razoavelmente simpática, e o Russell nunca me disse o contrário.

Subestimei-a. A garganta cortada do Russell é prova disso.

Sou – objetivamente – mais atraente do que a Marybeth. Tem mais uns dez anos do que eu e nota-se. O seu cabelo louro é fibroso, tem finas rugas em torno dos olhos e à volta da boca, e a pele sob o seu queixo pende demasiado frouxa. Mas então a cozinha mergulha de novo nas trevas e ela torna-se outra vez uma silhueta.

– Sente-se – ordena a Marybeth.

– Eu… não consigo ver nada – gaguejo.

Por um segundo, sou ofuscada por outro clarão de luz – ela ligou a lanterna do seu telemóvel. Aponta-a na direção da mesa da cozinha: um pequeno quadrado de madeira com duas cadeiras dobráveis, uma de cada lado. Cambaleio em direção à mesa e deixo-me cair num dos dois lugares, segundos antes de as minhas pernas cederem.

A Marybeth senta-se na outra cadeira. Agora que temos a luz do telemóvel, posso distinguir de novo os traços do seu rosto. Os seus lábios formam uma linha reta e os seus geralmente brandos olhos azuis são como punhais. Veste uma gabardina manchada com o sangue do Russell. Parece absolutamente aterradora.

Mas tiro algum conforto de ainda não me ter matado. Por alguma razão, quer-me viva, o que me dá algum tempo para descobrir como sair daqui.

– O que quer? – pergunto-lhe.

Ela pestaneja. O branco dos seus olhos reluz, engastado numas órbitas escuras e encovadas.

– Há quanto tempo andava a dormir com o meu marido?

Abro a boca, ponderando se devia mentir. Mas, então, olho-a nos olhos e entendo que é melhor não brincar com esta mulher.

– Dez meses.

– Dez *meses* – repete, cuspindo as palavras. – Mesmo debaixo do meu nariz. Éramos *felizes* até ter aparecido, sabe? Fomo-lo durante vinte *anos*. Ele não era perfeito, mas amava-me. – A voz falha-lhe. – Mas, assim que a conheceu…

– Peço imensa desculpa. Não é como se o tivéssemos planeado.

– Mas tinham planos. Grandes planos. Ele planeava deixar-me por si…

Não o diz como uma pergunta, por isso mantenho a boca fechada. O Russell dizia que planeava deixar a Marybeth por mim, mas, mesmo no fim, já não estava assim tão certa. Acabou por não ser o homem que eu julgava que era.

– Ele amava-a muito – acabo por dizer, esperando aplacá-la.

– Então por que andava a dormir *consigo*? – explode.

– Olhe – digo, tentando manter a calma, apesar de o meu coração continuar acelerado. – Ele queria voltar para si. Estava com dúvidas. Se não o tivesse…

Ela olha-me fixamente. Não me posso esquecer que esta mulher acaba de assassinar o marido. Não está à procura de voltar a juntar-se com ele. A única coisa no seu pensamento é a vingança.

– E o Doug… – Os seus olhos são como gelo ao fitarem os meus. – Matou-o, não foi? Juntamente com o Russell.

Abro a boca, pronta a negar. Mas, então, vejo a expressão nos seus olhos e percebo que não era uma pergunta.

– Sim, matei.

Por uma fração de segundo, os seus olhos suavizam-se ao encherem-se de lágrimas.

– O Doug Garrick era um homem realmente bom. O melhor. Era como um irmão para mim.

– Eu sei. E… lamento.

– Lamenta! – explode. – Não lhe passou à frente na fila do cinema. Assassinou-o! Está morto por sua causa!

Cerro os lábios, temendo dizer mais uma palavra, pois nada que eu diga irá corrigir a situação. A Marybeth está furiosa comigo – dormi com o seu marido e matei o seu amado chefe. Mas isso não quer dizer que mereça morrer aqui, às suas mãos.

Tenho de encontrar uma saída.

Os meus olhos pousam na faca segura na sua mão direita. Tem-na no colo e ainda está ensopada com o sangue do Russell – o seu sangue está absolutamente

em todo o lado. Haverá alguma hipótese de lhe poder tirar a faca? A Marybeth não está propriamente no auge da forma física.

– O que quer de mim? – pergunto-lhe.

Ela leva a mão ao bolso da sua gabardina e tira uma folha em branco. Em seguida, continua a vasculhar até encontrar uma caneta. Faz deslizar ambos os objetos sobre a mesa da cozinha na minha direção.

– Quero que escreva uma confissão – anuncia.

A bílis sobe-me à garganta e tenho de a empurrar de novo para baixo.

– O quê?

– Ouviu o que eu disse. – Os seus olhos refulgem. – Quero que escreva tudo o que fez. Como seduziu o Russell. Como os dois conspiraram para matar o seu marido. Quero uma confissão completa.

– Está bem… – Não quero fazer isto, mas vi o que fez ao Russell. A ideia de me cortar a garganta como fez a ele…

– Faça-o!

As minhas mãos não param de tremer enquanto escrevo a minha confissão na folha em branco, agora manchada por impressões digitais carmesim. Não sei ao certo o que quer que eu diga, por isso tento manter as coisas simples. Não estou demasiado preocupada, pois nada que eu escreva sob a ameaça de uma faca será válido em tribunal.

A quem possa interessar,

Ao longo dos últimos dez meses, mantive um caso amoroso com Russell Simonds. Juntos, matámos o meu marido, Douglas Garrick.

Estudo-lhe os traços faciais. O seu rosto nada revela.

– É isto que quer? – pergunto.

– Sim, mas ainda não terminou.

– O que mais quer que eu diga?

– Eis o que tem de escrever. – Com a sua longa unha, bate no papel. – *Já não consigo viver com a culpa.*

Rabisco a frase, que sai quase ilegível, tal é o tremor nas minhas mãos. Por um segundo, a página fica desfocada e nem sequer consigo continuar a escrever, mas depois recupera a nitidez.

– *Por isso, esta noite* – continua –, *decidi pôr termo às vidas de ambos.*

Paro de escrever, deixando cair a caneta dos meus dedos dormentes.

– Marybeth…

– Escreva!

Ergue a faca, aproximando-a do meu rosto. Por um segundo, fecho os olhos,

recordando a ferida aberta na garganta do Russell. Oh, meu Deus. Esta mulher está a falar a sério. Escrevo a última frase da minha confissão.

– Agora assine – ordena a Marybeth.

Assim faço. Não estou em posição de recusar.

Agarra na minha confissão assinada e lê-a, embora continuando a manter-me debaixo de olho.

– Ótimo – decreta.

Compreendo o que se deve seguir. A confissão termina comigo a dizer que vou pôr termo à minha própria vida. O que significa que, até ao fim da noite, ela vai matar-me. O pensamento causa-me violentas tonturas e, apesar de esta mulher me estar a ameaçar com uma faca, corro para o lava-loiça da cozinha para vomitar. Ela deixa-me ir.

Debruço-me sobre o lava-loiça, vomitando em seco mesmo após ter esvaziado o estômago. Manchei a bancada de vermelho com o meu vómito, devido ao *pinot noir*. A cadeira da cozinha range atrás de mim e, passado um segundo, a Marybeth está ao meu lado junto ao lava-loiça.

– Por favor, não faça isto – imploro-lhe.

Ela inclina a cabeça.

– Não foi o que fez ao Doug? Não acha que merece?

Foi diferente com o Douglas. Tratava-me tão horrivelmente que não tive opção. E, mesmo na morte, continua a atormentar-me com o seu testamento. Céus, como vou eu contestar aquele estúpido testamento? Mas preocupar-me-ei com isso quando sair daqui. Primeiro, tenho de afastar esta mulher do precipício.

– Toda a gente comete erros – digo. – Sinto-me terrivelmente com as coisas que fiz. E agora tenho de viver com elas.

– Isso não chega – responde-me.

Sinto um sufoco no peito, como se tivesse um espartilho a apertar-me.

– Não chega mandar-me para a prisão para o resto da vida?

– Não. Merece pior. É uma pessoa verdadeiramente desprezível. E merece morrer de forma dolorosa e horrível.

O espartilho aperta-se ainda mais.

– O que acha que vai acontecer, então? Acha que a polícia vai acreditar que eu me esfaqueei até à morte? As pessoas não fazem realmente isso. Saberão que foi alguém a fazer-mo.

Por um momento, a Marybeth fica em silêncio.

– Tem razão – admite, pensativa. – Se fosse esfaqueada, perceberiam que não foi um suicídio.

Oh, graças a Deus. Consegui finalmente que esta mulher ouvisse a razão.

– Exato.

– Por isso é que não é dessa forma que vai morrer.

Sinto outra vaga de tonturas que quase me faz cair por terra.

– O quê? Do que está a falar?

Terá outra arma aqui dentro? Uma pistola? Umas matracas? O que vai esta mulher fazer-me?

– Alguma vez ouviu falar num medicamento chamado *digoxina*? – pergunta.

Digoxina? Por que me é familiar?

E então lembro-me. O Douglas costumava tomar esse medicamento. Para o seu coração. E a Marybeth tem uma cópia das chaves da casa em Long Island onde ele guardava a sua medicação.

– A intoxicação por *digoxina* é extremamente grave – prossegue. – Primeiro, sentem-se náuseas, tonturas, cãibras abdominais terríveis e a visão desfocada. É excruciante. Mas a forma como mata é fazendo o coração entrar numa arritmia mortal.

– Então – digo lentamente –, está à espera que eu engula um monte de *digoxina*?

Se me pedir para engolir comprimidos, terei de arranjar uma escapatória. Posso pô-los debaixo da língua e cuspi-los quando tiver oportunidade. Não me pode obrigar.

Mas, então, os seus lábios curvam-se num sorriso.

– Já o fez, Wendy.

Oh, meu Deus, *o vinho.*

Debruço-me de novo para o lava-loiça, mas nada sai. Ao mesmo tempo, o meu estômago é dominado por uma cãibra que me faz subir as lágrimas aos olhos. Apesar das tonturas crescentes, consegui aguentar-me de pé, mas agora deixo-me cair no chão, agarrada ao estômago.

A Marybeth agacha-se ao meu lado.

– Não sei bem quanto tempo isto irá demorar. Mais uma hora? Duas? Não há pressa. Não anda ninguém à nossa procura por aqui.

Ergo o olhar e encaro-a. O seu rosto alterna entre focado e desfocado.

– Por favor, leve-me ao hospital.

– Não me parece.

– Por favor – arquejo. – Tenha piedade…

– Como a Wendy teve piedade do Doug?

Estendo o braço, os meus dedos mal roçando a perna das suas calças de ganga.

Tento agarrar-me a ela, mas é como se a minha mão já não obedecesse às minhas ordens.

– Faço tudo o que quiser. Dou-lhe tudo o que quiser. Prometo.

– E eu prometo – responde a Marybeth – que a sua morte será lenta e dolorosa. E, ao contrário de si, eu nunca quebro as minhas promessas.

73

MILLIE

É tempo de enfrentar a situação.

Dormi no carro do Enzo ontem à noite. Sabia que a polícia tinha um mandado para a minha detenção, e simplesmente não estava preparada para ser outra vez encarcerada. Por isso escondi-me, estacionada num beco escuro, e dormi no banco de trás. Houve um tempo em que costumava viver no meu carro, por isso dormir assim deu-me uma séria sensação de *déjà vu*.

Fez-me também perceber que não posso dormir no banco de trás do carro do Enzo para sempre. Tenho de me entregar e esperar que a verdade venha ao de cima.

Ao estacionar em frente ao meu prédio de apartamentos, espero ver lá metade da polícia, acampada e à minha espera. Ao invés, porém, só lá está um carro-patrulha. Ainda assim, sei que está ali por mim.

Com efeito, mal saio do *Mazda* do Enzo, um jovem agente salta do carro-patrulha.

– Wilhelmina Calloway? – pergunta.

– Sim – confirmo.

Wilhelmina Calloway, está detida. Preparo-me para o ouvir dizer, mas não o faz.

– Poderia fazer o favor de me acompanhar à esquadra?

– Estou detida?

Abana a cabeça.

– Que eu saiba, não. O detetive Ramirez gostaria muito de conversar consigo, mas não é obrigada a ir.

Muito bem, então. É um bom começo.

Subo para o banco de trás do carro-patrulha. Tive o meu telemóvel desligado a noite inteira, e ligo-o agora. Tenho algumas chamadas perdidas da Polícia de Nova Iorque e vinte chamadas não atendidas do Enzo. Deve ter descoberto que lhe

levei o carro. Não oiço as mensagens de voz, mas percorro a longa fiada de mensagens de texto que me enviou.

Onde estás?

Tens o meu carro?

Levaste o meu carro!

Por favor, volta com o meu carro. Vamos conversar.

Não vás àquela cabana!

Onde estás? Muito preocupado.

Volta, por favor. Não vás à cabana. Eu amo-te.

Vou resolver isto. Volta.

E assim por diante.

As mensagens de texto continuam noite dentro. Passou metade da noite acordado, preocupado comigo. Devo-lhe uma explicação, ou ao menos dizer-lhe que estou bem. Por isso, envio-lhe uma mensagem:

Estou bem. No banco de trás de um carro da polícia agora mesmo. Não estou detida. O teu carro está em frente ao meu prédio.

A resposta do Enzo surge quase instantaneamente, como se estivesse a olhar para o telemóvel, à espera de uma mensagem minha:

Onde estavas???????

Respondo-lhe:

Dormi no carro. Está tudo bem.

Três bolhas aparecem no ecrã enquanto escreve. Espero que diga que me ama ou que estava preocupado, ou talvez que me repreenda por lhe ter roubado o carro. Mas, em vez disso, diz algo extremamente inesperado:

A Wendy Garrick está morta. Vi nas notícias.

O quê? Como???

Suicidou-se.

74

Desta vez, a sala de interrogatório não parece tão assustadora. Enquanto estava no carro-patrulha, devorei todos os artigos que pude encontrar sobre o suicídio da Wendy Garrick. Aparentemente, cortou a garganta ao namorado e depois engoliu um monte de comprimidos. Até deixou um bilhete de suicídio.

Isto dá uma dimensão completamente nova ao que aconteceu ao Douglas Garrick.

Há já cerca de meia hora que estou na sala quando o detetive Ramirez finalmente entra. Ainda traz a mesma expressão séria no rosto, mas já não parece tão ominoso. Parece apenas… perplexo.

– Olá, menina Calloway – diz, sentando-se na cadeira à minha frente.

– Olá, detetive – respondo.

As suas sobrancelhas juntam-se.

– Soube do que aconteceu à Wendy Garrick?

– Sim. Deu nas notícias.

– Deve saber – diz – que, no seu bilhete de suicídio, ela confessou também o homicídio do senhor Garrick.

Permito-me um ligeiríssimo sorriso.

– Já não sou suspeita, então?

– Na verdade… – responde, recostando-se na sua cadeira de plástico, que range sob o seu peso. – Já tinha deixado de ser suspeita. Acontece que havia uma câmara na entrada das traseiras de que ninguém sabia. Examinámos as gravações e parece que a menina nunca esteve sequer no prédio ao mesmo tempo que o senhor Garrick.

– Certo. A Wendy montou-me uma cilada.

Este tempo todo, havia uma câmara. Todo o pânico e stresse dos dois últimos dias… e a prova da minha inocência estava logo ali desde o começo.

Ele anui.

– É o que parece. Por isso, quero pedir-lhe desculpa. Com-preende como pode-

ríamos pensar que era a menina a responsável pelo homicídio.

– Claro. Tenho registo criminal, portanto, se um crime foi cometido, devo ter sido eu a fazê-lo.

Ramirez tem a graça de parecer envergonhado.

– É verdade que tirei algumas conclusões precipitadas, mas tem de admitir que as coisas não pareciam boas para o seu lado. E a Wendy Garrick insistia tanto em como tinha de ser a responsável.

Tem razão. Ela fez um bom trabalho ao armar-me a cilada. Mas, se tivesse sido um pouco mais esperta, não teria de o fazer de todo. Em última instância, a Wendy Garrick dificultou muito mais a sua própria vida do que necessitava. Podia ter aprendido muito comigo.

Ainda assim, toda esta experiência amargou-me. Ao longo dos anos, ajudei muitas mulheres e, apesar de as coisas nem sempre correrem conforme o planeado, sempre senti que estava a travar o bom combate. Quando me procuravam à procura de auxílio, nunca sentia qualquer hesitação em fazer o que estava certo.

Mas, agora, começo a questionar-me. A Wendy parecia verdadeiramente uma vítima. Depois desta experiência, vai ser difícil confiar na próxima pessoa que procurar a minha ajuda. E essa é uma das coisas por que mais rancor lhe guardo.

– Já não sou suspeita, então? – pergunto a Ramirez.

– Correto. No que me diz respeito, o caso está encerrado.

O Douglas está morto. Sabem que a Wendy foi a responsável. E também está morta. Não é necessária uma investigação, nem mais detenções ou um julgamento. Estou livre.

– Então, não compreendo. Por que estou aqui?

– Bem… – Ramirez esboça um sorriso acanhado. – Acontece que tem uma certa reputação.

– Reputação? – O meu estômago revolve-se ligeiramente. Isto não soa bem. – De quê?

– De heroína.

– De… desculpe?

– Reconheço que julgava estar a tentar ajudar a senhora Garrick – diz – porque já ajudou outras mulheres antes. E quero que saiba que é apreciado. Vemos algumas coisas más por aqui, e às vezes chegamos demasiado tarde às vítimas.

O seu comentário acerta em cheio. Fiz todos os possíveis para evitar que alguma vez fosse «demasiado tarde». E onde quer que o futuro me leve – como empregada doméstica ou como assistente social – vou continuar a fazê-lo.

– Eu… faço o melhor que posso com os recursos que tenho.

– Compreendo isso – sorri-me. – E só quero que saiba que me pode considerar mais um recurso. Quero que fique com o meu cartão e, se alguma vez vir alguma situação em que uma mulher esteja em perigo, quero que me ligue imediatamente. Escrevi o meu número de telemóvel na parte de trás. Desta vez, prometo que acreditarei em si.

Faz deslizar o cartão sobre a mesa. Agarro-o, olhando para o seu nome. Benito Ramirez. Finalmente – um amigo na polícia. Mal posso acreditar.

– Só para que fique claro, não está a fazer-se a mim, certo?

Atira a cabeça para trás e ri.

– Não. Sou demasiado velho para si. E parto do princípio de que esteja com aquele sujeito italiano que veio ontem à esquadra armar um escândalo por sua causa, sobre como tínhamos a pessoa errada e não sairia daqui enquanto não ouvíssemos o que tinha para dizer. Pensei que íamos ter de prender o homem.

Sorrio para comigo.

– A sério?

– Oh, sim. Na verdade, está lá fora agora mesmo. Recusa-se a sair da sala de espera enquanto não a vir.

– Bem, então – digo, ainda incapaz de apagar o sorriso do meu rosto (embora não esteja realmente a tentar) –, suponho que vou andando.

Quando me levanto, Ramirez faz o mesmo. Estende-me a mão e eu aperto-a. Em seguida, saio para ver o Enzo e ir finalmente para casa.

Epílogo

MILLIE

Três meses depois

Não compreendo como tinha o Enzo tanta coisa naquele seu pequeno estúdio.

Entra no meu apartamento com o que parece ser a sua caixa de pertences número dez milhões e deposita-a em cima de outra caixa. Sim, está bem, não é uma tortura ver o Enzo carregar caixas, os músculos dos seus braços intumescidos sob a sua *T-shirt*, mas, por amor de Deus, o que está em todas aquelas caixas? O homem parece alternar entre umas sete ou oito *T-shirts* e dois pares de calças de ganga. O que mais pode ter?

– É tudo? – pergunto-lhe, enquanto limpa o suor da testa.

– Não. Há mais duas.

– Mais duas!

Quase começo a arrepender-me disto. Bem, não propriamente. Depois de me separar do Brock, o Enzo e eu continuámos exatamente onde estávamos antes de ter partido para Itália. Só que, desta vez, ambos sabíamos que não podíamos viver um sem o outro. Assim, quando acabou por verificar que estava a desperdiçar o dinheiro da renda todos os meses, pois passava já todas as noites no meu apartamento, eu apressei-me a sugerir que viesse viver comigo.

É engraçado. Quando está certo, sabemos simplesmente que está certo.

– Duas caixas pequenas – diz o Enzo. – Não é nada.

– Hum – respondo. Não acredito nele. A sua definição de «caixa pequena» é tudo o que tenha um peso inferior ao meu.

Sorri-me.

– Desculpa ser tão irritante.

Não é irritante de todo. Na verdade, é a única razão por que me foi permitido ficar sequer neste apartamento. A senhora Randall continuava decidida a pôr-me no olho da rua, mesmo depois de eu ter sido completamente ilibada, mas o Enzo

foi falar com ela e, de repente, passou a ter todo o gosto em deixar-me ficar. *É* bastante encantador.

O Enzo atravessa a sala para me envolver nos seus braços. Apesar de estar um pouco suado de carregar caixas de um lado para o outro entre os nossos apartamentos, não me importo. Deixo-o na mesma beijar-me. Sempre.

– Muito bem – diz, quando finalmente se afasta. – Vou buscar as outras caixas.

Gemo. Vamos ter de examinar essas caixas os dois juntos e de nos livrar de *muita* coisa. Além disso, tenho um plano para libertar algum espaço nas gavetas hoje.

Alguns minutos depois de o Enzo sair, ouve-se a campainha da porta de baixo. O Enzo falou em encomendar uma piza para o jantar, mas não creio que já tenha feito o pedido. O que significa que só uma pessoa pode estar lá em baixo.

Carrego no botão para o deixar subir.

Passado um minuto, oiço bater à minha porta. Agarro na caixa que estava em cima da minha cama e levo-a para a sala de estar. Mantenho-a equilibrada num braço enquanto abro a porta com o outro.

O Brock está à minha porta. Como sempre, veste um dos seus fatos caros, tem o cabelo perfeitamente arranjado, os dentes de um branco reluzente. É a primeira vez que o vejo em três meses, quase me esqueci de quão impecavelmente atraente é. Estou certa de que um dia será um marido maravilhoso para alguma mulher. Mas nunca iria ser eu.

– Olá – diz. – Tens as minhas coisas?

– Está tudo aqui mesmo.

Ergo a caixa para os braços expectantes do Brock. Quando estava a tentar abrir espaço para o Enzo, dei-me conta de que ainda tinha uma gaveta cheia de roupas e pertences aleatórios que o Brock tinha deixado para trás. Ponderei deitar simplesmente tudo fora, mas lembrei-me da forma como me avisou quando a polícia arranjou um mandado para a minha detenção e decidi ligar-lhe a perguntar se queria as suas coisas de volta. Respondeu-me que passaria por cá no dia seguinte.

– Obrigado, Millie – diz.

– Sem problemas.

O Brock hesita junto à porta.

– Pareces bem.

Oh, meu Deus, vamos jogar *esse* jogo?

– Obrigada. Tu também – respondo. E, porque não consigo evitar, continuo. – Andas a sair com alguém?

Abana a cabeça.

– Ninguém especial.

Não me faz a mesma pergunta, o que agradeço. Depois de todas as vezes que o recusei quando me pediu para ir viver com ele, seria cruel dizer-lhe que o Enzo vem viver comigo. E, apesar da forma como as coisas acabaram com o Brock quando me abandonou na esquadra, sei que me amava. Muito mais do que eu a ele.

– Bem… – Muda a caixa de um braço para o outro. – Boa sorte com… tudo.

– Para ti também. Vemo-nos por aí, suponho. – Não sei por que acrescentei esta última parte. Provavelmente, nunca mais o voltarei a ver.

Estou prestes a fechar a porta quando o Brock estende a mão para me deter.

– Oh, e Millie?

– Sim?

Sacode a caixa, olha para o conteúdo e depois ergue de novo o olhar para mim.

– O meu frasco extra de comprimidos está aqui dentro?

Cravo as unhas nas palmas das mãos.

– O quê?

– O meu frasco extra de *digoxina* – esclarece. – O que costumava manter no teu armário dos medicamentos para quando passava cá a noite. Ainda o tens? Costumo levar o frasco extra quando vou em viagem.

– Hã… – Cravo mais as unhas na pele. – Não, eu… Não o vi no armário dos medicamentos. Devo tê-lo deitado fora. Desculpa.

Sacode uma mão.

– Sem problemas. Alegro-me só por não te teres livrado da minha camisola de Yale.

O Brock acena-me uma última vez em despedida e, em vez de fechar a porta, fico a vê-lo descer as escadas, sempre de respiração suspensa. Só solto o fôlego depois de desaparecer de vista.

Não pensava que se fosse lembrar do frasco de comprimidos que deixou no armário dos medicamentos. Mas eu lembrava-me certamente. Da primeira vez que lá o encontrei, quando namorávamos, pesquisei o fármaco, só para saber mais sobre o meu namorado. Foi assim que descobri que, em doses elevadas, a *digoxina* pode causar arritmias fatais. Na altura, arquivei a informação no fundo da minha mente.

Apesar dos seus perigos, a *digoxina* é um medicamento frequentemente utilizado para o coração. Tanto que até o Douglas Garrick a tomava para a sua fibrilação auricular. Mas os comprimidos que a Wendy Garrick tomou numa dose fatal

não vieram da reserva do Douglas, como a polícia presumiu.

Depois de levar as chaves do carro do Enzo, logo após ter sabido que havia provavelmente um mandado para a minha detenção, acabei por não ir àquela cabana, afinal – cumpri a minha promessa ao Enzo. Em vez disso, fui a Manhattan. Fui ao apartamento da mulher do Russell Simonds, a Marybeth, que calhava ser empregada do verdadeiro Douglas Garrick, e apresentei-me.

A Marybeth revelou-se uma mulher encantadora. Estava bastante destroçada com a morte do seu chefe, e senti-me terrivelmente ao ter de lhe explicar o que sabia sobre o seu marido. Mas, após termos uma longa e agradável conversa, ficou a sentir-se muito melhor. E, depois de se recordar de um avultado seguro de vida feito pelo Russell alguns anos antes, a Marybeth decidiu fazer uma pequena viagem terapêutica àquela cabana nos bosques.

Eu fui à minha vida, com menos um frasco de *digoxina*.

A parte irónica é que, se a Wendy tivesse antes administrado ao marido um pouco a mais da sua própria medicação, tê-lo-ia provavelmente matado, e teria sido difícil provar que a dose não fora acidental. Podia ter-se poupado a muitos problemas.

Em vez disso, cometeu um erro de discernimento incrivelmente grave. Subestimou uma pessoa extremamente perigosa.

Eu.

E pagou o derradeiro preço.

Uma Carta da Freida

Queridos leitores,

Quero dizer um enorme obrigada por terem escolhido ler *O Segredo da Criada*. Se gostaram e querem manter-se a par de todos os meus lançamentos mais recentes com a Bookouture, basta inscreverem-se no *link* que se segue. O vosso endereço de *e-mail* nunca será partilhado e podem anular a subscrição em qualquer altura.

www.bookouture.com/freida-mcfadden

Espero que tenham adorado *O Segredo da Criada* e, se sim, ficaria muito grata se pudessem escrever uma opinião. Adoraria saber o que pensam, e faz tanta diferença para ajudar novos leitores a descobrirem um dos meus livros pela primeira vez.

Além disso, adoro receber notícias dos leitores! Enviem-me um *e-mail* para freida@freidamcfadden.com. E não fiquem chocados quando eu responder! Podem ainda contactar-me através do meu grupo no *Facebook*, Freida McFans.

Visitem o meu *site* em:
www.freidamcfadden.com

Para mais informações sobre os meus livros, por favor sigam-me na Amazon! Podem também seguir-me no *BookBub*!

Obrigada!
Freida

Mantenha-se em contacto com a Freida

Facebook: facebook.com/freidamcfaddenauthor
Twitter: twitter.com/Freida_McFadden
Instagram: instagram.com/fizzziatrist
Goodreads: goodreads.com/7244758.Freida_McFadden
Amazon: amazon.com/Freida-McFadden/e/B00ELQLN2I
Bookbub: bookbub.com/authors/freida-mcfadden

Agradecimentos

Quero agradecer à Bookouture por ajudar a fazer do primeiro livro da série *A Criada* um sucesso tão espetacular e por me apoiar nesta sequela. Obrigada à minha editora, Ellen Gleeson, que tem uma visão incrível dos meus livros e um entusiasmo ilimitado! Obrigada à minha mãe pelos comentários iniciais, e também à Kate. E, como sempre, obrigada aos meus incrivelmente encorajadores leitores – fazem com que tudo valha a pena!